

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL –
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Carina Santos de Almeida

A REPRESENTAÇÃO JUVENIL DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
ESTUDO DE CASO EM SANTA CRUZ DO SUL/RS

Santa Cruz do Sul, abril de 2008

Carina Santos de Almeida

A REPRESENTAÇÃO JUVENIL DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL:
ESTUDO DE CASO EM SANTA CRUZ DO SUL/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza
Correa

Santa Cruz do Sul, abril de 2008

A447r

Almeida, Carina Santos de

A representação juvenil do desenvolvimento regional: estudo de caso em Santa Cruz do Sul/RS / Carina Santos de Almeida; orientador, Sílvio Marcus de Souza Corrêa. - 2008.

265 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008.

Bibliografia.

1. Jovens – Santa Cruz do Sul. 2. Desenvolvimento regional. 3. Migração – Santa Cruz do Sul. 4. Pesquisa social. 5. Patrimônio cultural. I. Corrêa, Sílvio Marcus de Souza . II. Universidade de Santa Cruz do Sul. Programa de Pós-graduação Desenvolvimento Regional. III.Título.

CDD: 305.23098165

Bibliotecária : Muriel Thurmer - CRB 10/1558

Carina Santos de Almeida

A REPRESENTAÇÃO JUVENIL DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
Professor Orientador

Dra. Marilda Aparecida de Menezes

Dra. Heleniza Ávila Campos

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa de Mestrado contou com a colaboração de inúmeras pessoas, que de uma ou outra forma contribuíram para que se lograsse sucesso. Os estímulos acadêmicos vieram tanto da coordenação do Programa quanto dos colegas de curso, que, a partir dos múltiplos olhares disciplinares, propiciaram um debate acerca de uma pesquisa sobre a representação juvenil do desenvolvimento regional. Como se trata de uma pesquisa que se propôs a realizar diálogos com diferentes áreas do conhecimento, como Sociologia, História, Psicologia, Geografia, Antropologia e Economia, os desafios foram correntes e estimulantes para a pesquisadora que possui formação em História.

O acesso às instituições de ensino foi fundamental para a performance da pesquisa. O suporte institucional por parte dos dirigentes educacionais das escolas Nossa Senhora do Rosário, Ernesto Alves de Oliveira, Willy Carlos Fröhlich, Santa Cruz e Colégio Mauá permitiu o contato com os jovens migrantes e de segunda geração, que se apresentaram receptivos, atenciosos, comprometidos com as entrevistas coletivas e curiosos em relação à pesquisa.

Ainda foi muito significativa a instigação teórico-metodológica da amiga, professora e assistente social marxista Caroline Goerck. Mas foram sobretudo os colegas de ofício (Desenvolvimento Regional) e companheiros de estudos – Lucir R. Alves (economista), Eliane G. Rodrigues (economista), Fabiana Funk (geógrafa), Karla N. Gomes (psicóloga), Eduardo Reis (economista) e Mateus S. Skolaude (historiador) –, que mais se envolveram nas minhas indagações e procuraram compartilhar os anseios acadêmicos de uma área de estudo ampla como se apresenta o Desenvolvimento Regional. Nesta caminhada ainda contei com a compreensão e apoio da família e do geógrafo, professor e companheiro, Alexandre L. Rauber.

Esta pesquisa somente logrou êxito porquanto contou com o apoio financeiro da CAPES e com a comprometida orientação do professor Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa, que além de possuir considerável bagagem de experiência acadêmica e conhecimento teórico, ainda apresentou confiança numa jovem pesquisadora.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ele compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? [...]

Pobreza e experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos.

“Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso.” Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a experiência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles. Pois o mais extraordinário neles é que todos, sem qualquer improvisadamente, saem do corpo do camundongo Mickey, dos seus aliados e perseguidores, dos móveis mais cotidianos, das árvores, nuvens e lagos. A natureza técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, a aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão.

Podemos, agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros.

(BENJAMIN, W. *Experiência e Pobreza*)

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida durante a realização do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC/RS. Seu objetivo foi analisar como a percepção do desenvolvimento regional, por meio da herança patrimonial dos jovens migrantes e de segunda geração residentes em Santa Cruz do Sul (RS), pode condicionar a auto-percepção destes jovens enquanto atores sociais do desenvolvimento. A transmissão da herança patrimonial (memória coletiva) de uma comunidade está articulada com a condição de *homo situs* e seu *habitus* social; as cidades de porte médio configuram-se pólos atrativos à mobilidade espacial, e a composição socioeconômica, étnica e cultural destas sociedades podem se alterar à medida que novos atores do desenvolvimento passam a integrar a sociedade. A herança patrimonial pode ser afetada quando as novas gerações são compostas, em sua maioria, por jovens migrantes, sem maiores vínculos com o patrimônio simbólico da sociedade de destino. O desenvolvimento regional compreende os jovens herdeiros e/ou provindos da mobilidade espacial, por intermédio de aspectos simbólicos relativos à articulação entre passado, presente e futuro na comunidade hospedeira. A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de um formulário (entrevista individual), e por meio da participação de quarenta jovens migrantes e de segunda geração voluntários para a constituição de cinco grupos focais, situados em cinco escolas de ensino médio de Santa Cruz do Sul (RS), no decorrer de 2007, quando se discutiu a percepção do desenvolvimento regional. As escolas se localizam em bairros distintos e atendem estudantes de diversos estratos sociais urbanos, sendo quatro escolas da rede pública e uma da rede particular de ensino. As entrevistas coletivas foram transcritas, textualizadas e transformadas em documento escrito. Os dados qualitativos foram submetidos à análise da metodologia da História Oral, por meio da técnica *focus group*. A memória do desenvolvimento mostrou-se relacionada com a situação socioeconômica e cultural dos jovens na medida em que estes se situam a partir dos distintos espaços que ocupam e transitam no tecido urbano e das noções de pertencimento para narrar o desenvolvimento local por meio da herança patrimonial (transmitida de forma oral e a partir dos vínculos intergeracionais e dos eventos comemorativos). Os narradores juvenis são influenciados pelas relações familiares, pela questão monoparental e pelo processo migratório, assim, a história e a memória dos jovens estão baseadas no presentismo, na trajetória juvenil e indicou um “hiato de memória”. A ausência de diálogo geracional familiar e local evidenciou dificuldades de filiação por parte dos jovens, especialmente migrantes, pois eles não se perceberam como herdeiros do patrimônio simbólico e da herança imaterial da cidade; a fala de alguns acusou uma “violência simbólica”, quando suas narrativas apontam para uma auto-exclusão em relação à sociedade acolhedora. A memória de Santa Cruz do Sul se refere à tríade colonização alemã, industrialização do fumo e desenvolvimento regional. A percepção dos jovens sobre o desenvolvimento regional esteve sempre balizada por essa memória transmitida oralmente no círculo social dos jovens, mas também pelos meios de comunicação. Por fim, os jovens entrevistados se percebiam enquanto atores do desenvolvimento quando havia um “projeto de vida” vinculado aos “campos de possibilidades” do local. Com isso, esta pesquisa vem a contribuir aos estudos sobre o desenvolvimento regional no Brasil meridional, bem como para a prospecção de compreensão das distintas realidades regionais e suas implicações ao desenvolvimento, por meio da percepção de jovens atores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Herança patrimonial, Atores situados e Desenvolvimento regional.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a research developed during the Master's Program at the Graduate Program in Regional Development at the University of Santa Cruz do Sul / UNISC / RS. Its goal was to analyze how the perception of regional development, through patrimonial's inherited of the young migrants and second generation that live in Santa Cruz do Sul (RS) may condition the self-perception of these young people as social actors of development. The transmission of the patrimonial's inherited (collective memory) of a community is articulated with the *homo situs* condition and social *habitus*; the midsize cities become attractive poles to the spacial mobility and the socioeconomic, ethnic and cultural composition of this societies may change as the new actors of development start integrating the society. The patrimonial's inherited can be affected when the new generations are composed, for the most part, by young migrants with no bonds with the symbolic patrimony of the society where they have gone to. The local and regional development comprises the young heirs and/or coming from the spacial mobility, through symbolic aspects related to the articulation among past, present and future at the host community. Data collection was carried out through the application of a survey (individual interview), and through the participation of forty young migrants and second generation, volunteers for the formation of five focus groups, located in five schools in Santa Cruz do Sul (RS), during the year of 2007, where we discussed the memory of local development. The schools are located in different neighborhoods and attend students from different urban social levels, with four schools from the public network and one private school. The collective interviews were transcribed, textualized and turned into writing document. The qualitative data were submitted to the analysis of the Oral History methodology, through *focus group* technique. The memory of development showed to be directly related to the socioeconomic and cultural situation of young people in the proportion they place themselves from the distinct spaces they occupy and transit at the urban fabric and from the notions of belonging, to narrate local development through the patrimonial's inherited (transmitted in oral form, from the bond among generations and from the commemorative events). The young narrators are influenced by family relationships, by the issue that they just have father or mother, not both, and by the migration process. Thus, the history and memory of the young people is based on presentism, on the trajectory of this young people and indicated a "memory gap". The absence of a local and familiar generational dialogue showed difficulties in membership from young people, especially migrants because they didn't perceive themselves as inheritors of the symbolic heritage and of the intangible heritage of the city. The speech of some of them showed the existence of a "symbolic violence", when their narratives point to a self-exclusion in relation to the welcoming society. The memory of Santa Cruz do Sul refers to the triad German colonization, tobacco industrialization and regional development. The young people's perception about the regional development has always been marked by that memory orally transmitted at the social circle of young, but also by the media. Finally, the young people interviewed perceived themselves as actors of development when there was a "life project" linked to many possibilities of the place. Thus, this research contributes to studies on regional development in southern Brazil, as well as contributes for the prospection of comprehending the different regional realities and their implications for development, through the perception of young social actors.

KEYWORDS: Patrimonial heritage, Located actors and Regional development.

LISTA DE FIGURAS

1 Localização do município pólo regional de Santa Cruz do Sul, inserido na Região do Vale do Rio Pardo e Estado do Rio Grande do Sul	14
2 Localização de Santa Cruz do Sul e dos municípios que integram o Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo – COREDE/RS	43
3 Área Urbana de Santa Cruz do Sul	54
4 Localização das escolas investigadas na cidade de Santa Cruz do Sul	74
5 Naturalidade juvenil em relação à divisão municipal e regionalização (COREDE) do Estado do Rio Grande do Sul	77
6 Naturalidade dos pais dos jovens migrantes e de segunda geração em relação à divisão municipal e regionalização (COREDE) do Estado do Rio Grande do Sul	81
7 Narrativas juvenis sobre a sua relação com o passado (história e memória)	121
8 Narrativas juvenis sobre a questão da identidade e do pertencimento	138
9 Narrativas juvenis sobre a memória do desenvolvimento local	154

LISTA DE TABELAS

1 População total, urbana e rural do Município de Santa Cruz do Sul de 1940 a 2006.....	41
2 Em relação à população total residente em Santa Cruz do Sul	47
3 População que nem sempre morou em Santa Cruz do Sul	47
4 População migrante que não residia no município, mas que em 2000 estava residindo	47
5 Onde residia o migrante em 31 de julho de 1995	48
6 Permanência dos migrantes em anos no município de Santa Cruz do Sul	49
7 Os grupos focais em cada escola e o bairro de residência dos jovens	75
8 Questão de gênero e a condição de jovens migrantes e de segunda geração	76
9 Jovens na condição de migrantes e de segunda geração que pensam em migrar	78
10 Escolaridade dos pais dos jovens migrantes e de segunda geração.....	82
11 Cruzamento da renda familiar bruta mensal com o número de membros que reside no domicílio	84
12 Cruzamento da renda familiar bruta mensal com a escola dos jovens migrantes e de segunda geração.....	85
13 Cruzamento do tempo de moradia em Santa Cruz dos jovens migrantes com a avaliação pessoal dos jovens migrantes e de segunda geração sobre a sua integração na sociedade local	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA: A PESQUISA SOCIAL COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO JUVENIL	19
1.1 A História Oral numa pesquisa com jovens	22
1.1.1 A técnica-metodológica <i>focus group</i> ou grupos focais	29
2 O CENÁRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	34
2.1 O Desenvolvimento de Santa Cruz do Sul	35
2.2 Crescimento Econômico e o Processo de Urbanização	38
2.3 Região, Migração e o Contexto Santa-Cruzensense	41
2.4 Espaços Sociais Urbanos	49
2.4.1 O espaço urbano de Santa Cruz do Sul: espaços desiguais e periferia	51
3 JOVENS ATORES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: A(S) JUVENTUDE(S) MIGRANTE(S) E HERDEIRA(S) DA MIGRAÇÃO.....	58
3.1 A condição juvenil	59
3.1.1 A juventude no Brasil	66
3.2 Caracterização da(s) juventude(s) pesquisada(s)	72
3.2.1 O perfil sociográfico juvenil	76
3.2.2 Mobilidade juvenil para uma cidade de porte médio	78
3.2.3 A condição familiar juvenil	79
3.2.4 A integração juvenil numa cidade de porte médio	86
4 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL NO IMAGINÁRIO JUVENIL	98
4.1 Pressupostos teóricos para a análise das narrativas juvenis	100
4.1.1 A relação juvenil com o passado: a percepção da história e da memória do desenvolvimento dos jovens migrantes e de segunda geração	113
4.1.2 A herança patrimonial (imaterial) juvenil: as noções de identidade e pertencimento dos jovens migrantes e de segunda geração	122
4.1.3 Jovens (migrantes e de segunda geração) atores do desenvolvimento regional a partir do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” numa cidade de porte médio	139

CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	160
ANEXO A – Área Urbana de Santa Cruz do Sul para o ano de 1940	169
APÊNDICE A – Discurso jornalístico sobre a cidade e a periferia urbana para o ano de 2007	170
APÊNDICE B – Cronograma de desenvolvimento das entrevistas com os grupos focais	173
APÊNDICE C – Modelo da carta de apresentação	174
APÊNDICE D – Modelo do termo de consentimento das instituições	175
APÊNDICE E – Modelo do formulário aplicado nas entrevistas individuais	176
APÊNDICE F – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido	182
APÊNDICE G – Tabulação do banco de dados	183
APÊNDICE H – Narrativas juvenis selecionadas em entrevistas com <i>focus groups</i>	197

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propôs a analisar a memória do desenvolvimento por meio da “herança patrimonial” de jovens migrantes, e, de segunda geração, de uma cidade de porte médio do Rio Grande do Sul.¹ Com base na literatura sociológica clássica e contemporânea e nas reflexões sobre a memória e a história buscou-se compreender a questão da transmissão patrimonial da memória coletiva de uma comunidade que está sendo alterada em sua composição socioeconômica, étnica e cultural nas últimas décadas do século XX por vários motivos, notadamente pela migração. Neste sentido, a pesquisa se debruçou sobre a noção de desenvolvimento (local e regional) para jovens herdeiros e/ou provindos da mobilidade espacial. Deu-se ênfase aos aspectos simbólicos relativos à articulação entre passado, presente e futuro para os jovens entrevistados e aos seus projetos em Santa Cruz do Sul.

¹ A migração se refere aos movimentos geográficos de indivíduos e grupos que, em sua maior parte, buscam por meio da expectativa de mudança alcançar um aumento de satisfações e uma diminuição de privações. Estas migrações ou deslocamentos propiciam o crescimento de centros urbanos, o êxodo rural, a expansão de fronteiras agrícolas e o povoamento do território. A medida que os movimentos de população – de um lugar para outro – são um fenômeno muito antigo, o migrante, na maioria das vezes, não se mobiliza sozinho e acaba contribuindo para a transformação da sociedade hospedeira. Porém, o processo de inserção e assimilação dos migrantes nas comunidades nem sempre ocorre de forma harmônica, muitas vezes desvela hostilidades e defronta-se com movimentos racistas ou xenófobos, assim como, com variadas formas de violência que dependem das circunstâncias sócio-culturais, econômicas e políticas. A migração de indivíduos não representa apenas uma mobilidade espacial, mas também uma mobilidade social. Os indivíduos não apenas se deslocam de um local para outro, mas de um grupo social para outro, assim, os migrantes além de se mobilizarem espacialmente, se mobilizam socialmente e encaram o papel de recém-chegados numa sociedade formada por grupos com tradições já estabelecidas. A mobilidade social tem um amplo sentido, mas geralmente diz respeito aos movimentos ou deslocamentos de indivíduos de uma camada ou classe social a outra. Convém ressaltar que os filhos dos migrantes – aqueles que nascem no local de destino da migração familiar –, são comumente chamados de “segunda geração” (SILVA, 1986, p.756-771; BOTTOMORE e OUTHWAITE, 1996, p.466-472; ELIAS e SCOTSON, 2000, p.174; BOURDIEU, 2000, p.750).

Como as cidades de porte médio² no Rio Grande do Sul têm se configurado nas últimas décadas como locais de destino de uma migração intra e inter-regionais³, a memória coletiva – enquanto patrimônio simbólico ou imaterial⁴ dessas comunidades, que outrora eram predominantemente rurais e homogêneas –, pode ser dissipada pela heterogeneidade das comunidades em processo de urbanização. A noção de pertencimento à comunidade depende, em grande parte, portanto, da incorporação da “herança patrimonial”.

A herança dessas comunidades pode ser afetada quando as novas gerações são compostas, em sua maioria, por jovens migrantes ou jovens de segunda geração, sem vínculos – principalmente familiares –, com o patrimônio simbólico da comunidade em que residem. A cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul (RS) é o maior ponto de destino da migração no Vale do Rio Pardo. Sua história urbana refere-se à formação da colônia agrícola de Santa Cruz, em 1849. Nesse sentido, o desenvolvimento de Santa Cruz do Sul é atribuído pela historiografia local à imigração alemã. Neste início de milênio, a população total do município atingiu quase 120 mil habitantes, sendo que 90% encontram-se no meio urbano (FEE/RS, 2006).⁵ De imigrantes alemães a migrantes nacionais, de rural a predominantemente urbana, a memória do desenvolvimento de Santa Cruz do Sul parece estar afinada com um discurso nostálgico e conservador que situa os aspectos positivos do desenvolvimento regional ao passado e os obstáculos, desafios e problemas ao presente.

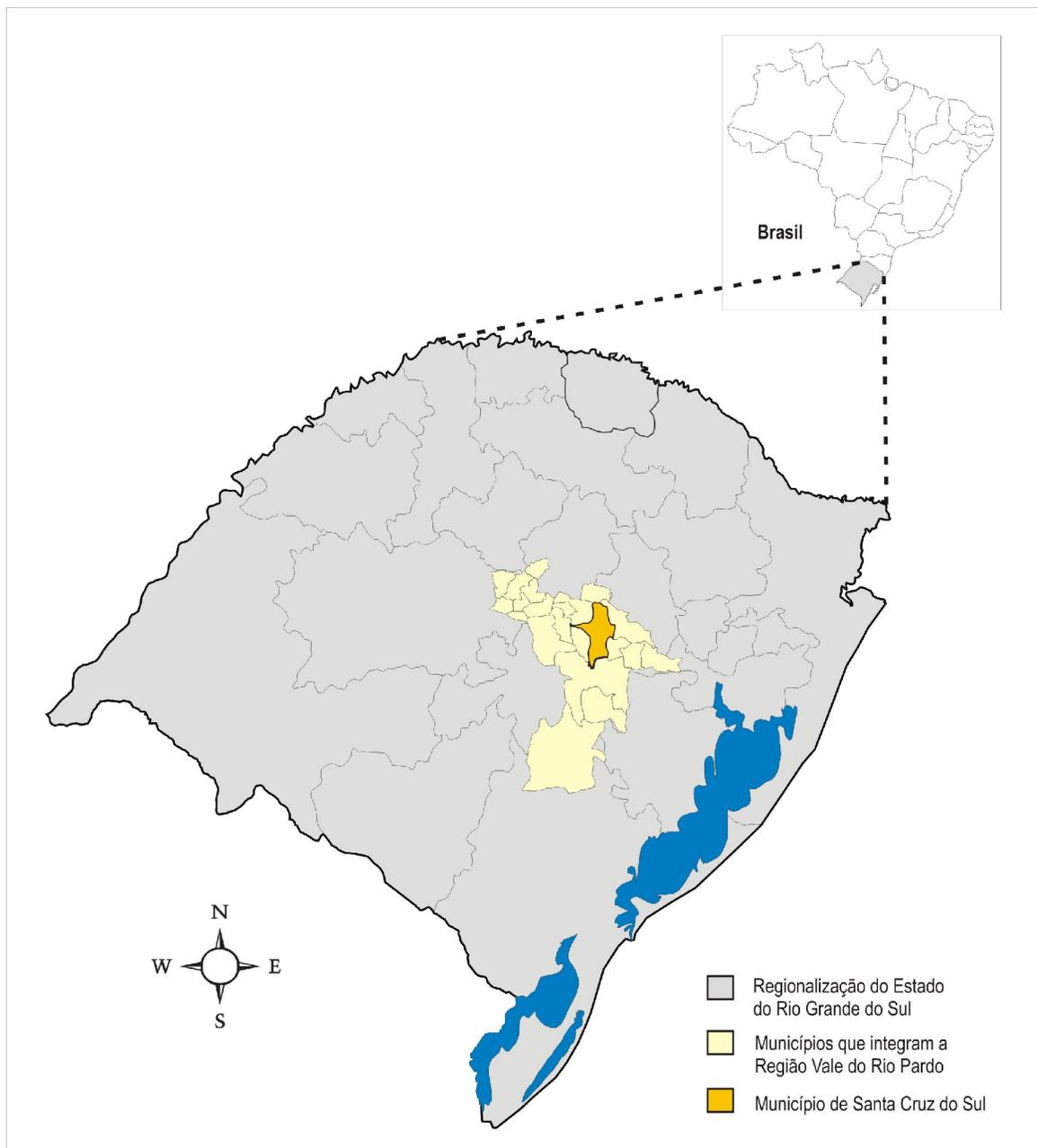
² Cidades de porte médio, médias ou intermediárias no Brasil, estão situadas entre a ruralidade e a metrópole, possuem características funcionais e permitem ligar centros locais (FELDMAN, 2003; BRANCO, 2006; SANTOS, 2004).

³ As migrações internas no Brasil são compreendidas pelos deslocamentos inter e intra-regionais de população, tanto entre Estados quanto entre municípios. O processo de migração ou mobilidade espacial intra-regional (mobilidade interna existente nos municípios de uma mesma região) e inter-regional (mobilidade externa existente entre as regiões) ocorre possivelmente devido à procura por melhores condições socioeconômicas e familiares (SILVA, 1986, p.756-771).

⁴ Patrimônio simbólico ou imaterial pode ser definido pelas representações, práticas, expressões, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais, as comunidades e/ou os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e que estão enraizadas no espaço e no tempo (CURY, 2004, p.373; CHOAY, 2001, p.11).

⁵ FEE/RS é a sigla da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1: Localização do município pólo regional de Santa Cruz do Sul, inserido na Região do Vale do Rio Pardo e Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber, Laboratório de Geoprocessamento e de FEE/RS, 2008.

Este tema é pertinente pela urgência em lograr um melhor entendimento sobre a integração de novos atores e agentes sociais – migrantes –, considerando o aspecto da diversidade socioeconômica e cultural e as novas formas de pertencimento a uma sociedade heterogênea. Outro aspecto a ressaltar é que na região do Vale do Rio Pardo existem poucos estudos sobre a memória do desenvolvimento local e suas implicações socioeconômicas e culturais. Desta forma, a pesquisa vem a contribuir também aos estudos sobre o desenvolvimento regional no Brasil meridional, bem como para a melhor compreensão da identidade regional por meio da percepção dos jovens.

Mas como a memória do desenvolvimento regional, por meio da herança patrimonial dos jovens migrantes ou de segunda geração, pode estar relacionada com a situação socioeconômica e cultural destes sujeitos? A partir desse problema de pesquisa, foi estabelecida uma relação entre o presente do desenvolvimento de uma cidade de porte médio no sul do Brasil e o presente de uma juventude como fase intermediária na formação dos cidadãos. Significa dizer que, apesar de passados distintos, a cidade e seus jovens com vínculos de migração têm um presente comum e um futuro aberto diante de si.

A pesquisa contou com três hipóteses. A primeira concerne à “herança patrimonial” que é transmitida, geralmente, de forma oral e via intergeracional e de eventos comemorativos. Se a história de uma comunidade se registra e se transmite através da escrita, a memória coletiva se atualiza através da oralidade, das festas e de comemorações. Assim, como os jovens migrantes ou jovens da segunda geração têm pouco ou quase nenhum contato com as gerações mais velhas da comunidade, a ausência de diálogo intergeracional pode comprometer o papel de “herdeiros” do patrimônio simbólico e indicar que os mesmos vivenciam uma “violência simbólica” por parte dos discursos normativos da sociedade local.⁶

Isso conduz à segunda hipótese, que permite relacionar o discurso da alteridade – “nós” e “eles” –, dos jovens migrantes e da segunda geração como crítica do desenvolvimento individual no desenvolvimento da comunidade local, a partir da percepção de pertencimento à cidade. Significa dizer que as condições socioeconômicas e culturais desses jovens (a precária socialização e mesmo a inserção no mercado de trabalho através de subempregos) não lhes

⁶ Existem várias formas de “violência”. Assim, atentou-se neste estudo de caso para o que Pierre Bourdieu (CATANI e NOGUEIRA, 1998) chamou de “violência simbólica”, ou seja, práticas de violência expressas nas relações de poder e dominação social presentes em instituições e discursos normativos (escola, sociedade, imprensa, entre outros espaços).

garantem um sentimento de pertencimento à cidade, mas ao mesmo tempo interferem nos vínculos simbólicos com a mesma. Assim, à medida que os jovens *outsiders* – com origem alhures – apresentam poucos vínculos com a comunidade local, suas narrativas de alteridade integram o conjunto de atores “situados” que não necessariamente são passivos ao desenvolvimento e à sua memória, tampouco às representações sociais e territoriais. Os sujeitos juvenis possuem vínculos simbólicos e analisá-los é condição *sine qua non* para alcançar um conhecimento acerca do impasse em que se encontra a memória do desenvolvimento.

Com base na noção de *outsider* – enquanto aquele que, independentemente da condição socioeconômica, difere dos “estabelecidos” em sua ancestralidade –, a terceira hipótese refere-se à situação marginal dos jovens migrantes e de segunda geração, como fulcro da sua identidade dúbia em relação à cidade.⁷ Isso, possivelmente, explicaria por que esses jovens podem apresentar uma forte identidade étnica ou uma forte identidade regional (gaúcha), mas uma fraca identidade local. Em geral, os jovens herdam um patrimônio cultural por parte de suas famílias, mas a condição de migrante pode debilitar os jovens em termos simbólicos. Porém, em relação ao patrimônio imaterial da cidade (memória coletiva), os jovens migrantes ou jovens da segunda geração não se percebem enquanto “herdeiros”, o que interfere em sua identidade com a cidade, podendo existir nos jovens uma lacuna identitária devido à sua condição de *outsiders*.⁸

A memória do desenvolvimento é decorrente da narrativa dos atores situados (*homo situs*) em uma determinada comunidade, sendo que, de uma forma ou outra, percebem e/ou participam do desenvolvimento desta comunidade e/ou local (ZAOUAL, 2006). Com vistas a análise da percepção do desenvolvimento local, procurou-se desvelar também as relações socioeconômicas e culturais que condicionam os vínculos simbólicos destes jovens com a referida cidade e suas respectivas representações sociais e culturais.

⁷ A condição de “migrante” ou mesmo de “segunda geração” pode indicar uma situação marginal do jovem em relação aos vínculos simbólicos com a sociedade acolhedora. Essa marginalidade, necessariamente não se refere ao *status* econômico, mas sim à distância identitária, cultural ou espacial existente entre os jovens deste estudo de caso e suas famílias em relação a sociedade santa-cruzensa.

⁸ O termo *outsiders* utilizado aqui não se refere ao fato dos indivíduos migrantes serem “de fora”, mas diz respeito à população migrante (jovens migrantes e de segunda geração), com vínculos alhures, ser um grupo novo na comunidade, não fazer parte de um estilo de vida estabelecido pelas gerações locais e não integrar o tempo passado local (ELIAS, 2000, p.19-49).

Com base no problema e nas hipóteses, foram elaborados alguns objetivos de pesquisa. Procurou-se analisar como a memória do desenvolvimento local, por meio da herança patrimonial dos jovens migrantes e de segunda geração residentes em Santa Cruz do Sul (RS), está relacionada com a situação socioeconômica e cultural destes sujeitos. Ainda buscou-se compreender se a ausência de diálogo intergeracional familiar e local pode comprometer a herança patrimonial dos jovens migrantes e de segunda geração; desvelar as relações socioeconômicas e culturais que possivelmente condicionam os vínculos simbólicos do público-alvo com a cidade de Santa Cruz do Sul e suas respectivas representações; atentar para a “violência simbólica” na fala dos jovens migrantes e da segunda geração a partir dos discursos normativos e das relações com a comunidade que se referem à memória do desenvolvimento local; averiguar se há um obstáculo ou desvantagem, em termos simbólicos, para os jovens migrantes ou de segunda geração em Santa Cruz do Sul; perceber se existe um vínculo identitário ou não com a sociedade acolhedora e quais são as estratégias dos jovens migrantes e de segunda geração para lidar com uma possível condição de *outsider*; analisar as narrativas dos jovens migrantes ou de segunda geração enquanto discurso da alteridade – “nós” e “eles”.

Com ênfase na análise qualitativa da metodologia da História Oral, visou-se compreender os atores juvenis por meio de suas narrativas, com o auxílio da técnica *focus group*. Os jovens voluntários – quarenta estudantes – participaram de cinco grupos focais, localizados em cinco escolas de ensino médio de Santa Cruz do Sul, durante o ano de 2007, quando discutiram a memória do desenvolvimento regional e local. As escolas dos jovens entrevistados se situam em bairros distintos e atendem estudantes provindos de diversos estratos sociais urbanos, sendo quatro escolas da rede pública e uma da rede particular de ensino. Foram realizados em cada grupo focal cinco encontros, sendo que nestes, com duração de uma hora a duas horas de discussão – sobre temas elencados às entrevistas –, utilizou-se um gravador digital e, posteriormente, as entrevistas foram transcritas e textualizadas para um documento escrito.

A dissertação é composta por quatro capítulos. O Capítulo I da dissertação se refere aos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa social como possibilidade de compreensão dos atores juvenis do desenvolvimento regional. Nele será explanada – de forma mais detalhada e específica –, a metodologia utilizada para a realização deste estudo em nível de Mestrado, como contribuição à interpretação das realidades sociais a partir das narrativas

orais e da técnica do *focus group*, que permitiu o processo de interação, discussão e elaboração de acordos em relação às realidades juvenis e às experiências vivenciadas pelos jovens migrantes e de segunda geração.

No Capítulo II, tratou-se do desenvolvimento local do município de Santa Cruz do Sul a partir da questão regional, do crescimento econômico e do processo de urbanização e migração relativos às últimas décadas do século XX. Cabe ressaltar que nenhum desenvolvimento é harmônico e esta situação imprime nos espaços urbanos marcas da desigualdade existentes na cidade.

No Capítulo III, realizou-se a caracterização dos atores do desenvolvimento local por meio do perfil sociográfico, da mobilidade para uma cidade de porte médio – “lugar de origem” e “lugar de destino” –, da condição familiar e da integração da(s) juventude(s) migrante e herdeira da migração.

No Capítulo IV, tratou-se da percepção do desenvolvimento local através do imaginário juvenil. Foram analisadas as narrativas sobre o passado juvenil e da comunidade local por meio do discernimento entre história e memória, e ainda foram trabalhadas as narrativas com base nas noções de pertencimento, identidade e herança patrimonial dos jovens migrantes e de segunda geração, assim como a condição de jovens (migrantes e de segunda geração) atores do desenvolvimento local a partir do “projeto de vida” e “campos de possibilidades” numa cidade de porte médio. Por fim, foram tecidas as considerações finais deste estudo.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA: A PESQUISA SOCIAL COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO JUVENIL

Como esta é uma pesquisa com ênfase na análise qualitativa, procurou-se esclarecer sobre a metodologia abordada, a “história oral” como uma possibilidade de compreensão dos atores juvenis, assim como apresentar os procedimentos metodológicos utilizados, que foram: entrevista individual para obtenção de dados sociográficos e entrevista coletiva com grupos focais (*focus group*).

A reflexão sobre questões como a memória, a história e a trajetória juvenil, a migração e a inserção social são fundamentais para compreender o envolvimento e o comprometimento da(s) juventude(s) com o desenvolvimento urbano de uma cidade de porte médio como a cidade de Santa Cruz do Sul/RS.

A metodologia abordada aqui, se baseia num conjunto de técnicas que podem contribuir para a construção da realidade. Assim, tem-se claro que a metodologia necessita dispor, como afirma categoricamente Minayo (2002, p.16), de um conjunto de técnicas que possibilitem um instrumental claro, coerente, elaborado e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O primeiro momento da pesquisa certamente se aplica ao referencial teórico-metodológico escolhido pelo pesquisador, contudo, sabe-se que, por mais sério que seja o estudo, jamais uma teoria consegue explicar todos os fenômenos e processos (Ibidem, p.18).

De acordo com Melucci (2005, p.33 e 34) o objetivo da pesquisa social não pode ser pretensamente explicar a realidade em si, descrever os fatos reais, mas traduzir as relações ocorridas no cotidiano ou no público, para uma outra linguagem, a linguagem científica:

“Portanto, a pesquisa social não tem mais a pretensão de descrever fatos reais, mas se apresenta como construção de textos que dizem respeito a fatos socialmente construídos e que mantêm a consciência da distância que separa a interpretação da ‘realidade’”. Ainda para este autor, no que concerne à epistemologia, o relato de sentidos, a idéia de explicar certa realidade representa a narração da narração, sendo um ponto crítico do que chama desafio metodológico introduzido pela pesquisa qualitativa, ou a pesquisa social.

A técnica de investigação selecionada para esta pesquisa, e que considerou-se mais adequada para a análise da memória do desenvolvimento em jovens migrantes ou da “segunda geração” residentes em Santa Cruz do Sul (RS), relacionando-a com a situação socioeconômica e cultural do grupo-alvo, foi a forma *mix-design* (pesquisa quali-quantitativa), com ênfase na questão qualitativa.

Os métodos qualitativos e quantitativos permitem que o pesquisador realize o cruzamento de suas conclusões, possibilitando uma maior confiabilidade em seus dados, que não são produtos de um específico procedimento. Assim, enquanto a pesquisa com métodos quantitativos fornece dados generalizáveis, mas necessários para a mesma, a qualitativa permite observar de forma mais detalhada, inclusive através da análise discursiva, instituições, grupos ou mesmo indivíduos pesquisados. Associando o método quantitativo com o qualitativo, os dados analisados permitem compreender dada realidade de forma geral e específica, e estes métodos podem ser vistos como complementares e não opostos, pois os dados abrangidos por eles interagem dinamicamente (GOLDENBERG, 2003; MINAYO, 2002).

Esta pesquisa, sob forma de *mix-design* selecionou⁹ intencionalmente cinco escolas da rede pública e privada do ensino médio da cidade de Santa Cruz do Sul situadas territorialmente distantes umas das outras, atendendo além de seu próprio bairro, o entorno. Assim, foi possível abranger jovens migrantes e de segunda geração que estivessem em distintas condições socioeconômicas e espaciais. A pesquisa se desenvolveu em quatro escolas públicas estaduais, uma localizada na zona norte da cidade, próxima à universidade, outra localizada na área central, uma outra também na região central mas que se situa no

⁹ De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p.67) é mais conveniente para uma pesquisa qualitativa utilizar o termo “seleção” em detrimento do termo “amostra” ou “amostragem”, visto que os últimos se ajustam melhor a pesquisas quantitativas.

sentido centro-zona sul, e uma outra que atende os bairros da periferia sudoeste da cidade. A única escola privada localiza-se na região leste da cidade, especificamente no bairro onde reside a classe média e alta cidadina, portanto, uma instituição que atende escolares em situação socioeconômica privilegiada. Esta seleção intencional contou com o consentimento das instituições escolares representadas pelas suas direções, para a concretização da coleta de dados.¹⁰

A partir do início do ano letivo, março de 2007 principiou o primeiro momento da coleta de dados. Os jovens foram abordados em sala de aula, sendo explicitado aos mesmos sobre a pesquisa e qual era o perfil do jovem que esta abrangia – jovens na condição de migrantes e de segunda geração –, e, enfim, foi solicitada uma entrevista para possível participação. Logo que houve a disponibilidade e a espontaneidade por parte dos jovens, foi realizada a entrevista individual e o preenchimento dos formulários. As entrevistas individuais para a seleção de jovens voluntários foram realizadas na escola, no turno de estudo destes jovens, em um local reservado. A partir da análise dos formulários e das possibilidades do(s) jovem(ns) de participar(rem) da pesquisa no turno inverso ao da escola e de forma espontânea, foi desenvolvido o segundo momento da pesquisa.

O segundo momento contou com a formação de grupos em cada escola, com os jovens escolares voluntários, selecionados a partir do formulário pela sua condição de migrantes e de “segunda geração”, para uma entrevista coletiva. Estes grupos eram independentes, sendo que as entrevistas coletivas foram desenvolvidas através do método de pesquisa da história oral, a partir do emprego da técnica de grupos focais – *focus group*.

Os formulários foram tabulados, o que permitiu a construção de um banco de dados que forneceu informações para a caracterização da juventude investigada.¹¹ As entrevistas coletivas através da história oral e da técnica de grupos focais foram transcritas e possibilitaram a análise das narrativas das experiências juvenis. Dessa forma, a pesquisa se debruçou sobre dados quantificáveis estatisticamente – análise objetiva –, e se deparou com

¹⁰ As escolas foram contatadas em novembro de 2006 pela pesquisadora, quando apresentou-se os objetivos e a metodologia utilizada para a coleta de dados que se realizou ao longo do ano de 2007, durante o ano letivo. Neste momento, as instituições, representadas pelos seus dirigentes legais, assinaram um termo de consentimento para a realização dos trabalhos na escola, sendo que todas elas foram atenciosas e aceitaram integrar esta pesquisa.

¹¹ Para a tabulação de dados dos formulários e, assim, elaboração de um banco de dados sobre os jovens da pesquisa utilizou-se o *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 10.

narrativas juvenis a partir das discussões dos grupos focais, que sofreram uma análise objetiva e subjetiva aprofundada.

A metodologia utilizada possibilitou apontar os caminhos interpretativos sobre os jovens migrantes e de “segunda geração” e seu desenvolvimento individual/coletivo no contexto cidadão, contudo, a reflexão de Minayo (2002, p.27), aponta categoricamente os limites das pesquisas: “Certamente o ciclo nunca se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior”.

1.1 A História Oral numa pesquisa com jovens

A entrevista de História oral é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes (ALBERTI, 2005, p.178).

A história oral contribui como uma forma de pensar a sociedade contemporânea, mas na realidade, ela é parte de um conjunto de fontes orais (música, canto, lendas, mito, entre outras), sendo que sua manifestação mais conhecida é a entrevista. A história oral possibilita o enlace da memória com os modos de narrar, e assim, o tempo da história oral é aqui e agora, sendo que seu produto final é o documento. Para Meihy e Holanda (2007 e 2002) a história oral é a história do tempo presente. Ela se utiliza de recursos modernos para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos sobre as experiências dos atores sociais, a história oral filtra as experiências do passado por meio da existência de narradores no presente.

A história oral se justifica pelo fato de realizar a conexão entre os entrevistados com o contexto social em que os mesmos estão inseridos, na realidade, ela é uma prática de apreensão de narrativas, vindo a recolher testemunhos, formular documentos por meio de registros eletrônicos, favorecer os estudos sobre identidade e memória coletiva, enfim, ela é uma forma de estudar a sociedade e contribui para a promoção de análises da realidade social através do registro e uso de entrevistas. Assim, ela é um processo dialógico,

História oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no ‘tempo presente’ e deve responder a um sentido de utilidade prática, social, e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.19).

Na realidade, os pesquisadores que trabalham com história oral procuram afirmar que ela não é apenas entrevista ou uma outra forma de fonte oral, mas um conjunto de procedimentos que principiam com a elaboração do projeto, tentando responder a três situações que orientam a realização: a – de quem?; b – como?, c – por quê? A história oral prevê o grupo a ser entrevistado, o planejamento e condução das gravações, a definição dos locais da pesquisa, o tempo de duração, ainda a transcrição e passagem do oral para o escrito, a conferência do produto documento, a autorização, o arquivamento e a possível divulgação dos resultados. O *corpus* documental de uma pesquisa, seja ele a partir de fontes documentais ou de fontes orais, possui características autônomas e funções específicas, e dessa forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.15-17, PORTELLI, 1997, p.26).

A história oral enquanto fundamentação documental está pautada em questões como o fato de não existir documentos, quando existem versões diferentes da história oficial, e quando se elabora uma outra história. No que se refere ao estatuto da história oral, usualmente se aponta cinco possibilidades, o uso como ferramenta, técnica, metodologia, forma de saber e disciplina, mas ainda, sumariamente, a história pode ser reduzida a três posturas apenas, a história oral como técnica, como disciplina e como metodologia (MEIHY, 2002, p.24; MEIHY e HOLANDA, 2007, p.65; FERREIRA e AMADO, 1996, p.12).

A ferramenta da história oral é compreendida como um recurso adicional, ou mero instrumento numa pesquisa, ela seria uma fonte auxiliar na pesquisa. Enquanto a técnica da história oral guiaria a pesquisa no caminho de resultados premeditados, seria mais que uma simples ferramenta, e assim, fazer a história oral na forma de técnica seria assumi-la não enquanto pressuposto teórico, mas como o uso técnico de gravações de entrevistas (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.63 – 71).

A história oral como metodologia, significa um procedimento organizado e com rígido caráter de investigação, desde a formulação do projeto até os resultados buscados. Como método, as entrevistas ganham forma central no estudo, elas seriam o epicentro da pesquisa, e neste sentido, o *corpus* documental das entrevistas pode demandar diálogos com outros documentos (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.71).

Assim, são muitos os intelectuais que compartilham a idéia de que história oral seja uma metodologia, pois como método, se “[...] utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana.” (FREITAS, 2006, p.18). Na visão de Ferreira e Amado (1996, p.16) a história oral como todas as metodologias, “[...] apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática. [...] Mas na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais solucionar questões; formula perguntas, porém não pode oferecer respostas.”. Ainda para Ferreira (1994, p.12) a história oral se constitui não como uma disciplina, mas como um método de pesquisa que “[...] produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade.” Lozano (1996, p.17) ainda justifica que fazer história oral “[...] significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’.”

Além disso, em referência ao estatuto da história oral, alguns a compreendem como uma forma de saber que se refere ao recurso atento ao uso do conhecimento da experiência alheia, a estética seria um guia. Por outro lado, na forma de disciplina, esta seria uma tendência radical professada pela academia e levada aos extremos político-culturais, então ela seria sujeito de ações de transformação social. Desta forma, muitos não a percebem como solução para campos disciplinares. Até pouco tempo, em história oral era desprezível a discussão sobre o seu estatuto, pois a prática de seu uso se perdia pela falta de cuidados teóricos (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.73 – 79; MEIHY, 2002, p.41).

Existem basicamente três gêneros distintos em história oral, a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Assim, um dos pontos de distinção entre a história oral e entrevistas convencionais reside nos critérios de captação das narrativas estabelecidas nos projetos. Em história oral de vida a questão subjetiva se apresenta como essencial, suas narrativas se inspiram em fatos, admitem ainda, fantasias, silêncios, delírios, omissões e distorções, assim, esses contornos de memória compreendem contradições naturais de fala (FREITAS, 2006; MEIHY e HOLANDA, 2007; MEIHY, 2002).

Num outro sentido, a história oral temática pressupõe a existência de um foco central, é este foco que justifica a entrevista num projeto e ainda recorta e conduz as objetividades. A

temática se baseia na existência de um questionário, que acaba estabelecendo critérios de abordagem de temas, cabe ressaltar aqui a explicação conferida por Meihy e Holanda (2007, p.38), “Em termos de história oral pura, os projetos temáticos devem fazer as vozes se confrontarem de maneira a promover o esclarecimento das versões e assim as superações das dúvidas que, afinal, justificam os projetos.”. Neste tipo de história oral, busca-se esclarecer as situações conflitantes, polêmicas e contraditórias, e deste modo, as hipóteses de trabalho são insistentemente testadas nas entrevistas, visto que a história oral temática não abrange necessariamente a totalidade da existência do entrevistado (FREITAS, 2006, p.21).

Por outro lado, a tradição oral em história oral demanda trabalhos profundos, suas bases são a observação e o trabalho com elementos da memória coletiva, “[...] não se encaixa na discussão sobre entrevistas.” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 35). Este gênero é o mais difícil de ser conduzido, pois permite a apreensão dos fenômenos sociais a partir de uma minuciosa descrição do cotidiano.

A moderna história oral é recente e fruto do convívio urbano, ela se aparelhou de critérios para além das entrevistas consagradas após a Segunda Guerra Mundial e nasceu na Universidade de Colúmbia, em New York no ano de 1948. O professor Allan Nevis da Universidade de Colúmbia desenvolveu o projeto *The Oral History* quando então se montou um arquivo e se empregou o termo *oral history*. A performance da história oral se deu a partir dos anos de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e se consolidou com a *Oral History Association* (OHA). Contudo, foram os estudos em história oral realizados pelo historiador Paul Thompson (1992), um dos maiores expoentes teóricos sobre o tema, a partir da década de 1960, no Departamento de Sociologia da Universidade de Essex, na Grã-Bretanha, que firmaram decisivamente o movimento interdisciplinar da história oral, influenciando inclusive pesquisadores norte-americanos. (FERREIRA, 1994, p.4 e 5; FREITAS, 2006, p.18; MEIHY e HOLANDA, 2007, p.102).¹²

¹² A História Oral se solidificou a partir da Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia nos Estados Unidos, mas este impulso não deixa de estar associado também à renovação teórico-metodológica que a disciplina História sofreu a partir de 1929 com o lançamento da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale* pela iniciativa de Lucien Febvre e Marc Block. “A expressão *nouvelle histoire* que já se prestou a tantos equívocos, nós a utilizaremos no sentido sugerido por Le Roy Ladurie e Furet: ela designa a história sob influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história [...]” (REIS, 2000, p.65). Neste sentido, a Nova História, através da *École des Annales*, apresentou teses inovadoras como a “história-problema”, a “história-total”, a “interdisciplinaridade” e o alargamento do campo das fontes históricas e o fato histórico como construção teórica. O historiador teve ampliado o seu espaço de atuação: “A história para ele pode ser feita com todos os documentos que são vestígios de passagem do homem. O historiador não pode se

A solidificação da história oral somente foi possível com o apoio dos avanços tecnológicos, que permitiram registrar experiências de vida gravadas por meio de um rádio gravador. O jornalismo também contribuiu para a sofisticação das entrevistas, mas foi o interesse do público em geral que consolidou a sua existência.

De início, a história oral combinou duas funções complementares:

- 1 – registrar fatos e histórias em particular, pois poderiam se perder sem gravações;
- 2 – divulgar experiências relevantes e estabelecer ligações com o meio urbano, que consumia as entrevistas, promovendo assim um incentivo para a compreensão e registro da história local. Esse processo ficou conhecido como “História imediata” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.105).

A Escola de Sociologia de Chicago utilizou as evidências orais nos estudos sobre a imigração, sobretudo no que se refere aos problemas da imigração no contexto das metrópoles e no modo de vida urbano. Esta escola se mostrou aberta à prática de entrevistas, que buscavam as *histórias de vidas* de grupos que estavam à margem do processo de integração social (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.106 e 107; THOMPSON, 1992, p.135 e 136).

Thompson é categórico em afirmar que a história oral é tão antiga quanto a própria história:¹³

O uso difundido da expressão “história oral” é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha passado. Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a *primeira* espécie de história. E apenas muito recentemente é que a habilidade em usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador (THOMPSON, 1992, p.45).

No Brasil, a história oral teve dificuldades em mostrar a que veio, as entrevistas eram encaradas como “depoimentos”, ou mesmo deveriam ser evitadas, pois sofriam censura no período da ditadura militar (FREITAS, 2000, p.36). Porém, na contramão da história oral em nosso país não se localizava apenas o regime antidemocrático, mas também a falta de tradução de livros em língua inglesa sobre a história oral e a inexistência do debate sobre a disciplina:

resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo.” (REIS, 2000, p.77). Com isso, o historiador, assim como inúmeros pesquisadores das diversas áreas do conhecimento, utilizará a história oral como fonte histórica ou mesmo um método para os estudos contemporâneos na sociedade.

¹³ Para maior aprofundamento sobre a presença da história oral no contexto da humanidade, consultar THOMPSON, Paul. *Historiadores e História Oral*. In, ____ *A Voz do Passado: História Oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.45 – 103.

- 1 – em termos acadêmicos, cada área do conhecimento acabou por desenvolver um tipo de visão e uso das entrevistas e tal apropriação das narrativas, paradoxalmente, implicou dificuldades de diálogos entre as disciplinas;
- 2 – as manifestações de história oral fora da universidade não alcançaram respeitabilidade nos círculos acadêmicos, ficando marginalizadas;
- 3 – ao mesmo tempo o círculo acadêmico não consegue mais ficar alheio ao uso do oral. (MEIHY e HOLANDA, 2007, p.110 e 111).

Existem atualmente inúmeras instituições que se ocupam com preservação da memória cultural brasileira, o Museu de Imagem e Som (MIS) de São Paulo foi a primeira instituição, fundada em 1971, que se ocupou com a história oral. Mas ainda podem ser destacados outros museus, centros de pesquisa e documentação, como é o caso do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ligado à Fundação Getúlio Vargas e que dispõe de um setor de História Oral que atua desde 1975, no Rio de Janeiro. Ainda destaca-se a criação em 1994 da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), (FREITAS, 2000, p.30 – 33).

No que concerne à passagem do oral para o escrito, aparece na prática do pesquisador a questão da transcrição, textualização e transcrição. Na transcrição absoluta é posto as palavras, ditas em estado bruto, mantêm-se as repetições, erros e palavras sem peso semântico. Na fase da textualização, as perguntas são eliminadas, assim como os erros gramaticais e as palavras sem sentido semântico, e neste sentido, cada entrevista tem um “tom vital”, esse é o eixo da entrevista e deve atuar como forma de evidenciar a sua essência. Enquanto isso, a transcrição é uma ação que transforma e recria, diferente da transcrição fiel de uma entrevista, ela compreende um entendimento do que foi falado, assim, é uma ação que permite “[...] comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 136) visando à performance da entrevista.

Para Freitas (2000, p.46) a história oral enquanto *corpus* documental contribui para a reconstrução do passado recente, legitimando a história do tempo presente. Neste sentido, esta pesquisa com jovens migrantes e de segunda geração procurou utilizar a metodologia da história oral para perceber a memória juvenil em relação ao seu passado, ao passado familiar, suas percepções acerca do mundo que lhes rodeia: a cidade de Santa Cruz do Sul e seus vínculos migrantes de origem, através das narrativas individuais e coletivas. A história oral foi pensada aqui como uma maneira de dar voz à(s) juventude(s), e assim, ela foi a forma de procedimento capaz de conduzir esta pesquisa sobre a memória do desenvolvimento urbano de Santa Cruz a partir das lentes juvenis (migrantes e de segunda geração), e isso está de

acordo com o que Verena Alberti (2005, p.171) ressalta sobre o *corpus* documental em história oral: “Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.”

As entrevistas nesta pesquisa foram desenvolvidas dentro do gênero de história oral temática (FREITAS, 2000, p.19; MEIHY e HOLANDA, 2007, p.39 – 40), visto que as entrevistas coletivas realizadas possuíam um “tom vital” – a memória do desenvolvimento em jovens migrantes e de segunda geração numa cidade de porte médio do Rio Grande do Sul – e foram conduzidas por um questionário que tematizou a discussão juvenil coletiva. Ademais, procurou-se no momento das transcrições das entrevistas manter a prática da textualização, já descrita anteriormente, evitando manter a fala bruta da transcrição propriamente dita, que poderia causar dificuldades de compreensão do falado, visto que a juventude não possui uma linguagem formal; ao mesmo tempo não optou-se por utilizar-se da transcrição, que poderia alterar e descaracterizar a condição de jovens, o que em todos os momentos ficou expresso através do uso de linguagem coloquial e carregada de gírias: “La transcripción de calidad es un arte, no un proceso mecánico. Y el arte varía según el individuo y de acuerdo con unas formas que pueden ser profundamente significativas para un proyecto de historia oral.” (PAGE, 2002, p.155).

Assim, a técnica utilizada para o desenvolvimento das entrevistas coletivas com jovens migrantes e de segunda geração foi a formação de grupos focais – *focus group*. Esta pesquisa se propôs a não expor nomes e sobrenomes dos jovens participantes das entrevistas coletivas, pois, pensando a partir das reflexões de Meihy (2002, p.122), necessariamente em história oral não se visa somente “quem é quem” e “quando ocorreu”, priorizou-se nesta pesquisa a história narrada pela juventude como a tradução de uma situação social que certamente não ocorre somente com os jovens entrevistados. Neste sentido, os jovens foram identificados nas transcrições e no banco de dados a partir de números e letras compostas.

A relação entre entrevistador e entrevistado(s) desenvolvida nesta pesquisa, procurou seguir um comportamento de sinceridade e respeito em relação aos jovens, partiu-se de antemão da consciência de que, para se atingir os objetivos do estudo, seria necessário um diálogo baseado na relação de confiança entre a pesquisadora e a juventude estudada “[...] o entrevistador deve deixar o entrevistado à vontade e estabelecer uma relação de confiança e

segurança, o que se costuma chamar de *rapport*.” (BAUER e GASKELL, 2002, p.74), neste sentido, Montysuma (2006, p.121) destaca ainda que:

Pensemos no êxito da pesquisa, cujo pesquisador desdenha, ou demonstra falta de *respeito* pela opinião alheia. Ou ainda se durante o trabalho não olhar diretamente no rosto das pessoas. Desviar os olhos de seus interlocutores, numa atitude de falta de *sinceridade*, ou de não interesse pelo dito. Essas são questões a que não atentamos, porém os códigos contidos nos olhares e nas posições do nosso corpo mandam mensagens para nossos interlocutores. E com certeza eles as recebem, decodificam e nos devolvem dentro daquele espaço em que detém o poder: a *palavra*, o *texto falado*, que levamos gravado e depois vamos estudá-lo e trabalhar com ele.

O pesquisador não pode esquecer que o entrevistado é fundamental para o êxito de sua pesquisa, além da necessidade de haver uma relação de sinceridade e respeito, a pesquisa carece de uma condução adequada, e caso isso não ocorra, a pesquisa pode não alcançar seus objetivos e nem comprovar ou refutar suas hipóteses de trabalho.

1.1.1 A técnica-metodológica *focus group* ou grupos focais

É preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc (ALBERTI, 2005, p.185).

A utilização de grupos focais – pesquisas qualitativas – em pesquisas científicas tem se intensificado nas últimas décadas esta técnica, que tem sua origem na psicologia, mas passou a ser utilizada pelos profissionais de marketing na extração da opinião de clientes em profundidade, medindo o grau de satisfação e insatisfação. Da mesma forma, passou a ser muito usual na área da saúde. Neste sentido, a utilização desta técnica para compreender o contexto sócio-cultural é considerada fundamental, pois permite analisar amplamente certo grupo social, dentro de uma perspectiva hermenêutica (GONDIM, 2006). A escolha desta técnica se justifica porque a mesma se fundamenta em pressupostos filosóficos – narração – , considerando que a hermenêutica se refere à arte de interpretar textos e, principalmente, à comunicação humana (DEMO, 1981).

A técnica de grupos focais – *focus group* – permite um processo de interação, discussão e elaboração de acordos a partir de uma realidade e experiência que os indivíduos possuem, e dessa forma, o grupo deve ser o mais homogêneo possível, visto que não é salutar, para os

objetivos da pesquisa, confrontar os membros do grupo com posições extremamente conflitantes. Caso isto ocorra, os resultados não apontarão a opinião grupal, inviabilizando a análise final (MATTAR, 1997).

A pesquisa qualitativa se refere, de acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 65) a entrevistas semi-estruturadas que visam fornecer “[...] dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão entre os atores sociais e sua situação.”, assim, a entrevista qualitativa deve objetivar a compreensão detalhada “[...] das crenças, atitudes, valores e motivações [...]” que estão intrínsecas nos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Neste mesmo sentido, Aigner (2002, p.03) compreende que o principal propósito desta técnica de investigação social é lograr informações, que estão associadas [...] a conocimientos, actitudes, sentimientos, creencias y experiencias que no seriam posibles de obtener, com suficiente profundidad, mediante otras técnicas tradicionales tales como por ejemplo la observación, la entrevista personal o lo encuesta social”.

Os grupos focais permitem obter inúmeras opiniões de processos emocionais dentro de um contexto social, mas, como todas as outras técnicas de pesquisa, esta possui vantagens e desvantagens. O tempo das entrevistas deve girar entre uma hora a duas horas, visto que uma hora é pouco para que os participantes comecem a expressar consensos e mais que duas horas permite que estes dispersem as atenções, perdendo a concentração. No que concerne às vantagens, os grupos focais permitem obter descrição global dos conhecimentos, atitudes e comportamentos sociais no contexto do coletivo, ajuda, ao investigar, a perceber qual é o assunto mais importante para o grupo e qual não é, assim como o discurso real e o ideal, da mesma forma que contribui para explorar o nível de consenso e de dissenso em um contexto social dado. Com relação às desvantagens, uma das principais é sua limitada abrangência e capacidade de gerar resultados representativos, visto que o número de participantes é relativamente pequeno; outra desvantagem é a questão do tempo, pois este pode não ser o suficiente para o desenvolvimento dos tópicos. Como estes tópicos podem não gerar acordos ou conclusões coletivas representativas, ainda pode ocorrer de o discurso individual ser confundido com o coletivo, quando um membro exerce fator de influência sobre grupo. De todas estas desvantagens, cabe salientar que uma considerável é quando o *focuser*¹⁴ não

¹⁴ Segundo BAUER e GASKELL (2002, p.22), *focusers* “[...] são pessoas que realizam pesquisas com grupos focais”.

exerce a capacidade de liderança e de comunicação para coordenar, moderar e provocar, exitosamente, o grupo social.

Com isso, o grupo focal segue um roteiro previamente estabelecido, um questionário, como foi apontado sobre a história oral temática anteriormente. Assim, o roteiro ideal é aquele que não deve somente promover um aprofundamento progressivo, mas propiciar a fluidez de discussão com pouca intervenção do *focuser*. As regras do grupo focal foram esclarecidas nos momentos iniciais, permitindo uma consciência e autonomia dos indivíduos no grupo, em direção à noção de coletividade.

Conforme Mattar (1997, p.163), a técnica de entrevista focalizada em grupo possui inúmeras vantagens se comparada a outras formas de técnicas de coleta de dados, pois, para este, as entrevistas focalizadas apresentam as seguintes vantagens: sinergismo, interação, estimulação, espontaneidade, flexibilidade, profundidade, amplo leque de dados possíveis de se obter e rapidez na coleta. Na realidade, Bauer e Gaskell (2002, 75 e 77) apontam que a pesquisa com grupos focais é mais do que a soma das partes, “[...] ele se torna uma entidade em si.” e que “O grupo é antes de mais como uma novela, uma perspectiva sobre a vida cotidiana mostrada apenas quando se assiste a todo o programa e não apenas pela contribuição de um único ator.”.

Bauer e Gaskell (2002, p.88) sugerem que a entrevista qualitativa deve seguir os seguintes passos: a) prepare o tópico-guia; b) selecione o método de entrevista: individual, grupal ou uma combinação dos dois; c) delineie uma estratégia para a seleção dos entrevistados; d) realize as entrevistas; e) transcreva as entrevistas; e, f) analise o *corpus* do texto. Mais detalhadamente, Aigner (2002, p.06) sugere que, para que a entrevista grupal seja bem executada, é necessário que a pesquisa estabeleça um cronograma, pois a programação e o desenvolvimento do grupo focal não devem ser improvisados.¹⁵

Sônia Gondim (2006) afirma que o papel do entrevistado é importante, visto que é direto, muitas vezes os entrevistadores procuram analisar o indivíduo no grupo, porém, o que interessa é a análise grupal, a referência é o grupo. Antes de iniciar a pesquisa de campo encaminhou-se o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade de

¹⁵ Assim, o autor sugere dezesseis etapas, que se encontram descritas no Apêndice B.

Santa Cruz do Sul – UNISC, e, conseqüentemente, após a aprovação do mesmo em dezembro de 2006, realizou-se o teste piloto, para que este possibilitasse ajustes necessários.¹⁶

Esta pesquisa, que está apoiada na técnica de entrevistas grupais – *focus group*, visou no contexto deste estudo, perceber, a partir de encontros semanais gravados em áudio e conduzidos pela *focuser*, cinco temas pertinentes à pesquisa, assim, são eles: a) a memória e a narrativa sobre as histórias pessoais, familiares e sobre a história de Santa Cruz do Sul; b) as noções de pertencimento e inserção pessoal e grupal (juvenil, migrante e de segunda geração) e em relação à cidade (estabelecidos ou *outsiders*); c) o que os jovens compreendem por juventude e o diálogo geracional; d) as perspectivas juvenis e o projeto de futuro, e, por fim, e) a percepção dos jovens sobre a cidade de Santa Cruz.

A pesquisa se desenvolveu no período de março a novembro de 2007 e foram realizados 24 grupos focais. Assim, nas cinco escolas investigadas pela pesquisa totalizou-se de 4 a 6 entrevistas grupais. Cada grupo focal contou com até 10 jovens participantes.

As escolas de ensino médio abrangem não somente os jovens estudantes do bairro em que estão inseridas, mas, ainda, os jovens residentes nos bairros circundantes, contudo, a única escola da rede privada que fez parte da seleção atinge jovens que residem nos mais diversos bairros da cidade, mas sobretudo bairros associados à classe média e alta.

Os jovens que integraram a pesquisa foram contatados inicialmente por uma entrevista individual, que possibilitou o preenchimento do formulário e, conseqüentemente, a seleção dos jovens migrantes e de segunda geração para a formação dos grupos focais nas escolas. Assim, para se poder chegar até os alunos, foi necessário um primeiro contato com as instituições escolares através de uma reunião com os representantes das escolas, em que foi entregue uma carta de apresentação (Apêndice C). As instituições escolares autorizaram o desenvolvimento das entrevistas, tanto individuais, quanto coletivas, através de um termo de consentimento (Apêndice D), neste sentido, ao se realizar as entrevistas individuais nas escolas a fim de selecionar jovens para as entrevistas coletivas – *focus group* –, foi preenchido pela pesquisadora um formulário semi-estruturado (Apêndice E). Por fim, para a realização

¹⁶ O teste piloto foi realizado com jovens migrantes e de segunda geração estudantes do 3º ano do ensino médio do noturno do Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luiz Dourado, localizado num bairro da zona sul da cidade, no período de dezembro de 2006.

das entrevistas coletivas com a juventude migrante e de segunda geração, foi solicitada a autorização dos jovens e, no caso de jovens menores de dezoito anos, autorização dos pais na forma de um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice F).

2 O CENÁRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul (RS) é considerada pólo regional e o maior ponto de destino da migração da região do Vale do Rio Pardo. Sua história se construiu a partir da formação da colônia agrícola de Santa Cruz, que recebeu imigrantes de origem germânica em 1849. O desenvolvimento desta cidade foi atribuído pela historiografia local à imigração alemã (KIPPER, 1979; MARTIN, 1979; VOGT, 1997).

Um século após a chegada dos primeiros imigrantes alemães, que se refere a 1950, a população urbana de Santa Cruz do Sul representava 22,6% da população total existente no município, que atingia 69.605 habitantes. Já na virada do século XX para o século XXI sua população total ultrapassou cem mil habitantes, sendo que quase 90% se encontravam no meio urbano, em contraponto a uma minoria habitante no meio rural. Porém, nesta transição de século a cidade já não mais se caracterizava socialmente como uma cidade de teuto-descendentes, visto que a migração, sobretudo corrente no último quartel do século XX, lhe proporcionou outras características populacionais (IBGE, Censo Demográfico do Rio Grande do Sul de 1950; e FEE/RS, 2006).

No século XX, a economia regional se encaminhou para uma crescente especialização tabagista, provinda da produção familiar agrícola. A cidade se urbanizou e a recebeu contingentes significativos de migrantes, com a intensificação do processo de industrialização no último quartel do século XX, momento que o município se caracterizou por ser mais urbano que rural. Assim, a urbanização está intimamente ligada ao processo de intervenção do capital internacional, que injetou investimentos no setor industrial, possibilitando à cidade ser uma referência na produção tabagista brasileira.

A partir da internacionalização do setor industrial, com a chegada de empresas multinacionais na década de 70, com o aumento significativo da produção e do beneficiamento industrial do fumo, ampliando-se, também, a demanda de trabalho – atração de mão-de-obra inter- e intra-regional –, considerando que a atividade temporária (safra) teve acrescida a sua importância no processo de urbanização, contribuiu para a expansão da malha urbana e o surgimento de uma periferia enquanto alternativa à reprodução de consideráveis parcelas de trabalhadores provindos tanto do campo quanto de outras cidades circunvizinhas (SILVEIRA, 2003).

2.1 O Desenvolvimento de Santa Cruz do Sul

O povoamento do território de Santa Cruz do Sul está vinculado com a política de colonização do Rio Grande do Sul do século XIX. Em 1849 chegaram os primeiros imigrantes de tradição germânica para a nova colônia de Santa Cruz, ocupando os primeiros lotes demarcados. Na sua fundação a colônia de Santa Cruz era parte integrante do município de Rio Pardo, este último espacializava-se por uma vasta área territorial e tinha na sua configuração agrária o modelo gaúcho dos grandes latifúndios. Assim, Rio Pardo, da mesma forma que as outras cidades e municípios gaúchos de tradição luso-brasileira, baseava-se economicamente na criação extensiva de gado e na produção de feijão, cevada, centeio e trigo. A cidade de Rio Pardo, estabelecida às margens do rio Jacuí, representava um importante entreposto comercial entre os campos de Cima da Serra, fronteira oeste e centro administrativo provincial – Porto Alegre, (WINK, 2002; VOGT, 1997).

Santa Cruz se tornou freguesia em 1859, com a extinção administrativa da Colônia em 1872, passou a ser distrito de Rio Pardo, tendo se emancipado em 1877 e concretizado a instalação da Câmara Municipal em 1878, elevando-se de “freguesia” a condição de “vila” (MARTIN, 1979, p.33). Assim, como aponta a historiografia local, o município de Rio Pardo, de centenária relevância militar e poder político passou, aos poucos, no que se refere à economia, a perder importância no contexto regional, ao mesmo tempo em que sua ex-colônia, Santa Cruz, apresentou significativo crescimento social e econômico no transcorrer do século XX.

Com a chegada constante dos novos contingentes de imigrantes à região de Santa Cruz um maior número de lotes passou ser ocupado e as roças foram substituindo gradualmente a Mata Atlântica. A comercialização do excedente agrícola, basicamente fumo e feijão, foi direcionada à exportação. O surgimento de manufaturas de charutos, banha e sacos principiou a aceleração produtiva, que pode estar relacionada com a procedência do imigrante (MENEZES, 2005), assim como estar associada à penetração de pessoas de São Leopoldo (primeiro núcleo colonial germânico no RS) em Santa Cruz, pois estes eram conhecedores de boa parte da estrutura topográfica e estavam ambientados ao novo país, especialmente depois de 1854, com a regulamentação da Lei de Terras e com a Lei Provincial n° 304, que possibilitaram a compra dos lotes coloniais (CUNHA, 1991, p. 144).

O século XIX foi predominantemente agrícola, porém, foi a partir do incremento da diversificação da agricultura colonial que os demais setores econômicos, como manufaturas, comércio e serviços se estruturaram. Contudo, a partir de 1880, Santa Cruz iniciou, por meio das iniciativas comerciais e industriais, a permanência da acumulação via comercialização e exportação de produtos agrícolas, sendo o fumo beneficiado o principal integrante do mercado capitalista (KRAUSE, 2002, p. 68).

A autonomia político-administrativa de Santa Cruz, alcançada em 1878, foi um acontecimento significativo, porém, somente no limiar do século XX que iniciou uma nova e importante fase de seu desenvolvimento, marcado primeiramente com a inauguração do ramal ferroviário entre Santa Cruz e a Estação do Couto, na Linha Porto Alegre-Uruguaiana, em 1905, possibilitando assim aprofundar o comércio de produtos provindos da agricultura familiar e gerar capitais para uma industrialização. Na inauguração do ramal ferroviário a vila recebeu a visita do presidente do Estado Antônio Augusto Borges de Medeiros, que neste momento elevou a então vila à categoria de cidade pelo decreto n° 837.

A primeira década do século XX foi marcada pela implementação de importantes serviços urbanos típicos da modernidade, como a instalação da telefonia em 1905, a instalação da iluminação elétrica pública e particular em 1906, a inauguração da rede hidráulica e a instalação do hospital em 1908, além do trem já mencionado.

À medida que Santa Cruz passou de colônia para vila e, conseqüentemente, para cidade, sua atividade agrícola deixou de ser de subsistência para comercial, logo o intercâmbio

comercial gerou o acúmulo de capitais nas mãos dos comerciantes, possibilitando-lhes inversões em empreendimentos comerciais ainda maiores e, principalmente, em pequenas indústrias. Por outro lado, o colono, na medida em que estava ocupado diretamente no cultivo da terra, jamais teve condições de se capitalizar nas condições historicamente dadas (VOGT, 1997, p. 99).

A partir da consolidação do núcleo urbano nas primeiras décadas do século XX através de infra-estrutura, comércio, bancos, imprensa, bairros, escolas, serviços públicos, entre outros, a população urbana, constituída basicamente por teuto-descendentes provindos da “colônia” ou meio rural, recebeu cada vez mais uma população de alhures, chamada de “brasileiros”, denominação recorrente aos moradores que não possuem origem alemã. Salienta-se que o núcleo urbano estabelecido em 1855 e constituído por imigrantes alemães e descendentes, já tinha a coexistência de “brasileiros”, como o caso de um morador negro que foi capitão do mato e que residiu na área urbana da Colônia (MENEZES, 2005, p.46).

Ao passo que o espaço urbano santa-cruzense se desenvolveu através de uma rede de serviços, da instalação de manufaturas e uma incipiente industrialização, a cidade se tornou destino da mobilidade social regional, delegando ao espaço urbano crescentes características populacionais heterogêneas. Assim, a despeito do que a historiografia local apontou sobre a história e memória de Santa Cruz do Sul (MARTIN, 1979; KIPPER, 1979; VOGT, 1997), a cidade, no decorrer do século XX, teve um aumento significativo de migrantes “brasileiros”, ou de origem distinta aos já estabelecidos teuto-descendentes. Com isso, a cidade teve uma convivência em muitos momentos conflituosa entre “alemães” e “brasileiros” neste século XX (CORREA, 2008).

Em Santa Cruz no início do séc. XX havia manufaturas ligadas ao ramo do fumo e ainda fábricas de máquinas agrícolas, mas as outras empresas se caracterizavam por serem artesanais,

[...] Certos ramos desenvolveram-se paralelamente ao crescimento da população global ou da população da sede. A preocupação de mais conforto revela-se no aparecimento dos cafés-sorveterias, dos relojoeiros e dos fotógrafos. [...] Houve, a partir da Primeira Guerra, concentração das empresas e desaparecimento de alguns ramos tradicionais do artesanato (ROCHE, 1969, p.495-496).

O comércio, o artesanato e as manufaturas que se desenvolveram na sede urbana de Santa Cruz pertenciam a proprietários de origem teuto-brasileira, enquanto que a população urbana

minoritária designada por “brasileiros”, ocupava-se de atividades em serviços públicos (CORREA, 2008).

A especialização de Santa Cruz na produção do tabaco e seu beneficiamento se evidenciaram a partir da segunda metade do séc. XX, até então, o município e, sobretudo, o núcleo urbano, possuía uma diversidade de estabelecimentos, ligados aos ramos de minerais não metálicos, metalurgia, mecânica, madeira, móveis, borracha, couro, produtos químicos, tecidos, roupas e calçados, alimentação, bebidas, tipografia e diversos outros, estes setores econômicos eram os responsáveis pela absorção de parte da mão-de-obra citadina disponível (ROCHE, 1969, p.524). Todavia, cabe salientar que Santa Cruz, apesar de se especializar no fumo, não abdicou de produzir outros produtos, porém, estes outros ramos econômicos ficaram diminutos se comparados ao crescente complexo tabagista.

2.2 Crescimento Econômico e o Processo de Urbanização

O crescimento econômico de Santa Cruz do Sul no século XX está intimamente ligado ao complexo agroindustrial, sobretudo a partir da especialização do tabaco. Assim que se evidenciou a especialização regional do tabaco produzido pelos agricultores familiares da região, a indústria fumageira na cidade passou a demandar mão-de-obra. Essa mão-de-obra na cidade era direcionada às empresas, e foi neste contexto que o processo de urbanização de Santa Cruz se apresentou, motivando a mobilização de contingentes populacionais provindos da região e de outras regiões para trabalhar. O processo de urbanização veio a expandir o perímetro urbano demandando inclusive investimentos pelo poder público local em infraestrutura.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros elaborada pelo IBGE (1959), aponta que no ano de 1955 havia em Santa Cruz do Sul 514 estabelecimentos industriais em funcionamento, onde a indústria do fumo representava 63,9% da produção total em relação as principais classes produtivas. A indústria do fumo era precedida pela indústria de alimentares com 18,2%, enquanto que a indústria de madeira alcançava 2,2%, a indústria metalúrgica com 1,8%, ainda a de transformação de produtos minerais com 1,4%, de bebidas com 0,9%, do vestuário, calçados e artefatos de tecidos com 0,5%, a indústria de mobiliário com 0,3%, couros e outros produtos similares com 0,2%, e, por fim, a indústria têxtil, com 0,2%.

A especialização da produção de tabaco – estabelecimentos – inicialmente pertencia a proprietários santa-cruzenses, com exceção da participação estrangeira da Cia. de Cigarros Souza Cruz, instalada em 1917. Em 1956, havia nove indústrias tabagistas na cidade: Cia. de Cigarros Sinimbu, Cia. de Fumos Santa Cruz, Exportadora Hennig S.A., Ind. de Tabacos Santa Cruz Ltda., Tabacos Tasch S.A., Loewenhaupt & Cia. Ltda, todas estas possuíam capital local, havendo ainda Carl Leoni Torres & Cia. Ltda, com capital porto-alegrense, Fábrica de Cigarros Sudan, com capital paulista e Cia. De Cigarros Souza Cruz, única com capital anglo-americano (1917) (VOGT, 1997, p.99).

O setor agrofumageiro, se consolidou mediante vários fatores nesta metade de século XX, como conflitos étnicos ocorridos em outras regiões produtoras e exportadoras de tabaco no mundo – Zimbabwe –, com a abertura do mercado internacional para o fumo brasileiro e com a política do governo brasileiro favorável à instalação de grandes agroindústrias internacionais. Para haver exportação do fumo brasileiro ao mercado mundial, havia necessidade de investir em qualidade do tabaco, algo que não foi possível, visto que as empresas locais não tinham capitais suficientes, e desta forma, a única empresa que conseguiu investir foi a Souza Cruz, que fez altos investimentos no setor, passando em 1969 a exportar fumo em folha,

[...] A transnacionalização do setor deu-se, via de regra, através de um processo gradual de compra; inicialmente o consórcio multinacional injetava recursos em determinada empresa local, ao adquirir parte das ações desta; posteriormente assumia o controle acionário, total ou majoritário do empreendimento, quase sempre mantendo os antigos proprietários ou seus descendentes nas funções administrativas e gerenciais do estabelecimento (VOGT, 1997, p.133).

O ramo fumageiro passou a ser o principal empregador de mão-de-obra operária a partir de 1970, sendo que a agroindústria teve sua atividade incrementada em reflexo das mudanças na dinâmica dos setores de atividade econômica do município. Até 1970, 86% da população economicamente ativa do município se baseava nas atividades primárias – agricultura –, sendo que os outros setores de atividades secundária e terciária representavam cada um apenas 7% da mão-de-obra. Notadamente após 1980, os setores da indústria e serviços passaram a ocupar 31% e 28%, respectivamente, da mão-de-obra da população, caracterizando um decréscimo no setor agrícola, que passou a empregar 41% desta (SILVEIRA, 2000a, p.79 e 81).

Foi no início da década de setenta que a Prefeitura Municipal começou a construir o complexo moderno e amplo do Distrito Industrial, expandindo a malha urbana em direção ao

sul do centro da cidade. Neste novo espaço designado ao parque industrial foram realizadas “[...] obras e serviços, como aterro e terraplanagem, iluminação pública, ajardinamento, ciclovia, pistas auxiliares [...]” (SILVEIRA, 2003, p.139). As agroindustriais fumageiras necessitavam de suporte infra-estrutural para o desenvolvimento de suas operações, neste sentido que a instalação de empresas tabagistas transnacionais possibilitou o aglutinamento de população e sua mão-de-obra próximas das indústrias.

Em consonância com a nova dinâmica citadina, onde os setores secundário e terciário apresentaram considerável crescimento, atraindo mão-de-obra populacional e migrante, aparece a necessidade do poder público municipal atender e dotar os espaços urbanos de infra-estrutura adequada aos interesses destes setores. Neste sentido, a administração local, acionando os governos estadual e federal, proveu ações, ampliando e reestruturando “[...] a malha viária urbana, a criação do aeroporto municipal e de outras obras infra-estruturais urbanas – como abastecimento de água, energia elétrica, telefone – também a criação e constante atualização do distrito industrial” (SILVEIRA, 2000a, p.82). O distrito industrial, localizado na porção meridional da cidade, teve, como expansão, a anexação de territórios limítrofes com os municípios de Passo do Sobrado e Rio Pardo em 1995.

De acordo com Silveira (2000b), os efeitos do processo de globalização da economia ao nível local foram sentidos no final de século XX, quando sobressaiu a recessão econômica, a concentração urbana e de renda, o desemprego, favorecendo a violência urbana e a exclusão social. Assim, tem-se, no limiar de século XXI, uma cidade constituída por personagens sociais distintos, sendo muitos santa-cruzenses nascidos e de origem (familiar), mas também por migrantes de diversas outras cidades e regiões, que podem ser pensados como *outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000), acrescentando a “segunda geração” destes migrantes – seus filhos –, que são, portanto, santa-cruzenses nascidos nesta cidade, mas que não possuem uma origem familiar como os santa-cruzenses estabelecidos há mais de uma geração.

De 1940 a 2005 houve uma inversão da distribuição da população no município de Santa Cruz. Em 1940 a população rural representava 88,9% e a urbana apenas 11,1% da população total, porém neste início de terceiro milênio a população rural representa 9,8% enquanto a urbana atinge 90,1%.

Tabela 1: População total, urbana e rural do Município de Santa Cruz do Sul de 1940 a 2006

<i>População Urbana e Rural de Santa Cruz do Sul – 1940 a 2006</i>					
<i>Ano</i>	<i>Total</i>	<i>Urbana</i>	<i>%</i>	<i>Rural</i>	<i>%</i>
1940*	55.041	6.115	11,1	48.926	88,9
1950*	69.605	15.712	22,6	53.983	77,4
1960*	76.854	22.026	28,6	54.828	71,4
1970	86.806	33.076	38,1	53.730	61,9
1980	99.636	55.095	55,3	44.541	44,7
1991	117.773	78.955	67,0	38.818	33,0
2000**	107.632	93.786	87,1	13.846	12,8
2006***	117.721	106.077	90,11	11.644	9,89

Fonte: IBGE (Censo Demográfico do Rio Grande do Sul dos anos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000) e FEE/RS (2006).

* Estes dados incluem o município de Vera Cruz, emancipado em 1959.

** Os dados de 2000 apontam uma diminuição de população total do município, referente às emancipações dos municípios de Sinimbu e Vale do Sol, em 1992; porém, deve-se considerar que o município de Santa Cruz do Sul anexou áreas limítrofes pertencentes aos municípios de Passo do Sobrado e Rio Pardo.

*** Estimativas da Fundação de Economia e Estatística/FEE/RS para o ano de 2006.

À medida que a cidade foi crescendo nos setores secundário e terciário, recebendo cada vez mais população e sua mão-de-obra necessitou de incremento em seu espaço urbano, ou melhor, na sua estrutura territorial, essa estrutura, promovida pelo poder público municipal, veio a atender, prioritariamente o empresariado (SILVEIRA, 2000a).

A estrutura territorial está articulada com estruturas não territoriais, como a econômica, a política e a ideológica, sendo que esta primeira é “[...] socialmente produzida e ao mesmo tempo reage sobre o social” (VILLAÇA, 2001, p.12 e 33). A cidade se decompõe em vários elementos, como a densidade demográfica, áreas industriais, comerciais, o preço da terra, entre outros, assim a cidade constitui um conjunto articulado com suas várias áreas funcionais – estrutura intra-urbana. A estrutura se refere ao espaço urbano, diz respeito à localização relativa dos elementos espaciais e suas relações (centros de negócios, mas também das áreas residenciais segregadas e das áreas industriais).

2.3 Região, Migração e o Contexto Santa-Cruzense

A região do Vale do Rio Pardo/COREDE, na qual a cidade de Santa Cruz do Sul está inserida e representa o pólo regional, faz parte das vinte e quatro regionalizações criadas pelo governo estadual na década de 1990. Esta se localiza na porção central do Rio Grande do Sul, sendo composta por vinte e dois municípios que possuem diferenças significativas no que se refere ao relevo, geomorfologia, história e economia, mas seus municípios possuem algumas

similaridades, como uma estrutura fundiária baseada em sua maioria em pequenas propriedades, que se utiliza da mão-de-obra familiar (figura 2).

Conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2000 a região do Vale do Rio Pardo totalizou uma população de 393.879 habitantes. A Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE/RS) a partir das estimativas para o ano de 2006 aponta para a região uma população total de 421.211 habitantes e para o Estado gaúcho um total de 10.867.102 habitantes.

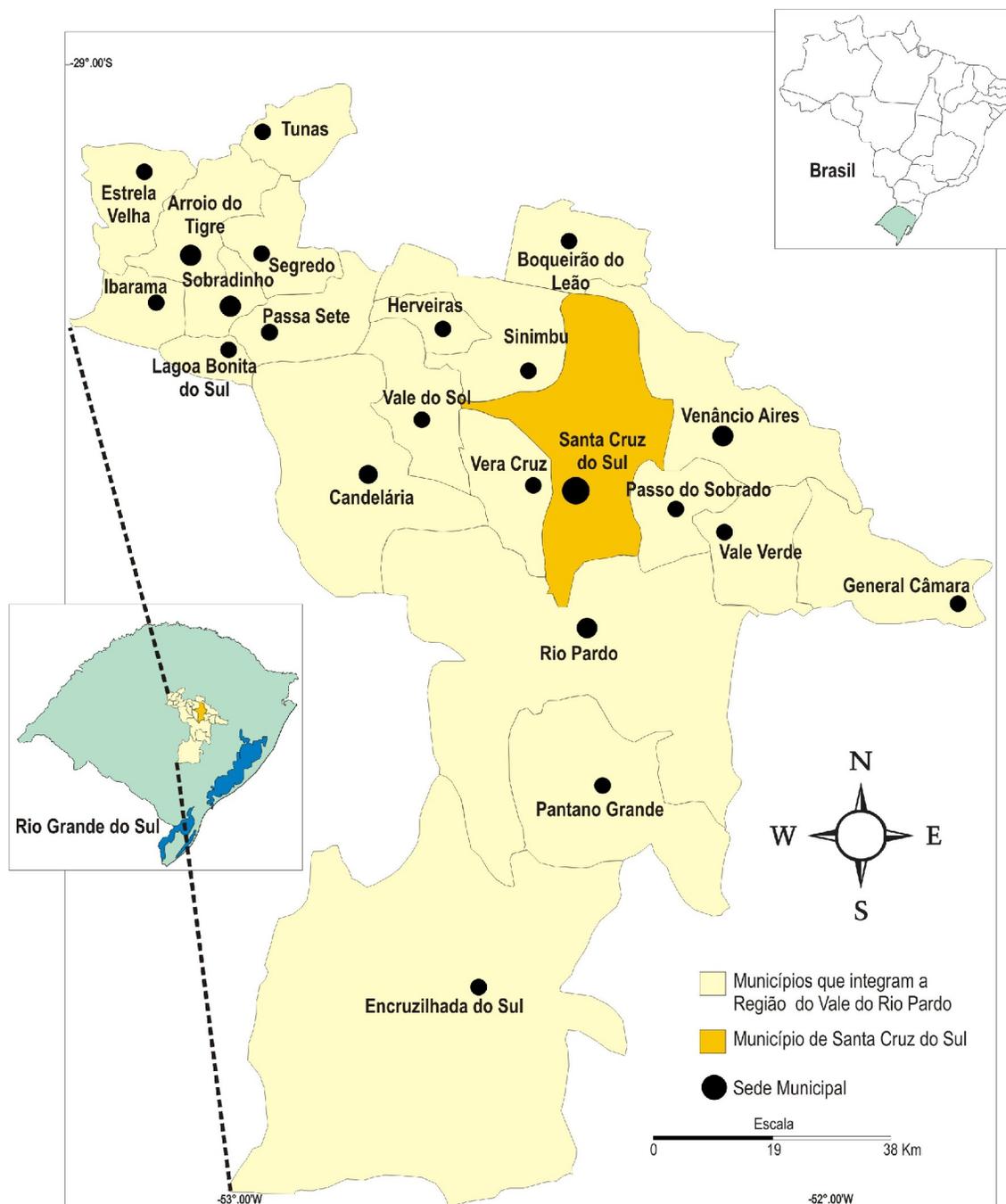
Os municípios que integram o Vale do Rio Pardo em sua maioria não possuem grandes extensões territoriais, com exceção de Encruzilhada do Sul, Rio Pardo e Pantano Grande, que são municípios historicamente mais antigos, de distribuição de sesmarias, povoamento luso-brasileiro e africano e com relevo mais regular e plano – se comparados aos outros municípios da região.

Dentre os vinte e dois municípios que compõem o Vale do Rio Pardo¹⁷ onze são considerados de pequeno porte (menos de dez mil habitantes) conforme o número de sua população, assim, Lagoa Bonita do Sul, com 2.455 habitantes é o menor município em população da região e o mais recente, emancipado de Sobradinho em 1996¹⁸. Com pouco mais de dez mil habitantes somam-se quatro municípios e entre vinte a trinta mil habitantes apresentam-se três municípios. O município Rio Pardo, mais antigo da região, atinge quase quarenta mil habitantes, Venâncio Aires atinge mais de sessenta mil habitantes e, Santa Cruz do Sul, maior cidade e o pólo regional supera cem mil habitantes.

¹⁷ Assim, fazem parte da região os municípios de Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Pantano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz. Santa Cruz do Sul juntamente com as cidades vizinhas de Venâncio Aires e Vera Cruz representa o pólo regional atrator de mão-de-obra migrante, seja devido ao seu parque industrial, como para o setor de serviços.

¹⁸ Lagoa Bonita do Sul se emancipou de Sobradinho em 1996, porém, somente em 2000 que teve eleições no município, ficando de fora do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e do Índice de Desenvolvimento Humano/IDH elaborado pelo Atlas do Desenvolvimento Humano de 2000.

Figura 2: Localização de Santa Cruz do Sul e dos municípios que integram o Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo – COREDE/RS



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber, Laboratório de Geoprocessamento/UNISC, 2008.

Cabe destacar que as cidades médias ou intermediárias no Brasil, como pode ser pensada Santa Cruz do Sul, possuem características funcionais e permitem ligar centros locais e centros globais. As cidades intermediárias estão cada vez mais desempenhando papel de destaque na sociedade e são responsáveis pelas taxas de crescimento populacional mais significativas no período de 1970/2000 (FELDMAN, 2003; BRANCO, 2006; SANTOS, 2004).

Os migrantes foram atraídos para Santa Cruz, num primeiro momento, pela promessa de emprego e pelo crescimento econômico apresentado. Mas a inserção de migrantes ocorreu não somente pelo surgimento de trabalho, como também por atrativos de serviços em saúde, educação e transporte. Ainda neste sentido, a migração é um fenômeno complexo e multi-causal, que não depende somente de fatores macro-estruturais. A migração baseia-se na análise estrutural que o migrante faz deste novo meio, e que lhe impulsiona racional e emotivamente a decidir inserir-se neste espaço, que lhe parece ter melhores condições em relação ao seu lugar de origem. Os migrantes, enquanto agentes sociais da migração, procuram garantir sua sobrevivência e familiar por meio da reprodução das condições de vida, e, constituem-se como agentes ativos no processo de “expulsão” do “lugar de origem” e “atração” ao “lugar de destino” (CORREA, 2002, p.275; MENEZES e SILVA, 2007, p.04).

Santa Cruz do Sul atraiu e ainda atrai migrantes, em grande maioria, com baixa qualidade profissional, em situação socioeconômica precária, e, em menor quantidade, também, migrantes com elevada qualificação profissional e com alto volume de capital econômico, cultural e social. Mas a cidade, atualmente, não atrai migrantes somente por causa da cultura industrial do fumo, mesmo que tenha sido este setor o responsável pela demanda de mão-de-obra no final do século XX, coexistem outras indústrias, como vestuário, alimentação, metalurgia, borracha, plástico, mobiliário e sementes híbridas dinamizando a economia, e, ainda outros setores, como prestação de serviços e comércio, atrativos para migrantes. Dessa forma, o desenvolvimento tecnológico-científico (universidade) e o desenvolvimento industrial (distrito industrial) são os principais fatores de atração da migração para Santa Cruz.

Acredita-se que a migração contribua para oxigenar uma sociedade, e da mesma forma, a migração pode comprometer e implicar, diretamente, no desenvolvimento de uma sociedade, como é o caso de Santa Cruz, onde o trabalho do migrante foi motivado pela

economia transnacional, e, contribuiu, decisivamente, para o processo de urbanização da cidade, provocando transformações consideráveis nos espaços urbanos – território (CORREA, 2002, p.279). O território é resultado da apropriação do espaço geográfico e de suas práticas pelos indivíduos, enquanto espaço apropriado, constitui-se a partir da expressão das relações sociais, interações possíveis e comportamentos dos atores situados no espaço, com isso, os migrantes são novos agentes sociais que a medida em que se mobilizam ao “lugar de destino” apropriam-se e integram o território ao longo do tempo (VERDIER, 2002, p.1031 e 1032; CAMPOS, 2005, p. 58 e 59). Por conseguinte, o migrante, ao se consolidar socialmente em uma sociedade, interfere nas relações sociais existentes antes de sua chegada, por fim, acaba estabelecendo relações que podem ser de difícil inserção – *outsiders* –, nesta nova sociedade, mas que com a afirmação geracional, pode vir a se tornar um “estabelecido”, desenvolvendo uma mínima integração e identificação social (ELIAS & SCOTSON, 2000).

No caso de Santa Cruz, os migrantes residentes há mais tempo e que participam de associações, sindicatos e clubes, acabam se integrando social e culturalmente, a união conjugal com habitantes locais corrobora para a integração do migrante, mas, a integração depende, sobretudo, da melhoria de vida – condição socioeconômica –, visto que isto permite participação nos diversos campos da sociedade local, numa condição contrária, sua participação seria aleatória e fortuita (CORREA, 2002, p.283).

A (re)produção da cidade de Santa Cruz, alicerçou-se no desenvolvimento do setor fumageiro – transnacionalização do capital –, no êxodo rural – movimento campo/cidade –, e na migração intra-regional e inter-regional. Apesar destes fatores importantes, permanecem idéias,

[...] basilares como a defesa da propriedade privada da terra, a tradicional organização, disciplina e limpeza, recorrentemente afirmadas como elementos característicos da cultura germânica, e a afirmação da fumicultura como principal sustentáculo da economia local, fruto do trabalho obstinado dos migrantes alemães e razão do progresso local, têm viabilizado as condições necessárias à legitimação, na comunidade, da adoção de ações disciplinares e controlistas no âmbito no processo de (re)produção da cidade (SILVEIRA, 2003, p. 225).

A ampliação do espaço urbano e o desenvolvimento econômico da capital do fumo estão baseados na mobilidade e trabalho dos migrantes que aqui se estabeleceram, foi, sobretudo, a partir de suas ocupações irregulares, marginais, desafiadoras dos grupos hegemônicos e do poder público local, que se consolidou a delimitação dos territórios demarcados na cidade em

forma de espaços e seus moradores – bairros e/ou condomínios fechados, bairros habitacionais periféricos e distantes do centro (financiados pelo poder público federal) e o distrito industrial.

O setor público municipal em Santa Cruz sempre apoiou a expansão industrial, e promoveu arranjos territoriais (urbanização) que favorecessem as empresas multinacionais tabagistas, instalando bairros operários próximos ao também criado distrito industrial; porém, este desenvolvimento econômico, conquistado com a produção tabagista e com a transnacionalização do capital, não se refere ao desenvolvimento cultural e social da cidade. Nesta cidade a segregação espacial dos migrantes em relação aos santa-cruzenses de origem germânica é visível e, certamente, provoca no migrante uma condição de desigualdade, como se este não fizesse parte da sociedade (SILVEIRA, 2005, p. 264 e 268, SILVEIRA, 2003, p. 118, 119, 132 e 143).

Os processos de encontro entre grupos antigos – os estabelecidos –, com novos grupos, os migrantes – *outsiders* –, ocorrem em diversas comunidades do mundo inteiro, sobretudo porque estão associados à industrialização, a urbanização e ao desenvolvimento comunitário (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.68). Com isso, o problema da distinção antigo-novo deve ser compreendido dentro de um processo temporal. Estar inserido numa sociedade, morando, trabalhando, freqüentando espaços culturais, pressupõe relações estabelecidas com diversos grupos sociais de convívio, assim, ser migrante ou mesmo filho de migrante pode acarretar numa idéia de não inserção. Verifica-se o caso dos autores supracitados:

O grupo de antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia mais de uma geração, estabeleceu para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas. Eles observavam certos padrões e se orgulhavam disso. Por conseguinte, o afluxo de recém-chegados a seu bairro era sentido como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido [...] (Ibidem, p.25).

Em Santa Cruz do Sul, como em outras cidades emergentes brasileiras, os migrantes fazem parte de uma história recente, ou seja, são presente e futuro, e não passado e origem, a questão da história e da memória alicerça-se na questão temporal, assim, estar fora do tempo passado, é, talvez, justificativa para estar fora da memória coletiva da cidade, mesmo sabendo que cada indivíduo possui uma memória individual e se encontra fisicamente inserido na sociedade.

De acordo com os Microdados do IBGE, extraídos do censo de 2000, foi possível verificar alguns dados sobre a migração no município de Santa Cruz do Sul para então caracterizar esses migrantes. Na tabela que segue, observa-se que 39.490 habitantes, ou, 36,69% da população residente nem sempre moraram em Santa Cruz:

Tabela 2: Em relação à população total residente em Santa Cruz do Sul:

<i>Sempre morou em Santa Cruz do Sul?</i>	<i>População residente</i>	<i>%</i>
Sim	68.142	63,31
Não	39.490	36,69
Total	107.632	100

Fonte: Microdados IBGE, Censo 2000.

Contudo, dentro destes 36,69% estão presentes também pessoas que nasceram em Santa Cruz, que no decorrer de sua vida saíram deste município e, por fim, retornaram para morar. Assim, em relação às pessoas que nem sempre moraram, acabaram migrando e estabelecendo residência fixa em Santa Cruz até o ano de 2000, o IBGE aponta que 34.849 pessoas não são naturais deste município. A tabela que segue justifica esta afirmação:

Tabela 3: População que nem sempre morou em Santa Cruz do Sul:

<i>Nasceu no município de Santa Cruz do Sul?</i>	<i>População Residente</i>	<i>%</i>
Sim	4.641	11,75
Não	34.849	88,25
Total	39.490	100

Fonte: Microdados IBGE, Censo 2000.

Dentre a população migrante que não é natural de Santa Cruz, a grande maioria é natural do Estado gaúcho, 94,88%, restando somente 5,12% de não gaúchos.

Tabela 4: População migrante que não residia no município, mas que em 2000 estava residindo:

<i>Nasceu no Rio Grande do Sul?</i>	<i>População residente</i>	<i>%</i>
Sim	33.066	94,88
Não	1.783	5,12
Total	34.849	100

Fonte: Microdados IBGE, Censo 2000.

Os Microdados do IBGE (2000) também contribuem para informar quantos migrantes estavam em Santa Cruz no ano de 1995. A tabela 5 mostra que 76,72% da população migrante já residiam no município de Santa Cruz em 31 de julho de 1995, assim, 23,28% migraram

para o município entre os anos de 1995 e 2000. Outro dado significativo da tabela é que a maior parte dos migrantes se direcionou ao meio urbano.

Tabela 5: Onde residia o migrante em 31 de julho de 1995:

<i>Residência em 31 de julho de 1995</i>	<i>População</i>	<i>%</i>
No município de Santa Cruz do Sul, na zona urbana	28.456	72,06
No município de Santa Cruz do Sul município, na zona rural	1.842	4,66
Em outro município, na zona urbana	6.842	17,33
Em outro município, na zona rural	1.859	4,71
Em outro país	72	0,18
Não era nascido	419	1,06
Total	39.490	100

Fonte: Microdados IBGE, Censo 2000.

No que se refere à população migrante total de Santa Cruz do Sul (Censo 2000), 39.490 pessoas, o número absoluto de 8.773 habitantes ou 22,2% (sobre o total de migrantes) vieram de outros municípios do Rio Grande do Sul, de outros Estados brasileiros e países a partir de 31 julho de 1995 para Santa Cruz.

No que concerne à migração intra-regional, movimento dos migrantes de municípios da região do Vale do Rio Pardo à Santa Cruz do Sul, como aponta a tabela 5, do total de migrantes que fixaram residência neste município entre os anos de 1995 e 2000, cerca de 40% residiam em municípios da região.¹⁹ Os outros 60% são provindos do movimento inter-regional, de outras regiões gaúchas em direção ao Vale do Rio Pardo.

Os migrantes intra-regionais que fixaram residência em Santa Cruz do Sul entre os anos de 1995 a 2000 em sua maioria provinham dos municípios de Rio Pardo (10,04%), Vera Cruz (5,61%), Sobradinho (4,87%), Sinimbu (3,80%), Candelária (3,17%), Venâncio Aires (2,88%). De Boqueirão do Leão, Pantano Grande, Passo do Sobrado, vieram menos de 2%, enquanto dos outros municípios foi menos de 1%.

A próxima tabela apresenta o tempo em anos de moradia dos migrantes em Santa Cruz, nela verifica-se que 84,98% da população migrante residiam no município entre menos de um ano até trinta anos – considerando que a coleta de dados do IBGE foi no ano de 2000 –, isso reafirma que foi no último quartel do século XX, momento que a população urbana

¹⁹ Considerando os Microdados do IBGE sobre a população que em 31 julho de 1995 não residia em Santa Cruz e que totalizava 8.773 habitantes, visto que 8.069 habitantes residiam no Rio Grande do Sul.

ultrapassou a rural, que o migrante encontrou espaço no mercado de trabalho local como mão-de-obra no setor agroindustrial tabagista em processo de ascensão e transnacionalização ou mesmo no setor de serviços e comércio. Cabe salientar que a população que migrou para Santa Cruz do Sul a mais de trinta anos, ou, antes da década de 70 do século XX, atinge 15,02% do total de migrantes.

Tabela 6: Permanência dos migrantes em anos no município de Santa Cruz do Sul:

<i>Tempo de moradia dos migrantes em Santa Cruz do Sul</i>	<i>População residente</i>	<i>%</i>
Menos de um ano	1.679	4,25
1 a 3 anos	6.639	16,81
4 a 6 anos	4.634	11,73
7 a 10 anos	4.734	11,99
11 a 14 anos	4.071	10,31
15 a 20 anos	5.948	15,06
21 a 30 anos	5.856	14,83
31 a 40 anos	2.989	7,57
41 a 50 anos	1.765	4,47
51 a 60 anos	754	1,91
61 a 78 anos	422	1,07
Total	39.491²⁰	100

Fonte: Microdados IBGE, Censo 2000.

É importante considerar que estes dados sobre a migração em Santa Cruz do Sul apontados pelo microdados do IBGE (2000) se referem à residência dos migrantes, e não a naturalidade ou origem dos mesmos, assim, eles contribuem para afirmar a mobilidade dos migrantes, não suas origens e seus motivos para a migração. Contudo, por Santa Cruz ser o pólo regional e o município que possui mais atrativos no que se refere ao trabalho, serviços, saúde e educação do Vale do Rio Pardo, é de se esperar que este receba a migração regional.

2.4 Espaços Sociais Urbanos

A paisagem urbana tem como elementos fundamentais o espaço construído e o movimento da vida. A cidade é “[...] antes de mais nada uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, desencadeando uma disputa de usos” (CARLOS, 1999, p.40). A paisagem urbana é o choque dos contrastes e das diferenças, e assim, a produção do espaço urbano

²⁰ O número total de pessoas que nem sempre morou em Santa Cruz do Sul mas que residia em 2000 é, de acordo com os microdados do IBGE (Censo 2000), 39.490 pessoas, destes, o número de 4.641 nasceram no município, assim, 34.849 não nasceram em Santa Cruz. Porém, no que se refere ao tempo de moradia das pessoas residindo no município os microdados aponta uma pequena diferença, 39.491 e não 39.490 pessoas.

baseia-se num processo desigual. Em Santa Cruz, o uso produtivo do espaço foi, efetivamente, influenciado pelo processo de reprodução do capital, que condicionou a configuração espacial comercial, industrial e residencial.

A cidade apresenta territórios diferenciados dentro de seu espaço, assim, a questão da segregação urbana é visível. As cidades apresentam bairros com mansões e palacetes – condomínios fechados –, um centro de negócios, outro centro destinado à vida boêmia e noturna, ainda bairros proletários e o distrito industrial, “[...] É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores” (ROLNIK, 1998, p.41). Os territórios das cidades separam grupos sociais, assim como as funções, como morar e trabalhar, mas existem também segregação e desigualdade no tratamento da administração pública local em relação aos espaços citadinos, pois alguns lugares da cidade são mais privilegiados em infra-estrutura que outros. A indústria tem uma força poderosa no desenvolvimento de espaços citadinos – isto é bem visto na cidade de Santa Cruz –, dando ritmo e intensidade aos movimentos espaciais, a indústria tem um efeito desterritorializador nos espaços em que penetra, operando rupturas, e liberando energias que passam a alimentá-la: “[...] A cidade industrial passa a ter uma característica que era até então peculiar aos portos – a de se constituir sobretudo por uma população estrangeira, quando muito de passagem” (Ibidem, p.79). A cidade, ao longo dos séculos, se transformou em pólo de atração para as massas de migrantes de regiões e países variados, passando a ser sinônimo de heterogeneidade cultural e étnica.

A organização espacial da cidade, ou, simplesmente, o espaço urbano, é fragmentada(o) e ao mesmo tempo articulada(o), visto que as partes de uma cidade mesmo que distintas das demais, mantêm relações entre si. O espaço urbano é reflexo de ações do presente e do passado, sendo que estas ações deixam continuamente suas marcas nos espaços sociais citadinos, assim, os agentes sociais são responsáveis pelo “[...] constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade” (CORRÊA, 1993, p.11).

O espaço urbano é produto social e histórico, onde uma série de gerações contribui através de suas atividades e de seu trabalho para a modificação e transformação deste:

[...] o espaço urbano é o resultado da dinâmica social de determinada sociedade que, ao reproduzir-se através de um determinado modo de produção, imprime, na paisagem urbana, as marcas correspondentes. O espaço urbano, nesse aspecto, caracteriza-se, simultaneamente, como condição, meio e produto do processo de reprodução da sociedade (SILVEIRA, 2003, p.25).

Podem-se identificar como grupo de agentes sociais presentes na especificidade da dinâmica da produção espacial de cada cidade, o Estado (Prefeitura Municipal), os grandes empresários industriais, comerciais e de serviços, os proprietários de terra, os promotores imobiliários e os grupos sociais excluídos, sendo que suas estratégias variam conforme o tempo e o espaço (Ibidem, p.27 e 28).

O processo de urbanização em Santa Cruz do Sul se caracterizou pelo aumento populacional, contínua e acelerada expansão do perímetro urbano, intenso processo de incorporação e especulação imobiliária e crescimento significativo de vilas populares em sua periferia urbana (SILVEIRA, 2000a). Essa crescente urbanização tem profundas relações com o êxodo rural – caracterizado pelo movimento campo/cidade – e com intervenção de migrantes provindos em grande maioria de cidades menores. Cabe destacar que as cidades médias possuem condições de fluidez e porosidade territorial, mas nem sempre oferecem a população benefício direto, assim, ao mesmo tempo em que as cidades geram um excedente populacional, nem sempre este se apropria do território e participa da gestão local (ARROYO, 2006).

2.4.1 O espaço urbano de Santa Cruz do Sul: os espaços desiguais e a periferia

A população urbana da cidade de Santa Cruz do Sul totaliza em números absolutos 93.786 habitantes, o que representa 87,1% dos moradores do município vivendo no meio urbano (IBGE, Censo 2000), enquanto isso, a FEE/RS (2006) aponta 106.077, ou 90% residentes do meio urbano. O primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Santa Cruz do Sul foi aprovado em 1977 e atendeu a necessidade de controle sobre o crescimento espontâneo, a expansão desordenada da cidade, assim como ratificou a instalação do Distrito Industrial e fixou as tendências de ocupação urbana (WINK, 2002).

A expansão urbana da cidade vivenciou no último quartel do século XX períodos pontuais de grande crescimento:

[...] através da proliferação do número de loteamentos voltados a diversas camadas sociais e diretamente associadas às supersafras de fumo, ocorridas, respectivamente, em 1977/1978, 1988/1989 e 1992/1993, quando a circulação monetária, na cidade e região, atingiu níveis elevados, impulsionando, fortemente, o mercado imobiliário (WINK, 2002, p.153 e 154).

A cidade é composta por quarenta e seis bairros atualmente e a porção espacial que possui maior número de bairros e maior número de moradores é a chamada “zona sul”. A expansão territorial da cidade neste último quartel de século XX ocorreu em todas as direções, sempre próxima aos pontos de referência como a BR 471 (que corta a cidade no sentido noroeste a sudoeste), a rodoviária (região oeste) e, sobretudo, o Distrito Industrial (região sul) (WINK, 2002; Plano Diretor de Santa Cruz do Sul, 1998; Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, 2007 e Censo IBGE, 2000).

Nas proximidades da BR 471 e da rodoviária, região oeste da cidade foi instalada, em 1980, a COHAB-RS, atual bairro Vila Schulz, com 89 casas populares, no ano seguinte, em 1981, a mesma companhia estadual instalou um núcleo habitacional com 340 casas na zona noroeste da cidade, também próxima da BR 471, atual bairro Independência (antiga Cohab) e bairro vizinho da universidade²¹ (WINK, 2002, p. 154).

Mas a região que teve maior crescimento e expansão territorial foi a chamada “zona sul”, onde se situa o complexo industrial da cidade. A porção meridional da cidade teve seu perímetro urbano expandido em 1995 com a anexação de terras pertencentes em sua grande maioria ao município de Rio Pardo, alargando assim o Distrito Industrial da cidade (WINK, 2002, p. 154 e 156).

A expansão ao norte e ao leste está limitada pela área de proteção ambiental/APA, o Cinturão Verde, que cerca estes pontos cardeais citadinos e impede legalmente a ocupação e o desmatamento de áreas consideradas inapropriadas para moradia segundo a legislação ambiental e o plano diretor (WINK, 2002, p. 154)

A expansão do perímetro urbano na direção oeste também está limitada por questões ambientais e territoriais, pois é uma região de várzea sujeita as inundações do rio que abastece

²¹ A Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, que atualmente se localiza no bairro Universitário, instalou seu “campus” neste local em 1994, sua sede localizava-se no centro da cidade, neste período era conhecida por Faculdades Integradas de Santa Cruz/FISC.

a cidade, o rio Pardinho. Outro fator que restringe a expansão neste sentido é que próximo ao rio se localiza um reservatório de águas chamado de “Lago Dourado”. Este rio que abastece a cidade também marca a divisa municipal entre os municípios de Santa Cruz do Sul e Vera Cruz. Assim, o território com potencial de expansão constitui-se na “zona sul” da cidade.

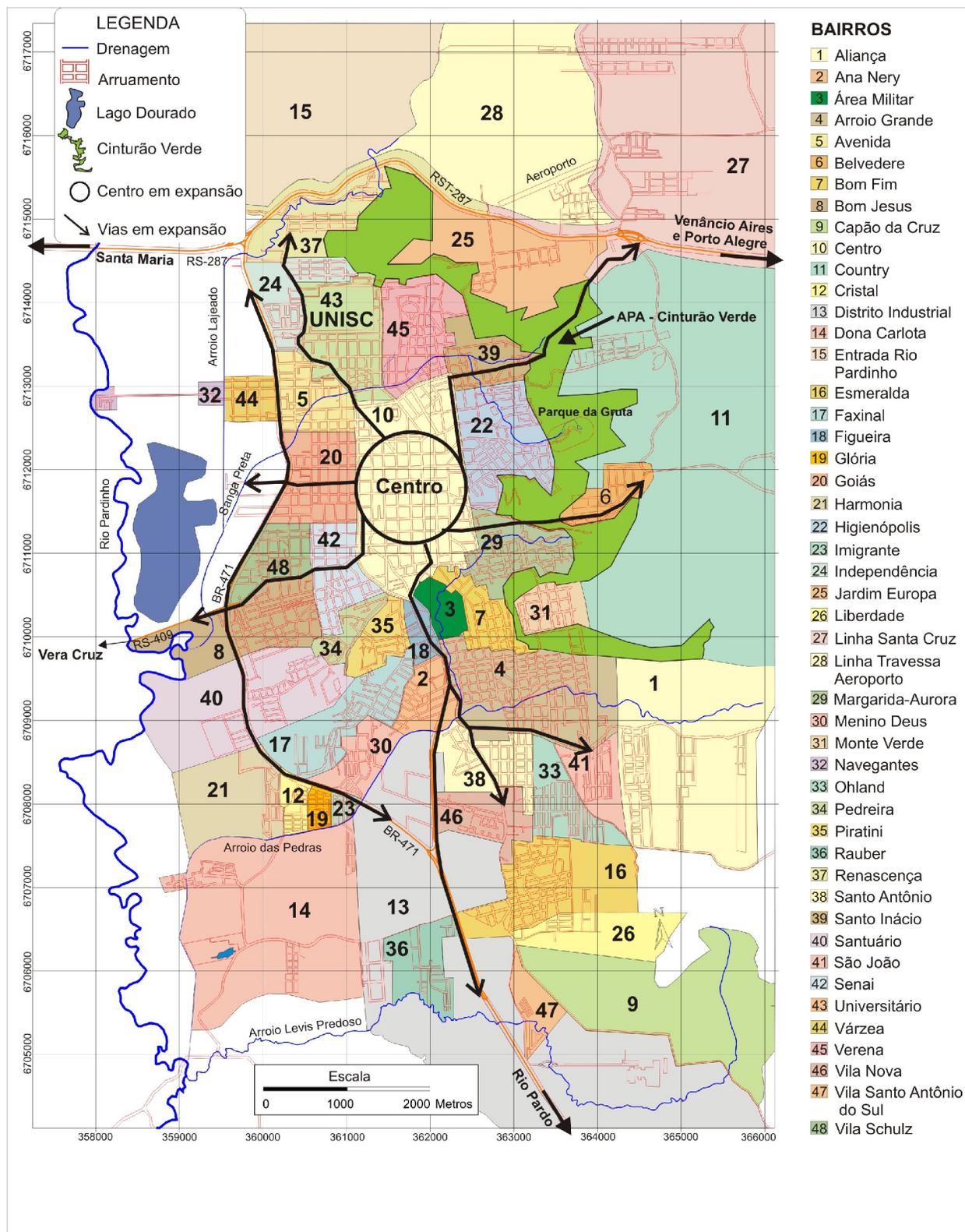
O perímetro urbano da área urbana da cidade de Santa Cruz do Sul para o ano de 1940 (Anexo A, p.174), está dividido em lotes ocupados ou vendidos e em fase de loteamento. O núcleo central, disposto na forma de quadras projetadas, indica áreas em expansão em todas as direções, norte, sul, leste e oeste, na forma de grandes lotes que foram, a partir da segunda metade do século XX, ocupados.

A figura 3 vem propiciar ao leitor uma comparação entre a área urbana de Santa Cruz do Sul na passagem de século passado para o atual (1998) e a área urbana nos meados do século XX (1940, Anexo A). Neste sentido, a área urbana da cidade de Santa Cruz do Sul mostra, conforme o Plano Diretor de 1998, seus bairros, sua drenagem, sua malha viária, seu Cinturão Verde, seu centro urbano e ainda as vias radiais, que ligam o centro aos bairros, distritos e rodovias intermunicipais por onde se expandiu a malha urbana.

Em 1940, a expansão urbana direcionou-se a todos os lados da cidade, porém, na figura 3, de 1998 (atualizado em 2007), a porção urbana que apresentou maior expansão territorial foi a “zona sul”. Em parte, esta figura mostra que houve considerável expansão da zona oeste da cidade e de forma menos expressiva e limitada das zonas norte e leste da cidade.

Os migrantes que passaram a residir em Santa Cruz no último quartel do século XX se instalaram em grande maioria nas áreas que tiveram a maior expansão territorial neste mesmo período, ou seja, na chamada “zona sul” da cidade, mas também em menor grau na região oeste e noroeste, devido à instalação de vilas operárias na década de 1980. A instalação da zona sul e de loteamentos distantes do centro promovidos pelo poder público contribuiu para a segregação espacial das famílias com rendas inferiores e escondem a face contraditória do desenvolvimento urbano da capital regional (SILVEIRA, 2006, p. 194, 227 e 229).

Figura 3: Área Urbana de Santa Cruz do Sul



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber/Laboratório de Geoprocessamento/UNISC e de Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, Plano Diretor de 1998, atualização 2007.

A teoria concêntrica, formulada por Ernest Burgess (MARTÍN, 1991, p.53, 54 e 55), um dos representantes da Escola de Chicago – ecologia urbana –, onde os usos do solo, residencial, comercial, industrial, serviços, se dispõem em forma de anéis ao redor do centro contribui de certo modo para se pensar o ordenamento territorial da cidade de Santa Cruz do Sul. De acordo com esta, a primeira zona, o centro de negócios, é onde se localizam as vias, fluxos de circulação e sistemas de transporte. Na segunda zona, caracterizada como de transição, tem uma grande diversidade de usos do solo, com comércios, armazéns e indústrias leves, possui espaços residenciais degradados. A terceira zona é residencial de rendas médias, espaço ocupado por trabalhadores e empregados do comércio, serviços e indústrias das áreas centrais, e constituída por moradores estabelecidos há mais de duas gerações. Numa quarta zona estariam residências de rendas altas, numa quinta zona chamada de suburbana constitui uma zona dormitório dos trabalhadores, havendo, ainda, outras zonas seguintes.

O modelo de Burgess tem muitas limitações, visto que ele foi desenvolvido no limiar do século XX para explicar a conjuntura do fenômeno urbano. Assim, o que importa aqui, é perceber que a cidade de Santa Cruz sofreu influência de um ordenamento a partir de um centro, que foi a primeira zona fundada pelos povoadores mais antigos – os imigrantes de origem germânica –, este centro era o núcleo residencial dos administradores, de alguns funcionários e de comerciantes. As zonas de ocupação conseguinte representam cada uma delas, um período da expansão urbana, assim como, histórica e econômica do território.

Os migrantes e os herdeiros da migração efetivamente fazem parte da história e do desenvolvimento local, se localizam, conforme sua chegada ao município, nos bairros periféricos da cidade. A chamada “zona sul” representa um dos territórios mais conflituosos da cidade. A periferia urbana da cidade de Santa Cruz do Sul se encontra, como a própria noção define, em um lugar longe e afastado de um ponto central, mas se entende como periferia não somente as distâncias físicas ou espaciais existentes numa cidade, mas, principalmente, as distâncias socioeconômicas e culturais entre a população central e a população da periferia. Dessa forma, a população que habita a periferia é carente em muitos aspectos, como econômico, social, cultural, lazer, reprodução espacial, entre outros (MOURA & ULTRAMARI, 1996).

O discurso difuso nos jornais e entre a população que reside nas áreas centrais – detentora dos discursivos normativos –, é que Santa Cruz constitui-se numa cidade limpa,

organizada, arborizada, com praças e trevos floridos, com pátios jardins, com uma população “estabelecida” a partir das origens germânicas (laboriosa e organizada), portanto, o local é quase um “recanto europeu”. As características da população “estabelecida” se expressariam numa cidade bela, contudo, sabe-se que o local apresenta problemas como desemprego, habitação, transportes, lazer, água, esgoto, educação, saúde, entre os mais genéricos, a urbanização se processa em vista da “cidade econômica”, dos interesses do capitalismo monopolista, enquanto que o ideal seria na direção da “cidade social” (SANTOS, 1993).

O principal jornal local e de abrangência regional expressa no discurso jornalístico o que os “estabelecidos” – santa-cruzenses residentes nos bairros centrais e circundantes –, compreendem sobre a cidade e sua periferia. Os títulos jornalísticos (Apêndice A) noticiam os problemas enfrentados pela periferia da cidade, esta aparece associada aos assaltos, aos roubos, à violência, à criminalidade e marginalidade e à pobreza. Na página policial é onde se encontram evidenciados os bairros. Merece destaque uma reportagem sobre uma ação do exército brasileiro na cidade que visou à preparação dos militares para irem ao Haiti. No caso da reportagem, o Haiti de Santa Cruz se chama Bom Jesus – bairro historicamente periférico, associado desde o seu surgimento aos “não” teuto-descendentes –, e, como já foi citado inúmeras vezes nas reportagens jornalísticas do século XX, o “bairro dos malandros” atualmente tem relevo nas páginas policiais, sendo sinônimo de marginalidade na sociedade local.²²

Na contramão de mostrar apenas os problemas sociais e a violência presente na periferia urbana, o mesmo jornal periodicamente publicou reportagens no intuito de trazer ao leitor os aspectos positivos dos bairros periféricos, neste sentido, criou um espaço chamado “Repórter Popular”, que visou apresentar os bairros pelos próprios moradores, o jornal justificou dizendo que “Este espaço tem a finalidade de dar uma voz aos moradores dos bairros de Santa Cruz do Sul.” E aceita sugestões e questionamentos da comunidade através de *email*, assim, as reportagens expressam a opinião das pessoas que residem no bairro, os pontos positivos e ainda as deficiências que o bairro possui.

²² “Bom Jesus: um bairro sem polícia e entregue aos malandros”, Jornal Gazeta do Sul, 02 de fevereiro de 1980.

A localização da residência pode indicar o grau de participação da população na dinâmica cidadina, assim, quanto mais longe do centro – onde está localizada a administração municipal –, mais distante está a população da gestão pública e do próprio acesso aos bens disponíveis à sociedade. O desenvolvimento local a partir dos discursos normativos passa pela noção de acabar com a violência, marginalidade e criminalidade, e não em minimizar as distâncias socioeconômicas e culturais existentes entre a população do centro e da periferia. Como o “migrante” em sua maioria está situado na periferia urbana, a questão da integração constitui-se numa condição *sine qua non* para o desenvolvimento local, visto que o desenvolvimento não se refere à alguns estratos sociais, mas engloba todos os atores – “estabelecidos” e *outsiders* –, do desenvolvimento situados no local.

As disparidades sociais e territoriais – como a oposição entre centro e periferia – revelam anomalias de desenvolvimento: “O homem precisa crer, pertencer a algo e ser integrado em uma sociedade. Quando essa não lhe oferece mais tais conteúdos simbólicos, ele tende a procurá-los em outros lugares. O homem só se sente bem onde encontra seu lugar, seu sítio.” (ZAQUAL, 2006, p.16). O sítio – local –, é um *habitus* e o *homo situs* pode ser representado pelos atores que estão envolvidos com o desenvolvimento local. Para haver o desenvolvimento local, o homem situado – “estabelecidos” e migrantes –, precisa compartilhar os bens simbólicos da comunidade em que se encontra, e com isso se sentirá pertencente ao local e um agente do desenvolvimento.

3 JOVENS ATORES DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: A(S) JUVENTUDE(S) MIGRANTE(S) E HERDEIRA(S) DA MIGRAÇÃO

O termo juventude se refere a uma faixa de idade ou mesmo um período da vida em que o indivíduo além de passar por um desenvolvimento físico, ainda sofre inúmeras mudanças psicológicas, culturais, históricas e sociais. Muitas vezes, a palavra juventude pode encaminhar para labirintos de sentido, pois esta palavra está carregada de significados e evocações, assim, não se pode perder de vista que os jovens se encontram em condições distintas, cada época e sociedade postulam formas de ser jovem. Este capítulo procura tematizar a juventude enquanto uma categoria social no plural, “juventudes”.

O grupo alvo de estudo desta pesquisa sobre a memória do desenvolvimento urbano foram os jovens migrantes e de segunda geração de uma cidade de porte médio do Rio Grande do Sul – Santa Cruz do Sul; assim, a condição juvenil dos sujeitos entrevistados foi compreendida a partir da análise sociográfica. Foram apontados além de dados gerais dos grupos juvenis, ainda, as características familiares, o *status* domiciliar e mobilidade espacial, o *status* econômico e a integração social e a avaliação do local de origem e de destino. Com isso, a caracterização juvenil realizada neste capítulo, visa principiar a análise sobre a(s) juventude(s) em uma cidade de porte médio do sul do Brasil.

3.1 A condição juvenil

A juventude, assim como as demais épocas da vida, é uma construção social e cultural, e por isso, nem o limite fisiológico, demográfico e jurídico conseguem delimitar com clareza ou identificar e estabelecer limites muito nítidos. A juventude tem um caráter de “limite”, por estar entre as margens móveis da dependência infantil e a autonomia da idade adulta, sua natureza é fugidia e está carregada em seu aspecto cultural de “[...] significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade [...]”, em todas as sociedades (LEVI e SCHMITT, 1996, p.08).

A noção de juventude atualmente é compreendida dentro da diversidade social em que se encontram os jovens, a forma como cada sociedade compreende a juventude é variada. Assim, os estudiosos contemporâneos sobre a juventude em geral, seja a partir da perspectiva da sociologia, da antropologia, da psicologia, entre outras, estão pesquisando a(s) juventude(s) enquanto uma categoria ampla e que possui múltiplas faces. A juventude está pautada numa diversidade que se consolida através das condições socioeconômicas (classes sociais), culturais (etnias, religião, valores), de gênero, da disposição no tecido social, em regiões geográficas (meio urbano ou meio rural), em cidades de pequeno, médio e grande (metrópole) porte, e, dentre outros aspectos, como a condição de migrantes e filhos da migração (DAYRELL e GOMES, 2007, p. 03 e DAYRELL, 2007, p.03).

Como bem destaca Peralva (1997), Dayrell e Gomes (2007), a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação que não pode ser percebida através da cristalização geracional, pois constantemente ocorrem mudanças sociais que atingem as representações relativas e as alteram, “[...] a cristalização geracional se dissolve pela dissolução da oposição entre o passado e o futuro. O futuro se torna presente e absorve o passado” (PERALVA, 1997, p.21).

A juventude passou a ser estudada enquanto categoria pela sociologia, a partir da escola funcionalista, mas foi, sobretudo, a partir do século XX que a família, a infância, a adolescência e juventude, a velhice, passaram a ser tematizadas por inúmeros intelectuais de diversas escolas:

A juventude aparece, assim, como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas; na verdade, nas sociedades ocidentais, como um

problema da *modernidade*. Essa é uma das assertivas da literatura sociológica, não só da escola funcionalista [...] (ABRAMO, 1994, p.04).

O jovem apresentou-se como elemento investigativo para a sociologia na passagem do século XIX para o século XX na medida em que este apresentou comportamentos diferenciados, questionando as normas sociais e fugindo dos padrões de socialização da sociedade em que estavam inseridos:

Ariès, Bejin e Flitner afirmam que o interesse acadêmico pela questão juvenil toma vulto apenas na passagem do século passado para o atual [...]. A visibilidade da juventude e sua tematização como problemas constroem-se, nesse período, através do surgimento de um comportamento ‘anormal’ por parte de grupos jovens *delinqüentes*, ou *excêntricos*, ou *contestadores*, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes (ABRAMO, 1994, p.08).

Abramo (1994) ainda enfatiza que a perspectiva funcionalista de Eisenstadt percebeu a juventude em condições de existência para uma categoria social, enquadrando-a em tipos de sociedades onde esse fenômeno ocorria. Assim, as sociedades possuíam suas etapas de ciclos de vida, sendo peculiar de uma a outra, variando de sociedade para sociedade. Mas isto ocorria em sociedades que se orientavam por princípios universalistas, havendo o ambiente familiar (privado) e a integração no ambiente social (público).

Os funcionalistas se preocupavam com uma sociologia do desvio, onde o papel do jovem deveria caminhar em busca da socialização, através de um padrão normativo (PERALVA, 1997, p.18). Neste sentido, Peralva afirma que Durkheim assegurou que a educação se tornava uma ação socializadora fundamental na sociedade, sendo que ela era “[...] a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontravam ainda preparadas para a vida.” (DURKHEIM, s.d. *apud* PERALVA, 1997, p. 18).

Todavia, são os estudos do historiador Ariès (1978) em meados do século XX que apontam para uma tomada de consciência a respeito das categorias sociais como família, infância e juventude. Ariès evidenciou que no mundo medieval o indivíduo deixava de ser criança para tornar-se adulto, a criança transformava-se em adulto ou em homem jovem sem passar pelas etapas da juventude. No mundo medieval o espaço de socialização básico não era a família, mas o coletivo, assim, na passagem do século XVII para o XVIII houve uma transformação da família, fazendo desaparecer a antiga socialização coletiva. A família passou a ser a esfera privada, referência das regras e moralidade. A criança teve seu papel separado, a instituição escolar tornou-se o meio de educação por excelência. Porém, havia a

população escolarizada (burguesia), que estava sendo preparada para o mundo adulto, e, ainda, uma população que entrava na vida adulta muito cedo (classes trabalhadoras), acrescentando a isso a questão de gênero, pois os meninos recebiam escolarização e as meninas deveriam comportar-se como adultas. Ariès (1978, p.43 e 44) mostrou que a noção de juventude emergiu a partir de fins do século XVII com o surgimento de expressões como *jeune fille* para designar naquele período jovem menina. Contudo, para o historiador, desde o início do período moderno até a atualidade tem-se a impressão de que cada época corresponderia a “[...] uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX, e a ‘adolescência’, do século XX.” (ARIÈS, 1978, p.47).²³

Abramo (1994, p.06) indica que foi a partir da contribuição de Áriès que “A extensão progressiva do período de aprendizagem escolar, por sua vez foi dando consistência e visibilidade à etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto, consistida pela adolescência e a juventude”. Neste sentido a socióloga afirma que no século XX, as expressões e os movimentos juvenis contribuíram para que a juventude aparecesse publicamente e fosse percebida como um sujeito social específico, tanto pela condição etária, quanto pela geracional.

Angelina Peralva (1997, p.16) admite que além de Ariès, Norbert Elias, em seu estudo sobre a civilização dos costumes, apresentou um tratado de Erasmo de Rotterdam datado de 1530 – *De civilitate morum puerilium* – que direcionava-se a educação dos jovens, demonstrando que a preocupação com os mesmos fazia parte do processo civilizatório do nascente mundo moderno. Para Peralva, Foucault também contribuiu para se pensar a infância e a juventude, mas dentro do processo disciplinar na sociedade. A instituição escolar por onde passam alunos crianças, adolescentes e jovens tornou-se um aparelho disciplinar importante para o corpo, e, assim, para educar as gerações, isto é claro, dentro da lógica do corpo dócil para o trabalho no sistema capitalista. Através de uma educação escolar com regras rígidas, controle de comportamentos, punições, ordens em formas de sinais e bonificação dos melhores desempenhos, ou seja, com uma educação em forma de organização militar, poder-

²³ O livro *História Social da Criança e da Família* do historiador Philippe Áriès aprofunda o sentimento de infância, a questão da família e a vida escolástica, não se detém especificamente ao estudo da juventude em si. Assim, ao falar em infância, maturidade e velhice, o historiador distingue a passagem da infância para a maturidade na categoria adolescência e juventude como uma das mudanças do período medieval para o moderno.

se-ia alcançar bons resultados na sociedade: “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.” (FOUCAULT, 2002, p.130).

Os estudos realizados pela Escola de Chicago, da sociologia americana, na década de 20 e 30 do século XX, a respeito da vida nas cidades e metrópoles – modo de vida urbano –, foram um dos primeiros a se dedicarem à questão juvenil. Na realidade, os jovens apareceram, assim como os imigrantes, pelo fato de não se inserirem nos espaços institucionalizados, ou mesmo, por se destacarem pelos comportamentos e contribuírem com os problemas sociais urbanos, como a criminalidade e a delinqüência nas periferias, formando as chamadas *street gang boys* (VELHO, 1973).

De acordo com Simmel (1979, p.20), um dos teóricos inspiradores da sociologia americana, à medida que a cidade cresceu, concentrou população, heterogeneidade cultural e social, acarretando na mais alta divisão do trabalho, o homem metropolitano passou a ser “[...] ‘livre’ em seu sentido espiritualizado e refinado, em contraste com a pequenez e preconceitos que atrofiam o homem da cidade pequena [...]”. Nas cidades modernas fundamenta-se uma estrutura da mais alta impessoalidade, que Simmel veio a chamar de atitude *blasé*. É a partir desta impessoalidade que os sociólogos da Escola de Chicago põem-se analisar a sociedade e suas categoriais sociais como a juventude.

O tecido urbano para Chombart de Lauwe (1973, p.118), sociólogo francês influenciado pela escola norte-americana, tem na sua composição uma categoria social que, no início do século XX, necessitava ser investigada, assim, a juventude enquanto categoria apresentava possibilidades de estudo para a sociologia:

A juventude, enquanto fato social, tem um lugar que tem sido mal definido na maior parte das sociedades industriais ou de países em transformação econômica. Daí resultam numerosas dificuldades e numerosos erros na planificação social. Os pequenos grupos espontâneos e os grandes movimentos de juventude podem constituir-se em objeto de estudos reveladores para o sociólogo que quer compreender os mecanismos da evolução de uma sociedade urbana.

Com isso, Peralva (1997, p.19) destacou que a contribuição do funcionalismo, e, sobretudo, dos estudos empíricos realizados pela escola norte-americana (Escola de Chicago), na passagem do século XIX para o XX, são de importância inegável “[...] para a compreensão das práticas desviantes da juventude [...]”, mas acabam apontando “[...] o aspecto quase caricatural de uma sociologia para a qual valores e arcabouço normativo da ordem social

constituem, não categoriais de análise, mas o *a priori*, a partir do qual a análise será desenvolvida.”. Assim, os estudos contemporâneos se encaminham num aprofundamento da questão juvenil, para além do jovem enquanto desviante, transgressor, indisciplinado ou contestador,

É preciso, não obstante, reconhecer que os fundamentos da sociologia da juventude estão originalmente ligados a uma representação da ordem social, e do lugar dos grupos etários e de suas responsabilidades respectivas na preservação dessa ordem, na observância, na ruptura com relação a ela, ou na sua transformação. Quer o passado imprima ao futuro o seu significado, quer o futuro se imponha ao passado como perspectiva de renovação (PERALVA, 1997, p.20).

No que se refere a sociologia da juventude, um dos representantes que aprofundou os estudos sobre a juventude foi o alemão Schelsky (1963) e sobre a questão das gerações foi o alemão Karl Mannheim (1980). O sociólogo Mannheim (1980, p.47) esteve preocupado com a crise dos valores sociais, com a educação de massas e a questão dos grupos sociais dispostos na sociedade, assim, se dedicou ao que chamou de “problema da juventude na sociedade moderna” a partir de dois aspectos indagadores: “O que a juventude pode nos dar? O que a juventude pode esperar de nós?”. Mannheim (1980, p.52, 53 e 65) afirma que a sociedade e a juventude estão em reciprocidade total, a juventude “[...] não é progressista nem conservadora por natureza, porém, é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade.”, o sociólogo via a juventude como “[...] parte integrante das reservas latentes que se acham presentes em toda a sociedade.”, assim, afirma poder responder somente ao primeiro dos dois aspectos indagadores:

Quanto a pergunta do que a juventude nos pode dar, a resposta é: ela é um dos mais importantes recursos espirituais latentes para a revitalização de nossa sociedade. Ela tem de tornar-se a força desbravadora de uma democracia militante. Dentro de um país, sua tarefa é demolir aquela frustração mental que, conforme vimos, muitas vezes se mostra disposta a fazer um sacrifício no campo material, mas não a formular a idéia de uma mudança que esta em marcha ante nossos olhos. No exterior, sua missão é a de tornar-se a pioneira que levará a idéia a um mundo ansioso por uma solução para o problema social.

Para Abramo (1994), a partir de Mannheim, os jovens, ao contrário de pessoas mais velhas, incorporam mais facilmente “mudanças em seu sistema de comportamento”, pois seus quadros de referência estão em processo de elaboração. Já indivíduos mais velhos têm seu quadro de referência elaborado (vivências pessoais e de grupo, experiências adquiridas ao longo da vida), assim, não são tão susceptíveis a incorporar mudanças de comportamento: “A *atualidade* da juventude, assim, consiste em estar mais próxima dos problemas presentes. Também por isso, os jovens são ‘dramaticamente atentos aos processos de desestabilização e

dispostos a tomar partido neles’.” (ABRAMO, 1994, p.49). A citação que segue é exemplar para os pesquisadores da juventude, visto que, dentro desta categoria, existem questões que diferenciam os jovens no tempo e na sociedade que atuam:

Nesse sentido, pode-se pensar a questão de que cada geração juvenil, delimitada por uma determinada conjuntura histórica e pelas experiências definidas por ela, apresenta modos peculiares de “sentimento, pensamento e comportamento”, e um determinado tipo de relação com o acervo cultural que recebe de herança, bem como a ordem social na qual está entrando. Dessa forma, os conteúdos da problematização possível e suas formas de manifestações expressam essa delimitação histórica (Ibid., p.50 e 51).

Abramo (1994, p.10) considera que os estudos sobre a juventude no século XX se caracterizaram pela questão da delinqüência, como da rebeldia e da revolta, assim, estes temas “[...] permanecem como chaves na construção da problematização da juventude ao longo de todo esse século [...]”, a juventude se caracterizou pela sua condição problemática e, ainda, pela sua transitoriedade “[...] a juventude é entendida como uma etapa de transição, que processa a passagem de uma condição social mais recolhida e dependente a uma outra mais ampla; um período de preparação para o ingresso na vida social adulta” (Ibidem, p.11).

A transitoriedade juvenil, como bem desta Abramo (1994), está numa condição de relatividade, não sendo possível definir previamente o início e nem o término da condição juvenil. O reconhecimento do espaço da juventude não permite definir plenamente seus direitos e deveres, acarretando por fim numa ambigüidade, os jovens estão em processo de elaboração de uma identidade própria ou de uma individualização. Da mesma forma a juventude é pensada por Levi e Schmitt (1996, p. 08 e 09), numa condição “transitória”, numa “condição provisória”, este é um modo muito particular da juventude, visto que os indivíduos não pertencem a grupos etários, mas atravessam.

De acordo com Pais (2006, p.08), os jovens se encontram numa condição de inconstâncias, suas vidas são marcadas pelas discontinuidades, flutuações, assim como de “movimentos autênticos de vaivém”. Dessa forma, os jovens estariam orientados pelo presente, visto que o futuro muitas vezes fracassa em oferecer possibilidades. Em comparação com as gerações mais velhas, a condição juvenil muitas vezes se orienta por rotas de ruptura ou de desvio, enquanto que os primeiros já possuem caminhos e valores de segurança que guiam suas vidas. Um indicativo dessa “desfuturização” são as imersões no mundo virtual do ciberespaço, pois o mundo está repleto de incertezas.

A condição juvenil não é necessariamente a mesma para os jovens desiguais, Novaes (2006, p. 105) ressalva que apesar de ser um “lugar-comum”, e um conceito “construído histórica e culturalmente”, a juventude muitas vezes é localizada entre os 15 aos 24 anos, porém, para alguns, a juventude pode começar mais cedo ou mais tarde, e, da mesma forma, pode terminar mais cedo ou mais tarde, depende muito das expectativas de vida, do mercado de trabalho, da saída da casa dos pais, enfim, o “tempo da juventude” não possui limites definidos, como já foi mencionado anteriormente.

A psicanalista Kehl (2004, p.89 e 90) afirma que o conceito de juventude é bem elástico, pode abranger desde os 18 anos até os 40 anos de idade, onde os adultos são capazes de compreender-se como “jovens”, pois a juventude “[...] é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia de mercado onde todos querem se incluir”. Para a psicanalista, existe um vazio no lugar da idade adulta, pois o indivíduo passa pela longuíssima juventude até chegar à velhice ou terceira idade. Assim, o prestígio de ser jovem é recente e supera a vontade de ser adulto, Kehl cita as obras de Nelson Rodrigues, que referem-se a primeira metade do século XX, onde o jovem usava bigode para parecer adulto, ostentava respeitabilidade e seriedade de adulto: “Já o futuro escritor de 2030, quando escrever suas lembranças da vida no início do terceiro milênio, poderá afirmar: ‘O Brasil de 2004 era uma paisagem de jovens’.” (KEHL, 2004, p.90).

Convém lembrar que Gilberto Freyre (2003, p.177-178) – influenciado pela sociologia de Schelsky (1963) –, a respeito da decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano já apontava que existia no Brasil colonial uma vergonha da condição de meninice e uma valorização do prestígio de “homem feito”. A figura do menino era mantida a longa distância do homem, assim, a postura severa, o uso dos óculos e da barba escondiam o “brilho da mocidade” e a “alegria da adolescência” mal vistas pela sociedade patriarcal. Porém, a medida que se processou o desenvolvimento do urbano no Brasil – no governo do jovem imperador Dom Pedro II –, os “moços” não mais ostentam serem “homens feitos” como outrora, a ascensão social dos homens de vinte e trinta anos diminui o respeito à velhice. Com isso, a condição juvenil foi, a partir do segundo império, aumentando progressivamente seu prestígio social.

O que parece consensual entre os intelectuais que estudam a juventude é que esta é uma condição social e um tipo de representação que deve ser sempre conjugada no plural, levando-

se em consideração os diversos fatores que circundam a vida juvenil e que influenciam nas atitudes dos jovens. A sociologia de Bourdieu (1983, p.113) definiu juventude como sendo apenas uma palavra, mas o sociólogo ateu-se a lembrar que tanto a juventude quanto a velhice não são dados, são relações construídas socialmente e que entre a idade social e a idade biológica existem relações muito complexas; assim, dentro do campo das gerações existem leis específicas:²⁴

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo construído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes.

A intenção de Bourdieu foi provocar a atenção dos pesquisadores sobre o conflito geracional entre jovens e velhos que pode muitas vezes valorizar uma categoria e minimizar a importância da outra, da mesma forma que atentar para as disputas de poder e riquezas que existem na sociedade. É neste sentido que a sociologia de língua hispânica e a sociologia canadense vêm afirmar que a juventude é mais que uma palavra, sendo sempre conveniente falar em juventudes e/ou em grupos juvenis num sentido amplo (MARGULIS, 1996; GAUTHIER, 1999; HAMEL, 1999).

3.1.1 A juventude no Brasil

Os estudos sobre juventude no Brasil são cada vez mais correntes. No século XX, até a década de 70, de um modo geral, havia poucos pesquisadores que se dedicaram à questão juvenil e os poucos que se envolviam com o tema davam mais atenção a juventude como ator político. Para Abramo (1994, p.22), “A questão da juventude emergiu como tema no bojo da preocupação com as questões colocadas pelo processo de modernização desencadeado nos anos 50. [...]”, assim, a condição juvenil está associada ao processo de modernização social e às transformações do período *post bellum*.

Os jovens nas sociedades latino-americanas a partir da década de 1950 do século XX estavam vinculados às idéias de modernização, eram percebidos na figura do jovem estudante.

²⁴ No livro *Questões de Sociologia* de Pierre Bourdieu (1983), um dos temas debatidos pelo sociólogo em forma de entrevista foi “A ‘Juventude’ é apenas uma palavra”.

Os jovens percebidos como estudantes, através das mobilizações e dos movimentos estudantis para efetuar as mudanças sociais necessárias na sociedade, apontam para mudanças promulgadas no meio urbano, assim, Abramo (1994, p.23) percebe que “A vinculação da idéia de juventude e modernidade aparece também pela percepção de sua especial sintonia com a difusão de novos hábitos urbanos”, da mesma forma, “A visibilidade da juventude, portanto, reduz-se à dos estudantes, e a relevância da sua atuação à dos movimentos estudantis” (Ibidem).

Os jovens no Brasil se destacaram socialmente a partir de 1950, Machado (2004) salienta que nesta década chamada de “anos dourados”, a juventude ficou conhecida como “rebeldes sem causa” e, ainda, “juventude transviada”. Na década de 1960, apareceu a juventude “anos rebeldes” ou “revolucionária”, que se estendeu pela década de 1970 – visto que o Brasil era governado por uma ditadura militar – , acrescentando a isso o movimento internacional dos estilos de música “*rock’n roll*”, onde a juventude tinha o rótulo “sexo, drogas e *rock’n roll*” e o movimento *punk*. Já a juventude dos anos 1980, ficou conhecida como “geração saúde” ou “geração coca-cola” – título de música de umas das proeminentes bandas surgidas no final dos anos 70, Legião Urbana,

[...] Nos anos 80, o crescimento da importância e projeção de bandas de rock nacionais (entre as quais o Legião Urbana, o Ira!, os Titãs e mais recentemente os Ratos de Porão), indica também que tais músicas assumiram um papel de expressão das experiências e sentimentos de toda uma geração (ABRAMO, 1994, p.156).

Porém, na década de 1990, falava-se numa “geração *shopping center*”. Neste sentido, a juventude apareceu como agente nos movimentos sociais e fomentadora de “estilos urbanos”, que eram provindos dum espaço próprio e de lazer, a música jovem. Cabe salientar que existiram no século XX diferentes gerações juvenis e, que, neste mundo hodierno, as expressões artísticas são algumas das características que contribuem para que o pesquisador estude a pluralidade juvenil.

Abramo (1994) ressalta que no Brasil, até os anos 1980, se destacaram três principais estudos sobre os jovens: *O jovem radical*, de Otávio Ianni (1968), *Juventude na sociedade moderna*, de Marialice Foracchi (1972), e *A geração AI-5*, de Luciano Martins (1979). Nestes três estudos, a juventude foi percebida como agente político, de transformação social, revolucionário, ou como uma geração marcada pela opressão autoritária e muitas vezes sem reflexão crítica. Os estudos acadêmicos realizados a partir da década de 90, certamente vão

muito além da condição juvenil enquanto atores políticos e de mudança social, circundam a juventude nos mais diversos aspectos.

A despeito de ser um estudo no qual a juventude foi percebida como agente de transformação, Foracchi (1972, p.28) considerou que os jovens aprenderam a ser adultos com os próprios adultos, com isso, a socialização dos jovens vem a,

[...] promover a internalização dos modos de comportamento e a assimilação dos valores (*sic*) que governam os sistema de relações do mundo adulto. Quando esse (*sic*) processo se desenvolve de modo contínuo, os jovens não diferem, essencialmente, nas suas atitudes e comportamentos, do estilo de vida adulto, tanto nas atividades que dizem respeito à política, como nas que dizem respeito aos mores sexuais, utilização de drogas, expressão artística etc.

De acordo com o Rezende e Tafner (2005), a juventude brasileira apresenta-se numerosa em termos absolutos, visto que o crescimento demográfico da população jovem foi expressivo no final do século XX e início do séc. XXI. Este estudo, vinculado ao Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (IPEA), aponta que provavelmente a quantidade máxima de pessoas de uma determinada idade tende a se deslocar para idades mais avançadas, assim, a juventude brasileira no futuro não será o grupo etário mais expressivo.

O estudo referido indica que existem duas preocupações na sociedade em relação à juventude, uma indireta, que se refere às questões sociais em que os jovens são ao mesmo tempo vítimas e causadores de determinados problemas sociais, outra direta que faz referência à juventude em si. A sociedade brasileira pode se sentir responsável pelo fato do jovem não ter condições de se desenvolver e aproveitar suas potencialidades e capacidades, com direitos sociais muito restritos, mas também pode responsabilizar a juventude pelo seu comportamento “desviante” ou disfuncional, por não aproveitar adequadamente as oportunidades disponíveis e estar pouco comprometida com suas famílias e comunidades a qual pertence.

De qualquer forma, à medida que os jovens representam a próxima geração a conduzir a sociedade, seja através do trabalho e estudo, mas também, através da intervenção institucional, constituem-se num foco de problemas sociais, de um lado são “[...] limitados por heranças trágicas como a pobreza de suas famílias, o grau de desigualdade e a falta de serviços sociais básicos [...]” e, de outro, tornam-se “[...] vítimas de problemas sociais que eles mesmos geram, como a gravidez na adolescência, as diferentes formas de violência, etc.

[...]” (REZENDE e TAFNER, 2005, p.288). Em relação às incertezas e transição desta categoria social:

A juventude é o período em que decisões fundamentais, e que terão repercussões ao longo de toda a vida, precisam ser tomadas sem que muitas vezes as preferências, os valores e as atitudes já estejam formados. Em outras palavras, o jovem experimenta a tensão de ter de decidir sobre profissão, casamento, filhos, etc., justamente quando ainda está confuso a respeito de seus próprios valores e interesses (Ibidem, p.289).

O Estado brasileiro, através de suas instituições como IPEA, IBGE, entre outras que investigam a sociedade brasileira, e neste sentido, a juventude brasileira, compreende como juventude aquelas pessoas que encontram-se na faixa etária de 15 e 24 anos, porém como já foi mencionado anteriormente, esta faixa pode ser mais abrangente, visto que é difícil definir até quando uma pessoa é jovem e quando torna-se adulta.

Novaes (2006, p.106) exemplifica que entre os jovens brasileiros, o “tempo da juventude” está ligado a questão da desigualdade social, “[...] Ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’. Ser jovem implica em inúmeras questões, Gilberto Velho (2006, p. 192) destaca que juventude é uma categoria complexa e heterogênea, sendo preciso estar atento as semelhanças e diferenças existentes entre os jovens, da mesma forma que estar atento na relação etário-geracional, assim, estabelecer limites geracionais é nebuloso, é difícil dizer onde está a fronteira entre infância e adolescência, entre adolescência e juventude, entre juventude e maturidade, entre maturidade e velhice. Existem variáveis muito diversas que são capazes de estabelecer fronteiras e classificações geracionais, como “[...] econômicas, políticas, de organização sociais e simbólicas [...]” (VELHO, 2006, p.193).

Existem quase 34 milhões de jovens entre 15 e 24 anos no Brasil, ou seja, os jovens representam quase 20% da população total brasileira. Destes, 10,5 milhões (31%) moram em regiões metropolitanas, a grande maioria que corresponde a 17,7 milhões (52%) e reside em áreas urbanas não-metropolitanas e, a minoria, 5,9 milhões (17%), reside em áreas rurais. Dessa forma, a maioria da juventude brasileira se encontra em municípios de pequeno e médio porte (IBGE, Censo 2000).

Se por um lado Novaes (2006) aponta que a juventude brasileira que vive nas grandes cidades tem inúmeras formas de diferenciação como a questão de classe social, gênero, cor, residência (bairro, vila, periferia) e que, acabam por gerar o preconceito – o que se encaminha

na afirmação das desigualdades existentes entre os jovens –, nas cidades de pequeno e médio porte estes critérios de diferenciação também são percebidos. Os critérios de diferenciação juvenil não são apanágio metropolitano, são evidentes também em cidade como Santa Cruz do Sul (CORREA, 2008). Ainda, a condição juvenil de desigualdade pode ser percebida em relação aos jovens do campo e do meio urbano, “[...] Certamente as particularidades locais podem atenuar ou acentuar algum dos vários vetores que produzem e/ou reproduzem desigualdades sociais.” (NOVAES, 2006, p. 107).

Correa (2007) destaca que as cidades médias, que estão situadas entre a ruralidade e a metrópole, se apresentam como um fenômeno recente na medida em que vêm concentrando jovens na busca por atratividades de lazer e de entretenimento, ao mesmo tempo, que na busca por educação e emprego; em certa medida, as cidades médias proporcionam um maior distanciando em relação à violência que se apresenta nas cidades metropolitanas: “[...] a cidade de médio porte representa para muitos jovens um espaço de vivência moderado entre os extremos rural e metropolitano hodierno.” Ainda neste sentido, o autor ressalta que na cidade de porte médio de Santa Cruz do Sul

[...] o rural e o urbano se confundem em vários níveis. Além disso, a migração do campo para a periferia da cidade favorece uma territorialização semi-urbana ou semi-rural dos contornos da capital regional. Apesar das dificuldades que a divisão entre o rural e o urbano apresenta para a análise sociológica dos jovens de uma cidade de médio porte, deve-se atentar para a origem rural dos pais ou dos próprios jovens migrantes (CORREA, 2008, p.13).

Novaes (2006) aponta que, em suas pesquisas com jovens brasileiros, os mais pobres não se iludem com “o mito da escolaridade”, pois estes sabem que a escola não é garantia de emprego, da mesma forma que o ensino médio não os possibilita passar em concursos públicos. A juventude é impelida a reinventar modos e sentidos de inserção produtiva e um dos grandes conflitos enfrentados por estes em suas relações familiares é a incerteza na inserção no mundo do trabalho hoje e no futuro. A autora afirma que os dois grandes medos da juventude brasileira, sobretudo de cidades grandes e de médio porte, é a questão do desemprego e da violência, “medo do futuro” e o “medo da morte”. Com isso, “[...] hoje, para avaliar as possibilidades de inclusão/exclusão social de um jovem, certamente é preciso considerar quanto ganha seus pais, se ele é negro ou branco, homem ou mulher e onde mora. [...]” (NOVAES, 2006, p.112).

A juventude brasileira faz parte dos processos resultantes da herança histórica e dos padrões societários vigentes. Para pensar a condição juvenil contemporânea é preciso considerar as características e mudanças no mundo hodierno, “[...] Ou seja, as características do mundo de hoje interferem nas possibilidades e identidades juvenis e no conteúdo dos conflitos e consensos presentes nas relações intergeracionais” (NOVAES, 2006, p.120).

A questão da geração é fundamental quando se estuda a juventude, ela tematiza o problema da “herança cultural” da mesma forma que a questão do “estilo” como produto do “sentir, pensar e agir”, ao analisar jovens migrantes e segunda geração nesta pesquisa, está se levando em consideração a geração, assim como a localização dos sujeitos estudados: “A geração diz respeito a uma similaridade de situação num mesmo tempo histórico: as pessoas de um grupo etário têm localização comum na dimensão histórica do processo social” (ABRAMO, 1994, p.47). A geração se refere ao pensamento, sentimento, comportamento, partilha de experiências dos indivíduos pesquisados que se situam ou se encontram numa dada região geográfica e cultural, mas sua similaridade reside na questão etária.

No Brasil, a escolaridade média da população entre 15 a 24 anos é inferior a 8 anos de estudo. Neste sentido, Rezende e Tafner (2005, p.289) argumentam que o acesso ao conhecimento é “[...] certamente, um dos meios mais consistentes de criar oportunidades potenciais de desenvolvimento em uma sociedade.” A educação pode assegurar ao jovem igualdade de oportunidades e incentivar a mobilidade social. Assim, os mesmos autores apontam que 4% dos jovens são analfabetos no Brasil, o que equivale em números absolutos a 1,3 milhão de pessoas, sendo que na região sul o número de analfabetos entre os jovens sequer atinge 1%.

A pesquisa *Perfil da juventude brasileira* apresentado no livro *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional* organizado por Abramo e Branco (2005) aponta que no Brasil 42% dos jovens estão frequentando ou terminaram o ensino fundamental, a maioria juvenil, 52%, possui ensino médio completo e incompleto e, apenas 6% possui ensino superior (in)completo no Brasil. A região sul é a que possui o maior número de jovens presentes no ensino superior.

3.2 Caracterização da(s) juventude(s) pesquisada(s)

A partir dos dados do censo do IBGE de 2000 sobre a categoria juvenil, que na maioria das pesquisas, esta localizada na faixa etária dos 15 aos 24 anos, em Santa Cruz do Sul, neste início de milênio, havia 28.320 jovens, assim, a maioria dos jovens encontrava-se situada no meio urbano, que atingiu 25.007 jovens, enquanto que restavam no meio rural 3.313 jovens.²⁵ Neste sentido, a juventude no município representava pouco mais de 26% da população total, ou seja, a cima da média brasileira, que alcançou, em termos de juventude, 20% do total da população brasileira.

O município de Santa Cruz do Sul possuía 17.049 alunos matriculados em escolas da rede pública e privada²⁶, abrangendo crianças e jovens da educação básica para o ano de 2007. Dessa forma, a rede municipal, que é responsável pelo ensino fundamental, alcançou 9.839 estudantes matriculados, enquanto a rede estadual, que abrange ensino fundamental e ensino médio, tinha 12.181 estudantes matriculados. Por outro lado, as escolas da rede privada, que abrangem jovens do ensino fundamental e médio, alcançaram 2.208 alunos matriculados também para o ano de 2007.²⁷

Como está é uma pesquisa quali-quantitativa, mas com ênfase na questão qualitativa, o universo da pesquisa se refere a 40 jovens investigados. Dessa forma, a partir das entrevistas individuais que possibilitaram o preenchimento dos formulários pela pesquisadora, se elaborou um banco de dados que permitiu traçar o perfil dos jovens a partir de dados pessoais,

²⁵ No que se refere ao censo do IBGE de 2000, o município de Santa Cruz do Sul atingiu 107.632 habitantes. Por hora, sabe-se que em decorrência do passar dos anos desta primeira década do milênio, estes números sofreram atualizações, que certamente serão indicadas no próximo censo brasileiro, porém, isso não desmerece os dados da juventude apontados para o município.

²⁶ Os dados sobre o número de alunos que freqüentaram a educação básica no município de Santa Cruz do Sul, do ano de 2007, foram coletados na Secretaria Municipal de Educação, 6ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e, ainda, nas Instituições de Ensino Privado do Município de Santa Cruz do Sul, visto que o Censo Educacional para o ano de 2007 ainda não se encontrava disponível pelo Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais/INEP.

²⁷ A educação básica se refere ao ensino fundamental e ao ensino médio. Não foram coletados os dados que se referem ao ensino de jovens e adultos (EJA), sobretudo, porque estes dados não são homogêneos quanto às categorias sociais, sendo impossível identificar nos dados sobre o EJA o número de jovens, adultos e idosos que fazem parte do ensino. É importante destacar também, que os jovens que se direcionam ao EJA, por motivos diversos, se atrasaram nos estudos, e, possuem, características, na maioria dos casos, diversas dos jovens investigados nesta pesquisa. No que se refere a rede privada, esta não atende somente jovens do município de Santa Cruz do Sul, mas também jovens residentes em municípios circunvizinhos e que se sujeitam, em busca de uma educação de qualidade, a morar temporariamente ou a virem todos os dias para Santa Cruz.

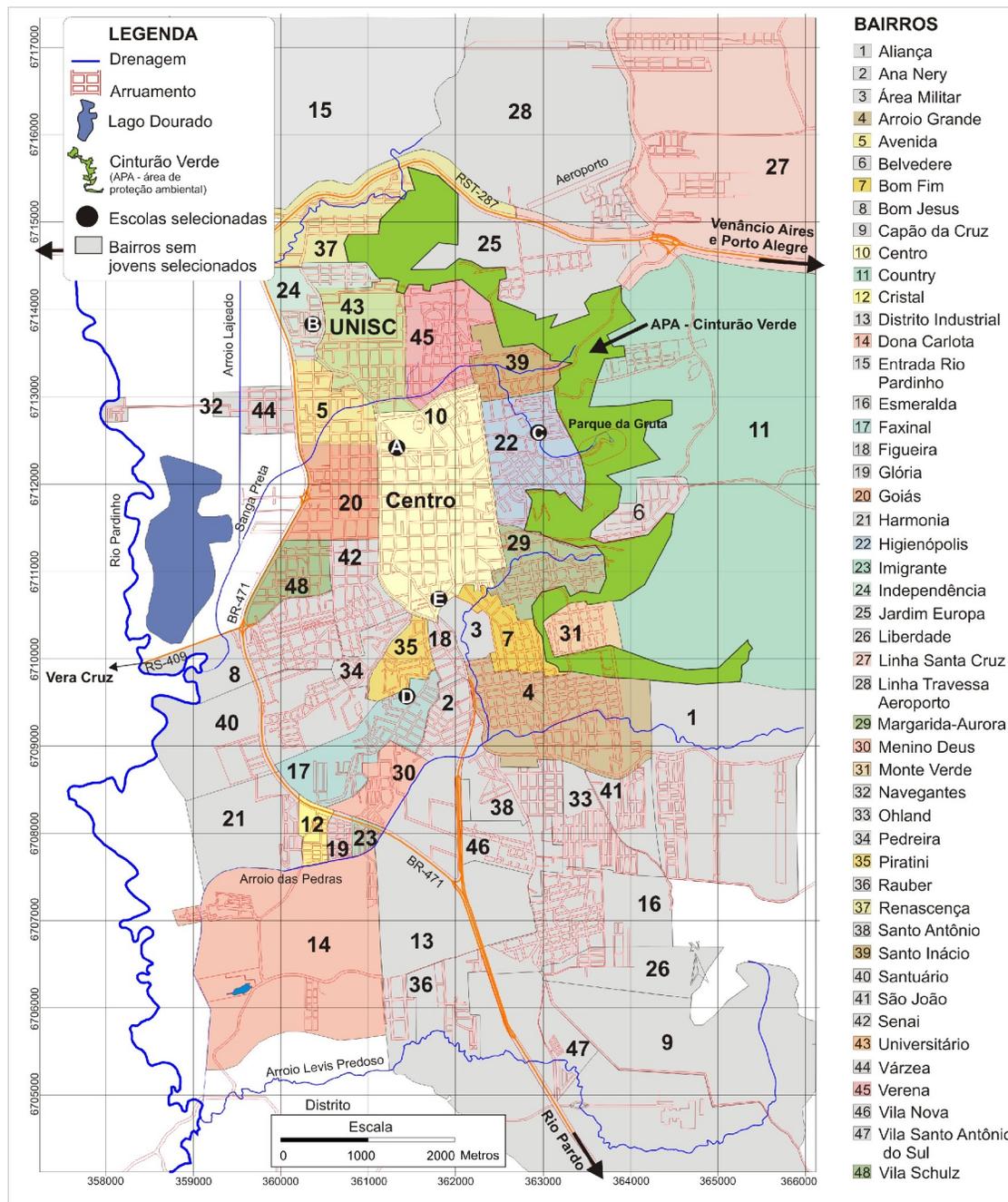
dados parentais, *status* domiciliar e mobilidade espacial, *status* econômico e, ainda, integração social e avaliação do local de origem e de destino.

Esta pesquisa com jovens migrantes e de segunda geração foi realizada a partir de uma juventude estudante, que freqüentava o último ano do ensino médio em Santa Cruz do Sul no ano de 2007. Em relação ao ensino médio do município, a rede estadual contava com 3.780 alunos matriculados e distribuídos em 9 escolas, enquanto a rede privada somou 1013 estudantes matriculados em 4 escolas, porém, somente no terceiro ano do ensino médio, as escolas estaduais totalizaram 876 alunos, enquanto as escolas privadas alcançaram 163 alunos. Assim, a pesquisa selecionou intencionalmente 4 escolas da rede pública estadual e 1 da rede privada, selecionadas a partir de zonas de influência distintas na cidade de Santa Cruz do Sul. A intenção foi que a pesquisa abrangesse a maior diversidade de jovens possível, que residissem tanto em áreas centrais como em áreas periféricas, da mesma forma que abrangesse jovens de classes sociais diferentes.

Assim, as escolas foram abreviadas por letras para que a representação das mesmas fosse visível na figura 4. Neste caso, a letra *A* corresponde a *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ernesto Alves de Oliveira*, localizada no centro da cidade, a escola abreviada pela letra *B*, refere-se a *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Rosário*, e se localiza na região norte da cidade, no bairro Independência. A escola *C* é a única que representa os estudantes do ensino privado, chama-se *Colégio Mauá*, e está localizada no bairro nobre da cidade, Higienópolis, região leste. A escola *D*, chama-se *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Willy Carlos Fröhlich*, localizada à sudoeste do centro da cidade, especificamente situada no bairro Faxinal, e a escola *E*, corresponde a *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santa Cruz*,²⁸ localizada no centro da cidade em direção a zona sul.

²⁸ A escola *E*, que corresponde a *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santa Cruz*, foi selecionada no ano de 2007, pois primeiramente optou-se por uma outra escola que se localiza na zona sul da cidade, porém, no momento da realização das entrevistas e do preenchimento dos formulários no ano de 2007, não houveram alunos voluntários na condição de jovens migrantes, somente na condição de segunda geração, assim, emergencialmente foi contatada esta escola para a realização da pesquisa, visto que a pesquisa trabalhou com as duas condições juvenis.

Figura 4: Localização das escolas investigadas na cidade de Santa Cruz do Sul



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber/Laboratório de Geoprocessamento/UNISC e de Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, Plano Diretor de 1998, atualização 2007.

Dessa forma, a figura 4 permite situar os jovens da pesquisa no perímetro urbano da cidade de Santa Cruz do Sul, pois além de representar na malha urbana a localização das escolas as quais se realizou as entrevistas, ainda distingue por cores, os bairros onde residem os jovens. Neste mapa, os bairros na cor cinza claro, não são representativos, ou, são bairros onde não houveram jovens selecionados para a pesquisa, e os bairros que se encontram coloridos, são os bairros de residência dos jovens que a pesquisa abrangeu. Mesmo que a pesquisa tenha se concretizado em duas escolas do centro da cidade, apenas dois jovens da pesquisa residiam na região central. De qualquer forma, a tabela seguinte visa relacionar os grupos focais de cada escola com os bairros de moradia dos jovens investigados.

Tabela 7: Os grupos focais em cada escola e o bairro de residência dos jovens

Cidade/ Bairro	<i>Grupos Focais realizados nas escolas</i>					<i>Total</i>	
	A	B	C	D	E		
Centro	2					2	
Santo Inácio			1			1	
Higienópolis			3			3	
Goiás			1			1	
Universitário		5	1			6	
Avenida	2		1			3	
Renascença		1				1	
Independência		1				1	
Verena	1					1	
Schultz	1					1	
Cristal				1		1	
Imigrante				1		1	
Arroio Grande				1	2	3	
Menino Deus				2		2	
Faxinal Velho				2	1	3	
Dona Carlota				1		1	
Piratini				1		1	
Margarida Aurora					2	2	
Bom Fim					1	1	
Monte Verde					1	1	
Linha Santa Cruz	1		1			2	
Linha João Alves	1					1	
São José da Reserva (distrito)				1		1	
Total	Nº de jovens por grupo focal	8	7	8	10	7	40
	%	20,0%	17,5%	20,0%	25,0%	17,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Esta seção procurou caracterizar a juventude migrante e de segunda geração de Santa Cruz do Sul, a partir da análise do banco de dados gerado com os jovens participantes dos grupos focais – entrevistas coletivas. Neste sentido, muitos dados se expressam tabulados entre o *corpus* textual, enquanto que outros aparecem apenas sob forma de comentários tecidos na caracterização da condição juvenil inter-grupal e intra-grupal, deste modo.²⁹

²⁹ Muitos destes dados podem ser visualizados na forma de tabelas no Apêndice G.

3.2.1 O perfil sociográfico juvenil

Como a pesquisa partiu da espontaneidade juvenil em ser voluntário, tivemos mais jovens mulheres que aceitaram e se comprometeram com as entrevistas que jovens homens. Os jovens nasceram entre os anos de 1988, 1989, 1990 e 1991, sendo que 85% nasceram nos anos de 1989 e 1990. No que se refere à condição de migrante e de segunda geração, 19 jovens eram migrantes e 21 de segunda geração. A tabela 8 apresenta o detalhamento de gênero e condição dos jovens:

Tabela 8: Questão de gênero e a condição de jovens migrantes e de segunda geração

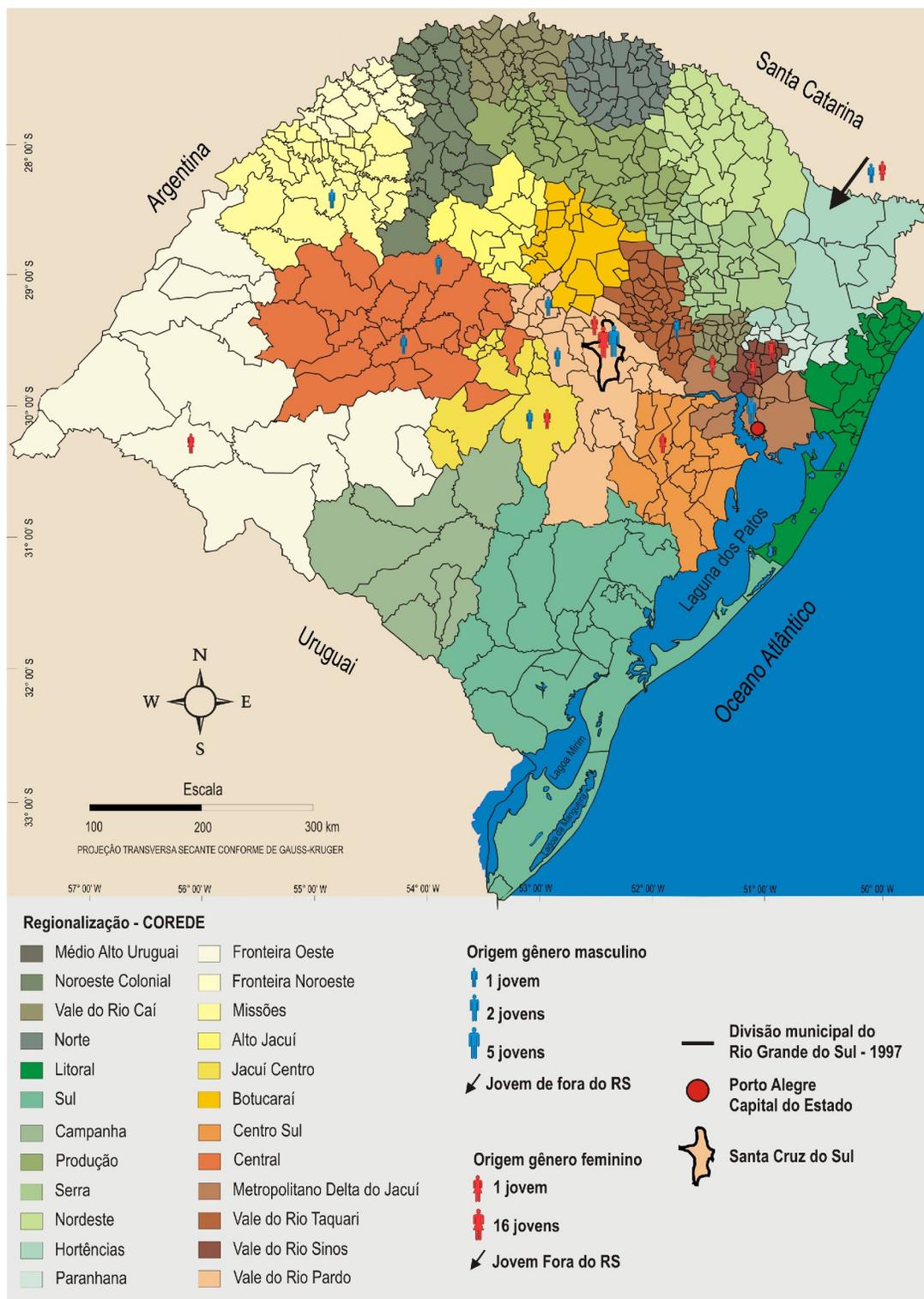
	<i>Condição dos jovens</i>		<i>Total</i>	
	<i>Migrante</i>	<i>Segunda geração</i>		
Gênero	Masculino	9 64,3%	5 35,7%	14 100,0%
	Feminino	10 38,5%	16 61,5%	26 100,0%
Total		19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

A figura 5 apresenta a origem da juventude investigada, assim, 52%, ou, 21 jovens, nasceram em Santa Cruz do Sul, sendo considerados jovens de segunda geração – filhos de migrantes –, e 47,5%, ou 19 jovens, nasceram em outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, sendo considerados jovens migrantes. No que se refere a mobilidade dos jovens migrantes, apenas 7,5% são da região do Vale do Rio Pardo, enquanto que 35% são resultados da mobilidade inter-regional e 5% da mobilidade inter-estadual. A figura 5 apresenta todas as regiões que constituem o Estado do Rio Grande do Sul, porém, as que não tiveram jovens selecionados e investigados por esta pesquisa estão identificadas pelas cores em tons de verde. Por outro lado, o mesmo mapa apresenta as regiões de origem dos jovens participantes da pesquisa, distintas pelos tons de amarelo, laranja e marron.³⁰

³⁰ Para saber os municípios de origem dos jovens, ver a tabela 1 do Apêndice G.

Figura 5: Naturalidade juvenil em relação à divisão municipal e regionalização (COREDE) do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber/Laboratório de Geoprocessamento/UNISC e Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 9: Jovens na condição de migrantes e de segunda geração que pensam em migrar?

		<i>Você pensa em migrar?</i>			<i>Total</i>
		não	sim	às vezes	
Jovens	Migrante	5 26,3%	7 36,8%	7 36,8%	19 100,0%
	Segunda geração	4 19,0%	13 61,9%	4 19,0%	21 100,0%
Total		9 22,5%	20 50,0%	11 27,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Uma questão interessante apontada pelos formulários é o fato de que 50% dos jovens se mostraram intencionados a migrar, ou seja, desejam sair de Santa Cruz do Sul, por outro lado, 27,5% disseram que não desejam sair da cidade. No que se refere aos jovens de segunda geração, 61,9% se mostraram intencionados a migrar e 19% em não migrar, enquanto que entre os jovens migrantes, houve um maior equilíbrio de opiniões.

3.2.2 Mobilidade juvenil para uma cidade de porte médio

Para se verificar o que justificou a mobilidade dos jovens migrantes desta pesquisa, foram sugeridas algumas razões que melhor explicam a “vinda” e a “escolha” em migrar para Santa Cruz do Sul, como: a) para prosseguir os estudos; b) para mudar de estilo de vida; c) para buscar melhores condições de trabalho; d) para buscar melhores condições de vida; e) para se separar dos pais e/ou da família; f) para acompanhar um companheiro (a); g) para acompanhar os familiares; h) porque não tinha mais nada a ver com o lugar de origem; i) pelos serviços de ensino e/ou comunicação; j) pelos serviços de transporte e/ou saúde; k) pela sua oferta de empregos; l) pelas suas opções de entretenimento/lazer; l) pela influência de amigo(a)s residentes em Santa Cruz; m) pela influência de familiares residentes em Santa Cruz; n) pela sua qualidade de vida; o) ou por outro motivo.

Dentre as principais razões que explicaram a vinda dos 19 jovens para Santa Cruz estão “busca por melhores condições de trabalho” (5 jovens), seguida da “influência de familiares residentes na cidade” (4 jovens), a “transferência do trabalho dos pais para a cidade” (3 jovens), “acompanhar familiares” (2 jovens), para “prosseguir nos estudos” (2 jovens) e com apenas a indicação de 1 jovem, “para buscar melhores condições de vida”, “pela oferta de emprego” e “pela influência de amigos residentes na cidade”.

Ainda foram oferecidas razões aos jovens que melhor explicam a importância para ter abandonado seu lugar de origem, como: a) porque lá podia continuar a estudar; b) porque queria viver longe de meus familiares; c) porque queria melhores condições de trabalho/salário; d) porque aspirava um outro estilo de vida; e) porque em meu local de origem me sentia muito controlado pelas gerações mais velhas; f) porque os valores de lá não correspondem mais aos meus; g) porque queria um futuro melhor para mim; h) porque queria um futuro melhor para meus filhos e; por fim, i) porque lá não tinha mais o que fazer. Dentre estas razões oferecidas e que foram completamente refutadas pelos jovens estão “porque queria viver longe de meus pais”, “porque lá (origem) me sentia muito controlado pelas pessoas” e “porque os valores de lá (origem) não correspondem mais aos meus”.

Neste sentido, aparecem as razões que de forma mais intensa ou menos intensa explicam o abandono do lugar de origem. Assim, as duas razões que mais se repetiram entre as opiniões de 15 jovens, foram “porque queria melhores condições de trabalho/salário” e “porque queria um futuro melhor” com 14 indicações. As razões como “porque aspirava outro estilo de vida” e “porque queria um futuro melhor para meus filhos” se manifestaram de forma importante ou muito importante entre 8 jovens, assim, com relação ao “futuro melhor para meus filhos”, 5 jovens são mulheres e apenas 3 homens, o que indica que as jovens pensam mais numa futura prole que os rapazes. Ainda 4 jovens disseram ser muito importante ou importante a razão “porque lá não tinha mais o que fazer” e, apenas 2 jovens, indicaram como razão “porque não podia continuar a estudar”.

3.2.3 A condição familiar juvenil

No que diz respeito ao contexto familiar, os dados também evidenciam que 22 jovens (55%) coabitam com ambos os pais, enquanto que o *foyer* monoparental apontou que 13 jovens (32,5%) residem somente com a mãe e somente uma jovem reside com o pai. Ainda 3 jovens residiam com parentes e apenas um jovem residia sozinho. Em relação a todos os jovens entrevistados, somente um aluno se encontrava na condição de união estável, os outros são solteiros. Em relação a religiosidade, foram apontadas apenas três religiões que os jovens se identificam, a maioria juvenil, 30 jovens, se considerou católica, 6 jovens são evangélicos luteranos, 3 são espíritas, e, apenas 1 jovem declarou não ter religião.

Os jovens foram questionados sobre a origem étnica familiar, em relação ao pai e em relação à mãe. A condição paterna, apontou que 24 jovens (62,5%) têm origem étnica paterna portuguesa, alemã, italiana, africana, polonesa, espanhola ou “brasileira”.³¹ Por outro lado, outras combinações entre as mesmas origens étnicas supracitadas e ainda a indígena, árabe e francesa³² apontaram que 15 jovens (37,5%) têm origem paterna variada, enquanto isso, apenas 1 jovem afirmou não saber sobre a origem étnica paterna.

Em relação à origem étnica materna, 29 jovens (72,5%) disseram que a mãe tem origem portuguesa, alemã, italiana, indígena ou “brasileira”, contudo, 15 jovens (37,5%) são de origem materna alemã. As outras combinações étnicas da origem materna³³ se destacaram em 11 jovens (27,5%). A questão da miscigenação, que combina várias etnias enquanto fundo étnico-cultural se mostrou mais presente na origem paterna dos jovens do que na materna.³⁴

No que concerne aos pais dos jovens migrantes e de segunda geração, 33 jovens (82,5%) apontaram que ambos os pais residem em Santa Cruz do Sul, sendo que somente 4 jovens (10,0%) disseram que somente a mãe mora ou morou e, 3 jovens (7,5%), afirmaram que os pais não residem e nunca residiram nesta cidade. A naturalidade paterna apontou que somente 20% dos pais dos jovens pesquisados nasceram em Santa Cruz do Sul, por outro lado, 75% dos pais nasceram em cidades do Rio Grande do Sul, e, apenas, 5% dos pais, nasceram em outros Estados (São Paulo e Santa Catarina). A naturalidade materna apontou que apenas 15% das mães nasceram na cidade de Santa Cruz do Sul, enquanto a maioria (80%) nasceu em cidades do Rio Grande do Sul e 5% em cidades de fora do Estado gaúcho. Como os sujeitos investigados na pesquisa se encontram na condição de migrantes e de segunda geração, era de se esperar que seus pais fossem de fora de Santa Cruz do Sul, demonstrando poucos vínculos de origem, o que não significa a quase inexistência de vínculos familiares.

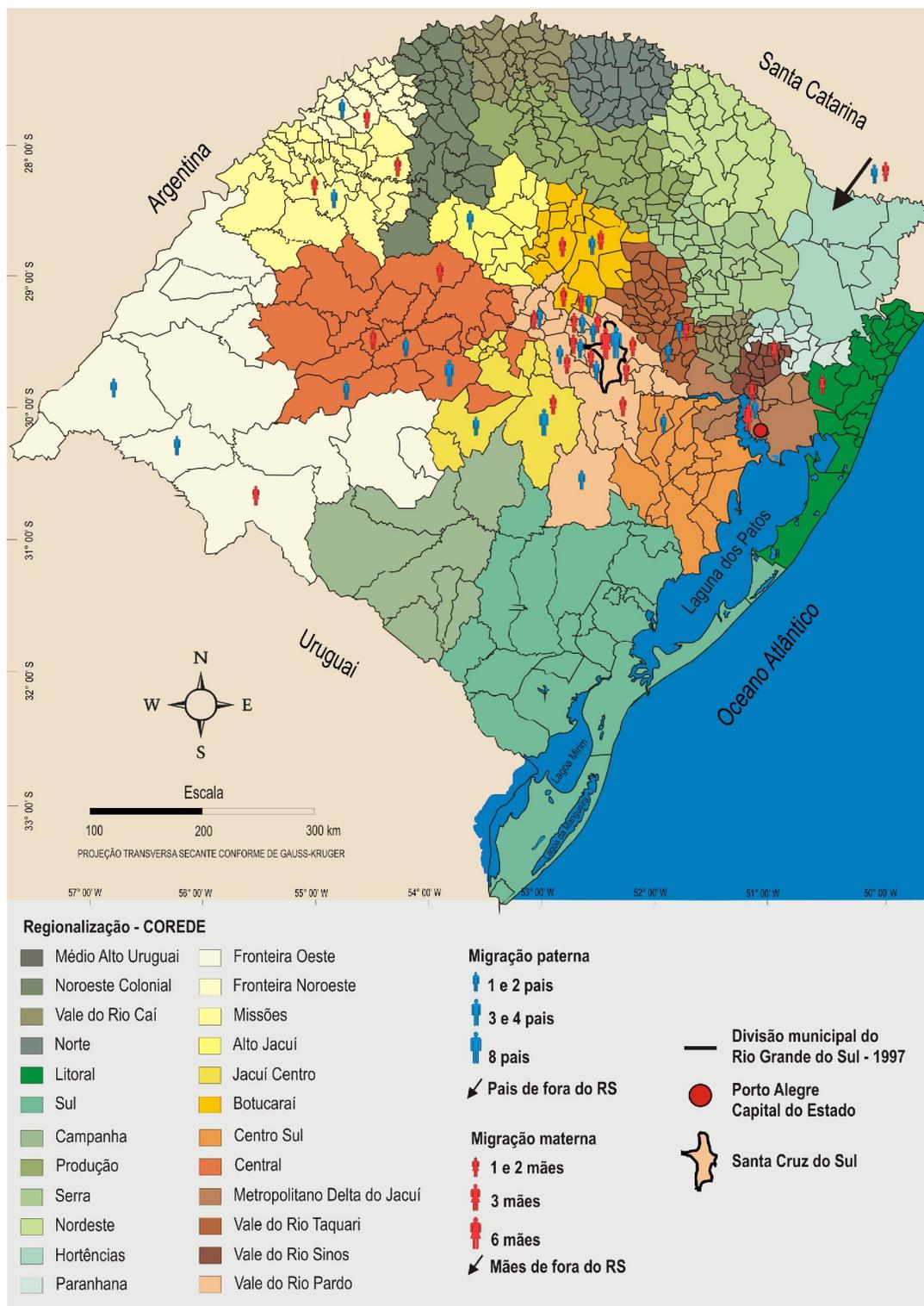
³¹ O termo “brasileira” foi citado pelos próprios jovens que não sabiam qual era a origem étnica dos pais e, para isso, indicava ser brasileira.

³² Os jovens apontaram combinações de origem étnica paterna como: portuguesa e espanhola, portuguesa e africana, portuguesa e indígena, portuguesa, indígena e alemã, árabe e francesa, italiana e africana, italiana e indígena, alemã e indígena, portuguesa, italiana, africana e indígena, alemã e portuguesa e africana e indígena.

³³ Os jovens apontaram como combinações étnicas materna: portuguesa e espanhola, portuguesa e indígena, portuguesa, indígena e alemã, italiana e indígena, alemã e indígena, alemã e italiana, portuguesa e italiana, alemã e polonesa e portuguesa, africana e indígena.

³⁴ Para se verificar mais detalhadamente os dados mencionados, ver Apêndice G, tabelas 3 e 4.

Figura 6: Naturalidade dos pais dos jovens migrantes e de segunda geração em relação à divisão municipal e regionalização (COREDE) do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado de Alexandre L. Rauber/Laboratório de Geoprocessamento/UNISC e Banco de dados da pesquisa, 2007.

A mobilidade paterna e materna juvenil evidencia que apenas 22,5% dos pais são provindos de municípios da região do Vale do Rio Pardo para a cidade de Santa Cruz, assim, 57,5% dos deslocamentos dos pais foi reflexo do movimento inter-regional, incluindo o movimento inter-estadual. A mobilidade materna evidencia que 30% vieram de municípios que integram a região de Santa Cruz, enquanto que 55% se refere a mobilidade inter-regional e inter-estadual.³⁵ Dessa forma, a figura 6 apresenta a naturalidade dos pais dos jovens, ou seja, os municípios da procedência dos pais e das mães dos jovens em relação à divisão municipal e a regionalização (COREDE) do Estado do Rio Grande do Sul.

Ao se cruzar a escolaridade dos pais e das mães dos jovens pesquisados, percebeu-se que 12 pais e 12 mães têm escolaridade baixa, com apenas ensino fundamental incompleto, o que representa 30% para cada categoria e, ainda, 30% do total dos pais. Contudo, no oposto disso, encontram-se 10 pais (25%) e 8 mães (20%) com ensino superior completo, indicando que no que se refere ao nível de escolaridade geral dos pais, 22,5% possuem bom nível educacional. Dessa forma, existe um espaço que diferencia por nível educacional os pais dos jovens da pesquisa. Veja detalhadamente na tabela o nível escolar dos pais dos jovens:

Tabela 10: Escolaridade dos pais dos jovens migrantes e de segunda geração

<i>Escolaridade</i>	<i>Pai</i>	<i>%</i>	<i>Mãe</i>	<i>%</i>	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Fundamental incompleto	12	30,0	12	30,0	24	30,0
Fundamental completo	4	10,0	8	20,0	12	15,0
Médio incompleto	2	5,0	4	10,0	6	7,5
Médio completo	7	17,5	6	15,0	13	16,25
Superior incompleto	3	7,5	2	5,0	5	6,25
Superior completo	10	25,0	8	20,0	18	22,5
Não sabe	2	5,0	0	0	2	2,5
Total	40	100	40	100	80	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

A respeito da situação de moradia da juventude desta pesquisa, os dados indicam que 33 jovens (82,5%) residem em um domicílio que pertence aos pais ou a família, enquanto que, 7 jovens (17,5%) residem em domicílios alugados. Assim, aparentemente, os jovens da pesquisa encontram-se numa condição de permanência familiar em Santa Cruz, visto que possuem imóvel e residência fixa, o que necessariamente não se manifesta no desejo da metade dos jovens em permanecer residindo nesta cidade. Em relação ao grupo familiar que compartilha sua moradia, 28 jovens (70%) dividem seu espaço domiciliar com mais 2 ou 3

³⁵ No Apêndice G, as tabelas 5 e 6 apontam a naturalidade paterna e materna e as tabelas 7 e 8 mostram a mobilidade intra-, inter-regional e inter-estadual da família juvenil.

pessoas. Apenas 2 jovens dividem o espaço com mais 1 pessoa, enquanto isso, 7 jovens dividem seu espaço com mais 4 pessoas e, 3 jovens, com mais 5 pessoas ou mais.

Em relação às condições socioeconômicas dos entrevistados, 32 jovens (80%) não possuem qualquer rendimento mensal, assim, restam 8 jovens (20%) que possuem algum tipo de renda. Dentre os 8 jovens que possuem renda, 5 exercem alguma atividade remunerada, os outros jovens tem seus proventos oriundos da pensão dos pais. Em relação aos jovens que exercem atividades remuneradas, todas são jovens mulheres, assim uma trabalha num aviário com o pai, outra é garçonete num bar, uma terceira é vendedora de produtos cosméticos e as outras duas são babás de crianças.

O rendimento pessoal bruto dos 8 jovens que possuem proventos mensais atinge até mil reais. Assim, 4 jovens recebem até meio salário mínimo, 2 jovens recebem entre meio salário e um salário mínimo, um jovem recebe de um salário mínimo até quinhentos reais e outro recebe de oitocentos até mil reais.³⁶ Os dados referentes ao rendimento mensal bruto familiar dos jovens da pesquisa apontou que 13 estudantes coabitam em *foyer* parental com renda acima de dois mil e quinhentos reais (32,5%) e 18 estudantes (45%) com rendimentos entre mil e dois mil e quinhentos reais; neste sentido, 31 jovens (77,5%) se encontram numa faixa de rendimentos brutos mensais familiares a partir de dois salários mínimos e meio para mais de sete salários mínimos. Isso significa que a maioria dos jovens entrevistados pela pesquisa compõe 25,9% de famílias que alcançam as melhores classes de rendimento mensal familiar *per capita* do Rio Grande do Sul. Por outro lado, 9 jovens (22,5%) que coabitam em *foyer* parental com renda bruta de até mil reais integram as classes de rendimentos mensais familiares *per capita* mais baixos do Estado gaúcho (67,5%) (IBGE/ PNAD, 2006).³⁷

Ao realizar o cruzamento do rendimento familiar bruto mensal com o número de integrantes que compõe a família, se percebeu que os jovens que disseram ter menor rendimento familiar bruto – alcançando oitocentos reais mensais –, são os mesmos que compõe uma família com até 4 pessoas. Assim, 6 jovens coabitam em famílias com 3 ou 4

³⁶ O salário mínimo de referência desta pesquisa é R\$ 380,00 reais.

³⁷ Os 9 jovens (32,5%) com rendimento mensal familiar *per capita* que alcança dois salários mínimos enquadram-se dentro dos 67,5% de famílias residentes em domicílios no Rio Grande do Sul que estão em classes de rendimento mensal familiar *per capita* mais baixas: 14,3% dos gaúchos estão em famílias com renda mensal *per capita* de $\frac{1}{4}$ até $\frac{1}{2}$ salário mínimo; 26,4% estão em famílias com renda *per capita* de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo; e, 29,8% estão em família com renda *per capita* entre 1 a 2 salários mínimos (Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2006).

indivíduos com rendimento mensal familiar *per capita* que atinge pouco mais de ½ salário mínimo. Numa posição contrária, referente ao grupo com maior rendimento familiar bruto mensal – acima de dois mil e quinhentos reais –, encontram-se 10 jovens que residem num número de 3 ou 4 integrantes na família, alcançando uma renda *per capita* de mais de dois salários mínimos.³⁸

Dessa forma, a tabela 11 – que apresenta o cruzamento entre a renda familiar bruta mensal com o número de pessoas que residem no domicílio –, confirma que existem jovens na pesquisa em condições socioeconômicas desfavoráveis e, por outro lado, uma maioria de jovens entrevistados em condições socioeconômicas favoráveis em relação ao conjunto de famílias residentes segundo as classes de rendimento mensal familiar *per capita* do Rio Grande do Sul.

Tabela 11: Cruzamento da renda familiar bruta mensal com o número de membros que reside no domicílio

<i>Rendimento familiar bruto mensal</i>	<i>Número de membros que moram atualmente no domicílio</i>					<i>Total</i>
	2	3	4	5	6 ou mais	
Em reais	2	3	4	5	6 ou mais	
R\$ 501 até R\$ 800	1	5	1			7
	2,5%	12,5%	2,5%			17,5%
R\$ 801 até R\$ 1.000				2		2
				5,0%		5,0%
R\$ 1.001 até R\$ 1.500		5	2	1		8
		12,5%	5,0%	2,5%		20,0%
R\$ 1.501 até R\$ 2.000	1	1	2	2	2	8
	2,5%	2,5%	5,0%	5,0%	5,0%	20,0%
R\$ 2.001 até R\$ 2.500			2			2
			5,0%			5,0%
Acima de R\$ 2.500		3	7	2	1	13
		7,5%	17,5%	5,0%	2,5%	32,5%
Total	2	14	14	7	3	40*
	5,0%	35,0%	35,0%	17,5%	7,5%	100,0%**

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

* Frequência.

** Percentual.

No sentido de se verificar as disparidades socioeconômicas entre os jovens entrevistados, foi realizado o cruzamento entre o rendimento familiar bruto mensal com os jovens das 5 escolas. Assim, os jovens da escola C, a única escola privada investigada na pesquisa, apontou que dos 8 estudantes, 7 deles fazem parte de famílias com renda acima de dois mil e quinhentos reais, apenas um jovem – que inclusive possui uma bolsa de estudos –,

³⁸ No Apêndice G, tabela 13, é possível verificar as condições socioeconômicas das famílias dos jovens investigados.

tem renda inferior, de quinhentos até oitocentos reais. As escolas A, B e D, localizadas no centro, na zona norte e na região centro-sul da cidade, respectivamente, apontaram que os jovens estão em desnível socioeconômico familiar. Na escola E, localizada na região sudoeste da cidade, os jovens apresentaram maior homogeneidade de rendimento familiar bruto mensal, nenhum dos 7 jovens coabita numa família com rendimentos superiores a dois mil e quinhentos reais, a maioria se encontra nas faixas salariais que vão de quinhentos até mil e quinhentos reais.

Tabela 12: Cruzamento da renda familiar bruta mensal com a escola dos jovens migrantes e de segunda geração

<i>Rendimento familiar bruto mensal</i>	<i>Escola</i>					<i>Total</i>
Em reais	A	B	C	D	E	
De R\$ 501 até R\$ 800	1	2	1	2	1	7
	2,5%	5,0%	2,5%	5,0%	2,5%	17,5%
De R\$ 801 até R\$ 1.000				1	1	2
				2,5%	2,5%	5,0%
De R\$ 1.001 até R\$ 1.500	1			4	3	8
	2,5%			10,0%	7,5%	20,0%
De R\$ 1.501 até R\$ 2.000	5	2			1	8
	12,5%	5,0%			2,5%	20,0%
De R\$ 2.001 até R\$ 2.500				1	1	2
				2,5%	2,5%	5,0%
Acima de R\$ 2.500	1	3	7	2		13
	2,5%	7,5%	17,5%	5,0%		32,5%
Total	8	7	8	10	7	40*
	20,0%	17,5%	20,0%	25,0%	17,5%	100,0%**

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

* Frequência.

** Percentual.

Ao se realizar a relação entre a atividade profissional exercida pelo pai com a sua escolaridade, percebeu-se que as profissões que estiveram associadas aos níveis de escolaridade mais baixos – com ensino fundamental incompleto e completo – foram as de encanador, artesão, pedreiro, mecânico, trabalho em fumageira, servidor público em serviços gerais, trabalho com publicidade, operador de máquinas, motorista, siderúrgico e metalúrgico, ou seja, em sua maioria, profissões ligadas à indústria. As profissões vinculadas aos órgãos públicos como professor, servidor público do Banco do Brasil, da Receita Federal, do IBGE, da Corsan³⁹ e militar do exército foram as que mais se associaram aos melhores níveis de escolaridade. Os níveis escolares intermediários estão mais relacionados com profissões ligadas ao setor de serviços e comércio, como profissionais liberais e autônomos.

³⁹ A sigla *Corsan* significa: Companhia Rio-grandense de Saneamento.

No que se refere à atividade profissional materna relacionada com a escolaridade, percebeu-se que as profissões de costureira, empregada doméstica autônoma, cabeleireira, costureira em empresa, trabalho em fumageira, em frigorífico e em estofaria estão associadas aos níveis mais baixos de escolarização das mães – com ensino fundamental incompleto e completo. Da mesma forma como foi apontado na relação entre a atividade profissional e a escolaridade paterna, entre as mães dos jovens verificou-se também uma ligação entre melhor escolaridade com serviço público. Assim, com melhores índices de escolaridade apresentam-se as profissões associadas ao setor público, como psicóloga do município, professora e servidora pública municipal, mas também, advogada, enfermeira no hospital e corretora de imóveis. No conjunto das progenitoras dos jovens, quatro foram consideradas do lar, sendo que duas não tinham o ensino fundamental completo.⁴⁰

3.2.4 A integração juvenil numa cidade de porte médio

Nesta seção procurou-se apresentar algumas respostas mais expressivas contidas no banco de dados juvenil e apontadas pelos formulários. É importante observar que a integração social da juventude se explica não somente pelas opiniões expressas neste capítulo que se baseou nos formulários, mas a integração se refere à forma como os próprios jovens narram as suas trajetórias juvenis na sua condição de migrantes e de segunda geração. Os migrantes podem vir a se sentir forasteiros na sociedade santa-cruzense, algo que a segunda geração por ter vínculos geracionais mais profundos com a cidade pode nunca apresentar.

Contudo, esta análise sociográfica da juventude indicou que os jovens migrantes não estão insatisfeitos com a sociedade santa-cruzense, pelo contrário, os jovens apresentaram-se otimistas em Santa Cruz, por outro lado, foram os jovens da segunda geração que apresentaram posições mais negativas ou mesmo pessimistas sobre a cidade. De qualquer forma, os apontamentos realizados neste capítulo servem de suporte inicial para se pensar a questão da integração juvenil, visto que o capítulo seguinte se dedicará com maior profundidade à percepção juvenil sobre a condição de migrantes e de segunda geração a partir das entrevistas coletivas.

⁴⁰ Para um melhor detalhamento desta relação entre atividade profissional e escolaridade da família juvenil, consultar as tabelas 14 e 15 do Apêndice G.

No contexto da migração juvenil, representada nesta pesquisa pelos 19 jovens entrevistados, a maioria destes, 7 jovens (36,8%), se estabeleceu em Santa Cruz entre 1 e 3 anos, em menor quantidade, mas com mais tempo de moradia estão 6 jovem (31,5%) que residem entre 11 e 14 anos na cidade, e, apenas 2 jovens (21,05%) se encontram em Santa Cruz a menos de 1 ano.

Quanto a avaliação dos jovens migrantes e de segunda geração sobre a sua integração em Santa Cruz do Sul, constatou-se que no geral, 23 jovens (57,5%) percebem a sua integração de forma satisfatória e 7 jovens (17,5%) de forma muito satisfatória, isso indica que no geral, dos 40 jovens pesquisados, 30 jovens relacionam-se de forma satisfatória ou muito satisfatória na sociedade santa-cruzense. Apenas 10 jovens (25%) indicaram que sua integração é indiferente ou pouco satisfatória. Sobre o fator intra-grupal, 15 jovens migrantes (78,5%) manifestaram estarem satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua integração em Santa Cruz, e também 15 jovens de segunda geração (71,3%) manifestaram-se da mesma forma. Contudo, em relação a uma integração não tão positiva, 3 jovens migrantes (15,7%) apresentaram que sua integração é pouco satisfatória e apenas 1 jovem (5,2%) se mostrou indiferente a isso; neste sentido, entre os jovens de segunda geração, apresentam-se 2 jovens (9,5%) indicando que sua integração é pouco satisfatória, enquanto que 4 jovens (19,4%) disseram ser indiferentes a sua integração na sociedade santa-cruzense.

Tabela 13: Cruzamento do tempo de moradia em Santa Cruz dos jovens migrantes com a avaliação pessoal dos jovens migrantes e de segunda geração sobre a sua integração na sociedade local

	<i>Tempo de moradia em Santa Cruz do Sul Em anos</i>	<i>Como você avalia sua integração social em Santa Cruz do Sul?</i>				<i>Sub-total</i>	<i>Total</i>
		<i>Pouco satisfatória</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatória</i>	<i>Muito satisfatória</i>		
Jovens Migrantes	Menos de 1 ano			2		2	10,5%*
	De 1 a 3	1		5	1	7	36,8%*
	De 4 a 6	2				2	10,5%*
	De 7 a 10				1	1	5,2%*
	De 11 a 14		1	3	2	6	31,5%*
	De 15 a 19				1	1	5,2%*
	Frequência Percentual	3	1	11	4	19	19
Jovens de Segunda Geração	Nascidos na cidade	2	4	12	3	21	21
		9,5%	19,4%	57,1%	14,2%	100,0%	52,5%
Total	Frequência	5	5	23	7	40	40
	Percentual	12,5%	12,5%	57,5%	17,5%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

* Estes percentuais se referem ao total de jovens migrantes, que são 19 jovens.

A respeito da avaliação do convívio social com os familiares, 39 jovens migrantes e de segunda geração (97,5%) se mostraram satisfeitos ou muito satisfeitos com o convívio familiar, apenas um jovem migrante demonstrou indiferença em relação a isso. A respeito do convívio social com os vizinhos, os jovens demonstraram menos índice de satisfação, assim, os jovens de segunda geração se mostraram mais críticos em relação à vizinhança, pois 5 jovens (15%) consideraram as relações nada ou pouco satisfatórias, enquanto que apenas 1 migrante apontou como pouco satisfatória. Por outro lado, 15 jovens no geral (37,5%) apontaram como indiferente a relação com a vizinhança e, de forma positiva, 19 jovens (47,5%) manifestaram-se satisfeitos ou muito satisfeitos com os vizinhos.

A relação com os colegas de escola é muito importante para indicar a inserção juvenil numa cidade, no caso desta pesquisa, os jovens de segunda geração se mostraram mais “negativos” que os jovens migrantes. A maioria juvenil (82,5%) se mostrou satisfeita ou muito satisfeita no relacionamento com os colegas de escola, enquanto isso, 5 jovens de segunda geração (12,5%) demonstraram-se pouco satisfeitos ou indiferentes nas relações com os colegas e apenas 2 jovens migrantes (5%) se mostraram indiferentes.

No convívio social geral na cidade de Santa Cruz, novamente os jovens migrantes se mostraram mais satisfeitos que os jovens de segunda geração. Com isso, 4 jovens de segunda geração (10%) apontaram pouca satisfação ou mesmo indiferença, o que indica que 90% dos jovens estão satisfeitos ou muito satisfeitos em conviver em Santa Cruz do Sul.

A percepção juvenil sobre a cidade de Santa Cruz do Sul foi extraída das respostas dadas pelos jovens migrantes e de segunda geração nos formulários. As opiniões dos jovens se referem aos seguintes enunciados: a) a situação socioeconômica tende a; b) não tem emprego para mim; c) não tem emprego para os familiares aptos para trabalhar; d) a situação econômica é difícil; e) não têm mais como ascender; f) não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas; g) o pessoal daqui não tem a ver comigo; h) não existe solidariedade entre as pessoas; i) os jovens não têm alternativas educacionais e/o profissionais; j) os serviços de saúde, transporte e comunicação são deficientes; k) não há muito que fazer em termos de entretenimento e/ou lazer; l) Santa Cruz do Sul não tem futuro e; m) o município é muito controlado pelas gerações mais velhas.

A opinião dos jovens migrantes e de segunda geração indicou que a maioria deles acredita que a sua situação socioeconômica em Santa Cruz do Sul tende a melhorar do que piorar. Os jovens migrantes foram mais otimistas em relação à sua situação socioeconômica em Santa Cruz do que os jovens da segunda geração, pois 14 migrantes apontaram que sua situação tende a melhorar, ainda, 12 jovens de segunda geração, indicaram também que a situação tende a melhor, assim, em termos de conjunto, essa é a opinião de 65% dos entrevistados. Ademais, 3 jovens (7,5%) indicaram que a sua condição tende a melhorar muito, sendo 2 migrantes e apenas 1 de segunda geração. Por outro lado, 8 jovens de segunda geração (20%) e apenas 1 jovem migrante (2,5%), no contexto total, acreditam que a sua condição tende a manter-se, isso aponta que a criticidade e o pessimismo no que se refere à estagnação da cidade se apresentam mais aguçados entre os jovens da segunda geração que entre os jovens migrantes. Porém, 2 jovens migrantes (5%) perceberam que suas condições devem piorar em Santa Cruz, o que não se manifestou entre os jovens da segunda geração.

Em especial, os jovens migrantes foram questionados sobre como seria a sua situação socioeconômica em seus municípios de origem. Nesse sentido, 2 jovens apontaram que, se estivessem permanecido, as suas condições teriam piorado, ainda 14 jovens disseram que a situação teria se mantido, e apenas 3 jovens acreditam que as condições socioeconômicas teriam melhorado ou melhorado muito.⁴¹

O enunciado “em Santa Cruz do Sul não tem emprego para mim” apontou que 34 jovens (85%) discordam dessa posição. Apenas 4 jovens de segunda geração (10%) disseram concordar com essa afirmativa. A postura juvenil é muito positiva em relação à oferta de emprego, muitos deles chegaram a dizer nas entrevistas individuais para o preenchimento dos formulários que “quem deseja trabalhar, consegue!”, essa postura é condizente com a categoria juventude, visto que os jovens ainda estão em processo escolar e com o futuro aberto para inúmeras possibilidades.

De forma diferenciada, os jovens migrantes foram indagados sobre o mesmo enunciado, “não tem emprego para mim”, mas em referência aos seus municípios de origem. Então, as opiniões se dividiram entre eles, pois 10 jovens indicaram que discordam ou discordam

⁴¹ As tabelas 18 e 19 do Apêndice G apresentam as perspectivas juvenis acerca de suas condições socioeconômicas.

totalmente sobre o enunciado e 9 jovens afirmaram concordar que em seus municípios não tem emprego para eles.

Ainda em relação à questão de emprego, perguntou-se aos jovens se “Santa Cruz do Sul, não tem emprego para os familiares aptos a trabalhar”. Novamente apresentou-se uma perspectiva positiva em relação à oferta de emprego na cidade, pois 33 jovens (82,5%) disseram que discordam dessa afirmação e 3 jovens (7,5%) afirmaram discordar totalmente, totalizando 36 jovens (90%) com posições contrárias a falta de emprego aos familiares. Noutra direção, novamente os jovens de segunda geração, representados por 4 opiniões (10%), afirmaram que concordam com o fato de Santa Cruz não ter emprego para seus familiares aptos a trabalhar. Mas a visão dos jovens migrantes em relação aos seus municípios de origem sobre “em meu município de origem não tem emprego para meus familiares aptos a trabalhar” se mostrou contrária ao enunciado, visto que 13 jovens disseram que discordam ou discordam totalmente desta afirmação, e apenas, 6 jovens concordaram com tal enunciado.

Faz-se necessário ressaltar que entre os jovens migrantes, a falta de emprego não assombrava, no momento da entrevista, suas famílias, pois a maioria juvenil migrante veio a residir em Santa Cruz devido a proposta de emprego, ou mesmo, devido a transferência de emprego dos seus familiares. Em relação aos jovens da segunda geração, é importante observar que a cidade de Santa Cruz talvez tenha sido a solução para a reprodução socioeconômica familiar, pois muitos jovens são de famílias que se deslocaram de cidades menores ou que tinham a predominância do rural. Isso é facilmente constatado na figura 6 e nas tabelas 5 e 6 do Apêndice G, que apresentam a procedência dos pais dos jovens, assim, os respectivos municípios são considerados relativamente menores que o município de Santa Cruz do Sul, tanto pela questão populacional, quanto pela oferta de serviços como educação, transporte, saúde, comunicação, lazer e entretenimento, etc.⁴² Por outro lado, os jovens que são descendentes de famílias com origem em municípios e cidades maiores que Santa Cruz, podem ter encontrado facilmente na questão da oferta de emprego e qualidade de vida, a resposta para uma percepção positiva sobre esta cidade de porte médio.

⁴² Aqui se apresentam alguns municípios de origem dos pais dos jovens entrevistados que são relativamente menores em termos de estrutura, serviços e demografia que Santa Cruz do Sul: Sinimbu, Candelária, Cachoeira do Sul, Bom Retiro do Sul, Butiá, Cacequi, Cruz Alta, Encruzilhada do Sul, Espumoso, Gramado Xavier, Herveiras, Mata, Passo do Sobrado, Quaraí, Rio Pardo, Santa Rosa, Santana do Livramento, Santo Ângelo, Santo Antônio da Patrulha, Santo Cristo, São Jerônimo, São Luiz Gonzaga, São Pedro do Sul, São Sepé, Segredo, Sobradinho, Soledade, Teutônia, Tupanciretã, Uruguiana, Vale do Sol, Venâncio Aires e Vera Cruz.

Para além da questão da oferta de empregos, os jovens manifestaram-se de forma dividida e ao mesmo tempo crítica em relação à situação econômica de Santa Cruz do Sul, sobretudo, os jovens da segunda geração. Quando foram indagados sobre o enunciado “em Santa Cruz do Sul, a situação econômica é difícil”, 21 jovens (52,5%) disseram que discordam ou discordam totalmente desta afirmação. Num outro sentido, 19 jovens (47,5%) apontaram que concordam com o enunciado, sendo que 16 deles (40%) são da segunda geração e apresentam uma preocupação a respeito da questão econômica santa-cruzeira. O que remete aos jovens da segunda geração perceberem isto talvez se refira ao atual momento vivenciado pelo setor fumageiro na região. O tabaco enfrenta as questões da maledicência à saúde, neste sentido, os jovens da segunda geração, que vivem a mais tempo em Santa Cruz que os jovens migrantes, conseguem ser mais críticos e mais pessimistas, encarando a atual situação econômica da sua cidade de nascimento como “difícil”.⁴³

Mas essa dicotomia de opiniões entre jovens migrantes e da segunda geração está mormente associada com a questão temporal, ou seja, com o tempo de residência na cidade, visto que a segunda geração é herdeira das conquistas e dissabores familiares em Santa Cruz. A segunda geração acumula a experiência da mobilidade familiar do passado com o momento vivenciado no presente. Certamente as expectativas dos filhos da migração na atual conjuntura cidadã são distintas da família que migrou num tempo de desenvolvimento econômico. Por outro lado, as perspectivas dos jovens migrantes associam-se a uma questão espacial, visto que estes têm como parâmetro a comparação de suas cidades de origem com esta nova sociedade, os jovens migrantes não têm o diálogo geracional sobre Santa Cruz do Sul como o fazem os filhos dos migrantes.

⁴³ Até o final do século XX o setor fumageiro foi responsável pelo bom desempenho econômico do município, ainda hoje, é o setor que mais arrecada ICMS para Santa Cruz do Sul. Porém, este setor não responde mais pela absorção da mão-de-obra disponível e se ajusta a novas tendências mundiais sobre o consumo de tabaco. Neste início de milênio, em 2005, o Brasil ratificou um tratado mundial de saúde pública proposto pela maioria dos países membros da Organização Mundial da Saúde – OMS, que se chamou Convenção Quadro para Controle do Tabaco, cujo objetivo é evitar a morte de pessoas por meio do uso do tabaco. Trata-se de um compromisso internacional pela adoção de medidas de restrição ao consumo de cigarros e outros produtos derivados do tabaco. A Convenção Quadro contém outras iniciativas para controlar o tabagismo: proibição da propaganda; educação e conscientização da população; proibição de fumar em ambientes fechados; controle do mercado ilegal de cigarros; tratamento da dependência da nicotina; inserção de mensagens de advertências sanitárias fortes e contundentes nas embalagens dos produtos de tabaco; regulação dos produtos de tabaco quanto aos seus conteúdos e emissões, entre outros. Nesse sentido, o futuro do setor fumageiro, ou mesmo a sua expansão, é incerto. (GAZETA MERCANTIL/FINANÇAS & MERCADOS, 2005a, b; ALMEIDA, 2007).

O olhar do jovem migrante mostrou que 16 deles (40% do total) acreditam que Santa Cruz não se encontra numa situação econômica difícil, isso talvez se justifique devido ao fato de compararem este município com os seus municípios de origem, ou mesmo, por desconhecerem os enfrentamentos econômicos de Santa Cruz neste início de milênio. Sobre os municípios de origem, os jovens migrantes apontaram que, a respeito do enunciado “em meu município de origem a situação econômica é difícil”, 13 deles concordaram ou concordaram plenamente que a situação é difícil, sendo que somente 6 migrantes discordaram ou discordaram totalmente. Isso confirma que a juventude migrante percebe Santa Cruz numa condição melhor economicamente que os respectivos municípios de origem.

A possibilidade de ascensão juvenil em Santa Cruz do Sul se relaciona com a percepção dos mesmos sobre a questão econômica desta sociedade. A medida que os jovens migrantes e de segunda geração perceberam de forma positiva a situação econômica e a existência de oferta de emprego em Santa Cruz do Sul, tanto para si, quanto para seus familiares, se vislumbrou também as possibilidades de ascensão nesta sociedade. Mas a questão da ascensão pode se referir ao social, econômico e cultural, visto que existem inúmeras formas de ascender, e, neste caso, do jovem ascender. Assim, foi colocado aos jovens o seguinte enunciado: “em Santa Cruz do Sul, não tenho mais como ascender”. Dessa forma, no que se refere ao contexto social, econômico e cultural, mas, sobretudo, às possibilidades dos jovens em terem boas performances socioeconômicas na sociedade santa-cruzeira, a maioria juvenil, 37 jovens (92,5%), acredita poder ascender em Santa Cruz do Sul. Majoritariamente foram os jovens migrantes (18 jovens que representa 45% do total e quase a totalidade das entrevistas com jovens migrantes que são 19 jovens) que discordaram ou discordaram totalmente da afirmação de não poderem ascender, assim como 19 jovens de segunda geração (47,5 % do total) também discordaram deste enunciado. De forma contrária, apenas 3 jovens (7,5%), sendo 1 migrante e 2 de segunda geração, mostraram concordar com o enunciado, demonstrando que não acreditam poder ascender na sociedade. Novamente prevalece nas opiniões juvenis a perspectiva positiva e otimista, pois os jovens percebem um futuro aberto diante de si.

Os jovens migrantes mostraram-se divididos em relação ao enunciado “em meu município de origem não tenho mais como ascender”. Assim, 10 jovens afirmaram discordar ou discordar totalmente deste enunciado, indicando que em seus municípios existe possibilidades de boas performances socioeconômicas; mas, 9 jovens, disseram concordam ou

concordam plenamente com o enunciado, isso sugere que alguns jovens migrantes consideram Santa Cruz como um melhor espaço de ascensão que suas sociedades de nascimento.

O enunciado “em Santa Cruz do Sul, não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas”, coloca os jovens migrantes e de segunda geração em posições contrárias. Neste sentido, 14 jovens migrantes (35% do total dos jovens) discordaram ou discordaram totalmente deste enunciado, enquanto que somente 5 jovens de segunda geração (12,5%) apenas discordaram. Com opiniões diferentes, apresentam-se 16 jovens de segunda geração que concordaram ou concordaram plenamente com o fato de que em Santa Cruz não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas, assim, numa lógica inversa, apenas 5 jovens migrantes (12,5%) concordaram com este enunciado. Em relação aos municípios de origem, 14 jovens migrantes (35% do total) afirmaram que não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas e, apenas, 4 migrantes, disseram que ocorrem sim. Teve um jovem migrante que indicou não saber, pois veio para Santa Cruz do Sul quando era muito pequeno, e nesse sentido, mantém pouco contato com o município de origem.

Por mais que os jovens migrantes não estejam na mesma condição que os jovens da segunda geração, suas opiniões acerca do enunciado “em Santa Cruz do Sul, o pessoal não tem a ver comigo” se mostraram consensuais. Um total de 35 jovens (87,5%) discordou ou discordou totalmente deste enunciado, sendo que deste todo, 17 jovens são migrantes (42,5%) e 18 jovens são de segunda geração (45%). Apenas 5 jovens (12,5%) no total afirmaram que o pessoal de Santa Cruz do Sul não tem a ver consigo, sendo que 2 jovens eram migrantes (5%) e 3 jovens eram de segunda geração (7,5%). Isso pode inferir numa certa homogeneidade social, pois demonstra que a maioria juvenil possui uma identificação com os demais habitantes da cidade. Quando este mesmo enunciado foi colocado para os migrantes em relação aos seus municípios, a maioria juvenil, 13 jovens, indicou que os habitantes dos locais de origem têm a ver com eles, por outro lado, 6 jovens migrantes afirmaram não ter a ver com os habitantes dos locais onde nasceram.

A juventude pesquisada foi consensual quanto à existência de solidariedade entre as pessoas na cidade. A percepção juvenil sobre o enunciado “em Santa Cruz do Sul, não existe solidariedade entre as pessoas” apontou que 30 jovens (75%), divididos igualmente entre 15 migrantes e 15 de segunda geração, discordam ou discordam totalmente sobre o fato de não haver solidariedade na sociedade santa-cruzense. Um grupo de 10 jovens (25%), sendo 4

migrantes (10%) e 6 de segunda geração (15%), concordam com tal enunciado. A confiança na existência de solidariedade em Santa Cruz, exposta detalhadamente na tabela 32 do Apêndice F, certamente tem a ver com as experiências juvenis na cidade, e, em última análise, demonstra que as relações estabelecidas entre as famílias migrantes com as famílias santacruzenses – estabelecidas a mais de duas gerações –, estão baseadas também em vínculos solidários. Um total de 18 jovens migrantes apontou que em suas cidades ou municípios de origem, existem laços de solidariedade na comunidade, apenas 1 jovem afirmou que isso não ocorria.

Em termos de alternativas educacionais e/ou profissionais para a juventude em Santa Cruz, os jovens se mostraram com opiniões positivas e convergentes. Nesse caso, 37 jovens (92,5%) apontaram que existe em Santa Cruz alternativas educacionais e profissionais para a juventude. Isso indica que apenas 3 jovens de segunda geração (7,5%) concordaram com o enunciado “em Santa Cruz do Sul, os jovens não têm alternativas educacionais e/ou profissionais”. Portanto, a juventude pesquisada acredita que tanto pela questão educacional, quanto pela profissional, existem possibilidades para os jovens na cidade. Os jovens migrantes não foram consensuais sobre as alternativas educacionais e/ou profissionais existentes em suas cidades ou municípios de origem, um grupo de 11 jovens migrantes afirmou que existem alternativas, porém, um grupo com opinião contrária, 8 jovens, afirmou que não existem alternativas para os jovens no que se refere à educação e à profissionalização.

É importante salientar que a mobilidade intergeracional apresenta uma distância em termos de escolaridade, assim, enquanto os pais migrantes ao se mobilizarem para Santa Cruz não possuía muito estudo, seus filhos, da mesma forma que os novos migrantes jovens, se encontram na cidade com melhores condições escolares que outrora geração.

A respeito de saúde, transporte e comunicação, a maioria juvenil, 24 jovens (60%), discordou ou discordou totalmente do enunciado “em Santa Cruz do Sul, os serviços de saúde, transporte e comunicação são deficientes”. Contudo, 14 jovens (35%), concordaram ou concordaram plenamente com o enunciado. No contexto geral, 2 jovens da segunda geração (5%) manifestaram uma opinião de desconhecimento sobre este enunciado. No conjunto dos jovens migrantes, 9 jovens afirmaram que em seus locais de origem são deficientes os serviços de saúde, transporte e comunicação, teve 1 jovem que afirmou categoricamente que veio residir em Santa Cruz devido à doença do irmão, pois nesta cidade, a família teria o

suporte necessário para o tratamento. Mesmo assim, 9 jovens disseram que em seus municípios não existe deficiência destes serviços, e apenas 1 jovem, afirmou não saber nada sobre isso.

As opiniões juvenis sobre o entretenimento e/ou lazer em Santa Cruz indicam um bom índice de satisfação, visto que 34 jovens (85%) discordaram ou discordaram totalmente do enunciado “em Santa Cruz do Sul, não há muito o fazer em termos de entretenimento e/ou lazer”. A maioria dos jovens migrantes (18) apontou que a cidade de porte médio oferece alternativas neste sentido para a juventude. Isso é indicador de que os jovens migrantes estão satisfeitos com as alternativas de entretenimento e lazer da cidade e, talvez mostre que, em seus municípios de origem, tais alternativas são mais restritas ou mesmo muito reduzidas.⁴⁴ Quando o mesmo enunciado foi posto para os jovens migrantes a respeito das sociedades de origem, 10 jovens informaram que não há muito que fazer em termos de entretenimento e/ou lazer, enquanto isso, 9 jovens afirmaram que há sim.

À medida que as opiniões juvenis se manifestam mais positiva do que negativamente, considerando que a condição juvenil apresenta-se com o futuro aberto diante das inúmeras possibilidades de trabalho e emprego, de estudos ou educacional, de lazer e entretenimento, é de se esperar também que esta juventude apresenta-se otimista em relação ao futuro de Santa Cruz do Sul. Neste sentido, quando se colocou sobre o devir da cidade, com o enunciado “Santa Cruz do Sul, não tem futuro”, 34 jovens (85%) discordaram ou discordaram totalmente do enunciado. Novamente, a juventude migrante revelou, através de 18 jovens (45%), que acredita num devir para a cidade, apenas 1 jovem migrante e, outra vez, 5 jovens da segunda geração, se mostraram mais pessimistas, concordando com o fato da cidade não ter futuro.

Pelo fato dos jovens migrantes estarem residindo em Santa Cruz e terem abandonado suas comunidades de origem em busca de melhores condições, é de se esperar que estes jovens tenham menos confiança no futuro de seus municípios que em Santa Cruz. Assim, as opiniões juvenis sobre o enunciado “o meu município de origem não tem futuro” indicam que 11 jovens discordam ou discordam totalmente deste, mas por outro lado, 8 jovens concordaram com o enunciado.

⁴⁴ Porém, a tabela 38, do Apêndice G, mostra que entre a juventude que concorda com o enunciado, estão 6 jovens (15%), sendo 1 migrante e 5 de segunda geração.

Quando os jovens entrevistados foram indagados sobre o enunciado “o município de Santa Cruz do Sul é muito controlado pelas gerações mais velhas” as opiniões se dividiram, assim, 19 jovens (47,5%) apontaram que discordam ou discordam totalmente deste enunciado, destes, 9 jovens são migrantes e 10 jovens de segunda geração. Por outro lado, 18 jovens (45%) concordaram com a existência de gerações mais velhas que controlam o município. Contudo, 3 jovens (7,5%) não souberam opinar sobre este enunciado, sendo 2 migrantes e 1 de segunda geração. Sobre as comunidades de origem dos jovens migrantes, também houve um dissenso de opiniões, enquanto 3 jovens disseram não saber da existência de controle por parte das gerações mais velhas em seus municípios de origem, 7 jovens afirmaram que existe controle e 9 jovens disseram que não existe controle.

Os jovens entrevistados são compreendidos como *homo situs* (ZAOUAL, 2006), pois, seja através do local, regional ou mundial, o homem está entendido em um sítio ou *habitus* (BOURDIEU, 2007),⁴⁵ o homem somente sente-se inserido quando encontra o seu lugar.⁴⁶ Os jovens desta pesquisa demonstraram em suas respostas, sobretudo os migrantes, que procuram um lugar para si, e, este lugar pode ser um local que não remonta aos vínculos de origem familiar. A ausência de um passado comum pode acarretar num sentimento de não localização, mesmo que os jovens tenham-se mostrado, nesta primeira etapa da pesquisa, como sujeitos mais otimistas que pessimistas. Por outro lado, Elias e Scotson (2000) já demonstraram em suas pesquisas com uma pequena comunidade inglesa no final da década de 1950, que “ser de fora” implica num conjunto de relações de poder, de relações de localização (periferia e centro) e de inserção e pertencimento social na comunidade em questão. A

⁴⁵ Pierre Bourdieu (2007, p.162) compreende que o *habitus* na sociedade se refere as representações sociais e aos espaços de estilos de vida, assim: “[...] o *habitus* é, com efeito, *princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação (princípio divisionis)* de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*.”

⁴⁶ A teoria dos sítios desenvolvida por Zaoual (2006, p.31 e 32) se propõe a uma teoria que apresenta novos rumos para a economia não-violenta. O sítio é profundamente discutido pelo autor, e, em poucas palavras é “[...] uma maneira de repensar os ‘lugares’ em sua especificidade, levando em conta os sistemas de representação dos atores. [...] os sítios não são espaços geométricos euclidianos e vazios de sentido. [...] De modo essencial, cada sítio é uma entidade imaterial que impregna o conjunto da vida em dado meio. Ele possui um tipo de *caixa preta* feita de crenças, mitos, valores e experiências passadas, conscientes ou inconscientes, ritualizadas. Ao lado desse aspecto feito de mitos e ritos, o sítio possui também uma *caixa conceitual*, que contém seus conhecimentos empíricos e/ou teóricos, de fato, um saber social acumulado durante sua trajetória. Enfim, os atores em dada situação operam com uma *caixa de ferramentas* que contém saber-fazer, técnicas e modelos de ação próprios ao contexto. O todo é estruturado sob forma de um conjunto integrado, singular e aberto aos múltiplos ambientes (local, regional e mundial).”

juventude precisa encontrar um lugar para se situar, a juventude procura o seu *situs*, que necessariamente pode ser, a comunidade adotada pelos seus familiares.

Assim, em busca do *situs* juvenil, as informações aqui ressaltadas ajudam a evidenciar os contornos da configuração social da juventude entrevistada. Mas a análise do banco de dados indica o limite da própria análise quantitativa, e neste sentido, uma investigação sistemática, por meio da metodologia da História Oral, com a utilização da técnica *focus group*, vem a abrir os horizontes desta pesquisa e apontar para caminhos mais complexos das relações sociais numa cidade de porte médio do sul do Brasil. Para se alcançar o objeto de estudo, qual seja, a memória do desenvolvimento por meio da “herança patrimonial” de jovens migrantes e de jovens com vínculos alhures numa cidade de porte médio do Rio Grande do Sul, fez-se necessário analisar aspectos como a trajetória e o passado, tanto do grupo juvenil, como os que o mesmo atribuía à Santa Cruz do Sul, ainda as noções de identidade e pertencimento (migrante, herdeiro da migração, estabelecidos ou *outsiders*) e as perspectivas de desenvolvimento, “projeto de vida” juvenil e os “campos de possibilidades” dos jovens migrantes e de segunda geração na cidade de Santa Cruz do Sul.

4 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL NO IMAGINÁRIO JUVENIL

A análise das entrevistas com os grupos focais representa o cerne desta pesquisa e conduz para a percepção que os narradores juvenis, na condição de migrantes e de segunda geração, têm sobre a memória do desenvolvimento de uma cidade de porte médio do Rio Grande do Sul. A performance das narrativas baseou-se na relação de respeito e confiança entre entrevistador e entrevistados e, como as entrevistas foram coletadas na forma de grupos focais, a proximidade social dos sujeitos juvenis permitiu uma comunicação “não violenta” entre os mesmos⁴⁷. Cabe destacar que uma das dificuldades enfrentada na performance da técnica metodológica adotada foi a inconstante presença dos sujeitos da pesquisa nas discussões focais, visto que muitos destes não puderam participar da totalidade de encontros propostos.

Nos grupos focais esclareceu-se para os entrevistados quanto a pesquisa em geral, a relação que esta estabelece com o entrevistado e quais eram os seus objetivos. Bourdieu (1997, p.695) evidenciou que entre o pesquisador e o pesquisado existe uma hierarquia de diferentes espécies de capital, sobretudo, o capital cultural, e isto se constitui, no momento da entrevista, pelo “mercado de bens lingüísticos e simbólicos” dos quais são dotados o pesquisador e o pesquisado. Nesse sentido, sabendo das dificuldades práticas que as pesquisas enfrentam, procurou-se “[...] reduzir ao máximo a violência simbólica que se pode exercer [...]” sobre os sujeitos entrevistados através do mercado de bens, e, ainda, permitir aos jovens

⁴⁷ Os autores Bauer e Gaskell (2002, p.74), Montysuma (2006, p.121) e Bourdieu (1997, p.697) evidenciaram que para as entrevistas grupais serem bem sucedidas, é necessário que haja, entre entrevistador e entrevistados, uma relação de confiança e respeito. Neste mesmo sentido, Bourdieu (Ibid.) considera que as relações entre entrevistador e entrevistados devem permear uma comunicação “não violenta”, de modo que, não existam confrontos de opiniões e jogos de poder (violência simbólica), pois isto poderia comprometer a performance das entrevistas e seus objetivos.

a espontaneidade de expressão, como a exercem no seu cotidiano. As narrativas orais foram textualizadas e sofreram correções semânticas ao serem transcritas, entretanto, não se interferiu no sentido dos discursos juvenis, somente na medida em que possibilitassem a compreensão das falas num documento escrito.

A compreensão de sociedade, a partir da análise dos processos históricos locais, buscando a rememoração – ato de recordar –, é construída grandemente pelos agentes cidadãos envolvidos diretamente na história. Em Santa Cruz do Sul os discursos normativos compreendem o desenvolvimento local a partir do patrimônio simbólico concernente à história da imigração alemã e da cultura do tabaco, contudo esta narrativa histórica e memorial vem desprovida de conhecimentos de teoria e métodos reconhecidos pela historiografia, construindo uma escrita de cunho biográfico ou genealógico (CORREA, 2002, p.16). As representações sociais acerca da memória local coletiva ultrapassam os limites históricos, amparando-se nos valores e crenças construídos pelos discursos normativos e que os agentes locais consideram importantes. Os migrantes não fazem parte desta história em sua origem, tempo, transcurso, memória ou em seu “passado”, não são, num primeiro momento, pensados pelos agentes locais detentores da escrita como parte integrante da memória patrimonial, mas inegavelmente são integrantes desta sociedade. Assim, os jovens migrantes e de “segunda geração” apresentam um “desencaixe” entre “tempo” e “espaço” (GIDDENS, 2002, p.22 e 23).

A análise da percepção do desenvolvimento regional e local no imaginário juvenil por meio da herança patrimonial está embasada nos pressupostos teóricos a seguir referenciados. As narrativas juvenis foram consideradas a partir de três momentos: a) a relação juvenil com o passado: a percepção da história e da memória do desenvolvimento dos jovens migrantes e de segunda geração; b) a herança patrimonial (imaterial) juvenil: as noções de identidade e pertencimento dos jovens migrantes e de segunda geração; e, c) jovens (migrantes e de segunda geração) atores do desenvolvimento regional a partir do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” numa cidade de porte médio.

4.1 Pressupostos teóricos para a análise das narrativas juvenis

Os jovens migrantes e os jovens herdeiros da migração situam-se na sociedade santa-cruzense no tempo presente. O local no qual estão situados apresenta fronteiras flutuantes neste espaço que é construído no tempo e a partir das interações entre os atores do lugar. Assim, os jovens entrevistados podem perceber o local santa-cruzense a partir da pluralidade de territórios aos quais julgam pertencer; o local e o sítio possuem proximidades que somente são concebidas através do espaço simbólico, que é constituído de vínculos sociais e de crenças compartilhadas (ZAOUAL, 2006, p.144). Necessariamente, os atores juvenis entrevistados não compartilham os mesmos territórios urbanos e tão pouco as mesmas crenças e valores, portanto, o espaço simbólico que compartilham não é o mesmo.

Há diferenças significativas entre os jovens entrevistados, a mais evidente refere-se à própria noção de migrante e de segunda geração. Os jovens migrantes e filhos da migração encontram-se situados no tempo presente local e no espaço local, e, provavelmente, podem ter um futuro neste *situs*, contudo, somente os jovens herdeiros da migração possuem um passado familiar no local, visto que os jovens migrantes não fazem parte do tempo passado de Santa Cruz. Apesar de existir esta diferença entre estes jovens, o processo da migração deve ser considerado a partir da noção de família, que se mobiliza espacialmente; os destinos e linhagens da família integram uma concepção dinâmica, pois a família é o ator e o produto de uma história, a mobilidade não é uma ação individual, mas engaja seus ascendentes, sua *fratrie* e os seus descendentes. Portanto, tanto os jovens migrantes quanto os jovens de segunda geração são herdeiros de um patrimônio e do processo da migração (BOURDIEU, 2000, p.751).

À medida que os migrantes entrevistados encontram seu lugar, ou uma maioria tenha encontrado o seu lugar em Santa Cruz do Sul, o que implica gostar do lugar, identificar-se de alguma forma com ele, estar satisfeito minimamente com as possibilidades e alternativas que se apresentam, ter um “projeto de vida” neste local, enfim, ao passo que isso ocorre com estes jovens, a própria sociedade procura definir um lugar para o “indivíduo-agente empírico”; nas palavras de Velho (1997, p.49), os indivíduos têm de “[...] assumir, responsabilidades e deveres de acordo com o sexo, posição na hierarquia” social, este processo se encaminha muitas vezes com algum tipo de tensão.

Os indivíduos constitutivos de uma sociedade possuem códigos e acionam estes como elemento de categoria e diferenciação gerando, muitas vezes, uma tensão. No caso de Santa Cruz do Sul, os indivíduos locais e a própria sociedade estabelecida deparam-se com códigos específicos, como o bilingüismo; o fato de pessoas locais falarem o alemão apresentou-se como um tipo de tensão para alguns jovens com origem alhures em relação aos indivíduos estabelecidos. Esta tensão pode evidenciar, além de uma forma de diferenciação, uma “violência simbólica” sofrida pelos jovens com origem alhures. O conceito de violência simbólica é uma “chave mestra” para a compreensão das relações de poder e dominação (CATANI e NOGUEIRA, 1998), e esta violência está presente em instituições, inclusive na escola e nos discursos normativos:

A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade. Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares (VASCONCELOS, 2006, p.80-81).

Os mecanismos simbólicos estão presentes nas instituições sociais modernas, mas para Anthony Giddens (2002) a modernidade possui um dinamismo que não se apresentava em tempos anteriores. O “ritmo”, assim como a “amplitude” e “profundidade” do mundo hodierno afetam as práticas sociais e os modos de comportamentos preexistentes. O caráter dinâmico da vida social moderna apresenta um conjunto de três elementos, que são a separação de tempo e espaço, os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional. O tempo e o espaço nas sociedades pré-modernas estavam associados ao lugar, mas nas sociedades modernas o “quando” está conectado ao “onde”, não mais num sentido de lugar. Assim, a separação de tempo e espaço aponta para uma dimensão “vazia” de tempo e para a separação do espaço do lugar. O desencaixe se refere ao “descolamento” “[...] das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo.” (Ibidem, p.24), o desencaixe é a chave do distanciamento entre tempo e espaço. Por fim,

A modernidade é essencialmente uma ordem pós-tradicional. A transformação do tempo e do espaço, em conjunto com os mecanismos de desencaixe, afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos. Esse é o contexto da consumada reflexividade, que é a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas (GIDDENS, 2002, p.25).

Na alta modernidade (GIDDENS, 2002, p.36) existem dois pólos da dialética do local e do global, o “eu” e a “sociedade”, assim, as mudanças na vida pessoal estão ligadas às

conexões sociais de grande amplitude. As transições dos indivíduos (gerações) nas sociedades tradicionais demandavam ritos de passagens e se mantinham como *habitus* coletivo de geração a geração, porém, na modernidade o “eu” é alterado pelo processo reflexivo da mudança do pessoal e social, o “eu” enquanto auto-identidade mostra as concepções reflexivas de pessoa e não de coletividade.

Nas sociedades complexas e individualistas os sujeitos vivem múltiplos papéis, estão em constante trânsito entre os planos sociais. Para Velho (1994, p.26) as sociedades apresentam pontos-chave como os “campos de possibilidades” e de “projeto”, assim, estes dois pontos se inspiram nas idéias de fragmentação e diferenciação de papéis e domínios na sociedade heterogênea, individualista e complexa dos estudos de Simmel (1971), Park (1973), Schutz (1970-1971 e 1979) e Giddens (1991). A sociedade apresenta a contradição entre particularizações de experiências restritas a certos segmentos, grupos e indivíduos e universalizações de conjuntos de símbolos homogeneizados. Por mais individualizada que seja uma sociedade, este processo está dentro de um conjunto de regras e normas vigentes. Neste sentido, Velho (1994, p.28 e 29) compreende que não existem contextos sociais diferentes na sociedade, mas planos e níveis distintos de realidade socialmente construídos, os jovens entrevistados neste estudo possuem “projetos de vida” (individual) que são elaborados dentro de um “campo de possibilidades”, assim, estes campos se referem às alternativas construídas no processo sócio-histórico e têm um potencial interpretativo do simbólico da cultura:

O *projeto* no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*.

As noções de “projeto” e “campos de possibilidades” contribuem para a análise das trajetórias particulares e singulares enquanto expressão do quadro sócio-histórico, os projetos mudam, como também os indivíduos. Os indivíduos estão constantemente sendo reconstruídos, isso é a “metamorfose” descrita por Velho (1994, p.40), mas mesmo assim, mantêm suas identidades associadas aos grupos de referência como a família, etnia, região, religião, etc. Os jovens são portadores de projetos diferentes e muitas vezes contraditórios na sociedade, os projetos juvenis podem ser projetos familiares.

Para Pierre Bourdieu (CATANI e NOGUEIRA, 1998, p.232) a figura dos pais é sujeito e instrumento de um projeto que é transmitido inconscientemente como forma de herança. Os pais, através de ações educativas perpetuam a linhagem:

A herança bem-sucedida é um assassinato do pai consumado a partir de sua própria injunção, uma superação dele destinada a conservá-lo, manter seu “projeto” de superação que, enquanto tal, está na ordem das sucessões. A identificação do filho com o desejo do pai como desejo de ser continuado faz o herdeiro sem história.

Porém, a identificação com o pai e com o seu projeto é fator importante para a boa transmissão da herança, mas para que ocorra êxito na operação de sucessão, é preciso que esta esteja afinada com o sucesso escolar. Assim, a escola exerce papel fundamental nas trajetórias dos estudantes. Mas a herança, sobretudo a herança cultural, nas palavras de Bourdieu (2004, p.36) “[...] se trasmite de manera más discreta y más indirecta e incluso com ausencia de todo esfuerzo metódico y de toda acción manifiesta.” O sociólogo ainda destacou que os grupos sociais se apropriam de um *habitus* que funciona como memória coletiva, assim, este é um instrumento “[...] que tende a reproduzir nos sucessores o que foi adquirido pelos predecessores [...]”, a hereditariedade social procura transcender “[...] os limites da finitude biológica no sentido de salvaguardar sua maneira distintiva de existir.” (CATANI e NOGUEIRA, 1998, p.113). As práticas e estratégias do *habitus* estão orientadas para a conservação ou o aumento do patrimônio do grupo, e, com isso, devem promover a conservação, a manutenção e a melhoria da posição do grupo dentro da estrutura social.

A categoria herança se entrelaça com a categoria patrimônio, pois a própria palavra patrimônio deriva de *pater* e, a herança é transmitida, na sua forma mais tradicional, de pai para filho. Existe uma estreita relação de patrimônio com a idéia de herança: algo a ser deixado ou transmitido para as futuras gerações. Assim, a herança significaria a passagem de um *status* social e patrimônio entre membros de um grupo (CANANI, 2005).

O patrimônio enquanto herança é abrangente e se refere aos bens materiais ou imateriais presentes numa sociedade. Além do patrimônio material, a memória, os ritos, a história oral, as lendas, as músicas e as canções compõem o que se chama de “patrimônio cultural imaterial”:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e

grupos em sua função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (CURY, 2004, p.373).

A historiadora Françoise Choay (2001, p.11) compreende a palavra patrimônio da seguinte forma:

Patrimônio. Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genéticos, históricos, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante.

Deste modo, o patrimônio na contemporaneidade está compreendido com inúmeros sentidos, esta categoria possui múltiplas dimensões sociais e simbólicas, assim como material e imaterial, cultural e natural. Mas a categoria "patrimônio" vem sofrendo variações no tempo e no espaço, se manifesta tanto nos usos sociais quanto simbólicos, sendo assim de difícil delimitação (GONÇALVES, 2005, p.17).

O historiador Giovanni Levi (2000, p. 46 e p.113) mostrou, em seu estudo sobre a sociedade do Piemonte do século XVII, que a herança imaterial é um patrimônio transmitido através de uma racionalidade seletiva e limitada que imputa nos indivíduos comportamentos subjetivos desejados e exigidos entre a liberdade e constrição, e assim, o universo das relações não se apresenta somente no contexto horizontal familiar, mas também no sentido vertical, nas relações de poder na sociedade. A herança não significa apenas manter as tradições, os costumes e valores familiares, a herança se refere a uma gama de comportamentos que são transmitidos pela família e sociedade no decorrer do desenvolvimento dos filhos; da mesma forma como na sociedade do Piemonte, mas num contexto diferente, os jovens entrevistados herdaram o *status* e o *habitus* dos pais e o compromisso com a continuidade de “projetos” acerca da aquisição de educação, estudo, trabalho e metas a serem ultrapassadas pelos sucessores. No caso de muitos jovens migrantes e de segunda geração desta pesquisa, o compromisso que herdaram foi manter a unidade familiar e não se separar dos pais. Por outro lado, a questão monoparental permitiu maior autonomia e liberdade de escolha para os jovens. Ver-se-á noutra parte do trabalho como a questão monoparental contribui para romper com a transmissão da herança e do patrimônio, pelo menos num dos lados parentais.

O desenvolvimento das sociedades compreende inúmeras questões – como algumas que foram ressaltadas anteriormente: o “local” e o “global”, o “tempo” e o “espaço”, o “eu” e o “individualismo”, a “herança imaterial” e o “patrimônio simbólico”, os “projetos de vida” e os “campos de possibilidades”, a “violência simbólica” e a “tensão social” –, assim, a noção de desenvolvimento atual é distinta de outros períodos históricos e deriva mormente dos estudos sobre o desenvolvimento urbano da Escola de Chicago (VELHO, 1973). O desenvolvimento das sociedades contemporâneas está balizado pelo aprofundamento da complexidade das relações sociais modernas, que articulam o local ao global, entrelaçadas pela mídia impressa e a comunicação eletrônica, assim como pelo capitalismo e globalização, que apresentam um adendo ao individualismo (GIDDENS, 2002, p.30).

A partir do século XX, apresentaram-se outras maneiras de narrar o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, Walter Benjamin em seus ensaios “Experiência e Pobreza” e “O Narrador” mostrou que o fim da narrativa tradicional evocou a exigência de uma nova história, uma outra forma de narrar a história e o desenvolvimento das sociedades, pois a noção de experiência, onde repousava a tradição compartilhada através da transmissão e de transmissibilidade humana, limitou a passagem da experiência e mostrou o homem como um trapeiro, catador de sucata e lixo, que recolhe cacos, restos, detritos e que não deixa nada se perder em meio à pobreza das grandes cidades modernas. Na realidade, Benjamin esclareceu que o mundo do século XX não é mais linear, ele rompeu com a idéia de progresso e eliminou a experiência como forma de narrativa do desenvolvimento do homem deste século (GAGNEBIN, 2004 e 2006, BENJAMIN, 1993).

O fim da narrativa e narração tradicional no desenvolvimento da alta modernidade aponta para uma dificuldade de transmissão da herança patrimonial. Assim, no que concerne à herança patrimonial, cabe ponderar como os jovens entrevistados por esta pesquisa articulam em suas narrativas a questão da história e da memória do “eu” e da comunidade local. A história dos sujeitos da pesquisa e a história da cidade estão em descompasso, os jovens, enquanto atores da modernidade e do desenvolvimento separam o tempo e o espaço do lugar. A história familiar dos jovens não é igual à história coletiva da cidade, e neste mesmo sentido, nem a memória familiar dos jovens é igual a memória coletiva da cidade.

Como o desenvolvimento das sociedades está intimamente ligado à forma de narrar o processo histórico e com a memória enquanto patrimônio e herança social, é conveniente

ressaltar que a história e a memória são fatores intervenientes no desenvolvimento. Mas a história e a memória não são a mesma coisa, não devem ser confundidas e não são sinônimas.

Enquanto a história se constitui, nas palavras de Marc Bloch (2001, p.55 e 67) uma “ciência dos homens no tempo”, que busca a compreensão do homem no tempo através do esforço para conhecer melhor, portanto, um estudo da mudança e do movimento, a memória, para Le Goff (2003, p.419 e 469) é um elemento essencial da identidade, tanto individual quanto coletiva, um conceito crucial para o desenvolvimento dos grupos sociais, visto que atualiza e representa as impressões e informações do passado. Paul Ricoeur (1994, p.135 e 2000, p.734) evidenciou que a história é sempre narrativa e processo real com base na temporalidade, enquanto que a memória pode ser definida pela presença do espírito do passado e pela constante procura por tal presença.

A memória e a história se opõem uma à outra, mas existe um ponto de consonância entre as duas, ambas são obrigatoriamente “seletivas”. Pierre Nora (1993) compreende que as duas encontram-se em posições contrárias porquanto a memória é afetiva e mágica, pertence a um grupo que ela une e a história é uma operação intelectual e laicizante que pertence a todos e a ninguém: “[...] A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (p.09), assim, a “[...] memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (p.24 e 25). Se, por um lado a história é sempre uma reconstrução problemática e incompleta do passado enquanto representação, e, ainda, possui uma natureza lacunar e uma noção de não-factual (VEYNE, 1998, p.25-37), a memória depende dos laços afetivos e sociais de identidade e pertencimento e está em constante evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, portanto, um elo vivido no presente; isso faz da memória mais vulnerável aos usos e manipulações que no caso da história. Assim, a história esforça-se para se livrar da memória que a vitimiza.

Como o desenvolvimento das sociedades contemporâneas é compreendido a partir da aproximação entre história e temporalidade – relação entre história e tempo nas transformações e dinâmicas de inserção social –, o conceito de “origem” apreendido de Benjamin (GAGNEBIN, 2004, p.14) se refere à rememoração do passado, contudo

A origem remete, então, a um passado, isso se dá sempre através da mediação do lembrar ou da leitura dos signos e dos textos, através da rememoração. [...] Não existem, portanto, reencontros imediatos com o passado, como se este pudesse voltar no seu frescor primeiro, como se a lembrança pudesse agarrar uma substância, mas

há um processo mediativo e reflexivo, um cuidado de fidelidade teológica e/ou política a uma promessa de realização sempre ameaçada [...].

A noção de origem – e a memória é uma facilitadora deste processo – está no contexto histórico com um sentido de inacabado ou incompleto, e, assim, não fechado. A retomada ao passado volta numa não-identidade, pois postula a abertura sobre o futuro. Não se pode, numa rememoração do passado, voltar à restauração do mesmo, pois o presente pressupõe a transformação, ou um transbordamento, como bem coloca o historiador Le Goff (2003, p.422) em sua obra clássica sobre história e memória.

A despeito das sociedades procurarem memorizar aquilo que percebem enquanto “real” no seu desenvolvimento – codificando as regras e convenções de sua época, o *habitus*, para então identificarem-se enquanto distintas de outras –, torna-se elucidativo lembrar que a “memória escrita” armazenou vestígios do que julgou memorável no decorrer da história, sendo esta memória representação das mudanças sociais e das necessidades presentes – jurídicas, políticas, econômicas e comerciais –, enquanto que a “memória oral” se deteve aos “mitos” de origem. Na realidade, Le Goff (2003, p.423 e 424) explicita que a memória nem sempre se utilizou dos mesmos instrumentos e, tão menos, teve o mesmo significado na história da humanidade.

Se por um lado a história teve no século XX uma renovação teórico-metodológica a partir da *École des Annales* (REIS, 2000, p.65-67) e de suas sucessivas gerações de intelectuais (BLOCH, 2001; VEYNE, 1998; BURKE, 1991 e 1992; LE GOFF, 2003; LE GOFF e NORA, 1976, 1979 e 1995; DOSSE, 1999), a memória social teve como uma das principais referências Maurice Halbwachs (2004 e 2006). Para este sociólogo (2004, p.138) a sociedade obrigava os homens em cada tempo a relembrar os acontecimentos anteriores em sua vida, assim como a retocá-los, recortá-los e completá-los, de maneira que estejam convencidos que suas recordações são exatas, criando um prestígio que a sociedade não possuía. Na visão de Halbwachs (2004, p.105) a sociedade era incapaz de reproduzir, a partir do pensamento, toda uma série de acontecimentos com seus detalhes, traços, indicações, descrições, propósitos e reflexões: “Es porque sentimos qué distancia subsiste entre el recuerdo vago de hoy y la impresión de nuestra infancia que, lo sabemos, ha sido viva, precisa y fuerte, que esperamos, al reeler el libro, completar aquel recuerdo y hacer renacer ésa impresión”.

Enquanto Halbwachs (2006, p.37) compreendia que as memórias do passado – as recordações e as lembranças antigas –, se adaptavam ao conjunto das percepções no presente⁴⁸, sobretudo, a partir da “memória coletiva” – que se baseia em algo comum –, pois a “memória individual” – que se baseia nas recordações de um só – não permite a reconstituição do passado sobre determinado acontecimento, a partir da base comum de vários personagens, Alessandro Portelli (1997, p16) prefere evitar o termo “memória coletiva” por considerar que a memória seja individual, um processo que se concretiza mentalmente ou verbalmente na narrativa de pessoas individuais, e assim, as lembranças das pessoas não são exatamente iguais:

É por esse motivo que eu, pessoalmente, prefiro evitar o termo “memória coletiva”. Embora estejamos trabalhando com o intuito de registrar lembranças que possam ser coletivamente compartilhadas e aproveitadas, devemos ser cautelosos ao situá-la fora do indivíduo. Por diversos motivos (por exemplo, na sociedade contemporânea, cada pessoa reúne fragmentos de muitas recordações sociais diferentes em um todo inconfundivelmente pessoal), esse procedimento seria questionável, em termos éticos, pois tenderia a fazer com que encarássemos os indivíduos como intercambiáveis e desinteressados do próximo.

Contudo, para Ricoeur (2000, p.735) a memória pode ser atribuída às diferentes pessoas gramaticais – *moi, elle/lui, nous, eux* –, mas a memória se baseia, sobretudo, na atribuição múltipla da lembrança. No entanto, Pierre Nora (1993, p.07 e 08) é categórico ao afirmar que hoje fala-se tanto em memória porque ela não existe mais, as curiosidades sobre os lugares onde a memória se cristaliza aponta para uma consciência de ruptura com o passado, e ao mesmo tempo para uma memória esfacelada, assim, “[...] Há lugares de memória porque não há mais meios de memória.” e se “[...] habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.”. Os lugares da memória, antes de qualquer coisa, são restos.

Cabe ressaltar que existem outras fontes de inspirações que despertaram os estudos sobre memória neste século XX, fontes como as comemorações, que procuram legitimar narrativas por parte de agentes do governo, fontes como a política da identidade, que busca nas narrativas do passado expressar as políticas de reconhecimento identitário, assim como as tecnologias da informação, que permitem, através de dados audiovisuais preservar a voz das “vítimas”, e, ainda, as questões demográficas e familiares. O *boom* da memória é resultado do

⁴⁸ Para Halbwachs (2006, p.37) as lembranças e recordações da memória dificilmente são reconstituídas, pois “[...] Os detalhes só retomam seu antigo sentido em relação a todo um conjunto novo que nosso pensamento já não abrange”.

sofrimento, ativismo político, reivindicações de indenização, pesquisa científica, e reflexão filosófica e artística. O século XX possibilitou o nascimento da geração da memória, mas este *boom* tem a ver com as condições de financiamento da memória (WINTER, 2006, p79):

Preocupar-se com memória é ao mesmo tempo uma questão de disponibilidade financeira e tempo livre. [...] A transformação da memória em mercadoria valeu a pena, houve um enorme “boom” de consumo do passado X em filmes, livros, artigos e, mais recentemente, na Internet e na televisão. Há toda uma indústria dedicada a “exibições de grande impacto” em museus, cujos visitantes parecem responder cada vez mais a shows espetaculares. História vende especialmente bem como biografia, ou como autobiografia, ou, nas palavras de Milward (e de Pierre Nora): como história do ego.

A despeito de haver apenas restos ou mesmo não mais “lugares de memória”, a perda da memória definitiva se constituiu numa ameaça ao desenvolvimento do mundo moderno e, com isso, qualquer trabalho de memória está distante de ser uma cópia do passado (SANTOS, 2003, p.18). A preocupação de muitos intelectuais contemporâneos com a memória e a história tem sido um dos mais profícuos temas abordados sobre o desenvolvimento das sociedades no tempo presente e seus vínculos com o passado. Estas discussões vêm no intuito de mostrar o apelo do presente, a vida no presente e, sobretudo, o esquecimento, tão natural e necessário ao homem.

O movimento de lembrar e escrever, concebido também como oralidade e escrita, perpetua o vivo através da codificação e fixação e, por fim, caracteriza-se pela passagem da plasticidade do oral para a rigidez da escrita. As sociedades contemporâneas necessitam rememorar o passado que possa estar sufocado e inaudível, contudo, o escrever não garante a imortalidade e nem a conservação do passado, é preciso também esquecer, visto que o processo de esquecimento faz parte da história do desenvolvimento da humanidade. Neste sentido, a construção da memória dos homens eleva-se entre dois pólos: o da transmissão oral viva e o da conservação pela escrita, sendo a primeira frágil e a segunda mais duradoura, mas as duas são ausência (GAGNEBIN, 2006).

Assim como Gagnebin advertiu ser necessário o esquecimento, Nietzsche também afirmou ser impossível viver sem o esquecimento (SANTOS, 2003, p.31), por outro lado, nem o esquecimento e nem a memória devem ser instrumentos de dominação. É por não estarmos mais inseridos numa tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva que acabamos por inventar formas de conservação e de lembrança, a destarte, a alta modernidade apresenta uma

grande preocupação com a questão da memória, desmemória, resgate e tradições (GAGNEBIN, 2006, p.98).

As narrativas contemporâneas sobre o desenvolvimento, a partir do processo histórico e da memória do passado/origem, do século XX, repercutiram no movimento de patrimonialização – através da intensa criação de museus, arquivos históricos, centros e casas de cultura, entre outros –, que, enfim, como já foi ressaltado anteriormente, buscam conservar aquilo que consideram como elemento constitutivo do patrimônio e que deve ser transmitido de geração a geração na forma de herança. A memória patrimonial enquanto herança é uma construção simbólica e uma representação do social que visa à manutenção, atribuição de valor, preservação e inviolabilidade do patrimônio das sociedades. Para tanto, por mais estranho que possa parecer, a memória patrimonial congela a memória e produz barreiras que impedem a crítica. Mesmo assim, ela se expressa nos mais variados processos – social, simbólico, objetual, etc – e, com isso, se remete à identidade e ao pertencimento (TEDESCO, 2004, p.84),

[...] a memória constrói a pessoa como conjunto de idéias e valores com tendência e coerência. [...] A identidade se faz pouco a pouco, com base na experiência vivida, rememorada, retida anteriormente. Nesse sentido, a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social.

As sociedades, por meio de suas memórias criam imagens e/ou representações, renunciam um ausente e remetem a valores subjacentes e práticas sociais explícitas. Assim, a memória, que é uma forma de representação social, apresenta um discurso na forma de narrativa (CHARTIER, 2002). As práticas e discursos em forma de narrativa são acompanhados da elaboração de imagens sobre os personagens sociais apontando conteúdos morais, das “etnias” e “raças” envolvidas em determinada questão abordada. É preciso lembrar que as imagens, as práticas sociais e as representações nos discursos necessitam ter aparência da verdade, convencendo do “real”. É, portanto, na “[...] aceitação e capacidade mobilizadora que se mede a eficácia das representações, sejam elas imagens ou discursos.” (PESAVENTO, 1999, p.09).

O conceito “representação” é polissêmico. As representações podem ser cogitadas a partir de questões como política, economia, coletividade, saúde, ecologia, cidade, regiões, tecnologia, desigualdades sociais, sociedade, cultura, entre outras, como “senso comum” que indicam a interpretação e a construção das realidades sociais (SÁ, 1995, p.26). Como os

jovens migrantes e de segunda geração integram um conjunto de atores situados e seus vínculos de migração são percebidos por meio da articulação da história, memória, herança patrimonial e imaterial, pertencimento e identidade, as representações sociais implicam num conjunto de fenômenos e nas relações estabelecidas entre os indivíduos ou grupos que compõem e interagem num determinado local.

O termo *représentation* é uma expressão durkheimiana que se refere ao social e ao coletivo (SILVA, 1986) e foi retomado pelo psicólogo francês Serge Moscovici (1978, p.41) para desenvolver uma teoria das representações sociais no campo da psicologia social. A representação social na teoria do psicólogo compreendia o posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais para constituir as percepções dos indivíduos a partir dos processos sociais no cotidiano decorrentes dos fenômenos interativos. As representações sociais correspondem às comunicações simbólicas e figurativas estabelecidas entre os integrantes ou grupos da sociedade, assim, são conjuntos dinâmicos que se manifestam no *status* social dos comportamentos, das práticas simbólicas – valores ou idéias –, e que acabam por reger as condutas desejáveis e admitidas. Cada representação é composta de duas faces, a face figurativa e a face simbólica, ou figura (imageante) e significação, pois toda figura tem um sentido e todo o sentido tem uma figura (MOSCOVICI, 1978, p.50, 51 e 65). O estudo de Moscovici sobre as representações sociais não contribuiu somente ao campo da psicologia social, mas também para a sociologia do conhecimento (FARR, 1995, p.45).

A representação social é uma via dupla, quando se constrói, por um lado, identidade social como o resultado de relação de forças – representações impostas pelos grupos que detêm o poder de classificação, nomeação e definição – e, por outro lado, quando um grupo se mobiliza para reconhecer a sua existência e a unidade como representação (CHARTIER, 2002, p.73). Cabe salientar que o *habitus* e a reprodução social de Bourdieu (2005a) contribuem para os estudos da sociologia contemporânea sobre as representações sociais sobretudo porque elas englobam as idéias e as práticas sociais. Assim, as representações se referem às redes de relações, a geração de diferentes modos de vida e aos princípios de distinção e reconhecimento social. O mundo social é representação e vontade (BOURDIEU, 2005b, p.113).

A partir das representações sociais – formas como a sociedade constrói as suas realidades, muitas vezes contraditórias, e dos diferentes grupos que a compõem –, emerge um

descompasso entre a história e memória familiar juvenil e a do local, os jovens entrevistados são atores situados à medida que se identificam com a cultura urbana, com os atrativos que a cidade lhes possibilita e como as comemorações e festas locais. As representações sociais que emergiram nas narrativas juvenis evidenciaram rotulação e classificação, assim como valoração positiva ou negativa e mesmo uma forma hierárquica de compreender a realidade social da qual participam os jovens atores do desenvolvimento (MOSCOVICI, 1981, p.193; LEME, 1995, p.48 e 49). Porém, a teoria das representações sociais ainda ressalta que a vida coletiva de uma sociedade – espaço onde os sujeitos buscam o sentido do mundo, além de entendê-lo – está relacionada com os processos simbólicos da procura pelo “seu lugar” por meio da identidade social (JOVCHELOVITCH, 1995, p.65).

A representação juvenil do desenvolvimento regional não emana apenas das experiências (práticas sociais) juvenis, mas minimamente de uma tradição oral, contudo, existe um “hiato” nas memórias juvenis devido à ruptura com a tradição oral intergeracional. Os narradores juvenis não são vítimas do esquecimento, mas se configuram como atores/agentes do esquecimento, neste mesmo sentido não são vítimas do desenvolvimento local, mas, em sua maioria, “atores deste desenvolvimento” numa cidade de porte médio do Brasil meridional.

A memória transmitida na forma de herança patrimonial encontra quase sempre passagem na relação intergeracional, se não houver diálogo geracional a memória é interrompida. Porém, a memória de “velhos” têm vantagens em relação à memória de jovens e de adultos, pois à medida que as lembranças das pessoas idosas estão calcadas na experiência de vida, as memórias apresentam-se sobrepostas num “pano de fundo mais definido” (BOSI, 1994, p. 60). Contudo, vale a ressalva de que se não houver diálogo intergeracional, mesmo os “velhos” tendo uma carga de memória significativa, esta se dissipa com a morte e cai no esquecimento. A memória, enquanto oralidade presente na relação intergeracional, sempre se constitui em restos e rastros do passado, por meio da herança patrimonial em jovens e adultos do presente, e o esquecimento é uma condição necessária da memória.

Em Santa Cruz, a memória coletiva local e a memória do migrante estão em condições de desigualdade, as narrativas juvenis sobre o desenvolvimento local emanam do interesse que estes sujeitos têm nos atrativos que a cidade lhes proporciona e do que a família lhes

possibilita. A condição de migrante, aquele que deixa seus vínculos de origem, e, por fim, as suas lembranças e memórias retidas no passado, indica menos facilidade para lembrar, mas tanto os jovens migrantes, quanto os jovens herdeiros da migração, acabam, como bem destacou Halbwachs (2006, p.52) sobre os estudos concernentes à memória coletiva, presos em duas correntes convergentes de pensamento coletivo, o “pensamento local” ou mesmo o “pensamento familiar”, e assim, no presente (*situs e habitus*), estes estão sujeitos à ação e influência de uma das duas correntes.

4.1.1 A relação juvenil com o passado: a percepção da história e da memória dos jovens migrantes e de segunda geração

Os jovens entrevistados apontaram diferenças significativas de percepção, mas ao mesmo tempo também narrativas muito similares. O que aproxima os atores juvenis é que os jovens começavam narrando o seu passado a partir do hoje, então o presente é a referência para a reflexão sobre a memória e a história familiar. Os jovens têm o presente como o momento de referência da história e da memória tanto do “eu” quanto das famílias:

A única coisa que eu sei mais ... é a história de hoje em dia [...].

Ao falarem sobre suas histórias os jovens partem do “aqui” em Santa Cruz, mencionam as origens parentais, onde os mesmos ou os parentes nasceram. Contudo, poucos foram os jovens que conseguiram dizer onde os avós nasceram, alguns jovens de famílias monoparentais afirmaram que sabem muito pouco sobre a história e a trajetória de um dos pais. Do total de quarenta jovens entrevistados, dezessete jovens convivem com um dos pais ou simplesmente com um parente ou mesmo sozinhos, são esses mesmos jovens que comumente indicam manter poucos vínculos com um dos lados parentais, salvo algumas

exceções.⁴⁹ A distância familiar ou mesmo a separação parental são fatores intervenientes para a ausência de diálogo geracional e justificativa para a falta de memória familiar.⁵⁰

No entanto, não foram somente os jovens de famílias monoparentais que apontaram uma lacuna nas memórias familiares, alguns jovens que convivem em *foyer* biparental também indicam distanciamento ou pouco contato com as gerações precedentes.⁵¹

A princípio, poder-se-ia supor que os jovens da segunda geração teriam mais dificuldades de saberem a história, o passado e as memórias familiares devido ao distanciamento espacial e de vínculos longínquos em relação aos seus municípios de origem familiar, mas o que se percebeu foi que, tanto os jovens filhos da migração quanto os próprios jovens migrantes encontram-se influenciados pela estrutura da família, condicionados pelos poucos contatos parentais com os próprios pais e com os avós. O pouco diálogo intergeracional compromete a transmissão da herança patrimonial, visto que é o local onde estão inseridos que importa para as noções de pertencimento.

Apesar da bibliografia apontar para um discernimento entre a história e a memória nos estudos contemporâneos, nos grupos focais tanto a memória quanto a história se confundiram nas narrativas dos jovens, isso evidencia uma injunção entre história e memória. Mesmo que a questão fosse indagada da seguinte forma: Fale sobre a sua história e a história familiar?, os jovens muitas vezes ao discorrer sobre a “história” dos pais acabavam apontando acontecimentos que refletem a “memória” precedente e que foi transmitida oralmente de geração para geração. Os jovens indicavam que não sabiam a história da família, mas sabiam algum fato do passado familiar que foi transmitido geracionalmente.⁵²

⁴⁹ Para manter o sigilo das identidades juvenis optou-se por uma codificação composta pelo número do jovem atribuído no banco de dados (1, 2, 3... 40), ainda a escola do jovem (A, B, C, D ou E), se a escola é pública (ES) ou privada (P) e se o jovem é migrante (M) ou de segunda-geração (SG), assim, os códigos ficaram compostos da seguinte seqüência: 1/A/ES/SG, 2/A/ES/SG, 3/A/ES/M, 4/A/ES/M, 5/A/ES/M, 6/A/ES/M, 7/A/ES/M, 8/A/ES/M, 9/B/ES/SG, 10/B/ES/SG, 11/B/ES/SG, 12/B/ES/SG, 13/B/ES/SG, 14/B/ES/M, 15/B/ES/M, 16/C/P/SG, 17/C/P/SG, 18/C/P/SG, 19/C/P/SG, 20/C/P/M, 21/C/P/M, 22/C/P/M, 23/C/P/M, 24/D/ES/SG, 25/D/ES/SG, 26/D/ES/SG, 27/D/ES/SG, 28/D/ES/SG, 29/D/ES/M, 30/D/ES/M, 31/D/ES/M, 32/D/ES/M, 33/D/ES/M, 34/E/ES/SG, 35/E/ES/SG, 36/E/ES/SG, 37/E/ES/SG, 38/E/ES/M, 39/E/ES/M e 40/E/ES/M.

⁵⁰ Para confirmar a ausência de informações parentais apresentam-se algumas narrativas juvenis selecionadas no quadro 1 do Apêndice H.

⁵¹ Para maior detalhamento ver quadro 2 do Apêndice H.

⁵² No quadro 3 do Apêndice H apresentam-se algumas narrativas que vem ao encontro da afirmação.

Os testemunhos memoriais juvenis mostram que migrantes e da segunda geração apresentam alguns acontecimentos factuais que são de domínio familiar, e assim, a história dos jovens pesquisados não vem desprovida da memória, mas as duas caminham conjuntamente nas narrativas juvenis. Os momentos marcantes apontados nos relatos da história, mas que se pode dizer que representam a memória juvenil, elencam sempre fatos relacionados a um parente precedente que veio de um outro país, ou mesmo uma história que é *sui generis* no contexto familiar e somente por isso se manteve arraigada nas memórias juvenis. De certa forma, as narrativas memoriais dizem respeito à idéia basilar de colonizador, de mito e de lenda, com isso isentam-se de criticidade juvenil, pois é um fato dado como verídico e por isso inquestionável pelos atores juvenis.

Por outro lado, outros jovens demonstraram em suas falas que a trajetória familiar era mais importante no que se refere à sua história. Estes jovens narraram de onde vinham (os jovens ou suas famílias), por que vinham, o que buscavam em Santa Cruz, quais eram as condições socioeconômicas da família em seus municípios de origem, os caminhos percorridos pela família até se instalarem em Santa Cruz. À medida que alguns jovens apresentaram memórias familiares precedentes, outros jovens se encaminharam para narrativas que se aproximam do tempo presente, talvez isso evidencie que os jovens não se lembram de nenhum fato marcante da memória familiar para narrar, sobretudo, isso também pode apontar para um desconhecimento das memórias familiares por parte de alguns dos sujeitos da pesquisa e que o diálogo geracional não se opera no contexto memorial. Mesmo assim, a trajetória familiar relatada pelos jovens pode ser pensada também como memória, visto que são resquícios da história da família que rondam o imaginário juvenil.⁵³

Os testemunhos dos jovens entrevistados não demonstraram ligação de suas histórias com a história local porquanto a mobilidade espacial (dos jovens ou de seus pais) interferiu na trajetória e na relação com o lugar, e como suas histórias familiares não fazem parte do tempo passado de Santa Cruz do Sul, mas do tempo presente apresentou-se um “hiato de memória”.

As histórias juvenis são fragmentadas e descontínuas, pois o desenvolvimento familiar se mostrou ajustado ao cotidiano nos bairros onde residem os jovens. Em relação ao desenvolvimento urbano, sobretudo os jovens da segunda geração afirmavam que quando os

⁵³ Para fins da performance das trajetórias familiares juvenis, apresentam-se no quadro 4 do Apêndice H algumas narrativas selecionadas.

pais chegaram viram o bairro de um jeito e hoje se encontra mudado; outros jovens disseram que os pais começaram a se estruturar em Santa Cruz porque a cidade lhes proporcionou trabalho ou emprego. Os jovens migrantes que se situam em Santa Cruz há muitos anos associaram suas chegadas a Santa Cruz com o desenvolvimento urbano talvez porquanto os vínculos com as cidades de origem não fossem mais representativos, estão distantes, ou mesmo se dissiparam no contexto da mobilidade espacial e social.

Os jovens entrevistados, quando indagados sobre a história e o passado da cidade não apontaram para aproximação entre as “duas” histórias. Em relação à pergunta: o que você sabe sobre a história e o passado de Santa Cruz do Sul?, as narrativas juvenis evidenciaram a ausência de conhecimento ou mesmo o consenso de que a história de Santa Cruz se refere à tríade colonização alemã, indústria do fumo e desenvolvimento regional.⁵⁴

Os testemunhos ratificam que as informações juvenis sobre a história de Santa Cruz são oriundas dos estudos escolares, porém, as pesquisas escolares indicam que mesmo havendo este estímulo educacional, os jovens entrevistados não se lembravam do que foi estudado, ou lembravam muito pouco.⁵⁵ Os jovens entrevistados estão apegados ao tempo presente. Em muitos momentos, disseram que o que sabem se refere ao hoje, ao que lêem nos jornais, ao que assistem na televisão, aos espaços de divertimento que freqüentam e que divulgam a cidade por meio de comemorações locais. Enfim, a história que sabem é uma história recente.⁵⁶

As narrativas juvenis apontaram que alguns jovens possuem certo conhecimento da história local, na realidade são memórias factuais; mas os jovens entrevistados que residem há mais tempo em Santa Cruz e que possuem vínculos parentais na cidade mostraram que sabem mais sobre a história local que os jovens migrantes chegados há pouco tempo, mas isso *a priori* não é novidade em termos de migração.⁵⁷

⁵⁴ O quadro 5 do Apêndice H apresenta falas juvenis selecionadas e que indicam a ausência de conhecimento da história da cidade.

⁵⁵ O quadro 6 do Apêndice H apresenta essas narrativas.

⁵⁶ O quadro 7 do Apêndice H evidencia o que foi comentado por eles.

⁵⁷ O quadro 8 do Apêndice H mostra tal afirmação.

No contexto dos jovens entrevistados, que totalizam quarenta estudantes, uma jovem de segunda geração foi a única que se mostrou pesarosa em relação ao fato de não saber a história de Santa Cruz:

Imagina se um dia alguém chega para a gente e pergunta assim: fala um pouco da história da tua cidade [risos]. Bom, para mim é chato não saber nada daqui, pois vai que meus filhos me perguntem e eu não saiba responder, tipo, eu nasci e morei lá muito tempo e não sei nada da minha cidade?! Se torna até constrangedor isso. (Jovem 36/E/ES/SG).

Por outro lado, uma jovem da segunda geração disse que a sua história é importante saber, pois a história de Santa Cruz é possível acessar nos livros. Contudo um jovem migrante afirmou que não se sente pesaroso de não saber a história de Santa Cruz, o mesmo considera importante saber a história de seu “lugar de origem”:

A história da cidade onde eu nasci eu sei um pouco. [...] Não sei se eu quero saber a história de Santos Cruz, pois eu não sei se vou continuar morando aqui. Mas é legal saber um pouco da história esteja eu onde estiver, o que eu vou ter que falar para os meus filhos é sobre como eu fui parar lá, mas se eu ficar aqui, eu vou contar para os meus filhos a nossa história, a história de onde eu vim, vou dizer da onde os meus avós e meus pais eram, isso é importante saber, da onde veio, a origem, então não sei se vou ficar aqui, ano que vem tem as provas do exército e eu quero prestar, ainda pretendo fazer vestibular, então. (Jovem 40/E/ES/M).

Os jovens, no transcorrer das discussões sobre o passado, a memória e a história foram indagados sobre como eles mesmos avaliavam o fato de não lembrarem de suas histórias e passado familiares, e nesse sentido, as reflexões juvenis apontam para uma certa resignação, pois os mesmos afirmaram que até acham importante e interessante saber a história familiar, mas que o fato de não saberem não compromete o seu desenvolvimento. Não saber o passado familiar não intervém no presente e no futuro juvenil, saber a história familiar juvenil opera mais no sentido de “curiosidade” do que numa condição de existência.⁵⁸

Algumas falas juvenis procuram justificar a questão de saber ou não sobre a história e o passado familiar como:

Eu acho tri importante saber, eu acho que em relação ao meu passado, eu nunca me interessei, o meu pai conta às histórias das artes, mas ele nunca contou a história da família dele, é que nunca quis perguntar (Jovem 25/D/ES/SG).

Tu tinhas perguntado, da onde era a minha família, e eu não sabia muita coisa, eu não soube responder, e isso não é bom, pois algumas coisas que tu perguntas depois eu vou ir atrás, até queria te responde.[...] (Jovem 18/C/P/SG).

Eu até sei alguma coisa dos meus avós e bisavós, mas porque a minha mãe me conta, já o meu pai não falava nada, e eu também nunca tive a oportunidade de

⁵⁸ Com isso, o quadro 9 do Apêndice H procura mostrar o que foi afirmado.

perguntar, quero dizer, oportunidade eu tive, porém não me toquei de perguntar (Jovem 36/E/ES/SG).

[...] Eu acho interessante que toda a pessoa tem interesse em saber sobre sua família, porque querendo ou não é sua história... como desenvolveu tudo...[...], saber o que aconteceu, para saber porque aconteceu. Só talvez por falta de tempo e talvez por não ter mais alguém assim pra perguntar que vai se deixando, mas eu acho interessante, um, dia quem sabe eu vou descobrir tudo, o máximo possível para deixar para alguém (Jovem 23/C/P/M).

Essas narrativas acusam que os jovens se preocupam em saber a sua história, mas o fato de nunca terem perguntado sobre a mesma aos familiares e/ou pais talvez indique que não estejam comprometidos com a sua história familiar. A “falta de tempo” foi a justificativa apontada somente pelos jovens da escola C.

Por outro lado, alguns jovens indicaram que nunca haviam “parado para pensar” sobre a questão da história e o passado da família, ou seja, o passado familiar está submerso no imaginário juvenil; uma jovem chegou a dizer categoricamente que o passado “não fez falta saber” visto que existem “outras preocupações” mais significativas na vida dos jovens. Houve também uma outra jovem que afirmou que os pais “nunca lhe falaram nada”, isso reafirma que o diálogo intergeracional é importante para proporcionar o conhecimento da história familiar às novas gerações.⁵⁹

Segundo os jovens, saber a história é importante porquanto existe um devir geracional, os jovens estão preocupados em saber algo sobre as histórias familiares para então transmitir para as gerações seguintes:

[...] quando eu tiver filhos eu não vou ter o que dizer (Jovem 2/A/E/SG).

[...] eu vou ter minha família depois e o que eu vou falar pros meus filhos? [...] (Jovem 7/A/E/M).

Eu acho bem legal de saber as histórias, sim, porque depois tu vais contar para o teu filho, é a história do teu filho também [...] (Jovem 15/B/ES/M).

Eu nunca tinha pensado nisso, que eu ia, se eu ia transmitir, se ia continuar a minha história, eu nunca tinha nem parado para pensar...[...] E daí agora, que tu falou....que eu comecei a pensar que eu gosto de saber sobre isso, eu acho importante tentar guardar, assim como eu gosto, acho que seria legal pra passar pros meus filhos, bom, se eles vão querer continuar ou não com a história (Jovem 21/C/P/M)

Sim, essas coisa são importantes, pois o que eu acho que é importante para mim, será para meus filhos e netos também, e eu acho legal a gente resgatar algumas informações e passar adiante, pensa, depois os meus bisnetos vão querer saber e não vão poder (Jovem 17/C/P/SG).

⁵⁹ O quadro 10 do Apêndice H evidencia estas afirmações.

Acho que saber a história é válido, tanto agora como para depois poder passar, acho que isso é interessante, mostra como era uma época, de alguma forma, em parte, a história da minha família explica o meu presente (Jovem 22/C/P/M).

Com relação a lembrar das histórias, principalmente da minha família, eu me preocupo muito, eu gostaria de saber mais para contar aos meus filhos também, eu não sei mais porque... meus pais são falecidos, mas falta pesquisa, eu nunca quis investigar, mas é bom saber. [...] (Jovem 32/D/ES/M).

[...] eu acho isso interessante, muito, porque depois que meus pais morrerem eu não vou saber nada, o que eu vou contar?![...] (Jovem 26/D/ES/SG).

As reflexões dos jovens da escola E se mostraram mais fatalistas e, talvez, mais realistas com relação ao “fim”, a “morte” e a “perda” de suas histórias, visto que os jovens afirmaram que a história familiar vai aos poucos sendo esquecida:

Acho que as únicas coisas que eu vou poder falar para os meus filhos foi a minha convivência com os meus pais e meus primos, é isso. A minha mãe também não falava da avó dela ou da origem da família, então, por pior que seja, a história de cada um vai morrer, a cada geração vai morrendo um pouco, assim como para os meus filhos eles não vão saber dos meus avós e avós, talvez os meus netos não vão saber de mim. Isso é lamentável, mas é assim, pois é difícil alguém chegar e dizer, o meu tataravô era assim, minha tataravó era assado, porque vai se distanciando cada vez mais, cada um que passa vai morrendo um pouco da história e é assim com nós aqui e é assim com todo mundo! (Jovem 38/E/ES/M).

Eu concordo com ele, não tem como tu catar a história em pedaço por pedaço, acho que tudo vai morrer (Jovem 35/E/ES/SG).

Quanto mais distante ficar, mas vai morrendo a história.[...]. O que pode ser feito é eu passar para os meus filhos a minha história e da minha mãe e dos meus avós, e isso ir um pouco adiante, mas sempre se perde. [...] Mas voltando a essa questão de esquecer, eu acho muito ruim, depois meus filhos vão me perguntar alguma coisa e eu não saber responder direito, e dizer pouca coisa é ruim, pois indica que estamos perdendo a nossa história (Jovem 36/E/ES/SG).

[...] Não tem jeito, a história vai se perder [...] (Jovem 37/E/ES/SG).

Eu acho que parte da minha história se perde sim, mas mesmo assim eu vou tentar levar alguma coisa comigo, enfim, pode ser que se perca sim. Eu acho que a distância geracional faz perder (Jovem 34/E/ES/SG).

Em particular, uma jovem migrante demonstrou uma preocupação com relação à história familiar, sobretudo no que concerne à tradição, pois a experiência geracional do tempo passado pode impelir uma normativa de conduta, obrigando os jovens a ter certas posturas:

Eu acho... meio termo! Tem o lado positivo e o negativo também. Tipo, o positivo sobre os filhos e tal né, também tem aquela, assim, tipo, aí os meus avós fizeram isso e eu vou ter que fazer também, acho que isso é ficar se prendendo a uma tradição, tipo, tudo se transforma, tudo se cria, tu poderia fazer uma coisa diferente do que teus filhos vão fazer, aprimorar, teus netos também. Acho que a gente tem que estar sempre evoluindo, então se eu disser: filho, agora tu vai ter que fazer aquilo que a tua avó fez, porque essa é a tradição. Acho que isso é o ponto negativo. Já o positivo é tu saber que, há, minha mãe fez isso, e ela se deu mal então eu não vou fazer, ver que as coisas repercutiram do que eles fizeram também (Jovem 8/A/E/M).

Essa afirmação acima demonstra que os jovens tentam romper com o passado, não com o passado e a história, mas com os costumes e tradições de um tempo que não representa mais os costumes, crenças e valores juvenis de hoje. A herança imaterial que ultrapassa gerações, sobretudo a relacionada com os valores simbólicos, tradições, costumes, normas e regras familiares, entra em confronto com o pensamento juvenil dos jovens entrevistados da Escola A e pode ser minimizada e até mesmo interrompida pelos jovens.

Por fim, os jovens da escola E perceberam que os poucos vínculos geracionais, interrompidos pela mobilidade espacial e pelo falecimento dos pais, implicam numa ruptura na transmissão da herança patrimonial da família, e isto compromete a história e as memórias familiares, que não encontram canal de passagem. Uma jovem chegou a dizer que:

Eu até poderia saber mais, mas eu não conheci nenhum dos meus avós paternos, até a minha mãe conheceu somente o sogro dela, pois a minha avó faleceu 8 anos antes dos meus pais se casarem, e com os meus avós maternos, somente tive contato com a minha avó, pois o meu avô eu não conheci, e outra, a minha avó não é muito de falar, então a única coisa que sei é que eles eram de Passo do Sobrado e Rio Pardo, e depois foram para Soledade, porque a minha mãe nasceu lá, depois foram para Canoas, e meu avô faleceu ali e a minha avó mora até hoje lá. (Jovem 36/E/ES/SG).

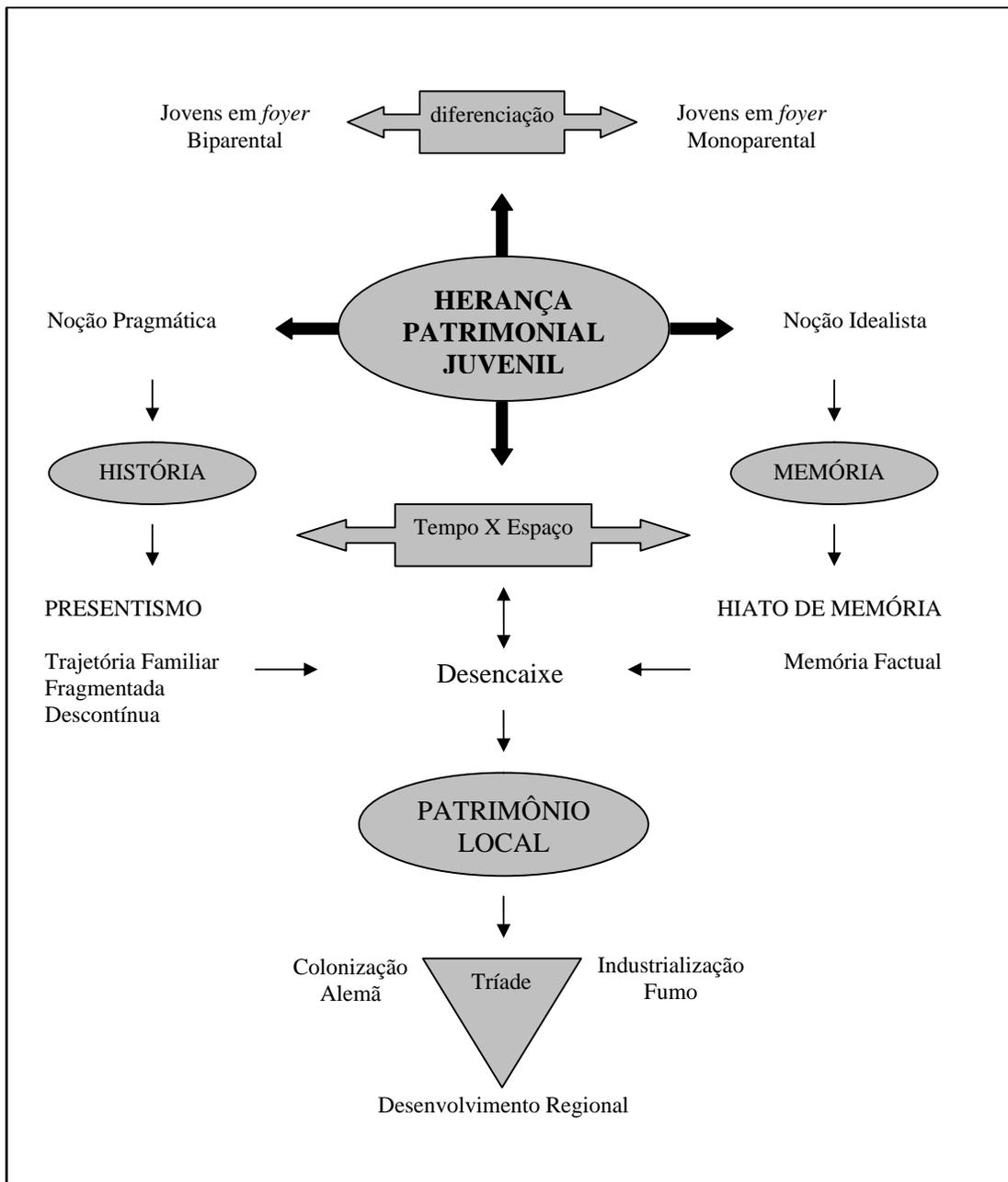
Outro jovem também se mostrou resignado com a questão geracional, da migração e a interrupção dos vínculos parentais:

Acho que uma das coisas que a gente aqui tem em comum é que todos os nossos pais escolheram uma cidade melhor, não foi?! E cada família tem os vínculos cortados, seja com os parentes, avós e tios, com os pais, enfim, isso explica porque a gente sabe tão pouco, não adianta somente eu perguntar para minha mãe, ela não sabe tudo, então, se tivéssemos oportunidades de conversar com nossos parentes, avós e tios, perguntar como foi seria perfeito, só que pelo fato de nossas famílias estarem separadas, fragmentadas, isso é o verdadeiro problema. (Jovem 38/E/ES/M).

Os mesmos jovens ainda afirmaram que as relações étnico-culturais condicionam a perda da história, das memórias, ou seja, da herança imaterial propriamente dita. Mesmo assim, os jovens da escola E não demonstraram uma visão negativa quanto a isso, acreditam que esta seja a cultura brasileira.⁶⁰

⁶⁰ Esta questão pode ser conferida nas narrativas selecionadas e expostas no quadro 11 do Apêndice H.

Figura 7: Narrativas juvenis sobre a sua relação com o passado (história e memória):



A performance das narrativas juvenis indicou que a herança patrimonial em jovens residentes em *foyer* monoparental diferencia-se dos jovens em *foyer* biparental, pois entre os primeiros a ausência de diálogo intergeracional comprometeu a transmissão da herança e o conhecimento sobre a história e a memória materna ou paterna. Os testemunhos apontam que a herança patrimonial juvenil está dividida em uma noção pragmática, que tem na história do

tempo presente a afirmação da trajetória familiar fragmentada e descontínua, e uma noção idealista, que indica que a memória dos jovens é factual e expõe um “hiato de memória”. Tanto o patrimônio juvenil quanto o patrimônio local apresentam-se balizados pela noção de tempo e espaço em desencaixe, pois o patrimônio da comunidade assenta-se sobre a tríade colonização alemã, indústria do fumo e desenvolvimento regional enquanto que o patrimônio juvenil baseia-se na migração, na trajetória e desenvolvimento familiar.

4.1.2 A herança patrimonial (imaterial) juvenil: as noções de identidade e pertencimento dos jovens migrantes e de segunda geração

Para além da história, passado e memórias familiares dos jovens, a questão da identidade e do pertencimento são fundamentais para se aprofundar a análise sobre a memória do desenvolvimento por meio da herança patrimonial numa cidade de porte médio do sul do Brasil. Com o intuito de compreender as forma de inserção e pertença dos jovens entrevistados na comunidade local, esta seção abordou como estes lidam com a questão do pertencimento e com uma provável lacuna da identidade.

Antes de saber se os jovens se sentem inseridos ou não em Santa Cruz, foi indagado sobre o que entendem que seja identidade. O consenso juvenil indicou que a identidade é formada a partir da influência da família, dos amigos, da sociedade e dos meios de comunicação. A associação destes fatores intervém na identidade, que não é fechada para os jovens, assim, os mesmos afirmaram que a identidade está em constante transformação, está relacionada com a personalidade, com a forma de se sentir, pensar e agir na sociedade, com a carteira de identidade, com o voto, com as opiniões, com os ensinamentos, com os hábitos, com a cultura, com os estilos de se vestir, de música e de vida, com as gírias, com o lugar de nascimento e origem, com a própria história e passado, com os preconceitos e até com a herança genética. Apenas uma jovem indicou que não tinha uma opinião formada sobre o que é identidade:

Aí, não me vem nada na cabeça agora. Acho que o que vem é os documentos [risos]. Bom, eu não tenho uma opinião formada sobre isso (Jovem 22/C/P/M).

Apesar de haver um consenso sobre inúmeras questões que circundam a identidade, os jovens expõem passagens narrativas com incongruências e ambigüidades de respostas. As

discussões grupais oscilaram entre a noção de identidade pessoal e em transformação.⁶¹ A associação de identidade com personalidade foi apontada entre os jovens das cinco escolas, e isso indica que os jovens confundem as mesmas. Assim, a identidade não significaria apenas formas de identificação social e pessoal, mas qualidades pessoais, algo que os distingue dos outros, portanto algo individual. Com isso a

Identidade está ligada... é uma personalidade ou uma cultura (Jovem 18/C/P/SG).

[...] a família da gente influencia bastante assim, desde dos hábitos mais simples, tipo, um costume que tu tem antes de dormir, porque a tua mãe te ensinou um negócio, é uma coisa que tu vai fazer para o resto da tua vida e por influência da tua mãe, mas tem coisas que tu faz, que os teus pais não te ensinaram isso, então tu cria uma personalidade própria (Jovem 2/A/ES/SG).

[...] eu acho que a tua personalidade não é só da família e amigos, como a colega falou, tem mil e umas coisas que tu pode tirar proveito de uma coisa para ti (Jovem 7/A/ES/M).

As falas mostram que se atribuiu o carácter pessoal à identidade e à personalidade:

É, eu acho que é uma coisa que identifica a tua personalidade, que nem o colega, tem tal coisa que é a cara dele, que identifica a pessoa, faz tu lembrar logo a pessoa. Bom, a gente cria a nossa identidade, mas eu penso a identidade sobre diversos pontos, é uma coisa que é tua (Jovem 14/B/ES/M).

Para mim identidade é o meu carácter, minha personalidade, existe inclusive a expressão ‘crise de identidade’, então para mim significa que é uma coisa pessoal, a gente tem um jeito, é o nosso comportamento, nossa forma de pensar, pelo menos para mim identidade é isso (Jovem 36/E/ES/SG).

Acho que é uma coisa exclusiva, tem a ver com as tuas características (Jovem 20/C/P/M).

É uma coisa exclusiva (Jovem 20/C/P/M).

Acho que é uma coisa fundamental, é realmente exclusivo, sei lá. [...] Acho que não pode ser mudada (Jovem 17/C/P/SG).

Em contraponto aos jovens que indicaram identidade e personalidade como algo pessoal e único, outros disseram que estas sofrem mudanças nos decorrer do desenvolvimento do “eu”, um jovem admitiu que as gerações mais velhas possuem melhores condições de responder sobre a sua identidade do que a juventude:

A personalidade tu sempre vais ter, o que vai mudar é o teu estilo, tu podes mudar a forma como tu te relaciona com os outros, as pessoas influenciam (Jovem 10/B/ES/SG).

[...] eu acho que a nossa identidade está sempre se formando (Jovem 3/A/ES/M).

[...] acho que as pessoas vão crescendo, vão evoluindo intelectualmente e aos poucos elas vão criando a sua identidade, acho que é muito mais fácil tu perguntar para uma pessoa mais velha qual a tua identidade, do que tu perguntar para uma pessoa da nossa idade qual é a tua identidade?! [...] (Jovem 23/C/P/M).

⁶¹ Ver quadro 12 do Apêndice H.

[...] a identidade é uma coisa que tu vai mudando, por exemplo, a um tempo atrás eu gostava de um tipo de música, eu me identificava, mas hoje, já mudou, é outro tipo. Então isso muda, mas o que vem de família não, porque é da minha personalidade, eu não vou mudar, não vou deixar de ser teimosa porque eu quero, agora, a questão de estilo, essa muda! (Jovem 14/B/ES/M).

A identidade de uma pessoa não é exclusiva, pode ser de um povo, depende do âmbito que tu vais pensar, é independente da idade, hoje, a gente tem informação nos bombardeando a toda hora, então, sempre tem fatos novos, a identidade é uma coisa volátil, não tem muita base nos dias de hoje (Jovem 20/C/P/M).

Um jovem incitou os colegas de grupo, afirmando que as pessoas são influenciadas pelos outros:

Quem não é influenciado pelos outros?! [...] Até o jeito de a gente conversar, o uso das gírias (Jovem 15/B/ES/M).

Mas a gente sempre é um reflexo dos outros, é impossível não ser influenciado [...].As pessoas acabam criando os seus estilos conforme os estilos das outras pessoas, eu acho (Jovem 14/B/ES/M).

A gente é influenciado pelos amigos, novelas, sociedade (Jovem 9/B/ES/SG).

A palavra preconceito apareceu nas narrativas juvenis da Escola A e da Escola D, e de forma diminuta na Escola B. Na escola A, para uma jovem o preconceito se refere a

[...] um certo padrão, e as pessoas tem certo medo de quebrar isso, por causa do preconceito, não só isso, mas tem medo de ser desvalorizadas por não estar naquele meio (Jovem 1/A/ES/SG).

A forma de preconceito apontada neste grupo tem a ver com medo por parte das pessoas em assumirem muitas vezes uma identidade na sociedade. Este medo indica que os indivíduos se preocupam com o meio em que estão e não desejam se sentir desfavorecidos. Cabe lembrar, a partir das reflexões de Giddens (2002, p.79) sobre a questão da auto-identidade dos indivíduos modernos, que os jovens têm um conjunto de práticas que preenchem necessidades utilitárias cotidianas, e assim, seus “estilos de vida” são uma narrativa particular de auto-identidade, porém, mostrar seu estilo de vida e ser aceito é motivo de preocupação juvenil. Dessa forma, estes jovens disseram que existe uma diversidade de estilos juvenis, mas que muitas vezes são julgados pela sociedade:

As pessoas por serem diferentes são desfavorecidas [...] (Jovem 8/A/ES/M).

Tinha aqueles que eram judeus e eram desfavorecidos, e daí, por exemplo, os gays, e agora os *emos* (Jovem 3/A/ES/M).⁶²

⁶² Para os jovens da Escola A, *emo* significa: “Emo, emo core é um estilo de música, como o hard core é um estilo mais emotivo, melancólico.”, “É uma coisa bem assim, tipo, as letras são bem diferente do rock normal, não é balada.” “Só que as letras em si falam de amor.”, “O som deles é meio pesado.”, “Mas nem sempre é pesado.”, “Não é totalmente pesado, não é de acordo.” Vem do hard core melancólico, o estilo emo tem um pouco de influência punk.”, “Eu só sei definir emo pelo estilo de roupa!”, “Não, não tem nada a ver.”, “Depende!”, “É que as pessoas tem a necessidade de dizer: a pessoa é isso!”, “Mas as vezes tu acha que é emo e

Os obesos! [risos]. As pessoas por serem diferentes são desfavorecidas. Eu sou desfavorecida! [risos] (Jovem 8/A/ES/M).

Sempre tem, há, pessoas que ninguém gosta, ou como não gosta, eu também não vou gostar, mas a maioria não é igual, então as pessoas se cuidam para não engordar, ou se cuidam para não falar uma coisa diferente porque não vão gostar sabe, as pessoas se cuidam, mas eu acho que tudo está evoluindo (Jovem 3/A/ES/M).

Aí! Eu acho isso meio medieval! [risos] (Jovem 8/A/ES/M).

O ser humano tem muitos pecados. A gente tem preconceito (Jovem 24/D/ES/SG).

As pessoas julgam as aparências (Jovem 24/D/ES/SG).

A família exerce nos jovens entrevistados influência sobre suas identidades e mesmo sobre suas personalidades, mas principalmente o papel mais importante foi atribuído à figura materna. A questão monoparental apareceu com fator interveniente nas narrativas juvenis sobre a identidade:

[...] Por exemplo, a minha identidade foi mais influenciada pela minha mãe do que pelo meu pai, porque eu morei muito mais tempo só com a minha mãe do que com o meu pai, então eu tenho muito mais influência da minha mãe do que influência do meu pai entende [...] (Jovem 3/A/ES/M).

Bom, eu não me identifico em nada com o meu pai, já com a minha mãe sim [...](Jovem 6/A/ES/M).

Eu acho assim, como os meus pais são separados, mas sempre me dei com os dois, mas que nem, eu puxei mais pela minha mãe, não sei se é por ser mulher assim. Então a minha identidade até um ponto foi com ela sabe, mas depois eu comecei a gostar das minhas coisas [...] Eu particularmente sou que nem a minha mãe [...] (Jovem 4/A/ES/M).

Sabe que eu tenho mais influência da minha mãe sobre a minha identidade que dos meus amigos, eu sempre vou mais pela cabeça da minha mãe. Desde pequena eu vi que o meu pai era uma pessoa difícil, eu cresci vendo a minha mãe e o meu pai brigarem, depois eles se separaram, então eu perdi o meu pai cedo.[...] (Jovem 36/E/ES/SG).

[...] hoje eu e a minha mãe somos bem amigas, nós conversamos, isso porque ela se separou, o meu padrasto ele batia nela e eu via isso, e eu não contava a ninguém porque nós não tínhamos contato. Com o meu pai, eu nunca tive contato com ele, para falara verdade, do meu pai eu não tenho nada, nenhum ensinamento, ele nunca me influenciou na minha identidade. [...] (Jovem 35/E/ES/SG).

não tem nada a ver!", "É que agora está numa fase emo.", "O pessoal emo core é a favor do homossexualismo.", "É, mais nem todos são emo.", "Eu não tenho nada contra eles, mas eu não gosto!", "Nem eu!", "Que nem tem gente que diz: aquele lá é emo! Mas se tu fores ver, a pessoa não é emo, ela nem escuta o som, acho estranho que as pessoas dizem emo, mas a pessoa não vai ser emo, ela escuta som emo.", "Tem bandas que assumem que são emo coro, tem outras que não!", "É verdade.", "Como a NX Zero, é uma banda de São Paulo, tu não conhece?", "Dizem que Simple Plain é emo, eu não acho!", "Eu acho!", "A maioria das pessoas são ecléticas, escutam a música que dá na rádio e gostam, pode ser emo, pode ser pop.", Mas eu não me considero eclética! Mas eu gosto desde de Yes até Ira!", "Tudo bem, tem sons que agrada e outros que não.", "Sim, é estranho alguém dizer: eu adoro Sepultura, mas eu gosto também daquela música dos Inimigos da HP, é eu acho estranho quando não tem algo definido!". Os jovens da escola B também apontaram como uma forma de estilo os emos: "[...] *emocore*, *hardcore*, é um estilo de música, é *rock* romântico, melódico.", "É tipo, um *rock* lento!", "Emo, acho que vem de emoção.", "É um estilo. E tem gente que tem preconceito com os *emos* porque, tipo, eles pintam o olho, tem cabelo cumprido e deixar o cabelo para um lado.", "Acho que tem muita gente que tem preconceito com os *emos* porque eles mostram os sentimentos. Mostram o que sente sabe!" e "Tu podes ver mil pessoas, vai ter a parte que é *emo*, tem o *hip-hop*, quem é mais..."

Os testemunhos sobre a identidade do “eu” em cinco jovens de duas escolas públicas evidenciaram as diferenças e a distância entre a identidade juvenil hoje e no tempo dos pais e avós. À medida que estes jovens não concordam com a postura familiar em não aprovar, por exemplo, o uso de *piercing* e da inscrição de tatuagens no corpo, os mesmos transparecem a imagem de que as gerações passadas familiares não foram inovadoras como é a atual geração juvenil. Permanece a idéia basilar de que os pais não romperam com uma identidade atribuída pelas tradições e os costumes de sua época, como fazem os jovens deste início de milênio.⁶³

Os jovens entrevistados se identificam com a diversidade de “estilos de vida” do mundo hodierno, mesmo afirmando que existem preconceitos, estes acreditam que ter uma identidade juvenil significa romper com costumes e tradições do passado. Os jovens se identificam com inúmeras coisas, suas identidades estão relacionadas com a família, mas também com os amigos, com a escola, com a diversão, com os esportes, inclusive com o lugar em que se situam, e assim, quando foi lhes perguntado sobre qual seria as suas identidades, foram estas as associações que fizeram.

Em relação ao pertencimento, pode-se apontar para dois grupos bem distintos entre os jovens entrevistados, aqueles que se consideram santa-cruzenses e os que não se consideram. Mas o pertencimento juvenil em relação à Santa Cruz está relacionado com o tempo de moradia e o que os jovens percebem sobre a identidade local. Os jovens das cinco escolas foram consensuais sobre a identidade local, que tem muito forte a presença da cultura alemã, devido ao bom número de pessoas mais velhas que falam alemão, ou mesmo que possuem um sotaque ligado às origens germânicas.⁶⁴ Os jovens de todas as escolas ainda afirmaram que existem certas gírias e falas próprias do local; a identidade de Santa Cruz está ligada com os eventos comemorativos locais, assim, um jovem da Escola A chegou a afirmar que:

Aqui é um povo bem alegre, tanto que tem a festa da alegria [*Oktoberfest*] (Jovem 3/A/ES/M).

As narrativas juvenis dos grupos focais A, C e E, portanto, de jovens em níveis socioeconômicos distintos,⁶⁵ afirmam que os santa-cruzenses são “fechados”, isso foi

⁶³ Algumas narrativas selecionadas no quadro 13 do Apêndice H evidenciam o afirmado.

⁶⁴ No quadro 14 do Apêndice H é possível acompanhar um conjunto de narrativas sobre a identidade santa-cruzense.

⁶⁵ As Escolas A e E estão situadas no centro da cidade e atendem a uma clientela de diferentes extratos sociais, já a Escola C atende uma clientela em boas condições socioeconômicas e que pode pagar para ter um ensino privado.

inclusive admitido pelos jovens da segunda geração. As justificativas que explicam essa impressão sobre a comunidade local são parecidas, os jovens da Escola A apontam que o povo de Santa Cruz é “fechado” por ser muito “tradicional” e não estar “aberto” a quem vem de fora e nem às “novas idéias”, contudo a ressalva que fazem é que à medida que as pessoas da sociedade local vão conhecendo os migrantes, acabam “confiando” e os “inserindo” em seu círculo de amizade. Os testemunhos da Escola E também classificam o povo de Santa Cruz como “fechado” por ser “desconfiado”, assim, não é “amigo” e nem “acolhedor” num primeiro momento, mas aos poucos isto se modifica conforme vão conhecendo os migrantes. Os jovens da Escola C disseram que a população santa-cruzense é “grossa” e “fechada” por causa da “cultura alemã”:

As pessoas aqui são mais fechadas. Eu acho que isso é por causa da cultura alemã (Jovem 20/C/P/M).

Eu acho que são fechadas por causa da cultura. Não que seja uma coisa ruim, mas é uma coisa que eu percebi (Jovem 23/C/P/M).

Para os jovens dos grupos focais A e C a comunidade local tem uma identidade “interiorana”, com vínculos “rurais” e “agrícolas”. Os jovens da Escola A foram mais específicos, afirmaram que a identidade santa-cruzense está ligada ao “fumo”, particularmente uma jovem afirmou que o povo de Santa Cruz é disciplinado:

Assim, a gente estava comentando nos outros encontros sobre o interior, todo mundo anda de enxada no braço para lá e para cá, acho que a primeira impressão é essa, a primeira identidade que ficou do passado até hoje e que é a economia de Santa Cruz é o fumo, acho que uma das coisas é essa (Jovem 4/A/ES/M).

Vou começar a falar mal de Santa Cruz! [risos] Capaz. Como eles falaram, por eu não ser daqui, eu não conheço quase nada em Santa Cruz, quando eu cheguei aqui eu não tinha noção de nada, não sabia nada sobre a cidade, com o tempo eu fui vendo que é uma cidade alemã, que tem fumo bastante, é uma cidade que mexe bastante com essa parte da economia, tem plantação e essas coisas. Com relação ao pessoal, sobre a identidade, eu me identifiquei numa parte, mas sei lá, se tu fores pegar todas as pessoas que eu conheci de Santa Cruz bem no início quando eu vim morar aqui, sinceramente, eu não gostaria de morar aqui! (Jovem 7/A/ES/M).

Sabe, a disciplina aqui. O povo daqui é muito disciplinado! E eu não sou assim, mas meu pai por exemplo adora a cidade porque tem essa disciplina extrema, então ele adora. [...] Sei lá. Sabe, ultimamente eu ando esquecendo muito das coisas, aí as pessoas perguntam: mas como? E as pessoas aqui são assim, tem que fazer isso! (Jovem 8/A/ES/M).

Apesar dos jovens do grupo focal A afirmarem que a identidade local está associada à questão agrícola, duas jovens (uma migrante e outra de segunda geração) com origem germânica, se mostraram ressentidas com as pessoas que residem “fora” de Santa Cruz e que associam aqueles que moram no município com a noção de “colono”, isso para as mesmas evidencia uma “violência simbólica”. Porém, o “colono” que elas mencionaram não se refere

aos colonizadores, mas ao fato de terem nascido, morarem no interior do Estado gaúcho e numa cidade com vínculos rurais. Uma jovem da segunda geração afirmou categoricamente que,

Ah, sei lá, acho uma ofensa chamarem a gente de colona. A gente sente isso por ser daqui. Tenho uma amiga de Porto Alegre, quando ela veio para cá ela disse, há, quando eu cheguei aqui eu pensei que eu ia ver gente caminhando com enxada nas costas e indo para a lavoura, e não é assim! (Jovem 2/A/ES/SG).

Para se defender e mostrar que locais ligados aos vínculos rurais também são “modernos”, a jovem migrante, que possui vínculos familiares em Santa Cruz e, ainda, reside num bairro afastado do centro da cidade, antigo distrito rural chamado de Linha Santa Cruz, disse que no interior existem muitas “casas bonitas” e as pessoas vão à lavoura de “carro”.

Como a pressão dos indivíduos no grupo exerce influência sobre as outras opiniões, no grupo focal A, os colegas migrantes e que poderiam se isentar de opinião por não se acharem “colonos”, visto que não são de Santa Cruz, acabaram manifestando apoio às colegas:

As pessoas no interior são mais organizadas, bem mais, não sei se... limpa é a palavra certa, mas tudo é mais cuidadoso (Jovem 4/A/ES/M).

Quem sabe é porque dão mais valor, quem sabe é porque são de origem européia! (Jovem 7/A/ES/M).

Um outro jovem migrante, sem vínculos familiares locais e sem vínculos teuto-descendentes, afirmou que existe muito “preconceito” com as pessoas de Santa Cruz, sobretudo aquelas que têm sobrenomes alemães. Este jovem, talvez para não se mostrar indiferente ao grupo e nem criar maiores constrangimentos, sentiu a necessidade de explicar sua situação:

Hoje em dia as pessoas querem ser de Porto Alegre, ou querem ser do Rio de Janeiro, ou querem ser de Nova York, o que menos as pessoas querem é ser chamadas de colonos, as pessoas fogem deste universo da colonização alemã, as pessoas acham que falar alemão é coisa de colono, ou, na *Oktober*, ninguém quer ir nas bandinhas, todo mundo quer ir nos shows, do Jota Quest, este tipo, alguém que vem de Porto Alegre acha estranho, lá é difícil achar um lugar que tenha música italiana ou alemã. (Jovem 3/A/ES/M).

A despeito de a identidade santa-cruzeira estar associada à língua alemã e grande parte dos jovens terem vínculos germânicos, seja por parte materna ou paterna, ou mesmo pelos dois lados do tronco familiar, nenhum dos jovens entrevistados falava o idioma alemão. Um jovem da segunda geração reclamou o fato de associarem todas as pessoas que são de Santa Cruz com a identidade alemã. Os demais jovens também confirmaram que a geração anterior falava alemão, mas agora isso não é mais tão corrente em Santa Cruz:

Eu sou de origem alemã, não tem como não ser, toda a minha família é toda alemoa, falam o alemão. A minha mãe quando eu era pequena tentava falar em alemão com o meu pai pra mim tentar entender sabe, mas não saia fluentemente as coisas (Jovem 10/B/ES/SG).

Sim, aí tu diz, ‘Ja’ [significa no popular local, ‘sim’, em alemão]! [risos]. Meu avô tentava fazer isso comigo de falar em alemão, aí eu dizia, não entendi, fala de novo! Aí ele insistia, então eu dizia: fala em português! (Jovem 9/B/ES/SG).

Esses tempos a gente foi para Porto Alegre e estavam mais umas amigas minhas, e acabamos indo ao Shopping no meio dia, e tem os caras chamando assim, porque eles percebem direitinho que a gente não é de lá, então um cara perguntou para essa amiga de onde ela era, e ela disse, sou de Santa Cruz, aí ele comentou: como, tu não é alemoa?! Então eles acham que quem mora aqui é só alemoa, do olho azul! (Jovem 37/E/ES/SG).

Tem, mais não é tanto assim também (Jovem 34/E/ES/SG).

É, até porque isso vai se perdendo com o tempo, como é o caso da língua, tipo, então todo mundo falava alemão, agora tem meia dúzia de gatos pingados (Jovem 15/B/ES/M).

Não, não é só meia dúzia! (Jovem 9/B/ES/SG).

Não, o que eu estou dizendo é que antes de nós tinha bastante gente que falava alemão! (Jovem 15/B/ES/M).

É, mas é diferente! (Jovem 13/B/ES/SG).

O alemão da Alemanha é bem diferente! (Jovem 9/B/ES/SG).

Aqui era dialeto! (Jovem 15/B/ES/M).

Apesar das narrativas juvenis salientarem que não existem apenas “alemães” em Santa Cruz do Sul, mesmo que esta geração juvenil tenha muitos vínculos de origem, e ainda que nenhum jovem tenha aprendido a falar alemão em suas famílias, suas narrativas sobre a identidade, assim como se mostrou sobre a história, origem e passado local, indicam que eles mesmos reafirmam o discurso de que existe uma forte presença da cultura alemã na cidade.

No contexto geral sobre o pertencimento juvenil,⁶⁶ nove jovens afirmaram categoricamente que não se sentem santa-cruzenses, sendo que sete são jovens migrantes e dois de segunda geração. Os jovens não se consideram santa-cruzenses porquanto sua identidade regional (gaúcha) parece excluir outra identidade. A grande maioria afirmou que gosta da cidade, mas os vínculos de origem mantêm-se como fios condutores de sua identidade e pertencimento, para exemplificar, apresentam-se alguns relatos selecionados dos jovens migrantes:

Eu não pertenço aqui. Eu não me identifico com as pessoas, bem pouco, as características, a forma de eu ser, o dia-a-dia, são totalmente diferentes [...] (Jovem 7/A/ES/M).

⁶⁶ Este tema está exposto no quadro 15 do Apêndice H a partir de algumas entrevistas selecionadas.

[...] em vários outros momentos eu não me sinto uma santa-cruzensense, que nem na minha cidade, todo mundo, bem, o que tu precisar tu pode chegar na casa de um estranho e pedir que vão te ajudar. E aqui é estranho porque, na minha sala de aula, a maioria das pessoas são daqui, então eu faço um exercício lá e todo mundo copia de mim, por exemplo, quando é uma coisa que eu tenho facilidade, daí numa coisa que eu tenho dificuldade e as outras pessoas não tem, os meus colegas não me ajudam [...] Muitas vezes eu não me sinto também! [...]. Com relação a Santa Cruz, eu não me encaixei, as aparências são importantes. Lá em São Pedro eu nunca ouvi meus colegas me perguntarem se eu me trato, se eu vou à nutricionista, se eu faço regime. Agora aqui, direto, querem se intrometer na minha vida, e no meu corpo, principalmente, querem que eu seja igual a todos, e até meu pai, que está ficando um quase alemão, um pseudo-alemão, acha isso com certeza. [...] Acho que essa imposição me incomoda um pouco sabe, dizem assim: mas como tu não entra na academia e usa umas blusinhas mais justas? Mas é que eu não gosto, para mim, eu prefiro ser como sou, mas muitas pessoas não aceitam, e essa falta de aceitação é bastante grande aqui. A estética aqui é mais importante que lá em São Pedro (Jovem 8/A/ES/M).

Eu disse pra minha mãe esses dias que eu tava em Santa Cruz de passagem, disse brincando com ela. Ela disse, tu está aqui de passagem a seis anos já? Mas isso tem um pouco de verdade, porque a identidade de Santa Cruz não combina muito com a minha identidade. Entendeu? Pra mim, a minha identidade combina com a identidade de Porto Alegre, com as pessoas que eu convivi em Porto Alegre. Então, quando eu vou pra lá, eu me sinto em casa. Aqui eu me sinto, apesar de viver aqui e de não estar lá, me sinto menos em casa aqui do que lá, porque as pessoas lá são mais parecidas comigo. Eu vim pra cá depois que eu já tinha formado a minha identidade lá, e as pessoas que nasceram aqui, talvez, sintam-se mais daqui porque a identidade delas começou a se formar aqui. (Jovem 3/A/E/M).

Manifestou-se corrente nos testemunhos dos migrantes e da segunda que não se consideram santa-cruzensenses o fato dos jovens acharem Santa Cruz com uma “admirável qualidade de vida”, “arborizada”, “limpa”, “rica” e que a cidade apresenta muitas “possibilidades de vida” para as pessoas. Porém, estes não se identificam com o “perfil” da comunidade local, no caso dos jovens migrantes, existe uma narrativa saudosista em relação ao lugar de origem:

Eu não sou de Santa Cruz, meu pai saiu pequeno daqui, nem na parte da minha mãe eu não tenho contato, somente pelos meus avós, acho que eu tive uma criação que não foi como a de Santa Cruz, acho que o colega falou tudo, o pessoal daqui é fechado, eu não me identifico também, eu não me identifico com o perfil das pessoas daqui, são fechados demais, acho que é por isso! Acho que a qualidade de vida que eu vejo em Santa Cruz..., acho que é admirável! Eu pretendo fazer faculdade aqui e pretendo futuramente ficar aqui, acho que pela qualidade de vida que tem aqui, bem melhor que São Leopoldo..., está pior que Porto Alegre em índice de violência sabe. Aqui é uma cidade.... poucas existem assim no Rio Grande do Sul que tem essa arborização, que tem... essa, é uma cidade, parece que é limpa... podemos dizer assim! Eu acho que a qualidade de vida que se tem em Santa Cruz é difícil de deixar de notar. Eu vou ser sempre de São Leopoldo, porque eu acho que mesmo lá não tendo qualidade de vida, eu acho que me identifico bastante com lá, sempre que eu vou pra lá eu falo: Esta é a minha terra! É o que vem na minha cabeça, mas eu gosto bastante de Santa Cruz [...] (Jovem 22/C/P/M).

Eu acho que Santa Cruz é uma cidade muito boa para a formação, ao mesmo tempo, é uma cidade muito rica, tem escolas boas, tem a UNISC que é uma universidade boa e bem vista no interior do Estado. Mas com relação ao mais geral eu não me identifico, eu tenho um sonho de estudar numa universidade pública, eu penso em

me formar e, fisioterapia, mas ao mesmo tempo eu tenho vontade de voltar para a minha terra. Quando a gente sai da nossa cidade natal é que percebemos o quanto gostamos de lá. Como a colega falou, quando eu volto para a minha terra é essa sensação que eu tenho: essa é a minha terra. Acho que só o fato de estar lá, eu sei que ali é o meu lugar, onde eu me criei. Aqui parece que eu estou fora da minha casa (Jovem 21/C/P/M).

Eu me acho um pouquinho santa-cruzense, mas eu ainda sou ... sou mais são-pedrense que santa-cruzense, pois eu gosto muito de ir para lá, lá tem muita natureza, e se convive muito com isso lá, pois lá tem o clima do interior. No CTG eu fui influenciado bastante, freqüentava o tiro de laço. Acampava muito, aqui nunca tem isso quase, então as vezes penso em voltar mais tarde para lá, mas eu não sei o que o futuro tem me guardado, mas eu gosto muito do meu Estado, eu gosto muito da região onde eu morava, mas eu gosto do Estado por causa da cultura, pois já passei bastante, mas Santa Cruz eu não conhecia. O meu sonho, se eu for fazer algo lá para cima, meu desejo vai ser voltar, pois o meu orgulho é ser gaúcho (Jovem 40/E/ES/M).

[...] mesmo sabendo que aqui é bom, eu sempre falo que não gosto muito de Santa Cruz, eu me sinto um peixe fora d'água, eu não sei porque, eu nasci aqui, eu me criei aqui, mas sei lá, aqui é onde eu nasci, mas, no mais assim...bem, eu me sinto mais no caso, de Vale do Sol, todo mundo me pergunta o que tem de interessante lá em Vale do Sol e eu não sei. Bom, eu gosto do Rio Grande do Sul. Mas eu não sei dizer bem... é que ninguém tinha me feito essa pergunta antes! Mas eu gosto das tradições, dos costumes, isso é bem legal, o CTG é bem legal, rodeio também (Jovem 13/B/ES/SG).

Sabe, em primeiro lugar eu me considero brasileira, depois gaúcha, e por último, santa-cruzense, [risos], eu só me considero uma santa-cruzense porque eu moro aqui faz muito tempo, mas eu não me identifico com a cultura e nem com nada assim, só que eu gosto da cidade, eu gosto daqui, mas eu não tenho aquele orgulho de falar 'eu sou santa-cruzense', eu só me considero porque eu moro a bastante tempo. Mas se fosse para outra cidade, eu diria... Sei lá, eu também não sei dizer direito a minha origem étnica, sei lá, eu não tenho aquela coisa que muita gente aqui fala: há, eu sou alemão! Eu não tenho uma coisa assim, eu não posso dizer: eu sou portuguesa! Por isso eu digo que sou brasileira, porque brasileiro é uma mistura de tudo, então, eu me considero uma brasileira mesmo e depois gaúcha, eu também não sei se eu iria dizer que sou de Butiá, mas eu nasci lá, eu fico na dúvida, eu não sei o que dizer, nesse caso acho que diria santa-cruzense mesmo que eu não me identifique com nada aqui, mas eu estou a mais tempo aqui do que em Butiá. (Jovem 14/B/ES/M).

Eu acho que eu não pertenço aqui, eu vivo aqui, eu estudo aqui, eu consumo aqui, mas a me identificar com a sociedade aqui, acho que não. Bem, tem vários grupos assim, mas no geral, as pessoas de Santa Cruz eu acho que não tenho muito a ver não. Bem pertenço, mas eu não me identifico (Jovem 1/A/ES/SG).

Um grupo de dezesseis jovens, sendo quatro migrantes e doze da segunda geração, afirmou que pertence à sociedade santa-cruzense. Este sentimento de inserção apresentou-se mais evidente nos jovens quando os mesmos disseram que vão “viajar” para outros lugares, porém, o sentimento de inserção não está relacionado à questão da cultura alemã na cidade. Todos os jovens da Escola D, localizada na periferia urbana de Santa Cruz do Sul, afirmaram que são santa-cruzenses, se identificam com a cidade “calma” e que “não é grande e nem pequena”, com o bairro em que residem, com o “companheirismo” das pessoas – apesar da comunidade ser um pouco “fechada” e “quieta” –, e com os mesmos atributos delegados pelos jovens que se sentem *outsiders* em Santa Cruz, a questão da “beleza” e da “arborização”:

Eu me sinto uma santa-cruzeira, principalmente quando saio daqui. (Jovem 36/E/ES/SG).

Mas em relação a minha identidade, eu me considero um santa-cruzeira, santa-cruzeira e santa-cruzeira, mas também sou gaúcho, sou mais gaúcho do que brasileiro, eu tenho muito orgulho de ser de origem germânica. Eu me sinto mais santa-cruzeira quando eu saio daqui! Principalmente quando eu vou para Venâncio Aires, Porto Alegre (Jovem 9/B/ES/SG).

Eu me identifico com aqui, eu adoro Santa Cruz, eu gosto daqui, no Rio Grande do Sul é a cidade que eu quero continuar morando, bom, eu sempre morei aqui, eu nasci aqui, eu ficaria aqui porque eu gosto mesmo (Jovem 16/C/P/SG).

Eu me identifico com o pessoal daqui, eu me identifico com Santa Cruz do Sul, eu acho a cidade mais bonita do Rio Grande do Sul, acho que tem uma ótima qualidade de vida.[...] (Jovem 19/C/P/SG).

Há, eu me identifico com a cidade, eu adoro aqui, eu gosto daqui, eu me sinto uma santa-cruzeira![...] (Jovem 25/D/E/SG).

Eu sempre me achei mais santa-cruzeira do que sapiranguense, cresci aqui, desde os três anos, eu prefiro aqui [...] (Jovem 29/D/E/M).

Eu também me sinto (Jovem 34/E/ES/SG).

Eu também (Jovem 37/E/ES/SG).

Eu me identifico, eu sempre gostei de lugares mais calmos, onde tem natureza! [...] eu gosto de morar em Santa Cruz, eu me identifico sim, porque até Santa Cruz tem assim, o meio rural misturado com plantações... tem muito fumo, mas eu acho que tem a ver comigo sim... (Jovem 24/D/E/SG).

Eu acho que eu gosto de Santa Cruz, mas todo mundo que vem de fora diz que o pessoal daqui é mais quieto e fechado, e eu concordo com isso [...] Eu gosto daqui, aqui é muita bonita [...] eu tenho orgulho de ser santa-cruzeira porque não é uma cidade grande nem uma cidade pequena. (Jovem 26/D/E/SG).

Bom, eu estou a três aqui e já me sinto mais santa-cruzeira do que montenegrina, que é da onde eu vim, eu acho que Santa Cruz tem muito mais a ver comigo, assim, tanto pela aparência, uma cidade mais arborizada, mais prédios antigos. Aí, comparado com a minha outra cidade, aqui é muito bom é muito legal. [...] Mas eu adoro interior, sempre gostei, a minha irmã veio e ficou três meses e pirou, ela mora em Santa Maria, e eu sempre digo, eu não volto a morar na cidade, não quero mais. (Jovem 30/D/E/M).

Eu me identifico com aqui, especificamente com o meu bairro, eu sou voluntário. Eu me identifico bastante com o pessoal daqui! Quando eu vou viajar eu sempre falo que sou daqui, eu me identifico bastante com aqui. Sei lá, eu não valorizo muito a cultura germânica, eu acho que não é, não faz parte da minha vida a cultura germânica, assim, sabe, é algo que eu não me identifico. Eu vou na *Oktobefest* [festa típica da cidade], eu participo, mas não é aquela coisa, da cultura, é mais pela festa mesmo, não pela cultura e tradições. Certo, os alemães são um povo importante, não deixa de ser, mas aqui não é mais tão importante como foi antigamente. (Jovem 28/D/E/SG).

Um pequeno grupo de seis jovens, três migrantes e três da segunda geração, manifestou indecisão sobre o pertencimento local, visto que até pertencem, mas não se identificam com a cultura local. Os jovens se sentem santa-cruzeiros no que se refere aos eventos comemorativos locais, porém, a identidade do “eu” é distinta da local:

Que nem ele, eu acho que em número assim no urbano... mas no total eu não pertenço, acho que eu me sinto meio que de fora daqui (Jovem 4/A/ES/M).

É, a gente não nasceu aqui, mas se identifica com algumas coisas (Jovem 15/B/ES/M).

Santa-cruzeiro eu sou porque nasci aqui, é a cidade que me dá o que comer. Acho que falta muita coisa para a gente se identificar com Santa Cruz [...]. Acho que o pertencer ou não tem a ver com a cidade, sou uma santa-cruzeiro porque eu vou ter que votar aqui, mas não me sinto [...] (Jovem 10/B/ES/SG).

Eu acho que eu me sinto uma santa-cruzeiro mesmo é nessa parte de festividade! Na questão da receptividade. É, tem muito aquela questão que o pessoal daqui trata bem tanto o pessoal daqui quanto de fora. Como foi no caso da FEIAP (Feira Internacional de Artes Populares), o pessoal gostou muito, o pessoal aqui é muito festeiro, então, nisso, eu sou santa-cruzeiro. [...] Bom, eu nasci aqui, em Santa Cruz, mas com os santa-cruzeiros eu não me identifico muito! Isso porque aqui tem um modo de ser, gosto de ir para Santa Rosa e Campo Bom porque me identifico mais com estas cidades. Aqui eu tenho a família do meu pai, mas eu me identifico mais com a família da minha mãe (Jovem 12/B/ES/SG).

Não sou santa-cruzeiro, até porque não sou daqui, eu nasci em Bom Retiro do Sul, mas eu não me considero de lá, entre os dois, se eu tivesse que escolher, eu sou santa-cruzeiro. Que nem aqui em Santa Cruz, tem mais coisas para jovens, lá em Bom Retiro é mais coisa para velho, eu acho muito chato lá. Bom, eu sei que eu sou de origem alemã com português, só isso, mas eu não penso nisso quando falo em identidade. [...] Eu me sinto santa-cruzeiro, quando por exemplo tem esse lance de *Oktober* [...] Bom, eu nunca me senti excluído aqui porque faz um tempão que eu mora aqui, tipo, eu sempre estudei aqui (Jovem 15/B/ES/M).

[...] Eu não sei, mas, eu acho que eu me sinto uma santa-cruzeiro, eu fui para Santa Maria eu me senti uma santa-cruzeiro, mas as vezes eu não queria ser assim, eu não tenho vontade de dizer que eu sou daqui, não sei, eu não tenho vontade. [risos] Eu gosto da cidade, mas não das pessoas. Eu já entrei em conflito com as pessoas daqui, porque me criticam, me julgam, essas coisas assim, pessoas jovens e velhas também. Não sei, tem gente velha, como o meu pai que, ele ficou muito bravo comigo quando ele viu que eu cortei meu cabelo e coloquei um piercing, e isso é ridículo, é uma coisa minha, eu não quero que interfiram, essa é a minha identidade, é isso que eu sou, eu quero ser assim e não vou mudar por causa dele, sabe, que ele vá se ferrar! Eu acho errado as pessoas daqui serem modelinhos (Jovem 2/A/ES/SG).

Os jovens dos grupos focais estão afinados entre si ao justificarem que a forte identificação com a cultura gaúcha⁶⁷ é fruto da “história” do Rio Grande do Sul. O gaúcho tem “orgulho” de assumir a sua identidade porque, no decorrer da história, houve muitos conflitos, como a Revolução Farroupilha, que obrigou os rio-grandenses a serem “guerreiros” e a “defenderem” o seu território. Parafraseando os jovens, o “povo gaúcho” é “guerreiro” e “lutou” a “ferro e fogo” pelo seu território. Porém, este mito fundador está relacionado com apenas um acontecimento histórico presente no imaginário juvenil, a Revolução Farroupilha. Um jovem chegou a afirmar categoricamente que o feriado da Comemoração Farroupilha, 20 de setembro, é mais importante para os gaúchos que o feriado da Independência do Brasil, 7 de setembro:

⁶⁷ As narrativas juvenis apontam para um bairrismo exacerbado que super valoriza a identidade gaúcha, o quadro 16 do Apêndice H apresenta alguns relatos selecionados.

[...] Acho que o gaúcho sempre lutou pelo o que quis, sempre lutou pela terra, em toda a história do Rio Grande do Sul sempre, como a gente fala, foi a ferro e fogo. Isso eu acho legal, que nem o gaúcho na Revolução Farroupilha lutou durante dez anos (Jovem 15/B/ES/M).

Tanto que nós tivemos a Guerra dos Farrapos que só porque o Brasil aceitou o tratado que o Rio Grande não se tornou um país porque era uma guerra de independência (Jovem 3/A/ES/M).

Eu também, eu sou gaúcho! Para nós a Revolução Farroupilha foi o máximo, nós achamos que os caras eram os melhores do mundo, esses tempos eu li um livro no qual o cara ridicularizou como se fossemos o mais idiotas, então eu fiquei indignado com o cara, acho que todos nós ficaríamos [...] o gaúcho adora a Revolução Farroupilha [...] (Jovem 23/C/P/M).

Não somente amor pelo Estado, não só pela cultura, mas pela história do Rio Grande do Sul, não porque se revoltou contra o Brasil, mas pela forma que foi feito, pelo sangue derramado, isso é uma coisa bonita, o gaúcho sempre lutou pelo ideal dele, até não adiantou muito, porque continuou junto com o Brasil, mas é uma luta, não pela guerra em si, mas pela luta. Somos um povo guerreiro (Jovem 40/E/ES/M).

Sim, parece que o 20 de setembro é mais importante que o 7 de setembro. (Jovem 18/C/P/SG).

[...] com relação à história do Rio Grande do Sul, a gente tem orgulho de dizer [...] (Jovem 19/C/P/SG).

Mas por ter rolado o sangue do índio e do negro, que são mais guerreiros ainda, pela história do negro, este é um povo muito guerreiro (Jovem 40/E/ES/M).

Eu acho sinceramente que o povo gaúcho é um povo guerreiro, porque os homens, mas não somente os homens, as mulheres também, são batalhadores. Até teve aquela minissérie As Sete Mulheres que mostra um pouco do Rio Grande do Sul, os homens foram para a guerra e as mulheres ficaram sozinhas, e tiveram que defender a sua vida, as suas casas, por isso que eu acho o povo gaúcho um povo guerreiro, é um povo que se vira, que não tem medo nada, se tiver que ser ele vai lá e busca. Para mim é essa definição, o povo gaúcho é guerreiro (Jovem 24/D/ES/SG).

A comparação estabelecida nas discussões grupais entre o Estado do Rio Grande do Sul e os outros Estados brasileiros evidencia a super-valorização dos gaúchos e um certo menosprezo pelos outros Estados do Brasil. O “orgulho” manifesta-se exacerbado e indica que os brasileiros dos outros Estados demonstram “ciúmes” e até “discriminação” em relação aos gaúchos. As narrativas juvenis demonstram que a “cultura gaúcha” é “diferente” da restante existente no Brasil, a região sul do país tem mais “qualidade de vida”, é mais “desenvolvida”, o “povo” é mais “trabalhador”:

[...] Se alguém de fora me perguntasse, eu diria primeiro que sou gaúcho, depois santa-cruzense e por último brasileiro. Eu acho que o gaúcho é muito discriminado, principalmente em São Paulo, lá por aqueles lados (Jovem 9/B/ES/SG).

Eu acho que é mais no nordeste, pois o meu tio trabalha lá, ele chefe de um setor de mecânica, daí ele fala que quando ele foi para lá eles falavam dele, tipo, que nem os gaúchos falam que o nordestino é cabeça chata, os nordestinos dizem que o gaúcho é viado. (Jovem 15/B/ES/M), [...] tem muita piada de gaúcho [...] me identifico com o Rio Grande do Sul, porque no Brasil tem tantas variedades, desigualdades que parece que o Rio Grande do Sul é um mundo diferente (Jovem 23/C/P/M).

É um Estado que se preocupa muito com a gente, quer crescer, os outros Estados têm até ciúmes e preconceito contra a gente, mas... (Jovem 27/D/ES/SG).

Como gostam de ridicularizar o gaúcho, vivem falando de Pelotas, que gaúcho é tudo *gay* (Jovem 25/D/ES/SG).

[...] O pessoal lá do nordeste é mais influenciável, no Rio Grande do Sul não, a gente diz: não quero assim, corre atrás, luta e guerra e vamos para conquistar nossos direitos (Jovem 3/A/ES/M).

Os paulistas têm inveja da gente! (Jovem 31/D/ES/M).

[...] eu acho que no Brasil deve sentir ciúmes do Rio Grande do Sul, do povo gaúcho por ter esse orgulho e... por brigar e conhecer a sua cultura e coisa, os gaúchos quando atingem o sucesso assim, seja qual for o caminho ou posição sempre os outros Estados como São Paulo mostram um pouco de ciúmes, sempre dizem, há, o gaúcho é viado e não sei o quê [...] (Jovem 21/C/P/M).

Eu não consigo comparar o Rio Grande do Sul com o Nordeste do país, vivendo num mesmo território! A cultura é diferente, o povo é diferente, a qualidade de vida das pessoas é muito diferente. Mas, o Rio Grande do Sul tem uma qualidade de vida, sêde por ser melhor do que os outros Estados! [risos] (Jovem 3/A/ES/M).

Tem uma ... não sei se é para ser brincadeira ou não, que diz que São Paulo para baixo o povo é muito trabalhador, e para cima são as pessoas que só querem saber de descansar, e não querem trabalhar [...]. A região sul, mais Santa Catarina, é mais desenvolvida, tem um clima diferente, tem o frio, que une com essa região com Uruguai e Argentina, isso diferencia dos outros Estados também (Jovem 18/C/P/SG).

É, pensando em China, as áreas mais desenvolvidas são as que têm mais população concentrada, que nem no Brasil, aqui, as áreas mais concentradas são mais para o sul, são áreas mais desenvolvidas, como no caso da China (Jovem 23/C/P/M).

Meu irmão morou uns 3 anos em São Paulo, e ele dizia que qualquer gaúcho que chegasse lá conseguia emprego, só por ser gaúcho, eles dizem que rende mais o trabalho. [...] Acho que força de vontade o povo tem, mas faltam empregos, tu não podes é ficar em casa reclamando, o meu irmão foi para lá [São Paulo] e ele sempre arrumava emprego, é incrível, ele saía de um e arrumava outro, e ele não tem estudo, estudou só até a 8ª série e até nem tinha curso, mas foi para lá e conseguiu emprego. Ele diz que o pessoal quer trabalhar pouco e ganhar muito, eles escolhem o emprego, mas são preguiçosos os paulistas (Jovem 25/D/ES/SG).

O gaúcho não tem medo de trabalhar (Jovem 30/D/ES/M).

A partir do contexto geral das entrevistas grupais é possível interpretar que a “qualidade de vida” e o “desenvolvimento do Rio Grande do Sul” possam ser percebidos no imaginário juvenil por meio do *ethos* do trabalho, visto que paira sobre as discussões juvenis, para além da identidade o senso de que povo gaúcho é “guerreiro,” “trabalhador”, que “luta” e “não é descansado” e “nem preguiçoso”. A despeito dos jovens entrevistados compreenderem o “povo” gaúcho como “trabalhador”, estes não chegaram a explicar as diferenças regionais existentes no Estado do Rio Grande do Sul.

A questão do “separatismo” surgiu nos testemunhos das Escolas A, C e D naturalmente, sem qualquer interferência da *focuser*. Na realidade, os jovens em meio à comparação entre o Estado gaúcho e os outros Estados brasileiros acabaram sugerindo que o Rio Grande do Sul

poderia ser um “país”. Os jovens das Escolas B e E, apesar das discussões acaloradas e do bairrismo apresentado sobre o pertencimento gaúcho, não chegaram ao ponto de discutir o tema do separatismo, o que também não significa que fossem a favor ou contra, simplesmente esta questão não surgiu nestes grupos focais.

Com isso, os jovens que mais debateram sobre as “possibilidades de separação” do Rio Grande do Sul foram, sobretudo, os jovens da Escola C. Os jovens dos três grupos discutiram ou ao menos mencionaram fatores negativos e positivos sobre uma provável separação, assim, as justificativas atribuídas pela juventude entrevistada estão ligadas à crença de que o Estado gaúcho tem “boa qualidade de vida”, tem um “povo trabalhador”, “paga muitos impostos ao governo brasileiro” e “não recebe o retorno” conforme sua contribuição, parafraseando os jovens, os gaúchos são “discriminados”. Mesmo assim, em dois grupos de discussão, houve duas jovens que não se mostraram favoráveis ao separatismo:

[...] Eu sou do pampa republicano, eu sou até muito a favor que o Rio Grande do Sul virasse um país! (Jovem 3/A/ES/M).

Eu também! Mas eu acho que ia ser um país muito pobre (Jovem 4/A/ES/M).

Acho até que o Rio Grande do Sul podia ser um país (Jovem 25/D/ES/SG).

Bom, em relação a separação do Rio Grande do Sul, não seria uma coisa boa, porque com essa conjuntura do mundo não temos aqui tudo o que o Rio Grande do Sul precisa para conseguir tornar-se um país, a gente depende muito da economia dos outros lugares, temos um território pequeno, não íamos conseguir tudo para poder sustentar o povo que está acostumado com tudo. Acho que é uma questão econômica. É, tem que ver bem esse projeto, porque certamente vai ter um país por trás querendo se beneficiar, sei lá, porque se um país europeu apoiar isso vai querer fazer um tratado de comércio, então eu acho que nós vamos nos tornar praticamente um país de primeiro mundo, talvez não totalmente, mas vamos chegar perto disso (Jovem 23/C/P/M).

Pois é, e olha o tamanho do país. Mas eu acho que o Rio Grande do Sul teria sim... só que a respeito do separatismo [...] acho que se o Rio Grande do Sul se tornasse um país, não ia dar certo por causa de isso daí, ia ter taxas muito altas, ele não ia conseguir se manter. Mas eu sou a favor do separatismo da região sul (Jovem 21/C/P/M).

É, é esse o separatismo (Jovem 16/C/P/SG).

Íamos acabar pagando taxas a mais para poder importar coisas do resto do Brasil. Está, mas a maioria dos impostos recolhidos não vem de volta para cá. (Jovem 18/C/P/SG).

Em relação a isso de separatismo, acho que a região sul sim, mas só o Rio Grande do Sul não. Tem que analisar a economia, ver se tem condições mesmo. A gente está vivendo um momento no Brasil que não dá orgulho de ser brasileiro [...] (Jovem 19/C/P/SG).

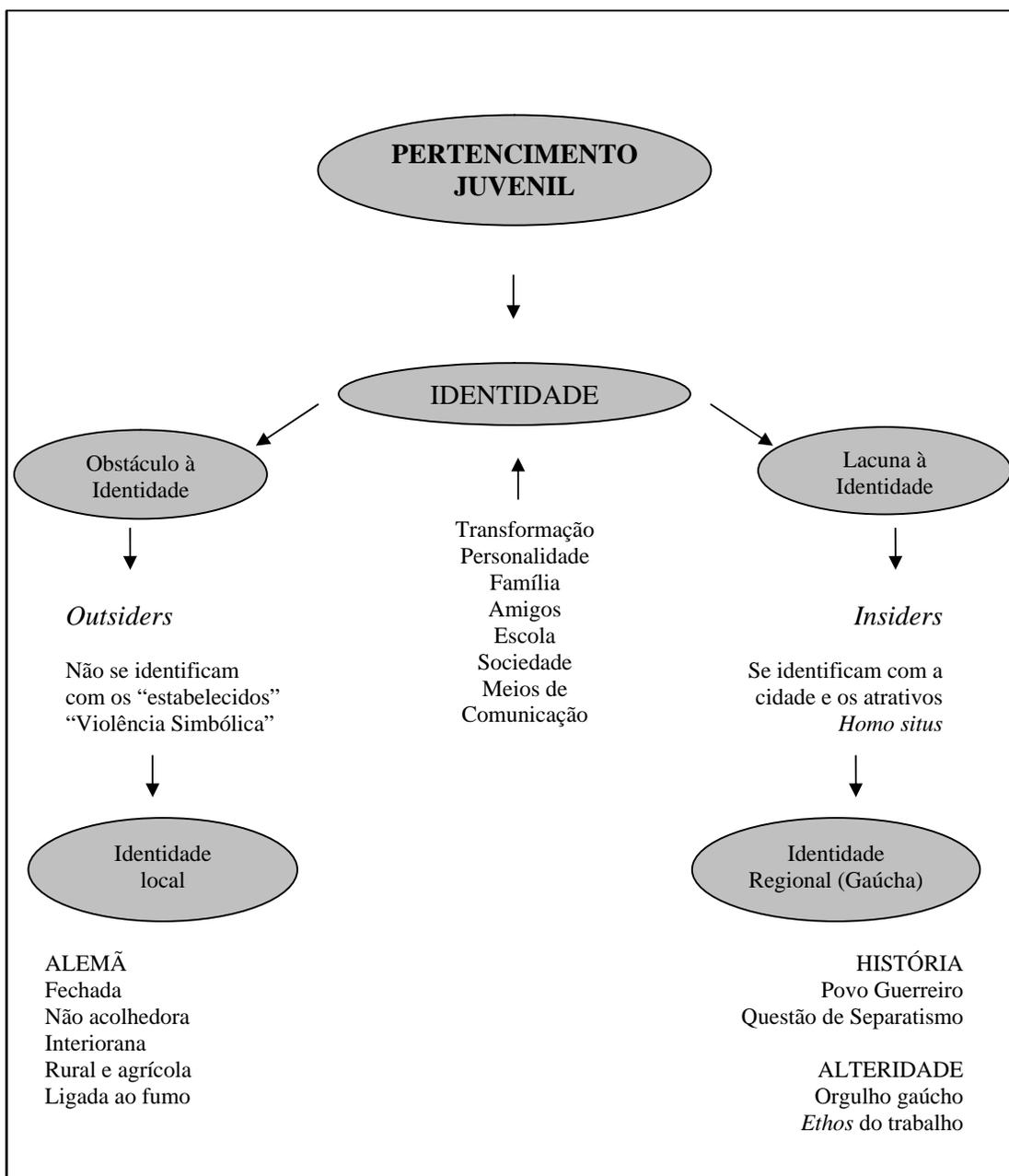
[...] não tem como ter orgulho de ser brasileira neste momento, só desprezo mesmo [...] (Jovem 16/C/P/SG).

Eu não sou a favor (Jovem 17/C/P/SG).

Não, eu não sou a favor. Eu acho que o Rio Grande do Sul tem características que se encaixam dentro do país, tem muita coisa a ver com o Brasil, se separar vai ficar chato! (Jovem 6/A/ES/M).

Por fim, foi possível perceber que os jovens da segunda geração e os jovens migrantes que estão residindo em Santa Cruz há muitos anos sentem-se inseridos na cidade de Santa Cruz principalmente por causa da oferta de atrativos à juventude, e assim, até certo ponto eles se identificam com a cidade. Um dos motivos mais ressaltados nos testemunhos juvenis – sobretudo em relação aos migrantes que se encontram residindo há poucos anos –, para justificar o sentimento de não pertencimento, é a associação da cidade com a cultura germânica, os jovens manifestaram que não gostam desta associação, pois um dos pontos pesados no pertencimento à Santa Cruz é a identidade da mesma estar relacionada com as origens alemãs, isso também se apresenta até para os jovens que possuem vínculos de origem alemã. Um dos principais fatores que intervém positivamente na questão do pertencimento à Santa Cruz é que ela é uma cidade “bonita” e “rica” – segundo a visão dos atores juvenis entrevistados –, e não se constitui numa “cidade grande” e nem “pequena” como os lugares de origem da maioria dos migrantes e das famílias dos jovens da segunda geração.

Figura 8: Narrativas juvenis sobre a questão da identidade e do pertencimento



A figura acima, a respeito das narrativas sobre o pertencimento juvenil evidencia o obstáculo ou a deficiência de pertencimento em relação à identidade local – a noção de *outsiders* e “violência simbólica” – e a lacuna de identidade atribuída à regional (gaúcha) como subterfúgio à identidade juvenil – noção de *insiders*. Este obstáculo do pertencimento mostrou que os jovens sentem a comunidade local “fechada”, isso minimamente apresenta-se

como uma dificuldade de inserção e opera numa “violência simbólica” que sofrem por terem vínculos familiares externos. Por fim, em relação à lacuna de identidade, os jovens sentem-se como *homo situs* porquanto “gostam” da cidade e dos atrativos que o local lhes proporciona.

4.1.3 Jovens (migrantes e de segunda geração) atores do desenvolvimento regional a partir do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” numa cidade de porte médio

Este tema visou perceber nas entrevistas grupais como os jovens migrantes e de segunda geração se percebem enquanto *homo situs* e, se os mesmos se vêem como atores do desenvolvimento local/regional. Como já foi mencionado, as narrativas dos jovens entrevistados evidenciam que eles estão inseridos e pertencem ao local, sobretudo no que se refere aos atrativos que a cidade lhes proporciona – enquanto identidade, preferem atribuí-la à regional (gaúcha). Os narradores juvenis são integrantes da sociedade local a partir dos atrativos que a cidade lhes proporciona, contudo, as narrativas apresentaram dois grupos de jovens distintos: a) aqueles que não têm um “projeto de vida” no local porquanto não visualizam os “campos de possibilidade”, e mesmo tendo os vínculos parentais, desejam migrar da cidade, e, b) aqueles que possuem um “projeto de vida” no local, percebem os “campos de possibilidade” deste, valorizam os vínculos familiares locais, gostam da cidade, desejam continuar estudando, encontrar um trabalho e/ou emprego e constituir uma família em Santa Cruz do Sul. Assim, os primeiros jovens não são, necessariamente, atores do desenvolvimento local, mas os segundos podem ser pensados como atores do desenvolvimento local, pois, além de pertencerem à comunidade, ainda formulam projetos do “eu” neste *habitus*.

Os testemunhos sobre o patrimônio local e/ou memória do desenvolvimento estão baseados na tríade colonização alemã, indústria do fumo e desenvolvimento regional. Os jovens apresentam-se como atores situados no desenvolvimento regional à medida que narraram seus deslocamentos (mobilidade espacial e social), a inserção e o desenvolvimento familiar no local em meio à qualidade de vida que julgaram ter encontrado na cidade. Mas o que realmente os vincula com o desenvolvimento regional é o fato de terem “projetos de vida” e visualizarem os “campos de possibilidades” que se apresentam no local.

Como a juventude está condicionada pelo momento que vivencia enquanto geração se apresentam inúmeras possibilidades de escolhas e decisões sobre o futuro, neste sentido, os jovens entrevistados demonstraram “motivação”, “ansiedade”, “indecisão”, “consciência das dificuldades” e, ainda, pensamento positivo a respeito do futuro aberto diante de si. Os grupos focais apresentaram diferenças significativas em relação ao “projeto de vida” e os “campos de possibilidades”, mas estas diferenças estão intimamente ligadas às condições socioeconômicas e culturais da família. Assim, de um lado estão os jovens que desejam ser “independente” em relação às suas famílias ou “estudar fora” de Santa Cruz do Sul, o que está relacionado com a viabilidade econômica, e por outro lado estão aqueles que desejam “permanecer” residindo no local devido aos vínculos afetivos e a impossibilidade socioeconômica de saírem.

São estas diferenças apresentadas nos grupos focais que apontam uma distinção entre os jovens entrevistados, aqueles que são atores do desenvolvimento – possuem um “projeto de vida” e visualizam os “campos de possibilidades” em Santa Cruz –, e aqueles que, apesar de atores situados e convivendo no *habitus* do local, não vislumbram um “devir” na cidade e não se comprometem com o desenvolvimento local – não desejam estudar, trabalhar e/ou constituir família e permanecer residindo na cidade. Gilberto Velho (1997, p.69) destaca que o projeto “[...] dá uma ênfase à dimensão mais consciente da ação social [...]”, assim, quando os jovens entrevistados encontram um “projeto de vida” em Santa Cruz do Sul, significa que além de serem *homo situs*, ainda fazem parte de uma ação social no *habitus* e se constituem em atores do desenvolvimento do “eu” e do local.

O desenvolvimento dos jovens circunda três questões: os estudos, o trabalho e a constituição de uma família. No que concerne aos estudos, a maioria dos jovens deseja continuar estudando, o que não significa que irão estudar, pois para concretizar este desejo precisam “passar no vestibular” da universidade federal ou custear os seus estudos numa universidade privada. Os jovens do grupo focal C – escola privada – irão estudar de qualquer forma em uma universidade federal, pelo menos foi o que acusou os testemunhos, visto que estes jovens dependem apenas de passar no vestibular, pois os pais estão dispostos e possuem condições financeiras para custear o deslocamento dos filhos.

Alguns jovens das escolas públicas A, B, D e E até desejam fazer o vestibular numa universidade federal, mas isto implicaria em passar no vestibular e conseguir o apoio

socioeconômico da família para posteriormente trabalhar para se sustentar. Assim, as perspectivas dos jovens das escolas públicas em estudar numa universidade também pública são reduzidas, e dessa forma, a alternativa apontada por muitos jovens que desejam estudar é que “irão permanecer em Santa Cruz” e “cursar a universidade regional” comunitária paga. Mesmo assim, alguns jovens sequer cogitaram a possibilidade de prestar vestibular numa universidade federal e desejam mesmo “permanecer” estudando no local.⁶⁸

A família foi apontada nas narrativas juvenis como motivadora dos filhos para que estes continuem seus estudos. Os pais querem que os filhos continuem seus “estudos” e os incentivam, mas quem irá decidir sobre o futuro é a própria juventude. Os jovens dos grupos focais A e C, em sua maioria, sequer pensam no “mercado de trabalho” e, propriamente, em “trabalhar”. Isso indica que a condição socioeconômica familiar não os impele a buscar a reprodução social por meio do trabalho. Porém, os jovens das Escolas B, D e E afirmam que estão “indecisos” quanto ao curso universitário a escolher, porém, visam os estudos tendo o mercado de trabalho no horizonte, e assim, não desejam apenas estudar, mas procuram a inserção no mercado de trabalho e, avaliar se realmente é importante continuar estudando.⁶⁹

Os testemunhos juvenis em geral manifestam o desejo dos jovens em ter uma “família”, “casar” e ter “filhos”, mas, sobretudo, depois que aprontarem seus estudos e estiverem trabalhando num “emprego estável” e que lhe possibilite “sustentar” suas casas e famílias. Dois jovens de famílias monoparentais afirmaram que desejam ter uma família, mas que ela não seja interrompida pela “separação” como ocorreu com os seus pais, pois isso de alguma forma “mexeu com eles”. Poucas foram as jovens que desejam se casar numa igreja vestidas de noivas, e outras sequer desejam casar.⁷⁰

Existe uma consciência juvenil a respeito das dificuldades que os mesmos irão enfrentar, seja para estudar quanto para trabalhar, mas isso não os deixa desestimulados, pois os jovens têm “planos”, “objetivos” e mesmo um “projeto de vida” dentro dos “campos de possibilidades” que estes visualizam. Entre as particularidades dos grupos entrevistados, os

⁶⁸ No que se refere as narrativas juvenis sobre o “projeto de vida” e os “campos de possibilidades” tendo o estudo como tema central apresenta-se o quadro 17 do Apêndice H com alguns testemunhos selecionados.

⁶⁹ O quadro 18 do Apêndice H expõe algumas narrativas selecionadas sobre o “projeto de vida” e os “campos de possibilidades” tendo a questão do trabalho como tema central.

⁷⁰ O quadro 19 do Apêndice H apresenta narrativas juvenis selecionadas sobre o “projeto de vida” e o “campo de possibilidades” tendo a questão de constituir uma família como tema central.

jovens das Escolas C e E afirmaram que desejam, a partir das escolhas pessoais, ser “felizes”, não pensam em “ganhar” muito “dinheiro”, mas apenas o suficiente para ser feliz. Como os jovens da escola A acabaram tocando no assunto de aborto quando falavam de seus “projetos de vida” e “família”, estes compreendem que ter filhos compromete a continuidade de seus “projetos de vida”, e neste sentido o grupo ficou dividido entre aqueles que são a favor do aborto – fariam caso necessário, ou mesmo aconselhariam a fazer –, e aqueles que jamais o fariam.

Os jovens apresentaram motivos diferenciados para justificar a sua permanência ou provável permanência em Santa Cruz do Sul. À medida que um conjunto significativo de jovens deseja permanecer na cidade por causa das condições socioeconômicas e culturais – boas expectativas e “campos de possibilidades” no local e influência da família –, outro grupo de jovens não deseja permanecer residindo no local e projeta seu futuro a partir dos estudos em universidades federais. Existem jovens que não vêem seu futuro no local porque anseiam ter “independência”, mas muitos jovens desejam “migrar” porquanto acreditam ser “difícil” encontrar um “emprego” na cidade.⁷¹

As discussões focais da Escola B evidenciam uma vontade de “sair” de Santa Cruz porquanto o local tem um “mercado de trabalho restrito” e não apresenta “perspectivas de melhora de vida”. Já os jovens da Escola C desejam “sair” para “estudar”. Os jovens da Escola A, além de querer estudar fora de Santa Cruz do Sul, numa universidade federal, justificam que não desejam permanecer na cidade porque “não se identificam” e possuem “dificuldades de inserção” na sociedade local. As críticas a respeito das características dos “estabelecidos” santa-cruzenses já foram mencionadas num tema anterior sobre a identidade da comunidade local, mas novamente isto apareceu nas narrativas como justificativa para a intenção de migrar da cidade. No grupo focal da Escola A, o ressentimento em relação à comunidade local se apresentou, sobretudo entre os jovens migrantes, e, até certo ponto, entre os jovens da segunda geração. Os jovens migrantes inclusive destacaram que a cidade é “dominada” pelas “gerações mais velhas”, por “famílias tradicionais”, “influentes” e que possuem “sobrenome” e, assim, os espaços para os migrantes ou “pessoas de fora” são reduzidos. Cabe destacar que neste grupo focal, todos os migrantes encontram-se em Santa

⁷¹ Os quadros 20 e 21 do Apêndice H apresentam as narrativas juvenis selecionadas sobre o “projeto de vida” e os “campos de possibilidades” tendo a questão de sair e permanecer no local como tema central, respectivamente.

Cruz há poucos anos, e isso justifica os ressentimentos tão presentes nos seus testemunhos, pois nos outros grupos focais, onde também se apresentam jovens na condição de migrantes, o mesmo não ocorreu com tal profundidade porque os migrantes podem ter sido influenciados pelos colegas de grupo e porquanto se encontram residindo em Santa Cruz há muitos anos, desde suas infâncias.⁷²

Os “projetos de vida” juvenis estão dirigidos aos estudos e ao trabalho, assim, para dezesseis jovens o seu “devir” ou o seu “futuro” “não” estão em Santa Cruz do Sul e os “campos de possibilidades” que se apresentam no local não correspondem ao desenvolvimento do “eu” que almejam.⁷³ Porém, a análise sociográfica do capítulo anterior mostrou que vinte jovens desejavam migrar, sair de Santa Cruz, mas a partir das análises dos grupos focais este contingente diminuiu. Inversamente a análise sociológica, que mostrou que sete jovens migrantes e treze jovens da segunda geração desejavam migrar, foram os migrantes que nas narrativas dos grupos focais mais se mostraram propensos a sair da cidade, num total de nove jovens para apenas sete jovens de segunda geração.

No conjunto dos jovens que desejam “permanecer” em Santa Cruz e encontram um “devir” no local, apresentam-se catorze jovens de segunda geração e dez jovens migrantes, totalizando vinte e quatro jovens; assim, a maioria dos jovens entrevistados tem um “projeto de vida” em Santa Cruz porquanto considera os “campos de possibilidades” e o desenvolvimento do “eu” neste local. É importante destacar sobre os jovens migrantes que pouco mais da metade deles residem na cidade há muitos anos, então, tanto a trajetória juvenil no local quanto o alargamento das relações sociais corroboraram para o desenvolvimento juvenil e a permanência em Santa Cruz. Cabe lembrar também que na análise sociográfica, apenas nove jovens, sendo cinco migrantes e quatro da segunda geração, afirmaram que desejavam “ficar” em Santa Cruz, e com a análise dos grupos focais este número aumentou significativamente. Assim, seja pela influência que os colegas exercem uns sobre os outros no grupo, seja pelas novas ponderações que estão fazendo, o sentimento de “permanência” se avolumou. Estes jovens, que desejam “ficar na cidade”, são os atores do desenvolvimento local.

⁷² Para fins de acompanhar a discussão sobre a dificuldade de inserção dos jovens da Escola A e ao mesmo tempo perceber o forte ressentimento destes com a comunidade local, as narrativas juvenis foram organizadas segundo a espontaneidade da discussão focal e encontram-se no quadro 22 do Apêndice H.

⁷³ O projeto de vida é representado por Velho (1997, p.69) como a construção de uma idéia de biografia e de uma história de vida.

Considerando que existe, entre os jovens entrevistados, um grupo que pode ser chamado de atores do desenvolvimento local e outro que se encaminha para a migração e, com isso, isenta-se até certo ponto (devir) de contribuir enquanto *homo situs* para o desenvolvimento deste local, torna-se relevante compreender o que significa ser “jovem” e “adulto” e como se manifestam as “relações familiares” dos jovens. Assim, a performance das narrativas juvenis mostrou que os cinco grupos focais foram unânimes em afirmar que o jovem não tem tantas “responsabilidades” como os adultos, essa seria uma das grandes diferenças entre as duas categorias geracionais, apesar de admitirem que os jovens possuem certas responsabilidades.⁷⁴ As narrativas juvenis apontaram uma ruptura entre adultos e diversão. Assim, para estes não é possível ser um adulto que priorize a diversão, pois os adultos devem primar pelas responsabilidades em detrimento de curtir a vida e divertir-se; mas esta responsabilidade está intimamente ligada à questão da família, dos filhos, de ter que sustentar uma casa e “pagar” as contas mensais. Os jovens deixam claro que os adultos apresentam a diversão “prejudicada” porque têm “prioridades” para atender, porém, cabe ressaltar que se fosse perguntado aos adultos sobre o que compreendem por diversão talvez eles não concordassem com o que os jovens entrevistados destacaram.

O consenso das narrativas juvenis também apontou que os jovens encaram a juventude como algo que não possui delimitação de idade, para os jovens pode-se ser mais velho com uma “mente” juvenil, mas ainda, os jovens pensam que os dezoito anos marcam uma divisão entre não ter tantas responsabilidades e passar a responder legalmente pelos seus atos. Os grupos focais apresentaram, em suas narrativas, o que Schelsky (1963), Freyre (2003) e Kehl (2004) já haviam descrito: a categoria juventude nas sociedades modernas tem um *status* de prestígio. Apesar dos jovens atribuírem responsabilidades à condição de adulto, eles souberam relativizar a questão geracional jovem/adulto. Em muitos momentos das discussões grupais, os jovens, ao falarem sobre ser adulto, diziam que vinha à “mente” a figura do “pai” e da “mãe” ou mesmo “pessoas mais velhas” e as “atitudes” que correspondem aos adultos como: “trabalho”, “casa” e “família”.

O desenvolvimento das discussões grupais indicou que ser jovem é um “estado de espírito”, um “perfil”, está ligado à questão de “não se acomodar com a vida”. Portanto, a juventude seria um momento de “ação”, “atitude”, “transformação”, “alegria”, “vontade de

⁷⁴ Ver narrativas juvenis selecionadas no quadro 23 do Apêndice H.

viver”, “sonhar”, não ser “rabugento”, ter uma “mente aberta”, e até mesmo de se adaptar e não ficar “preso às origens” e um tempo passado que não corresponde mais às idéias do mundo hodierno. Os jovens das Escolas B, C e E ainda afirmaram que a juventude tem mais “liberdade” e não tem “amarrações” que as prendam à sociedade, como acontece com os adultos.

Os narradores juvenis da Escola A afirmaram que o jovem pensa, prioritariamente, no “presente” em detrimento do “futuro”, mas ao mesmo tempo, o jovem é um adulto que pensa em “vestibular”, “faculdade”, “emprego”, “trabalho”, e, propriamente, no “futuro”. Os jovens da Escola C encaram que é um período que se estabelece um “campo de escolhas maior”, quando vai se decidir o que “fazer das suas vidas”, “planos”, “futuro” e que tudo que se fizer hoje corresponderá aos “resultados no futuro”. Para os jovens da Escola E, a juventude está empenhada mesmo em “batalhar pelo futuro” e “correr atrás” do que deseja.

O grupo focal da única escola privada que fez parte desta pesquisa, Escola C, sequer mencionou nas performances das entrevistas a associação entre “juventude” e “trabalho”, estes jovens falaram de “estudo”, “faculdade”, “futuro”, mas não falaram em trabalho. Talvez isto esteja relacionado com as preocupações que envolvem os jovens deste grupo no momento, que são “estudos” e “futuro” num sentido amplo. Por outro lado, a questão do “trabalho” foi discutida pelos jovens das Escolas A, B, D e E, escolas da rede pública estadual. Assim, na Escola A, os jovens afirmaram que estão muito mais preocupados com “diversão” do que com “trabalho”, já na Escola B, D e E, a juventude tem consciência de que este momento de suas vidas deve estar pautado na “luta” e na “busca” por “estudo e trabalho”, mas que a juventude “não está pressionada” neste momento pela busca de “trabalho” e “emprego”, isso porque acredita que tais ações “comprometeriam” a sua juventude.⁷⁵

Apesar das narrativas juvenis confirmarem que a categoria juventude depara-se com um conjunto de características comuns entre os jovens, os testemunhos das Escolas B, C e D afirmam que os jovens “não são iguais”. As narrativas da Escola B indicam que a diferença entre os jovens se refere à “família” e à “condição de gênero”, e para um jovem da escola C, a

⁷⁵ É importante ressaltar também que alguns jovens entrevistados não se mostraram preocupados com o trabalho e a procura de um emprego porquanto as condições socioeconômicas minimamente atendem às suas expectativas juvenis. Mas, outros jovens que coabitam em foyers com uma condição socioeconômica mais sensível podem não ter se sentido à vontade para expor qualquer dificuldade que a família esteja enfrentando.

diferença se expressa nas “atitudes” e para outro jovem da escola D, são as “distintas identidades” juvenis que os diferenciam. No caso dos jovens entrevistados, é correto dizer que não existem contextos sociais diferentes entre estes na sociedade, mas, como bem distinguiu Velho (1994, p.29), “[...] planos e níveis de realidade socialmente construídos”.

As relações familiares dos jovens entrevistados não se apresentaram as mesmas, estas se mostraram mais amistosas entre os jovens que coabitam em *foyer* biparental. A despeito dos jovens dizerem que muitas vezes “não concordam” com a “opinião dos pais”, estes aceitam e compreendem que os pais desejam o “melhor” para os filhos. Por outro lado, a maioria juvenil entrevistada que coabita em *foyer* monoparental reside com a mãe, e isso corresponde a maior cumplicidade e ao bom relacionamento com a figura materna que paterna. No geral, os jovens indicam melhor relacionamento com a mãe do que com o pai, porquanto a figura materna apresenta-se mais “aberta”, “moderna” e bem menos “tradicional”, “conservadora”, “fechada” e “carrancuda” que a figura paterna.

Os jovens da Escola C e D foram os que mais se mostraram positivos e satisfeitos com a relação familiar, pois apesar de existir diferenças socioeconômicas significativas entre os dois grupos e apenas três jovens de família monoparental, todos confirmaram o bom relacionamento tanto com o pai quanto com a mãe, com exceção de uma jovem da Escola D que disse não conversar com os pais porque estes trabalham o dia todo e quando chegam em casa, à noite, estão “cansados”. Os jovens das Escolas A, B e E que não possuem bom relacionamento com a figura paterna justificam suas respostas narrando que o pai é “fechado”, “carrancudo”, “atrasado” e eles possuem muitas “diferenças entre si”. Nestes mesmos grupos focais, os testemunhos afirmam que a figura paterna esteve “ausente” em suas vidas devido à “separação dos pais”; inclusive uma jovem que reside em *foyer* biparental evidenciou isto, pois para ela, o pai vivia “viajando” e somente tinha contato com os filhos no “final de semana”. Os jovens da Escola A foram os que mais apresentaram dificuldades de relacionamento com os familiares, seja por causa da questão monoparental – mais expressiva neste grupo focal –, ou mesmo pela existência de discordância de idéias entre pais e filhos. Assim, a tolerância sobre a interferência paterna em suas vidas é mínima.

O grupo focal da Escola B ainda deixou bem claro que os pais apresentam idéias que os jovens consideram como “pré-históricas”, do tempo do “epa” ou do “fundo do baú” e, por

isso, muitas vezes, não conseguem dialogar com os pais, mas ainda é mais fácil dialogar com os pais do que com os avós, pois os últimos “não entendem” as atitudes da juventude atual.

Neste sentido, se mostrou evidente nas discussões grupais que a questão monoparental afeta a relação entre pais e filhos, e, na maioria das vezes, de forma negativa. Os jovens da Escola A afirmaram que se estivessem longe dos pais agiriam de forma diferente, pois eles precisam “obedecer” à família porquanto “dependem” financeiramente dela. Mesmo assim, os jovens da Escola B e C têm nos pais um “exemplo” a ser seguido, pois a educação que os pais lhes passaram vai ser “transmitida aos seus filhos”. Os testemunhos juvenis da Escola C acusam que a maior “herança” deixada pelos pais é “educação”, “costumes”, “obrigações”, “deveres”, “valores”, “princípios”, e, principalmente, os “estudos”.⁷⁶

Uma distinção evidente que se apresentou nos testemunhos juvenis foi a divisão entre jovens que coabitam em *foyer* bipolar e em *foyer* monoparental, esta situação limita e ao mesmo condiciona o desenvolvimento dos jovens entrevistados no *situs*. É importante destacar que, se os filhos – jovens migrantes e de segunda geração – possuem uma boa relação com a família, os jovens acabam aceitando, na maioria das vezes –, com mais tranquilidade os “projetos de vida” que os pais desejam para os filhos, por outro lado, se os filhos não possuem um bom relacionamento com a família, isso pode ser motivo para não continuarem o “projeto de vida” que os pais engendraram para eles e ainda motivo que corrobora para a migração.

O “olhar juvenil” sobre a cidade de Santa Cruz do Sul mostrou que os jovens entrevistados estão preocupados com o desenvolvimento local, contudo, a crítica juvenil não se apresentou a mesma entre os grupos focais. Os jovens não percebem o local da mesma forma porque os espaços que freqüentam e os planos e níveis distintos de realidade socialmente construídos quais pertencem não são os mesmos, assim como as condições socioeconômicas e culturais também não. As discussões grupais circundaram questões como a noção de centro e periferia, os fatores positivos de se morar na cidade, a visão sobre o desenvolvimento local, e, ainda, o preconceito e a violência.

⁷⁶ As performances das discussões focais sobre as relações familiares podem ser acompanhadas no quadro 24 do Apêndice H.

Santa Cruz é uma “cidade muito boa de se viver” por ser “calma”, “tranqüila” e ao mesmo tempo possibilitar às pessoas se “desenvolverem” segundo os jovens entrevistados das Escolas B e C. A esse respeito, e os jovens da Escola C se mostraram muito “satisfeitos” com o que o local lhe oferece, acreditam que a cidade é um “bom lugar para ter família” e “educar os filhos”, que existem “oportunidades” e “qualidade de vida”, assim como “espaços de lazer”, “esporte” e “cultura”, e isso está relacionado com o fato da cidade ser muito “rica” economicamente. Contudo, a despeito dos jovens do grupo focal C considerarem o local com “boa qualidade de vida”, foram estes que mais se mostraram condicionados a “sair do local” para poder estudar, isto está relacionado com suas condições socioeconômicas e culturais que possibilitam a mobilidade espacial, mas, talvez, não a mobilidade social que almejam para o “eu”.⁷⁷

De acordo com os jovens da Escola D, as pessoas são “simpáticas” em Santa Cruz porque o “povo é simples”, porém, os jovens da Escola A já manifestaram uma opinião contrária, visto que o local é “controlado pelas gerações mais velhas”, as pessoas são “antipáticas”, “disfarçam”, são “mascaradas”, e, por isso, são “falsas”. Os jovens do grupo focal A afirmaram categoricamente que os “estabelecidos” da comunidade local “querem se achar mais que os migrantes”, são “desconfiados” e vivem “vigiando todos”, assim, apesar da cidade ser “grande”, este “tipo de postura” condiz com o que ocorre numa cidade “pequena”. Existe um certo “medo”, “preconceito” e “discriminação” por parte das pessoas que estudam em “escola melhor” e no atendimento do comércio da cidade conforme apontaram as narrativas dos jovens da Escola D. Essa “discriminação” provém do fato de residirem e estudarem em “bairros periféricos” da chamada zona sul. A esse respeito, os jovens da Escola A entraram num consenso com os jovens da Escola D, pois para o grupo focal A, o local possui uma “divisão” muito saliente entre “centro e periferia”, existe “preconceito” com as pessoas que residem nos “bairros da periferia” e que usualmente são chamadas de “vileiras” pela comunidade estabelecida.⁷⁸

Os grupos focais B e E foram mais genéricos e apontaram que existem bairros periféricos – como o “Bom Jesus” (chamado também de “Camboim”), “Harmonia”, “Boa

⁷⁷ As narrativas selecionadas do grupo focal C sobre os aspectos positivos da cidade de Santa Cruz do Sul podem ser visualizadas no quadro 25 do Apêndice H.

⁷⁸ As narrativas juvenis dos jovens das Escolas A e D sobre a questão centro/periferia e discriminação podem ser visualizadas no quadro 26 do Apêndice H.

Esperança” –, que são “perigosos”, “violentos”, possuem muitas pessoas “pobres” e, que os jovens, inclusive, têm medo. Assim, estes jovens associam os bairros periféricos à “violência”, porém para estes, a violência está intimamente ligada à questão das “desigualdades sociais” existentes na cidade. De certa forma, os jovens da Escola E também compreendem que exista “preconceito”, mas o preconceito que estes visualizam não é o mesmo apontado pelos jovens das Escolas A e D, pois se refere à questão da “valorização das aparências” e dos “sobrenomes” pela comunidade local, mas essa crítica também foi manifestada pelos jovens da Escola A.

Os narradores juvenis se mostraram preocupados com a questão da “violência” que, além de se manifestar nos “bairros periféricos”, vem progressivamente “aumentando” na cidade. Os jovens da Escola B inclusive afirmaram que houve um tempo em que era possível “dormir com a porta aberta” e não ocorria nenhum “assalto ou roubo” – teve um jovem desta escola que afirmou ter sido assaltado três vezes –, contudo, o que “gera a violência” para estes jovens é a questão do “desemprego”. Os jovens da Escola C disseram que aumentou a violência de uns “cinco anos para cá”, e isso está associado à existência de muitas “prostitutas e travestis” que trabalham no centro, a questão da prostituição na cidade tem a ver com os “estrangeiros ricos das fumageiras” que utilizam estes serviços. Estes últimos jovens ainda falaram que o jornal local *Gazeta do Sul* chegou a publicar uma reportagem sobre as “prostitutas universitárias” que “vêm de fora”, assim, a prostituição está crescendo porque existem trabalhadores deste setor que procuram a cidade.⁷⁹ Por outro lado, os jovens da Escola C tentaram minimizar a questão da “violência” e disseram que “não vêem meninos de rua”, mas tem muita “marginalidade” e “vagabundos” no centro, estas pessoas “deveriam trabalhar” em vez de optar por esta “vida” marginal. A violência no local, para os jovens da Escola A, provém da existência de uma “divisão social” na cidade, assim, está relacionada com a “exclusão social”.⁸⁰

Os jovens do grupo focal D chegaram a admitir que têm medo de transitar à noite em certos bairros periféricos – mesmo eles sendo destes bairros –, e que existe “pobreza” em Santa Cruz, mas estes jovens, assim como os jovens do grupo focal E, não chegaram a afirmar

⁷⁹ A partir destes testemunhos juvenis, é possível perceber que os jovens entrevistados do grupo focal C compreendem os problemas sociais relativos à prostituição como não próprios da cidade, estes problemas vêm para o local com as pessoas que migram para Santa Cruz.

⁸⁰ As performances narrativas juvenis selecionadas sobre a violência no local apresentam-se no quadro 27 do Apêndice H.

que existe “violência”, mas alguns “roubos” e “assaltos” que “preocupam” um pouco, entretanto, essa questão se manifesta em todas as cidades:

Mas tem muita pobreza em Santa Cruz! (Jovem 31/D/ES/M).

O bairro Beckenkamp é o bairro mais pobre de Santa Cruz do Sul, mas o pessoal lá não quer trabalhar porque ganham ... bolsa, comida, eles ganham tudo sabe (Jovem 28/D/ES/SG).

Mas antigamente não existia tantos roubos assim, hoje tu vai por ai, é possível escutar as pessoas comentando sobre roubos e assaltos, enfim... (Jovem 35/E/ES/SG).

Ali, no caso onde eu moro com a minha família, a gente já ficou assim quando roubaram nossas roupas do varal, nós estamos pensando em sair dali, vender o apartamento, mas a minha mãe sempre diz que não é somente aqui que roubam, isso existe em tudo quanto é lugar (Jovem 36/E/ES/SG).

Santa Cruz é uma cidade que na visão dos jovens das Escolas A, C e E tem “organização”, se apresenta “limpa”, “bonita” e “muito arborizada” quando comparada às outras cidades do Rio Grande do Sul. Esta percepção dos jovens parece vir ao encontro da crítica de Freud (1997, p.45) sobre a civilização moderna que procura, em seu mundo civilizado, a beleza, a limpeza e a ordem, pois para o psicanalista, os homens modernos não conseguem conceber estas três palavras associadas a tempos passados.

Eu acho que Santa Cruz é mais organizada, as pessoas cuidam da cidade, tipo, plantam árvores, por exemplo se tu fores ver as ruas em Porto Alegre são horríveis, porque são sujas, tem areia por todas as calçadas, calçadas num canto e sem calçada no outro e Santa Cruz não. Tem árvores, os mesmos tipos de árvores, todas as calçadas são. (Jovem 3/A/ES/M).

Sim, é verdade, acho que todo mundo concorda com isso. (Jovem 7/A/ES/M).

As pessoas levantam cedo para varrer a sua calçada. (Jovem 1/A/ES/SG).

[...] tem outros lugares que tu não vês uma árvore, nada, agora eu fui agora nas férias para Montevideú e lá a cidade para cada três pessoas tem uma árvore, é uma cidade que tem muitas árvores e me lembrou Santa Cruz. Então tu vais em alguns lugares que tem muito pouco natureza, e aqui não, tem a gruta, no Higienópolis [bairro] tem lugares ... como cinturão verde que tu vê bastante isso. (Jovem 23/C/P/M).

[...] Então, como aqui tem uma maioria das pessoas de origem germânica, isso pode ser um motivo para o desenvolvimento da cidade, a maioria das pessoas tem a mesma visão, todo mundo aceita e respeita, as pessoas mantêm a cidade limpa, mantêm a cidade bonita, as pessoas aqui respeitam o que a Prefeitura faz. (Jovem 21/C/P/M).

[...] Agora, Santa Cruz é uma cidade limpa [...]. (Jovem 36/E/ES/SG).

A percepção dos narradores juvenis entrevistados sobre Santa Cruz do Sul apresentou significativas diferenças, seja quanto à dicotomia centro e periferia, a pobreza, marginalidade, discriminação e preconceito, ou mesmo quanto às relações sociais existentes entre os migrantes e os estabelecidos. Porém, a percepção do desenvolvimento expressa nas narrativas

juvenis uma consonância entre os grupos focais. A memória, sobretudo, está pautada na tríade colonização alemã, industrialização/fumo e desenvolvimento regional. A memória do desenvolvimento local relacionada à questão agrícola e da migração somente foi percebida pelos jovens da Escola C. Os narradores juvenis percebem o desenvolvimento local atrelado, sobretudo, à questão do fumo e das indústrias fumageiras, assim, aqueles que desejam permanecer na cidade ou que justificam que é por isso que desejam sair do local, estão preocupados com o “futuro” de Santa Cruz do Sul, acreditam que o se o “fumo acabar” a cidade corre o risco de comprometer seu desenvolvimento, assim, é “necessário” haver uma “diversificação” da “economia local”.⁸¹

A percepção do desenvolvimento de Santa Cruz do Sul minimamente também foi associada, além da economia, à questão da chegada de contingentes populacionais (migrantes) aos bairros distantes do centro e que, por isso, delineou novos contornos urbanos a capital regional.

Sabe, eu acho que o pessoal agora está acordando, que se continuar assim em Santa Cruz, vai piorar (Jovem 15/B/ES/M).

Os únicos empregos que tem são em fumageiras, a fábrica de bolachas ali, que nem quando dizem que vão fechar as fumageiras, eu me preocupo, porque, o meu pai está a vida toda dele dentro de uma fumageira (Jovem 10/B/ES/SG).

A minha mãe já trabalhou em fumageira, até uns anos atrás (Jovem 12/B/ES/SG).

Agora o meu irmão também está trabalhando em fumageira, para Santa Cruz é muito bom a existência delas, pois milhares de pessoas tem o emprego nisso. Mas para outras é só meio ano, então, o que estas pessoas vão fazer na outra metade do ano?! Assaltando?! (Jovem 10/B/ES/SG).

A minha mãe e o meu pai também trabalhavam na safra em fumageira (Jovem 13/B/ES/SG).

Santa Cruz se especializou somente nisso, numa coisa, então esse setor foi crescendo (Jovem 10/B/ES/SG).

Tipo, tu não vê um colono falando que plantou milho, mas fumo sim (Jovem 15/B/ES/M).

Acho que a cultura alemã está ligada ao comércio, e à indústria do fumo, e os futuros profissionais que podem investir são formados na universidade, nisso se sustenta a parte do desenvolvimento e economia (Jovem 18/C/P/SG).

Eu acho que as fumageiras promoveram o desenvolvimento inicial, é que eu acho que as pessoas ficam mais aqui sabe, tem gente que vem para a UNISC, estuda e depois vai embora, mas a população mais velha ficou aqui e suas famílias também, são essas pessoas que tem a cultura daqui e vão criando raízes e aí isso influencia na cultura (Jovem 17/C/P/SG).

Acho que eu concordo, a única coisa que eu posso dizer é da parte da economia, isso é o que mais eu vejo do desenvolvimento (Jovem 19/C/P/SG).

⁸¹ Ver narrativas selecionadas no quadro 28 do Apêndice H.

Eu acho que a universidade influencia no desenvolvimento, ela está crescendo, aumentando bastante, tem muita gente que não teria condições de ir estudar fora, mesmo que tenha que pagar, as pessoas acabam parcelando, mesmo que em muitas vezes, isso ajuda a cidade a se desenvolver, que nem tem esse negócio das fumageiras, mas tem também a agricultura, a Afubra que está presente, eles têm esse negócio de ajudar os proprietários de terras, com adubo, plantar, então isso ajuda também a cidade. Não adianta só ter o comércio e empregos e não ter a base, que é agricultura, em Santa Cruz isso é bem forte, então está bem estruturado, bem forte, claro que não é perfeito, mas aqui é mais que só agricultura ou comércio, tem um pouco de tudo e isso ajuda a cidade a se estabilizar, tem muitas festas diferentes, tem festa do agricultor para fazer a agricultura crescer e manter o princípio de tudo (Jovem 23/C/P/M).

Acho que Santa Cruz de um tempo para cá cresceu mesmo, aqui, por ter as fumageiras, nunca foi muito uma cidade de passagem, as pessoas ficavam aqui, por ser uma com cidade com cultura de laços fortes, as segundas gerações permaneciam também, é uma cidade que cuida bem das pessoas, e isso faz com que a cidade cresça economicamente, o pessoal que vem estudar na UNISC e acabam migrando para cá sabe, claro, tem a questão do dinheiro e economia dos agricultores, a agricultura traz muito dinheiro para a cidade. E tanto essa questão da agricultura, como da questão urbana, não é uma cidade de passagem, é uma cidade com maior população agora, e por ter muita circulação de pessoas isso ajuda a trazer dinheiro, então faz da cidade um lugar rico (Jovem 16/C/P/SG).

Santa Cruz tem padrões ricos (Jovem 18/C/P/SG).

No nosso meio! Mas, tem muita pobreza (Jovem 16/C/P/SG).

Os imóveis são muito caros, tudo é muito caro se comparado às outras cidades (Jovem 18/C/P/SG).

Não é uma cidade muito barata! (Jovem 16/C/P/SG).

Em relação ao futuro de Santa Cruz, acho que se continuar nesse ritmo, se nada for feito, vai ter mais ... dificuldades aqui (Jovem 18/C/P/SG).

Eu não sei o que tem que ser feito, mas a tendência é aumentar a prostituição, mas tem um pólo industrial que está se formando (Jovem 21/C/P/M).

A economia do cigarro não tende a aumentar (Jovem 18/C/P/SG).

Sim, mas estão querendo mudar ou diversificar (Jovem 21/C/P/M).

Mas até diversificar vai ter uma baixa. Mas o fumo é quem contribui para ... acho que pela Convenção Quadro está questão do fumo é para ir mudando aos poucos, se chegar realmente um momento em que o fumo vai ter que deixar de existir, até que haja uma mudança da cultura, a cidade pode ter um declínio econômico grande, porque o fumo ocupa uma parcela bem grande da economia da cidade (Jovem 18/C/P/SG).

Mas o fumo não vai cair de uma hora para a outra, porque se amanhã todo mundo parar de fumar, aí Santa Cruz vai ter problemas, mas isso a gente sabe que não vai acontecer, porque mesmo caído o fumo sempre tem consumo, mas as coisas estão mudando em termos de economia aqui (Jovem 21/C/P/M).

É, acho que sim, mas isso tende a aumentar a pobreza, o mercado está exigindo muitas coisas, como mexer em computador, falar inglês, e isso pode acabar excluindo muita gente, mas isso vai acontecer num futuro distante, está começando a mudar também, talvez isso possa reverter. Mas pode crescer! (Jovem 23/C/P/M).

A cidade está crescendo e aos poucos tudo está mudando, não vai cair no buraco, mas ... (Jovem 19/C/P/SG).

Precisa ter uma diversificação para que no futuro não dependendo só do fumo. Veja a UNISC, já foi um investimento, tem uma diversificação da economia (Jovem 18/C/P/SG).

Eu acho que Santa Cruz é grande por causa das fumageiras, isso atrai gente de todo o Rio Grande do Sul, elas vem em busca de emprego (Jovem 28/D/ES/SG).

Se não fosse as empresas não iria vir tanta gente de fora trabalhar aqui. E é porque veio tanta gente de fora que cresceu a cidade de Santa Cruz do Sul (Jovem 24/D/ES/SG).

As pessoas vieram para Santa Cruz e se instalaram no meio do mato e quando viu já virou rua, cidade e tudo. O nosso bairro era assim, uma chácara e não tinha nada e agora... (Jovem 28/D/ES/SG).

No bairro em que eu moro, quando fomos morar lá, só tinha uma rua, só a nossa, e depois de alguns anos apareceram ruas para baixo e para cima (Jovem 31/D/ES/M).

Quando eu fui morar em São José da Reserva quando passava carro eu chamava a minha mãe e dizia, nossa, passou um carro, agora não, toda hora passa carros e até as propriedades lá já foram assaltadas [...] (Jovem 30/D/ES/M).

Mas sabe que quanto ao futuro de Santa Cruz acho que as fumageiras vão acabar (Jovem 26/D/ES/SG).

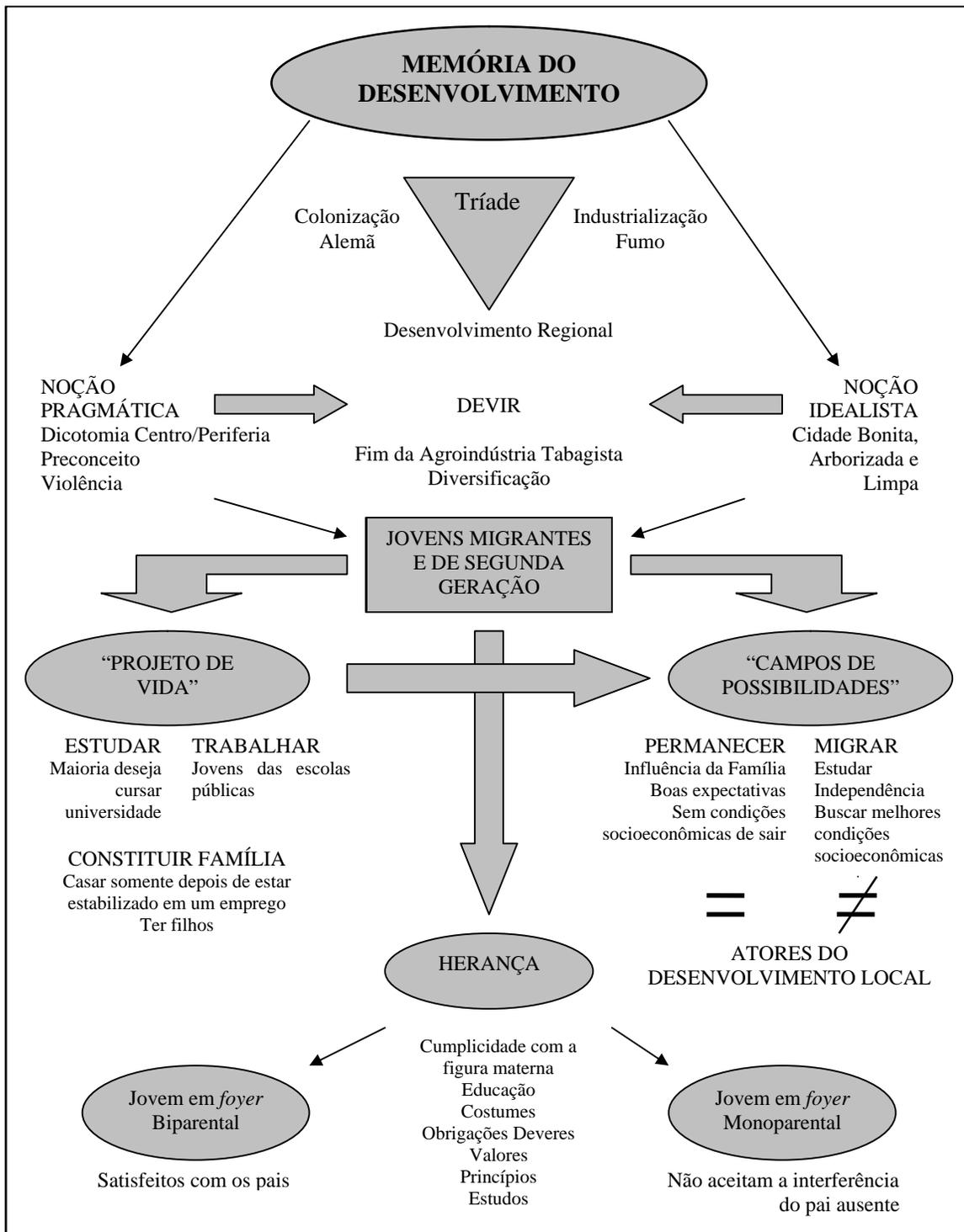
É, mas aí vai vir outro tipo de agricultura, o fumo não vai ser para a vida toda (Jovem 28/D/ES/SG).

Santa Cruz é uma cidade pequena, aqui tudo gira em torno do fumo, da safra, acho até que poderia crescer mais, pois a economia vem somente do fumo, claro, tem a universidade também, mas acho que é necessário se investir em outras coisas, se não a cidade vai... (Jovem 37/E/ES/SG).

Minha mãe sempre diz que não sabe como vai acabar aqui, mas um dia o fumo, as plantações e as safras vão acabar, e aí... Eu não quero isso. Então acho que o prefeito é muito parado, ele não se mobiliza para buscar outras coisas para a cidade, eles acham que isso do fumo nunca vai acabar (Jovem 35/E/ES/SG).

Aqueles que mais se mostraram resignados com o desenvolvimento local são os narradores juvenis que pretendem permanecer na cidade. Os narradores com “projeto de vida” e “campos de possibilidades” em Santa Cruz são, definitivamente, os atores do desenvolvimento local. Neste mesmo sentido, são os jovens que residem na periferia urbana da cidade, sobretudo, os jovens do grupo focal D, que se mostraram, entre os grupos focais, mais dispostos a permanecer no local, e, num sentido contrário, são os jovens do grupo focal C, que residem no centro ou em bairros nobres da cidade, que mais desejam “migrar”. A cidade de Santa Cruz do Sul parece representar aos jovens da periferia, a melhor e, quem sabe, a única perspectiva de desenvolvimento juvenil pautável às suas condições socioeconômicas. Com isso, são os jovens que mais têm acesso aos bens culturais, sociais e econômicos no local os que se dispõem a encontrar um devir longe de Santa Cruz.

Figura 9: Narrativas juvenis sobre a memória do desenvolvimento Local



No contexto geral, os jovens entrevistados apresentaram-se mais positivos que negativos na sua avaliação sobre o local, os jovens dos grupos focais A, B e D foram mais críticos que os outros grupos, na realidade, somente o grupo A mostrou-se mais negativo na sua análise sobre a cidade, enquanto que, os jovens do grupo D – que residem na chamada zona sul da cidade –, mais pesarosos quanto à discriminação que sofrem pela comunidade local. A partir destas narrativas juvenis é possível perceber que os jovens não estão alheios ao que ocorre na cidade e se consideram, pelo menos a respeito do grupo com “projetos de vida”, atores do desenvolvimento local.

Por fim, a síntese da figura 9 permite perceber que a memória do desenvolvimento nas narrativas juvenis está pautada na tríade já mencionada. Um grupo de jovens apresentou uma noção idealista sobre local – a cidade “bonita”, “arborizada”, “limpa”, “calma”, “organizada”, com “qualidade de vida” –, um outro grupo apresentou uma noção pragmática sobre o local – cidade com a “dicotomia entre periferia/centro”, “preconceito”, “violência” e “marginalidade”. Para os jovens situados no local, a cidade, tem apenas um devir enquanto facilitadora da reprodução social: diversificação econômica, pois a agroindústria tabagista está fadada a acabar e impelir dificuldades socioeconômicas à comunidade local.

A noção pragmática ainda indica que o “projeto de vida” compreende estudar, trabalhar e constituir família por meio de objetivos comuns e localizados no tempo pelos jovens. E, a noção idealista dos “campos de possibilidades”, se refere ao espaço, que é inconstante e reflete a satisfação com o local, assim, muitos jovens entrevistados desejam permanecer e outros migrar do local, mas a mobilidade espacial está condicionada às condições socioeconômicas e culturais e à própria mobilidade social dos jovens na comunidade situada.

À medida que a herança patrimonial é transmitida geracionalmente, as relações familiares indicaram que os jovens têm uma maior cumplicidade com a figura materna que paterna. Mas os jovens entrevistados que se encontram em *foyer* biparental apresentam-se mais satisfeitos nas relações familiares que os jovens em *foyer* monoparental.

Os jovens atores do desenvolvimento local são aqueles que se mostraram intencionados a permanecer em Santa Cruz do Sul – vinte e quatro num total de quarenta jovens entrevistados –, visto que têm um “projeto de vida” situado no local. O “projeto de vida” por sua vez é uma construção do “eu” a partir da visualização dos “campos de possibilidades” que

se apresentam na cidade, assim, os atores do desenvolvimento têm um “projeto de vida” em Santa Cruz porquanto acreditam que a cidade lhes possibilita mais que atrativos comemorativos, mas também condições de estudo, trabalho e reprodução social – constituição de uma família.

É melindroso afirmar que os jovens que desejam migrar de Santa Cruz do Sul não são atores do desenvolvimento regional, já que estes jovens são atores situados. Mas também é complicado afirmar que estes jovens sejam atores do desenvolvimento visto que não estão comprometidos com o desenvolvimento local. O “desejo” de migrar, não significa a “ação” de migrar. Os jovens que estão dispostos a sair da cidade se mostram propensos a migração à medida que constroem um “projeto de vida” que não está associado aos “campos de possibilidades” existentes no local. Assim, a mobilidade espacial é uma tentativa de mobilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção dos jovens sobre o desenvolvimento regional está relacionada com a situação socioeconômica porquanto suas narrativas se diferem de acordo com a “distância social” dos entrevistados em relação à matriz do discurso normativo sobre o desenvolvimento de Santa Cruz do Sul (RS). A memória dos narradores juvenis é influenciada pelo local que residem, pelos espaços que transitam e pela constelação de capital econômico, social e cultural de suas famílias.

Por sua vez, a situação cultural dos jovens narradores também corrobora para que os mesmos sintam-se e empenhe-se em fazer parte do desenvolvimento local de modo que isto lhes possibilita o próprio desenvolvimento do “eu”. Se os jovens não se compreendessem como agentes culturais no desenvolvimento da cidade, eles não se sentiriam *homo situs*, apresentariam um forte sentimento de exclusão social e não desejariam, em sua maioria, permanecer no local. Alguns jovens apontaram dificuldades de inserção, porém, a maioria dos jovens se identifica com o bairro que residem, com os espaços que frequentam e com os atrativos urbanos. Neste contexto, é importante salientar que é a herança patrimonial, transmitida de forma oral e a partir dos vínculos intergeracionais e dos eventos comemorativos, que possibilitou, minimamente, aos jovens narrarem sobre o desenvolvimento.

A história de uma comunidade se registra e consolida por meio da escrita, por outro lado, a memória coletiva se atualiza através da oralidade, das festas e de comemorações. Os narradores juvenis apresentaram em seus testemunhos que têm pouco ou quase nenhum contato com as gerações mais velhas da comunidade. As representações sociais que emanam dos discursos normativos e dos agentes locais a respeito do patrimônio simbólico não

correspondem às representações sociais atribuída à cidade pelos jovens. Os jovens migrantes e de segunda geração em muitos momentos criticaram a forma de agir e pensar da comunidade local, pois esta se assenta na tradição e passado (sobrenome), nas aparências e na divisão do espaço urbano em centro/periferia.

Os jovens entrevistados não estão comprometidos com o papel de “herdeiros” do patrimônio simbólico. Em algumas falas, os jovens chegaram a mostrar uma consciente negação dessa herança e a criticar os discursos normativos sobre uma identidade que não se associa à migração recente e sim à imigração alemã de tempos passados. Em relação à história, o passado e as memórias familiares dos narradores juvenis, tanto os migrantes quanto os de segunda geração, tiveram dificuldades de testemunhar devido ao distanciamento espacial e de vínculos longínquos dos seus municípios de origem familiar. Neste sentido, as narrativas juvenis ainda mostraram que os jovens têm um “hiato de memória” porquanto a tradição oral pouco se opera na relação intergeracional. A memória e a história familiar dos jovens foram “danificadas” pela migração e, em muitas narrativas, se mostrou sujeita ao esquecimento ou se reduziu a fragmentos de alguns momentos marcantes e *sui generis* na trajetória dos antepassados.

Porém, é salutar lembrar que todas as memórias e mesmo histórias são fragmentos do passado, portanto, o “hiato de memória” aqui apontado não significa ausência de memória ou história, mas simplesmente um espaço que necessita do exercício de lembrança para poder emergir. O “hiato de memória” não é algo negativo que evidencia a “falta de”, mas, indica que naquele momento da entrevista, algumas lembranças não emergiram. A não emergência da memória está relacionada com inúmeras variáveis, desde o esquecimento voluntário ou involuntário, passando pela prática de poder e dominação até chegar ao silêncio do entrevistado que demanda muitas interpretações para o entrevistador.

A ausência de diálogo intergeracional local e familiar, sobretudo no concernente aos jovens que coabitam em *foyer* monoparental, indicou que a herança patrimonial dos jovens migrantes e de segunda geração está prejudicada e que os jovens entrevistados não estão comprometidos com o passado, mas com o seu presente. Assim, o que se configura importante na trajetória juvenil não são as memórias familiares ou mesmo a história, mas o local dos atores situados que condicionam as noções de pertencimento.

Os jovens narradores apresentaram os discursos da alteridade – “nós” e “eles” – como crítica do desenvolvimento individual no coletivo do local. Os jovens entrevistados que mais se identificam enquanto atores sociais do desenvolvimento foram aqueles que mostraram a intenção de nortear seu “projeto de vida” com base nos “campos de possibilidades” da cidade em que vivem. Os jovens *outsiders* – com origem alhures – apresentam poucos vínculos com a comunidade tradicional, suas narrativas de alteridade integram o conjunto de atores situados que não necessariamente são passivos ao desenvolvimento e à sua memória, tampouco às representações sociais e territoriais. Mas os vínculos simbólicos dos jovens migrantes e de segunda geração com o local foram atribuídos a partir dos espaços que ocupam e transitam e dos atrativos que a cidade lhes proporciona.

Assim, com base na noção de *outsider* – enquanto aquele que independentemente da condição socioeconômica difere dos “estabelecidos” em sua ancestralidade –, os jovens migrantes e de segunda geração apresentam uma fraca identidade local, mas uma forte identidade regional (gaúcha). A identidade gaúcha teria, entre outros fatores, uma função compensatória para esses jovens. Como o patrimônio imaterial da cidade (memória coletiva) – associado à tríade colonização alemã, industrialização do fumo e desenvolvimento regional – não foi vinculado ao patrimônio dos jovens migrantes e de segunda geração, os jovens não se reconhecem como “herdeiros” da memória coletiva, não se identificam com a identidade local .

A despeito das narrativas juvenis salientarem que Santa Cruz do Sul não possui apenas “alemães”, os jovens acabaram reproduzindo também, no que concerne às representações sociais, o que os discursos normativos e os agentes locais procuram afirmar via movimento de patrimonialização: a história, a origem e o passado local têm na cultura alemã uma referência quase exclusiva.

Se a trajetória familiar e a situação socioeconômica e cultural dos jovens migrantes e de segunda geração intervêm nas suas narrativas sobre a percepção do desenvolvimento – influenciando na forma de ver o passado, o presente e o futuro –, a condição juvenil também condicionou suas narrativas sobre o desenvolvimento, porquanto uma visão utópica subjaz em suas falas. Como não há desenvolvimento sem mudança e como todo o projeto utópico vislumbra mudança, os jovens dispostos a obrar por um futuro melhor são *a fortiori* legítimos atores sociais do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.

____; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

AIGNEREN, Miguel. *La técnica de recolección de información mediante los grupos focales*. In: Biblioteca Virtual en Población, Centro Centroamericano de Población. 2002. Disponível em: <http://ccp.ucr.ac.cr/bvp/texto/14/grupos_focales.htm>. Acesso em: 26 de setembro de 2006.

ALBERTI, Verena. *História dentro da história*. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p.155 – 201.

ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGENIO, Fernanda (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Carina S. de. *Território e desenvolvimento socioeconômico: considerações acerca da região de Santa Cruz do Sul/BR, baseada na agroindústria fumageira*. In: ARRILLAGA, Hugo. et al. VI Bienal del Coloquio sobre transformaciones territoriales: escenarios prospectivos acerca del desarrollo del territorio. Una reflexión estratégica. Santa Fé/Argentina: Ed. Universidad Nacional del Litoral, 2007. p.1 – 17.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ARROYO, Maria Mônica. *Dinâmica territorial, circulação e cidades médias*. In: SPOSITO, E.; SPOSITO, M.; SOBARZO, O. Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 71 – 85.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Volume 1. 5 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. Consultoria de E. Gellner, R. Nisbet e A. Touraine. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BRANCO, Maria Luisa C. *Cidades médias no Brasil*. In: SOBARZO, O.; SPOSITO, E.S.; SPOSITO, M. E. B.. *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.245 – 277.

BOURDIEU, Jérôme. et al. *Migrations, réseaux, patrimoine – renouveler les perspectives*. Migrations et transmissions inter-générationnelles dans la France du XIX^e et du début du XX^e siècle. *Annales – Histoire, Sciences Sociales*. École des hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 55^e Année, n^o4, juillet-Août, 2000. p. 749 – 789.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983, p.112 – 121.

_____. *Compreender*. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 693 – 732.

_____. *O habitus e o espaço dos estilos de vida*. In: *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007. 162 – 212.

_____. *O mercado de bens simbólicos; Estrutura, habitus e prática*. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005a. p. 99 – 181 e 337 – 361.

_____. *O poder simbólico*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo : Ed. da UNESP, 1991.

CAMPOS, Heleniza A. *Considerações acerca dos conceitos de território e meio ambiente urbano*. In: REDES. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, vol. 10 – n.3 (set./dez.). 2005, p.57-70.

CANANI, Aline S. K. B. *Herança, sacralidade e poder: Sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-832005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 de novembro de 2006.

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. 4 ed.. São Paulo: Contexto, 1999.

- CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs). *Pierre Bourdieu: escritos em educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *Brésil: une société des jeunes?; Être jeune dans une ville moyenne*. In: TELES, Nair; SANTO, Wanda E. *Regarde sur les jeunes du Brésil*. Les Éditions del l'IQRC, 2008. p.9-26 et p.67-85.
- _____. *Linha étnica entre "alemães e "brasileiros" em área de colonização no Rio Grande do Sul*. (XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização). São Leopoldo: Unisinos, 2007
- _____. *Migração e a desigual distribuição espacial do capital humano*. Revista Raízes, Campina Grande, v.21, n.2, 2002, p.273 – 286..
- _____. *Mobilidade e desenvolvimento regional: o caso da comunidade afro-brasileira de Santa Cruz do Sul*. In: REDES. Revista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, vol. 6 – n.1 (jan./abril). 2001, p.53-81.
- CUNHA, Jorge Luiz. *Os colonos alemães e a fumicultura*. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, 1991.
- CURY, Isabelle (org.). *Cartas patrimoniais*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN. 3 ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. *A juventude no Brasil*. Observatório da juventude, Universidade de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2007.
- DAYRELL, Juarez T. *O jovem como sujeito social*. Observatório da juventude, Universidade de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ANPED%20REVISTA.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2007.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP, 1999.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FARR, Robert M. *Representações sociais: a teoria e sua história*. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. 4 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995, p.31 – 59.

FELDMAN, Sarah. *Política urbana e regional em cidades não-metropolitanas*. In: BRANDÃO, C.A; GALVÃO, A.C.; GONÇALVES, M.F. *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora da UNESP: ANPUR, 2003. p.105 – 112.

FERREIRA, Marieta de M. *História oral: um inventário das diferenças*. In: ____ (coord.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994. p.1 – 13.

____; AMADO, Janaína (orgs.). *Apresentação*. In: *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 12 – 25.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 26 ed. Petrópolis: ed. Vozes, 2002.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: EDUSP, 1972.

FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREYRE, Gilberto. *O pai e o filho*. In: _____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 14 ed. São Paulo: Global, 2003. p.176 – 205.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar da modernidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GAUTHIER, Madelaine. *La jeunesse: um mot, mais combien de définitions?* (présentation). In: GAUTHIER, Madelaine; GUILLAUME, Jean-François. *Definir la jeunesse? D'un bout à l'autre du monde*. Association Internationale des Sociologues de Langue Française. Collection: Collection Culture et Société (Sainte-Foy, Québec), 1999. p.9-25.

GAZETA MERCANTIL/FINANÇAS & MERCADOS. *Produtor recusa-se a abandonar lavoura de fumo*. Disponível em: <<http://www.sindicatomercosul.com.br/noticia02.asp?noticia=20067>>. Acesso em: 10 maio 2005a.

GAZETA MERCANTIL/FINANÇAS & MERCADOS. *Agricultor protesta contra fim do plantio de fumo*. Disponível em: <<http://www.sindicatomercosul.com.br/noticia02.asp?noticia=2002>>. Acesso em 10 maio 2005b.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONCALVES, José Reginaldo Santos. *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 11, n. 23, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 novembro de 2006.

GONDIM, Sônia Maria G. *Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Disponível em: <<http://ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>>. Acesso em: Julho de 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Rubí; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HAMEL, Jacques. *La jeunesse n'est pas qu'un mot. Petit essai d'épistémologie pratique*. In: GAUTHIER, Madelaine; GUILLAUME, Jean-François. *Definir la jeunesse? D'un bout à l'autre du monde*. Association Internationale des Sociologues de Langue Française. Collection: Collection Culture et Société (Sainte-Foy, Québec), 1999. p.29-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais*. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.) *Textos em representações sociais*. 4 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995, p.63 – 85.

KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma de cultura*. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.) *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.89 – 114.

KIPPER, Maria H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937 – 1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.

KRAUSE, Silvana. *Migrantes do tempo: vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na república velha*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

LAUWE, P. H. Chombart de. *A organização social no meio urbano*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973. p.114-133.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

_____; NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

_____; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

_____; NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

LEME, Maria Alice V. da S. *O impacto da teoria das representações sociais*. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.) *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.46 – 57.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. v.1. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

LOZANO, Jorge E. A. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.15 – 25.

MACHADO, Fernanda Q. *Por uma história da juventude brasileira*. Revista da UFG, vol.6, nº 1, jun 2004. Disponível em: <www.proec.ufg.br>. Acesso em: 14 de agosto de 2007.

MANNHEIN, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MARGULIS, Mario; et al. *La juventud es más que una palabra*. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MATÍN, Antonio Z. *El espacio interior de la ciudad*. Colección Espacios y Sociedades, serie general, n.12. Madri: Editorial Síntesis/S.A., 1991.

MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*. Santa Cruz do Sul: APESC. RS, 1979.

MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*. São Paulo: Atlas, 1997.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Manual de história oral*. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELUCCI, Aberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MENEZES, J. Bittencourt. *Município de Santa Cruz. Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

MENEZES, Marilda A.; SILVA, Maria A. de M. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*. Disponível em:

<http://64.233.169.104/search?q=cache:DQh_PITindkJ:www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf+Marilda+Menezes+texto+migra%C3%A7%C3%B5es+rurais&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>. Acesso em: Dezembro de 2007.

MINAYO, Maria C. de (org); DESLANDES, Otavio C. N.; GOMES, R.. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTYSUMA, Marcos F. F. *Um encontro com as fontes em história oral*. Estudos Ibero-americanos. Revista do Departamento do Pós-graduação em História/PUCRS, v.XXXII, n.1. Porto Alegre: EDIPUCS, junho de 2006. p.117 – 125.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. *Periferia urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. v.10. São Paulo: dez.1993, p.07 – 28.

NOVAES, Regina. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.105 – 120.

PAGE, Shannon. *El participante invisible: el papel del transcriptor*. In: *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, Universitat de Barcelona, n° 28, 2002. p.153 – 164.

PAIS, José Machado. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.07 – 21.

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. Revista Brasileira de Educação. ANPED. n° 5, Mai/Jun/jul/Ago. 1997. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf. Acesso em: agosto de 2007.

PARK, Robert. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1973. p.26-67.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente?*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História/PUCSP. n° 14, fev. 1997. p.25 – 39.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REZENDE, Fernando; TAFNER, Paulo (orgs.). *Juventude do Brasil*. Brasil: o estado de uma nação. Brasília: IPEA, 2005. p.287 – 350.

RICOEUR, Paul. *Histoire e mémoire: l'écriture de l'histoire et la représentation du passé*. Annales – Histoire, Sciences Sociales. École des hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 55^e Année, n°4, juillet-Août, 2000. p.731 – 747.

_____. *Tempo e narrativa (tomo 1)*. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tomo I e II. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

_____. *O espaço dividido*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SÁ, Celso Pereira de. *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.) *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.19 – 45.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHELSKY, Helmut. *Die skeptische Generation*. Düsseldorf: Eugen Diederichs Verlag, 1963.

SCHUTZ, Alfred. *The problem of social reality*. In: *Collected Papers*. The Hague, Martius Nijhoff, v.1, 1970-1971.

_____. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, Benedito; MIRANDA NETTO, Antonio G. et al. *Dicionário de ciências sociais*. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1973. p.11-25.

_____. *On individuality and social forms*. 10 ed. Chicago: The University of Chicago Press and London, 1998.

SILVEIRA, Rogério Leandro L. da. *Dinâmica do mercado imobiliário e práticas espaciais no processo de urbanização da capital mundial do tabaco*. In: PEREIRA, P.; SILVEIRA, R.; UEDA, V. *Dinâmica Imobiliária e reestruturação urbana na América Latina*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2006.p.193-237.

_____. *A internacionalização do setor agrofumageiro e o processo de urbanização em Santa Cruz do Sul/RS*. In: *Ágora*. Revista do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. v.5, n.1 (jan./jun. 1999). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000a. p.69 – 94.

_____. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. *Mercado imobiliário, práticas espaciais e (re)produção do espaço urbano em Santa Cruz do Sul*. In: *Redes*. Revista do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. v.4, n.3 (set./dez. 1999). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000b. p.103 – 126.

_____. *O distrito industrial de Santa Cruz do Sul/RS: determinações e condicionantes na (re)produção da cidade*. In: *Agora*. V.10, n.1/2 (jan./dez. 2004). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p.261 – 280.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo, Caxias do Sul: UPF e EDUCS, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Maria Drosila. *Pierre Bourdieu: a herança sociológica*. Educação Sociológica, Campinas, v. 23, n. 78, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 Nov 2006.

VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.192 – 200.

_____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

VERDIER, Nicolas. *Variations sur le territoire*. Analyse comparée de projets urbains: lê Havre 1789 – 1894. *Annales – Histoire, Sciences Sociales*. École des hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 57^e Année, n^o4, juillet-Août, 2002. p.1031 – 1065.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4 ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

VOGT, Olgário P. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul/RS – 1849 – 1993*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

WINK, Ronaldo. *Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

WINTER, Jay. *A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006. p.67 – 89.

ZAOUAL, Hassan. *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DOP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.

APÊNDICE A

Discurso jornalístico sobre a cidade e a periferia urbana para o ano de 2007

<i>Título da Matéria</i>	<i>Data da Publicação</i>	<i>Tema central</i>	<i>Caderno</i>	<i>Bairro</i>
Jovem executado com 11 tiros no Bom Jesus	08/01	Violência	Policial	Bom Jesus
Mutirão vai limpar e embelezar a cidade: iniciativa será comandada pela Secretaria dos Transportes e Serviços Públicos.	15/01	Limpeza e embelezamento	Geral	Centro
Extremosas dão um colorido especial a Santa Cruz do Sul: Fernando Abott é uma das ruas que a espécie deixa com jeito de cartão-postal nesta época	15/01	Embelezamento	Geral	Centro
Tiro mata jovem de 18 anos no Bom Jesus	29/01	Violência	Policial	Bom Jesus
Polícia desvenda assassinato no Bom Jesus: jovens de 22 e 27 anos foram assaltados e voltaram ao Bom Jesus para recuperar os documentos levados. No entanto, mataram a vítima antes da devolução do material	01 e 02/02	Criminalidade	Policial	Bom Jesus
Inquérito do crime no Bom Jesus é concluído	01 e 02/02	Criminalidade	Policial	Bom Jesus
Um jeito diferente de passar as férias: iniciativa desenvolvida pela primeira vez por entidades santa-cruzenses evita que crianças e adolescentes fiquem nas ruas durante o período das férias.... 52 menores selecionados dos bairros Faxinal, Cristal, Menino Deus, Harmonia, Santuário, Beckenkamp e Bom Jesus	03 e 04/02	Inclusão social	Especial	Faxinal, Crista, Menino Deus, Harmonia, Santuário, Beckenkamp e Bom Jesus
Exército se prepara para missão no Haiti: soldados fizeram exercícios no bairro Bom Jesus e prosseguem atividades preparatórias nos próximos dias	06/02	Preparação Militar	Geral	Bom Jesus
Tiroteios criam rotina de medo na zona sul: zona sul vira zona de guerra	24 e 25/02	Violência	Geral	Zona sul
BM e vítima recuperam à força motos furtadas: dois acusados de extorção foram presos na manhã de sábado, quando PM's disfarçados entraram no Bom Jesus	26/02	Criminalidade	Policial	Bom Jesus
Homem preso em flagrante por estupro em Santa Cruz: flagrante, Carlos Jordani Peixoto foi detido no bairro Bom Jesus	02/04	Criminalidade	Policial	Bom Jesus
Na zona sul música é sinônimo de inclusão social: hip-hop	11/04	Inclusão social	Espaço Z	Zona sul
O escritor do Mãe-de-Deus	12/04	Educação	Mix	
BIB faz ação comunitária no Glória: jornada do exército levou médicos, dentistas e recreação à escola Esperança	16/04	Inclusão social	Geral	Glória
Meninos do Piratini: alunos da escola Duque de Caxias formaram grupo de pagode	17/04	Educação	Mix	Piratini
Brigada aborda mais de 2 mil: ação vai envolver bairros da periferia	21 e 22/04	Educação no trânsito	Policial	Periferia
Boatos sobre abuso geram apreensão: Beckenkamp – circulam pelo loteamento relatos sobre meninos vítimas de barbárie	25/04	Violência	Policial	Beckenkamp
Zona Sul se une para combater a violência	30/04	Violência	Geral	Zona sul
Rapaz de 22 anos é morto no bairro Menino Deus	30/04		Policial	Menino Deus
Menina é atingida por bala perdida. Bom Jesus: disparo teria partido de arma de um policial	07/05	Violência	Policial	Bom Jesus

<p>militar durante troca de tiros</p> <p>Tiroteio na Pedreira gera polêmica</p> <p>Assaltos no trevo do Bom Jesus preocupam</p> <p>Correios suspendem as entregas no Bom Jesus: decisão foi tomada ontem, após o assalto a um carteiro, medida é adotada por tempo indeterminado</p> <p>Políciais acampam no Bom Jesus. Operação: cem homens ocuparam o bairro</p> <p>Bairro Cristal, este é o meu lar</p> <p>Zona Sul debate violência e vai buscar soluções</p> <p>Bairro Schulz, nossa comunidade. Orgulho: moradores dizem por que gostam do bairro e apontam as ações para tornar a vida ainda melhor</p> <p>Zona Sul quer ser vista de outra forma. Debate: moradores esperam acabar com a violência e também com o preconceito</p> <p>Bairro Santuário, lugar de amigos. Jovem conta como é viver no local</p> <p>Sem esmolas e com futuro mais digno. Iniciativa quer acabar com a prática de dar dinheiro a menores nas ruas</p> <p>Bairro se destaca pela união. Margarida-Aurora: local tem projetos importantes, como a saúde da família e o centro ocupacional</p> <p>Políciais visitam moradores do bairro Bom Jesus. Operação convivência em harmonia mobilizou 70 PMs</p> <p>Avenida, o bairro alviverde: abriga o esporte clube Avenida é uma das marcas do local, que se orgulha de ser tranquilo e acolhedor</p> <p>Correios mantém suspensão. Bom Jesus segue sem entrega e o caso vai parar no Ministério Público Federal</p> <p>Memórias de um Senai diferente</p> <p>Aliança, lugar bom de se viver e conviver. Bairro se destaca pela boa relação e o grande respeito que há entre os moradores</p> <p>Vila Nova. Um lugar de solidariedade: em um bairro onde todos se conhecem, a ajuda sempre chega para quem enfrenta alguma dificuldade</p> <p>Festas celebram a tradição dos colonizadores alemães</p> <p>Imigração alemã completa 183 anos</p> <p>Da colônia para a universidade</p> <p>Festas resgatam tradição colonial</p> <p>Dia para relembrar a história dos imigrantes</p> <p>Bairro Rauber, um lugar de trabalhadores: área de lazer, moradores reivindicam</p> <p>Famílias vivem com medo da chuva no Rauber. Casas do bairro estão em situação precária, nível da água chega a 70 centímetros nos pátios</p> <p>Dona Carlota, um bairro de belas paisagens. Jeito de campo: viver lá é viver um pouco na zona rural, mas com os confortos de quem mora na cidade</p> <p>Cohab, lugar de possibilidades. Bairro</p>	<p>09/05</p> <p>15/05</p> <p>17/05</p> <p>26 e 27/05</p> <p>26 e 27/05</p> <p>01/06</p> <p>02 e 03/06</p> <p>04/06</p> <p>16 e 17/06</p> <p>19/06</p> <p>23 e 24/06</p> <p>30/06</p> <p>07 e 08/07</p> <p>11/07</p> <p>13/07</p> <p>16/07</p> <p>23/07</p> <p>25/07</p> <p>25/07</p> <p>26/07</p> <p>26/07</p> <p>28 e 29/07</p> <p>03/08</p> <p>04 e 05/08</p> <p>18 e 19/08</p>	<p>Violência</p> <p>Criminalidade</p> <p>Violência</p> <p>Criminalidade</p> <p>Periferia</p> <p>Violência</p> <p>Periferia</p> <p>Violência e Preconceito</p> <p>Periferia</p> <p>Problema social</p> <p>Periferia</p> <p>Violência</p> <p>Periferia</p> <p>Violência</p> <p>História local</p> <p>Periferia</p> <p>Periferia</p> <p>História local</p> <p>História local</p> <p>História local</p> <p>História local</p> <p>Periferia</p> <p>Periferia</p> <p>Periferia</p> <p>Periferia</p> <p>Periferia</p>	<p>Policial</p> <p>Policial</p> <p>Policial</p> <p></p> <p>Repórter Popular</p> <p>Geral</p> <p>Repórter Popular</p> <p>Geral</p> <p>Repórter Popular</p> <p>Repórter Popular</p> <p>Policial</p> <p>Repórter Popular</p> <p></p> <p>Gazeta no bairro</p> <p>Repórter Popular</p> <p>Repórter Popular</p> <p></p> <p>Repórter Popular</p> <p></p> <p>Repórter Popular</p> <p>Repórter Popular</p>	<p>Pedreira</p> <p>Bom Jesus</p> <p>Bom Jesus</p> <p>Bom Jesus</p> <p>Cristal</p> <p>Zona sul</p> <p>Schulz</p> <p>Zona sul</p> <p>Santuário</p> <p>Centro</p> <p>Margarida-Aurora</p> <p>Bom Jesus</p> <p>Avenida</p> <p>Bom Jesus</p> <p>Senai</p> <p>Aliança</p> <p>Vila Nova</p> <p></p> <p>Rauber</p> <p>Rauber</p> <p>Dona Carlota</p> <p>Cohab</p>
---	---	--	---	---

localizado perto da Unisc é bem estruturado, mas ainda precisa de área de lazer			Popular	
Piratini, boas relações são a marca do bairro: no relato de uma jovem da Duque de Caxias, os pontos bons e as carências ganham destaque	25 e 26/08	Periferia	Repórter Popular	Piratini
Bairro pode ficar sem ônibus à noite. Polêmica: funcionários de TC Catedral temem ataques no Santo Antônio do Sul	28/08	Violência		Santo Antônio do Sul
Harmonia, um lugar bom para viver: estudante de 14 anos conta como é o bairro e o que pensam seus moradores	01 e 02/08	Periferia	Repórter Popular	Harmonia
Bairro Ohland, um lugar tranquilo de se morar: localidade tem boa estrutura, mas ainda precisa de área de lazer e de pavimentação	13/09	Periferia	Repórter Popular	Ohland
Conheça o Santo Antônio do Sul	15/09	Periferia	Repórter Popular	Santo Antônio do Sul
Orgulho em morar no bairro Várzea	20 e 21/09	Periferia	Repórter Popular	Várzea
Rota turística ajuda a preservar tradição colonial	27 e 28/10	História local	Geral	Santo Antônio
O Santo Antônio que poucos conhecem	27 e 28/10	Periferia	Repórter Popular	Santo Antônio
Crianças do Rauber são atendidas pelo Prato Forte. Alimento: programa já conta com 11 pontos de distribuição	16/11	Inclusão social	Geral	Rauber
BM ocupará Bom Jesus durante fins de semana	17 e 18/11	Violência	Policia	Bom Jesus
Renascença: lugar se destaca pela natureza	17 e 18/11	Periferia	Repórter Popular	Renascença
Bairro Pedreira comemora os investimentos. Habitação: moradores esperam melhorias	23/11	Periferia	Geral	Pedreira
Adolescente é morto a tiros no Bairro Arroio Grande. Criminalidade: acusado foi preso pela BM no começo da tarde	26/11	Criminalidade	Policia	Arroio Grande
Feira leva cidadania ao Bom Jesus. Bairros: iniciativa da Unisc proporcionou serviços gratuitos a população	26/11	Inclusão social	Geral	Bom Jesus
Navegantes: bairro se destaca pelas boas relações	29/11	Periferia	Repórter Popular	Navegantes
Gazeta no bairro Goiás: porta de entrada para Santa Cruz	30/11	História local	Gazeta no bairro	Goiás
As conquistas e os desafios do bairro Belvedere: tranquilidade é o destaque	06/12	Periferia	Repórter Popular	Belvedere
Profissão flanelinha: na noite o estacionamento no centro virou fonte de renda para jovens e adolescentes	15 e 16/12	Problema social	Reportagem	Centro
Brutalidade no Arroio Grande	19/12	Criminalidade	Policia	Arroio Grande
Bairro Esmeralda: um sonho a ser realizado	24/12	Periferia	Repórter Popular	Esmeralda
Bairro Pedreira se destaca pela arborização	28/12	Periferia	Repórter Popular	Pedreira

Fonte: Jornal Gazeta do Sul, ano de 2007.

APÊNDICE B

CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DAS ENTREVISTAS COM OS GRUPOS FOCAIS

1. Planejamento do objeto e objetivo do estudo;
2. Identificação e seleção dos participantes;
3. Análise da informação sobre os participantes;
4. Seleção de um moderador;
5. Desenho do guia de discussão temática;
6. Desenvolver e validar uma estratégia de oficina através das técnicas de dinâmica grupal;
7. Reservar e preparar o sítio;
8. Convidar, comprometer pessoalmente ou através da instituição os participantes;
9. Verificar o compromisso dos participantes anteriormente (duas semanas antes);
10. Organizar a adequação do sítio e da logística da reunião;
11. Último convite dos participantes (dois dias);
12. Organizar os materiais didáticos e operacionais;
13. Desenvolver a oficina, introdução, condução e discussão grupal;
14. Fechamento da oficina, apresentação das conclusões e acordos;
15. Processo de avaliação dos relatórios, acordos e resultados por parte do investigador;
16. Considerações finais.

Fonte: AIGNEREN, Miguel. *La técnica de recolección de información mediante los Grupos Focales*. In: Biblioteca Virtual en Población, Centro Centroamericano de Población. 2002. Disponível em: <http://ccp.ucr.ac.cr/bvp/texto/14/grupos_focales.htm>. Acesso em: 26 de set. de 2006.

APÊNDICE C

Santa Cruz do Sul, novembro de 2006.

MODELO DA CARTA DE APRESENTAÇÃO

Venho, por meio desta, apresentar o projeto de pesquisa “A HERANÇA PATRIMONIAL EM JOVENS MIGRANTES E DA SEGUNDA GERAÇÃO”, desenvolvido pela mestranda e bolsista CAPES no Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – PPGDR/UNISC, Carina Santos de Almeida, orientado pelo prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa, desta universidade. O objetivo é compreender a memória coletiva dos jovens migrantes e de segunda geração em relação a sua condição na sociedade. O projeto visa o estudo da memória social e a noção de patrimônio imaterial desenvolvida pelos jovens, neste sentido, a pesquisa contribuirá para perceber como está se processando a integração e a memória destes na sociedade local. A pesquisa começa com o teste piloto em dezembro de 2006, após a apreciação do Comitê de Ética, mas a coleta de dados – aplicação de um questionário aos alunos do 3º ano do Ensino Médio de instituições escolares da cidade de Santa Cruz do Sul e a formação dos *focus groups* com os alunos voluntários –, inicia em março 2007 e se estende até maio do mesmo ano. A técnica metodológica utilizada no decorrer da pesquisa é chamada de grupos focais e possibilita compreender, a partir do consenso do grupo (coletivo), o contexto sócio-cultural dos jovens. As conversas entre os jovens serão registradas em áudio, para permitir à pesquisadora que não perca informações pertinentes para suas análises posteriores. Esta pesquisa tem como fim a elaboração da dissertação de mestrado, que deverá ser defendida até dezembro de 2007, na mesma universidade. Atenciosamente,

Carina Santos de Almeida/Responsável pelo Projeto de Pesquisa

Prof.º Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa/Orientador do Projeto de Pesquisa

APÊNDICE D**MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO DAS INSTITUIÇÕES**

Santa Cruz do Sul, _____ de novembro de 2006

Prezados Senhores:

Eu, _____, (responsável pela Instituição)
_____, conheço o protocolo de
pesquisa “A HERANÇA PATRIMONIAL EM JOVENS MIGRANTES E DA SEGUNDA
GERAÇÃO”, desenvolvida pela mestranda no Programa de Mestrado e Doutorado em
Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Carina Santos de
Almeida, bem como os objetivos e a metodologia que será desenvolvida e autorizo o
desenvolvimento da pesquisa na instituição.

Atenciosamente,

Responsável pela Instituição

APÊNDICE E

MODELO DO FORMULÁRIO APLICADO NAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Entrevista Nº: _____

Parte I (Dados Pessoais)

1. **Gênero:** 0 () Masculino 1 () Feminino

2. **Ano de Nascimento:** 19_____

3. **Naturalidade (município onde nasceu) :** _____ Estado: _____

4. **Mora com os pais?**

- | | |
|---|--|
| 0. (<input type="checkbox"/>) não | 1.2 (<input type="checkbox"/>) só com a mãe |
| 1. (<input type="checkbox"/>) sim | 1.3 (<input type="checkbox"/>) com outros parentes |
| 1.1 (<input type="checkbox"/>) só com o pai | 9. (<input type="checkbox"/>) NS/NR |

5. **Estado Civil**

- | | |
|---|--|
| 1. (<input type="checkbox"/>) solteiro (a) | 5. (<input type="checkbox"/>) divorciado (a) |
| 2. (<input type="checkbox"/>) casado (a) | 6. (<input type="checkbox"/>) viúvo (a) |
| 3. (<input type="checkbox"/>) união estável | 7. (<input type="checkbox"/>) NS/NR |
| 4. (<input type="checkbox"/>) separado (a) | |

6. **Sua origem familiar do lado paterno é**

- | | |
|--|---|
| 1. (<input type="checkbox"/>) portuguesa | 6. (<input type="checkbox"/>) polonesa |
| 2. (<input type="checkbox"/>) alemã | 7. (<input type="checkbox"/>) indígena |
| 3. (<input type="checkbox"/>) italiana | 8. (<input type="checkbox"/>) Outra: Qual _____ |
| 4. (<input type="checkbox"/>) africana | 9. (<input type="checkbox"/>) NS/NR |
| 5. (<input type="checkbox"/>) árabe | |

7. **Sua origem familiar do lado materno é**

- | | |
|--|---|
| 1. (<input type="checkbox"/>) portuguesa | 6. (<input type="checkbox"/>) polonesa |
| 2. (<input type="checkbox"/>) alemã | 7. (<input type="checkbox"/>) indígena |
| 3. (<input type="checkbox"/>) italiana | 8. (<input type="checkbox"/>) Outra: Qual _____ |
| 4. (<input type="checkbox"/>) africana | 9. (<input type="checkbox"/>) NS/NR |
| 5. (<input type="checkbox"/>) árabe | |

Sua religião é

- | | |
|---|---|
| 1. (<input type="checkbox"/>) Católica | 6. (<input type="checkbox"/>) Umbandista ou Candomblé |
| 2. (<input type="checkbox"/>) Evangélica (Luterano) | 7. (<input type="checkbox"/>) Não tem religião |
| 3. (<input type="checkbox"/>) Evangélica | 8. (<input type="checkbox"/>) Outra: Qual: _____ |
| 4. (<input type="checkbox"/>) Espiritista | 9. (<input type="checkbox"/>) NS/NR |
| 5. (<input type="checkbox"/>) Judaica | |

Parte II (Dados Parentais)

9. **Naturalidade do pai (município onde nasceu):** _____ Outra: Qual: _____

10. **Naturalidade da mãe (município onde nasceu):** _____ Outra: Qual: _____

11. Seus pais mora(m) em Santa Cruz do Sul?

1. () nenhum mora ou morou
 2. () somente o pai mora ou morou
 3. () somente a mãe mora ou morou
 4. () ambos mora(m)
 9. () NS/NR

12. Atividade ocupacional mais exercida pelo pai _____

9. () NS/NR

13. Atividade ocupacional exercida pela mãe _____

9. () NS/NR

14. Escolaridade do pai

1. () sem escolaridade
 2. () fundamental incompleto
 3. () fundamental completo
 4. () médio incompleto
 5. () médio completo
 6. () superior incompleto
 7. () superior completo
 9. () NS/NR

15. Escolaridade da mãe

1. () sem escolaridade
 2. () fundamental incompleto
 3. () fundamental completo
 4. () médio incompleto
 5. () médio completo
 6. () superior incompleto
 7. () superior completo
 9. () NS/NR

Parte III (Status Domiciliar e Mobilidade Espacial)**16. Tempo de moradia em Santa Cruz do Sul: (somente para entrevistado(a)s migrantes)**

1. () menos de um ano
 2. () de 1 a 3 anos
 3. () de 4 a 6 anos
 4. () de 7 a 10 anos
 5. () de 11 a 14 anos
 6. () de 15 de 20 anos
 7. () de 21 a 15 anos
 8. () mais de 25 anos
 9. () NS/NR

17. Situação do domicílio

1. () próprio
 2. () dos pais/da família
 3. () alugado
 4. () ocupado
 5. () outro
 9. () NS/NR

18. Número de membros que moram atualmente no domicílio

1. () 1 pessoa
 2. () 2 pessoas
 3. () 3 pessoas
 4. () 4 pessoas
 5. () 5 pessoas
 6. () 6 ou mais pessoas
 9. () NS/NR

19. Atualmente você pensa em migrar?

1. () sim
 2. () às vezes
 3. () não
 9. () não sabe/não respondeu

20. Das razões abaixo, quais são as três razões que melhor explicam sua “vinda” e “escolha” em migrar para Santa Cruz do Sul? (somente para entrevistado(a)s migrantes)

	1ª razão	2ª razão	3ª razão
Para prosseguir os estudos	1. ()	2. ()	3. ()
Para mudar de estilo de vida	1. ()	2. ()	3. ()
Para buscar melhores condições de trabalho	1. ()	2. ()	3. ()
Para buscar melhores condições de vida	1. ()	2. ()	3. ()
Para se separar dos pais e/ou da família	1. ()	2. ()	3. ()
Para acompanhar um (a) companheiro (a)	1. ()	2. ()	3. ()
Para acompanhar familiares	1. ()	2. ()	3. ()
Não tinha mais nada a ver c/ o lugar de origem	1. ()	2. ()	3. ()
Pelos serviços de ensino e/ou comunicação	1. ()	2. ()	3. ()
Pelos serviços de transporte e/ou saúde	1. ()	2. ()	3. ()
Pela sua oferta de empregos	1. ()	2. ()	3. ()
Pelas suas opções de entretenimento/lazer	1. ()	2. ()	3. ()
Pela influência de amigo(a)s residentes em SCS	1. ()	2. ()	3. ()
Pela influência de familiares residentes em SCS	1. ()	2. ()	3. ()
Pela sua qualidade de vida	1. ()	2. ()	3. ()
Não sabe/não respondeu	9. ()		

Outra: Qual: _____

21. Das razões abaixo, qual foi a importância delas para ter abandonado seu local de origem? (somente para entrevistado(a)s migrantes)

	<i>Nada importante</i>	<i>Pouco importante</i>	<i>Importante</i>	<i>Muito importante</i>	<i>NS/NR</i>
Porque lá (origem) não podia continuar a estudar					
Porque queria viver longe de meus pais/familiares					
Porque queria melhores condições de trabalho/salário					
Porque aspirava um outro estilo de vida					
Porque lá (origem) me sentia muito controlado pelas pessoas					
Porque os valores de lá (origem) não correspondem mais aos meus					
Porque queria um futuro melhor para mim					
Porque queria um futuro melhor para meus filhos					
Porque lá (origem) não tinha mais o que fazer					

21.1. Haveria outra razão para ter abandonado seu local de origem?

0. () não. Qual: _____ 1. () sim.

Parte IV (Status Econômico)

22. Você exerce atualmente alguma atividade remunerada?

0. () não. Qual: _____ 1. () sim.

23. Das faixas a seguir, em qual se encontra o seu rendimento mensal líquido? (Somente jovens economicamente ativos)

- | | |
|----------------------------|-----------------------------|
| 1. () até 190 R\$ | 6. () de 1001 até 1500 R\$ |
| 2. () de 191 até 380 R\$ | 7. () de 1501 até 2000 R\$ |
| 3. () de 380 até 500 R\$ | 8. () acima de 2000 R\$ |
| 4. () de 501 até 800 R\$ | 9. () NS/NR |
| 5. () de 801 até 1000 R\$ | |

24. Das faixas a seguir, em qual se encontra o rendimento mensal líquido de sua família (todos integrantes)?

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| 1. () até 380 R\$ | 6. () de 1501 até 2000 R\$ |
| 2. () de 381 até 500 R\$ | 7. () de 2001 até 2500 R\$ |
| 3. () de 501 até 800 R\$ | 8. () acima de 2500 R\$ |
| 4. () de 801 até 1000 R\$ | 9. () NS/NR |
| 5. () de 1001 até 1500 R\$ | |

Parte V (Integração Social e avaliação do local de origem e de destino)
--

25. Como você avalia sua integração social em Santa Cruz do Sul?

<i>Nada satisfatório</i>	<i>Pouco satisfatório</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatório</i>	<i>Muito satisfatório</i>

26. Como você avalia seu convívio social com os familiares?

<i>Nada satisfatório</i>	<i>Pouco satisfatório</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatório</i>	<i>Muito satisfatório</i>

27. Como você avalia seu convívio social com os vizinhos?

<i>Nada satisfatório</i>	<i>Pouco satisfatório</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatório</i>	<i>Muito satisfatório</i>

28. Como você avalia seu convívio social com seus colegas (escola e/ou trabalho)?

<i>Nada satisfatório</i>	<i>Pouco satisfatório</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatório</i>	<i>Muito satisfatório</i>

29. Como você avalia seu convívio social (geral) em Santa Cruz do Sul?

<i>Nada satisfatório</i>	<i>Pouco satisfatório</i>	<i>Indiferente</i>	<i>Satisfatório</i>	<i>Muito satisfatório</i>

33. Qual seu parecer sobre as seguintes opiniões sobre Santa Cruz do Sul?

	<i>Descordo totalmente</i>	<i>Descordo</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo plenamente</i>	<i>NS/NR</i>
Não tem emprego para mim					
Não tem emprego para meus familiares aptos p/ trabalhar					
A situação econômica é difícil					
Não tenho mais como ascender					
Não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas					
O pessoal daqui não tem a ver comigo					
Não existe solidariedade entre as pessoas					
Os jovens não têm alternativas educacionais e/ou profissionais					
São deficientes os serviços de saúde, transporte, comunicação					
Não há muito que fazer em torno de entretenimento e/ou lazer					
Não tem futuro (município)					
O município é muito controlado pelas gerações mais velhas					

APÊNDICE F

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste, conhecer e participar da pesquisa intitulada “A HERANÇA PATRIMONIAL EM JOVENS MIGRANTES E DA SEGUNDA GERAÇÃO” realizada pela mestranda no Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Carina Santos de Almeida, sob orientação do prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa, que tem como objetivo principal estudar a memória social coletiva dos jovens migrantes ou da “segunda geração” residentes em Santa Cruz do Sul (RS).

O estudante integra a pesquisa como voluntário, através de grupos focais, assim, participará de encontros semanais, num total de dez encontros, ocorridos na escola do aluno, com tempo estimado em uma hora, que serão registrados em áudio (para permitir que a pesquisadora não esqueça as questões discutidas pelos jovens), no turno escolar inverso, sob total conhecimento do trabalho pela direção escolar. Dessa forma, o estudante se agrega a um grupo de alunos que possuem entre si, enquanto semelhança, a mesma condição de migrante ou filho (a) de migrante.

Esta pesquisa contribuirá para saber a opinião da juventude, bem como, as condições dos jovens migrantes ou de segunda geração em relação à cidade de Santa Cruz do Sul, visto que, isto implica na qualidade de vida, assim como nas perspectivas futuras da juventude no que concerne ao seu desenvolvimento social. O material coletado pela pesquisadora será arquivado e servirá de base para a publicação de artigos científicos, da mesma forma que, se manterá sigilo da identidade dos participantes.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos e dos procedimentos que serei submetido. A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é Carina Santos de Almeida, fone (51) 3717 6411 e (51) 96581810.

Data: ____/____/2007, Santa Cruz do Sul/RS.

Nome e assinatura do Voluntário

Nome e assinatura do Responsável Legal (menores de idade), quando for o caso

APÊNDICE G

TABULAÇÃO DO BANCO DE DADOS

Tabela 1: Naturalidade dos jovens da pesquisa

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Santa Cruz do Sul	21	52,5
Sinimbu	1	2,5
Porto Alegre	2	5,0
Quaraí	1	2,5
São Pedro do Sul	2	5,0
Bom Retiro do Sul	1	2,5
Butiá	1	2,5
Candelária	1	2,5
São Leopoldo	1	2,5
São Luiz Gonzaga	1	2,5
Sapiranga	1	2,5
Montenegro	1	2,5
Segredo	1	2,5
Cachoeira do Sul	2	5,0
Tupanciretã	1	2,5
Tubarão/SC	1	2,5
Araranguá/SC	1	2,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 2: Migração intra-, inter-regional e interestadual dos jovens da pesquisa

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Vale do Rio Pardo	3	7,5
Vale do Taquari	1	2,5
Vale do Rio dos Sinos	2	5,0
Vale do Caí	1	2,5
Central	3	7,5
Centro-Sul	1	2,5
Fronteira Oeste	1	2,5
Jacuí-Centro	2	5,0
Metropolitano Delta do Jacuí	2	5,0
Missões	1	2,5
Fora do RS	2	5,0
Jovens de segunda geração	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 3: Origem étnica dos pais dos jovens da pesquisa

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Portuguesa	6	15,0
Alemã	11	27,5
Italiana	2	5,0
Africana	1	2,5
Polonesa	1	2,5
Espanhola	2	5,0
Portuguesa e espanhola	2	5,0
Portuguesa e africana	1	2,5
Portuguesa e indígena	3	7,5
Portuguesa, indígena e alemã	1	2,5
Árabe e francesa	1	2,5
Italiana e africana	1	2,5
Italiana e indígena	1	2,5
Alemã e indígena	2	5,0
Portuguesa, italiana, africana, indígena	1	2,5
Alemã, portuguesa	1	2,5
Africana, indígena	1	2,5
Brasileira	1	2,5
Sub-total	39	97,5
Não sabe	1	2,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 4: Origem étnica das mães dos jovens da pesquisa

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Portuguesa	7	17,5
Alemã	15	37,5
Italiana	4	10,0
Indígena	2	5,0
Portuguesa e espanhola	1	2,5
Portuguesa e indígena	3	7,5
Portuguesa, indígena e alemã	1	2,5
Italiana e indígena	1	2,5
Alemã e indígena	1	2,5
Alemã e italiana	1	2,5
Portuguesa e italiana	1	2,5
Alemã e polonesa	1	2,5
Portuguesa, africana, indígena	1	2,5
Brasileira	1	2,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 5: Naturalidade dos pais dos jovens da pesquisa

<i>Cidade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Santa Cruz do Sul	8	20,0
Santa Maria	3	7,5
Cachoeira do Sul	4	10,0
Porto Alegre	1	2,5
Vale do Sol	1	2,5
Quaraí	1	2,5
São Pedro do Sul	1	2,5
Teutônia	1	2,5
Herveiras	2	5,0
Uruguaiana	1	2,5
São Luiz Gonzaga	1	2,5
Candelária	1	2,5
Vera Cruz	1	2,5
Bom Retiro do Sul	1	2,5
São Jerônimo	1	2,5
Santo Cristo	1	2,5
Soledade	1	2,5
Gramado Xavier	1	2,5
Encruzilhada do Sul	2	5,0
Sinimbu	1	2,5
Sobradinho	1	2,5
São Sepé	1	2,5
Cacequi	1	2,5
Cruz Alta	1	2,5
Jundiá/São Paulo	1	2,5
Araranguá/Santa Catarina	1	2,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 6: Naturalidade das mães dos jovens da pesquisa

<i>Cidade</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Santa Cruz do Sul	6	15,0
Porto Alegre	2	5,0
Rio Pardo	1	2,5
São Pedro do Sul	1	2,5
Santana do Livramento	1	2,5
Herveiras	1	2,5
Sapiranga	2	5,0
Lagoão	1	2,5
Candelária	2	5,0
Gramado Xavier	1	2,5
Espumoso	1	2,5
Vera Cruz	1	2,5
Santo Antônio da Patrulha	1	2,5
São Luiz Gonzaga	1	2,5
Passo do Sobrado	2	5,0
Vale do Sol	2	5,0
Venâncio Aires	1	2,5
Teutônia	1	2,5
Sinimbu	1	2,5
Santo Ângelo	1	2,5
Canoas	1	2,5
Soledade	1	2,5
Santa Rosa	1	2,5
Cachoeira do Sul	1	2,5
Sobradinho	1	2,5
Mata	1	2,5
Tupanciretã	1	2,5
Agudo	1	2,5
Laguna/Santa Catarina	1	2,5
Macapá/Amapá	1	2,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 7: Migração intra-, inter-regional e interestadual dos pais dos jovens da pesquisa

<i>Mobilidade Intra-Regional</i>		<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>	
<i>Mobilidade Inter-Regional</i>	Vale do Rio Pardo	9	22,5	
	Vale do Taquari	2	5,0	
	Alto Serra do Botucaraí	2	5,0	
	Alto Jacuí	1	2,5	
	Central	5	12,5	
	Centro-Sul	1	2,5	
	Fronteira Noroeste	1	2,5	
	Fronteira Oeste	2	5,0	
	Jacuí-Centro	5	12,5	
	Metropolitano Delta do Jacuí	1	2,5	
	Missões	1	2,5	
	<i>Mobilidade Interestadual</i>	De fora do Rio Grande do Sul	2	5,0
	<i>Sem mobilidade</i>	Missing	8	20,0
Total		40	100,0	

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 8: Migração intra-, inter-regional e interestadual das mães dos jovens da pesquisa

<i>Mobilidade Intra-Regional</i>		<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>	
<i>Mobilidade Inter-Regional</i>	Vale do Rio Pardo	12	30,0	
	Vale do Taquari	1	2,5	
	Vale do Rio dos Sinos	1	2,5	
	Alto Serra do Botucaraí	4	10,0	
	Central	4	10,0	
	Fronteira Noroeste	1	2,5	
	Fronteira Oeste	1	2,5	
	Jacuí-Centro	1	2,5	
	Metropolitano Delta do Jacuí	5	12,5	
	Missões	2	5,0	
	<i>Mobilidade Inter-Estadual</i>	De fora do Rio Grande do Sul	2	5,0
	<i>Sem mobilidade</i>	Missing	6	15,0
	Total		40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 9: Em relação a juventude da pesquisa, os jovens exercem atividade remunerada?

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Não	35	87,5
Sim	5	12,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 10: Em relação a tabela anterior, qual a atividade remunerada que o jovem exerce?

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Trabalha em aviário	1	2,5
Babá	2	5,0
Garçonete de bar	1	2,5
Vendedora Avon	1	2,5
Não exerce	35	87,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 11: Em relação aos jovens da pesquisa, possui rendimento mensal?

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Não	32	80,0
Sim	8	20,0
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 12: Rendimento pessoal bruto mensal dos jovens que exercem atividade remunerada ou possuem rendimento mensal

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Até R\$ 190	4	10,0
De R\$ 191 até R\$ 380	2	5,0
De R\$ 381 até R\$ 500	1	2,5
De R\$ 801 até R\$ 1.000	1	2,5
Sem rendimento mensal	32	80,0
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 13: Qual é o rendimento familiar bruto mensal da família dos jovens da pesquisa?

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
De R\$ 501 até R\$ 800	7	17,5
De R\$ 801 até R\$ 1.000	2	5,0
De R\$ 1.001 até R\$ 1.500	8	20,0
De R\$ 1.501 até R\$ 2.000	8	20,0
De R\$ 2.001 até R\$ 2.500	2	5,0
Acima de R\$ 2.500	13	32,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 14: Cruzamento da atividade profissional com a escolaridade dos pais dos jovens da pesquisa

<i>Atividade profissional</i>	<i>Escolaridade</i>							<i>Total</i>
	Fund. incompleto	Fund. completo	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo	Não sabe	
Advogado						2		2
Empresário	1			1				2
Diretor de recursos humanos					1			1
Garçon				1				1
Encanador	1							1
Artesão	1							1
Representante comercial				1				1
Vendedor						1		1
Gerente de loja					1			1
Professor						2		2
Pedreiro	1							1
Mecânico	1	1						2
Técnico em comunicações/Embratel				1				1
Trabalha em fumageira	1		1					2
Trabalha em estofaria				1				1
Assessor de seguros						1		1
Operador de máquinas	1							1
Motorista	1	1	1					3
Siderúrgico	1							1
Servidor público/Banco do Brasil						1		1
Servidor público/Receita Federal						1		1
Militar exército				1		1		2
Servidor público/IBGE					1			1
Servidor público/Corsan						1		1
Servidor público/serviços gerais	1							1
Trabalha com publicidade	1							1
Comerciário				1				1
Autônomo/serviços gerais		1						1
Metalúrgico	1							1
Agricultor		1						1
Não sabe							2	2
Total	12	4	2	7	3	10	2	40
	30,0%	10,0%	5,0%	17,5%	7,5%	25,0%	5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 15: Cruzamento da atividade profissional com a escolaridade das mães dos jovens da pesquisa

<i>Atividade profissional</i>	<i>Escolaridade</i>						<i>Total</i>
	Fund. incompleto	Fund. completo	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo	
Advogada						2	2
Empresária			1	1			2
Costureira	1	1					2
Aposentada/ auxiliar de enfermagem				1			1
Empregada doméstica/ autônoma	4	1					5
Comerciária			1				1
Cabeleireira	1						1
Corretora de seguros/imóveis					1	1	2
Professora						1	1
Trabalha em fumageira	2	3	1	1			7
Trabalha em estofaria		1					1
Trabalha em frigorífico	1						1
Cozinheira				1			1
Psicóloga/ Servidora pública municipal						1	1
Servidora pública municipal	1	1				2	4
Aposentada pública municipal				1			1
Do lar	1	1		1	1		4
Enfermeira no hospital						1	1
Costureira/ empresa	1						1
Autônoma/ cuida de pessoa idosa			1				1
Total	12	8	4	6	2	8	40
	30,0%	20,0%	10,0%	15,0%	5,0%	20,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 16: Tempo de moradia dos jovens migrantes em Santa Cruz do Sul

<i>Jovens Migrantes</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Menos de 1 ano	2	5,0
De 1 a 3 anos	7	17,5
De 4 a 6 anos	2	5,0
De 7 a 10 anos	1	2,5
De 11 a 14 anos	6	15,0
De 15 a 19 anos	1	2,5
Jovens de segunda geração	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 17: Como os jovens migrantes e de segunda geração avaliam a sua integração social em Santa Cruz do Sul?

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Pouco satisfatória	3 7,5%	2 5,0%	5 12,5%
Indiferente	1 2,5%	4 10,0%	5 12,5%
Satisfatória	11 27,5%	12 30,0%	23 57,5%
Muito satisfatória	4 10,0%	3 7,5%	7 17,5%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 18: A situação socioeconômica dos jovens migrantes e de segunda geração em Santa Cruz tende a

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Piorar	2 5,0%		2 5,0%
Manter-se	1 2,5%	8 20,0%	9 22,5%
Melhorar	14 35,0%	12 30,0%	26 65,0%
Melhorar muito	2 5,0%	1 2,5%	3 7,5%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 19: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, sua situação socioeconômica em seu município de origem tenderia a

	<i>Freqüência</i>	<i>Percentual</i>
Piorar	2	5,0
Manter-se	14	35,0
Melhorar	2	5,0
Melhorar muito	1	2,5
Não se aplica (Jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 20: A cidade de Santa Cruz do Sul não tem emprego para os jovens migrante e segunda geração

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	1 2,5%	1 2,5%	2 5,0%
Discordo	18 45,0%	16 40,0%	34 85,0%
Concordo		4 10,0%	4 10,0%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 21: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não tem emprego para mim

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
discordo totalmente	1	2,5
discordo	9	22,5
concordo	9	22,5
não se aplica	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 22: A cidade de Santa Cruz do Sul não tem emprego para meus familiares aptos para trabalhar

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	3 7,5%		3 7,5%
Discordo	16 40,0%	17 42,5%	33 82,5%
Concordo		4 10,0%	4 10,0%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 23: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não tem emprego para meus familiares aptos para trabalhar

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	2	5,0
Discordo	11	27,5
Concordo	6	15,0
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 24: Em Santa Cruz do Sul, a situação econômica é difícil:

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	2		2
	5,0%		5,0%
Discordo	14	5	19
	35,0%	12,5%	47,5%
Concordo	3	16	19
	7,5%	40,0%	47,5%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 25: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, a situação econômica é difícil

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	1	2,5
Discordo	5	12,5
Concordo	12	30,0
Concordo plenamente	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 26: Em Santa Cruz do Sul, não tenho mais como ascender

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	4	2	6
	10,0%	5,0%	15,0%
Discordo	14	17	31
	35,0%	42,5%	77,5%
Concordo	1	2	3
	2,5%	5,0%	7,5%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 27: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não tenho mais como ascender

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	1	2,5
Discordo	9	22,5
Concordo	8	20,0
Concordo plenamente	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 28: Em Santa Cruz do Sul, não ocorrem mudanças ou elas são muito lentas

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	2 5,0%		2 5,0%
Discordo	12 30,0%	5 12,5%	17 42,5%
Concordo	5 12,5%	14 35,0%	19 47,5%
Concordo plenamente		2 5,0%	2 5,0%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 29: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não ocorre mudanças ou elas são muito lentas

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo	4	10,0
Concordo	12	30,0
Concordo plenamente	2	5,0
Não sabe	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 30: Em Santa Cruz do Sul, o pessoal não tem a ver comigo

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	3 7,5%	1 2,5%	4 10,0%
Discordo	14 35,0%	17 42,5%	31 77,5%
Concordo	1 2,5%	2 5,0%	3 7,5%
Concordo plenamente	1 2,5%	1 2,5%	2 5,0%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 31: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, o pessoal não tem a ver comigo

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	4	10,0
Discordo	9	22,5
Concordo	5	12,5
Concordo plenamente	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 32: Em Santa Cruz do Sul, não existe solidariedade entre as pessoas

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	2	2	4
	5,0%	5,0%	10,0%
Discordo	13	13	26
	32,5%	32,5%	65,0%
Concordo	4	6	10
	10,0%	15,0%	25,0%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 33: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não existe solidariedade entre as pessoas

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	6	15,0
Discordo	12	30,0
Concordo	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 34: Em Santa Cruz do Sul, os jovens não têm alternativas educacionais e/ou profissionais

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	5	2	7
	12,5%	5,0%	17,5%
Discordo	14	16	30
	35,0%	40,0%	75,0%
Concordo		3	3
		7,5%	7,5%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 35: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, os jovens não têm alternativas educacionais e/ou profissionais

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	2	5,0
Discordo	9	22,5
Concordo	7	17,5
Concordo plenamente	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 36: Em Santa Cruz do Sul, os serviços de saúde, transporte e comunicação são deficientes

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	2		2
	5,0%		5,0%
Discordo	15	7	22
	37,5%	17,5%	55,0%
Concordo	2	10	12
	5,0%	25,0%	30,0%
Concordo plenamente		2	2
		5,0%	5,0%
Não sabe		2	2
		5,0%	5,0%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 37: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, são deficientes os serviços de saúde, transporte e comunicação

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	1	2,5
Discordo	8	20,0
Concordo	9	22,5
Não sabe	1	2,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 38: Em Santa Cruz do Sul, não ha muito que fazer em termos de entretenimento e/ou lazer

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	4		4
	10,0%		10,0%
Discordo	14	16	30
	35,0%	40,0%	75,0%
Concordo	1	5	6
	2,5%	12,5%	15,0%
Total	19	21	40
	47,5%	52,5%	100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 39: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, em meu município de origem, não há muito que fazer em termos de entretenimento e/ou lazer

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	2	5,0
Discordo	7	17,5
Concordo	4	10,0
Concordo plenamente	6	15,0
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 40: Santa Cruz do Sul não tem futuro

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	6 15,0%	3 7,5%	9 22,5%
Discordo	12 30,0%	13 32,5%	25 62,5%
Concordo	1 2,5%	5 12,5%	6 15,0%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 41: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, o meu município de origem não tem futuro

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo totalmente	4	10,0
Discordo	7	17,5
Concordo	8	20,0
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 42: O município de Santa Cruz do Sul é muito controlado pelas gerações mais velhas

	<i>Jovem</i>		<i>Total</i>
	Migrante	Segunda geração	
Discordo totalmente	1 2,5%		1 2,5%
Discordo	8 20,0%	10 25,0%	18 45,0%
Concordo	7 17,5%	7 17,5%	14 35,0%
Concordo plenamente	1 2,5%	3 7,5%	4 10,0%
Não sabe	2 5,0%	1 2,5%	3 7,5%
Total	19 47,5%	21 52,5%	40 100,0%

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

Tabela 43: Em relação aos jovens migrantes da pesquisa, os municípios de origem são muito controlados pelas gerações mais velhas

	<i>Frequência</i>	<i>Percentual</i>
Discordo	9	22,5
Concordo	5	12,5
Concordo plenamente	2	5,0
Não sabe	3	7,5
Não se aplica (jovens de segunda geração)	21	52,5
Total	40	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa, 2007.

APÊNDICE H

NARRATIVAS JUVENIS EM ENTREVISTAS COM *FOCUS GROUPS*

Quadro 1: Narrativas juvenis selecionadas acerca dos vínculos familiares distantes em jovens que coabitam em *foyer* monoparental, que coabitam com os avós ou jovens que vivem sozinhos

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 2/A/ES/SG	“Não sei muita coisa, minha mãe é de Herveiras, meu pai é de Cachoeira do Sul, eu sou daqui, meus pais são separados, é por isso que eu sei muito mais da minha mãe do que do meu pai. [...] o meu pai, eu não sei porque veio pra cá. [...]”
Jovem 5/A/ES/M	“Do meu pai, bem, quando eu vou lá não vou a casa dele porque não me dou com a mulher dele, mas o jeito de ser deles é diferente, não tem como explicar, o pessoal de lá é mais aberto, mais brincalhão, o pessoal daqui é do interior, levanta cedo, vai à lavoura, tratar os animais.”
Jovem 11/B/ES/SG	“A minha mãe nasceu lá para aquelas bandas de Vale do Sol, meu pai também era de lá. A minha avó materna era de Sinimbu, meu avô era de Candelária, então minha mãe só nasceu lá. Depois eles se mudaram pra cá, daí eu nasci aqui. Não tenho contato com meus avós paternos, eu moro com a minha mãe e minha avó, mãe da minha mãe [...]”
Jovem 10/B/ES/SG	“[...] Daí agora meus pais se separaram, minha mãe continua ali, minha avó morreu antes de eu nascer, meu avô faleceu quando eu tinha seis anos, ele levou um tiro na cabeça e a minha avó por parte de pai é viva ainda, está ai com a gente, o meu avô morreu em 2004 e... é isso.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Bom, hã, meus avós por parte de pai eu não sei onde eles nasceram, mas eu sei que eles moram até hoje em Candelária, mais pro interior, depois da ponte do Império, e meu pai nasceu em Candelária! Meus avós por parte de mãe eu não sei onde nasceram, mas eles moravam no interior de Vale do Sol e agora eles foram pra Vale do Sol (cidade). [...] Em relação a origem étnica do meu pai, eu perguntei, bem, perguntei não para ele, mas para a irmã dele [...]”
Jovem 21/C/P/M	“E por parte do meu pai a única coisa que sei é que meu bisavô veio da Itália e não sei mais história nenhuma. Eu só tenho uma avó materna, e, conversar com ela... ela tem 92 anos, sabe..., ela é bastante lúcida, mas se perguntar talvez ela até vai saber, mas vai acabar perguntando pra mãe, porque a mãe sabe muito. Quando a avó saía para lidar nas terras minha mãe ia junto porque ela era a filha mais nova, os homens iam pra um lado e as mulheres pra outro, minha mãe sempre que acompanhou a minha avó, e agora, com a idade avançada da minha avó quem está cuidando dela é a minha mãe, então ela sabe de todas as histórias assim. As vezes eu converso, vem o assunto assim, se a gente vê uma matéria na televisão, alguma coisa do tipo, ela me conta, e eu sei pontos isolados, pois eu começo a esquecer da história mas se eu pergunto a mãe sempre conta, vou relembro mas sempre esqueço um pouco. Da família do meu pai eu não sei, porque minha avó por parte de pai faleceu antes de eu nascer e meu avô também, então, quando meu avô faleceu eu tinha 6 ou 7 anos e ele já estava assim bem mal. Eu não tive muita convivência com meus avós paternos, meu avô materno também não, pois antes de eu nascer ele já era falecido. Então, na realidade, o meu contato foi com minha avó materna que morava comigo até pouco tempo.”
Jovem 24/D/ES/SG	“[...] Com o pessoal de Encruzilhada do Sul eu tenho contato, mas com o pessoal de Espumoso não, os meus irmãos primeiro tinham, mas como eu era muito pequena minha mãe não queria sair comigo. A minha avó eu não conheço, mas no final do ano a gente está planejando ir para lá, para Espumoso, para eu conhecer a minha avó. Eu só a conheço por foto.”
Jovem 32/D/ES/M	“[...] A minha mãe quando era mais nova brigou com minha avó, porque ela obrigava a minha mãe a trabalhar na roça e coisa, e ela não queria. Ela se achava muito nova, mas era obrigada, pois tinham que se sustentar, aí nisso, a minha mãe se revoltou e foi morar mais para o centro da cidade e era uma cidade pequena também. [...] porém, meu pai acabou falecendo num acidente de ônibus e eu não era nascido. Eu não conheci meu pai, nesse acidente muitas pessoas faleceram, e meu pai também. [...] Os meus irmãos continuam morando em Santa Cruz, a minha mãe faleceu em 2000, eu tinha dez anos e foi bem difícil para mim, eu morei um pouco com cada irmã. Atualmente eu moro com uma delas, eu tenho cinco irmãs e dois irmãos. Eu não tenho contato com meus avós, como no início minha mãe teve problemas com a mãe dela

	<p>eu não tive contato, não conheci meus avós. Mas a minha avó não está viva, como ela trabalhava muito na roça ela teve um problema de saúde, sei lá o que deu nela, ela faleceu em 2004. Os meus avós por parte do meu pai eu também não conheço porque eles moram em Santa Maria e fica difícil! Eles nem me conhecem também, eu até tentei procurar por meio de Internet e jornal, mas eu não consegui localizar, eu perdi o contato, eu tentei localizar pelo sobrenome, até cheguei a ver uns nomes pela lista telefônica, mas eu não sei o nome deles, e a minha mãe também não sabia, na realidade eu era muito novo, tinha dez anos e não questionava ela, e ela também não falava, pois não queria colocar aquelas coisas na minha cabeça. Minha mãe não contava muito, o que eu sei é pelos meus irmãos. Bem, eu liguei para vários nomes de Santa Maria para ver se achava meus avós, mas fica difícil achar pelo nome até porque eu não tenho o sobrenome do meu pai, acho que isso foi porque ele faleceu antes de eu nascer e minha mãe não era casada. Eu sei que o sobrenome do meu pai era Oliveira. Acho que era! Não tenho certeza, então, da parte do meu pai, sobre a história eu não sei nada, só dos meus irmãos.”</p>
Jovem 25/D/ES/SG	“Os meus pais vieram do interior da serra, em Gramado Xavier. Bom eles viviam se mudando, então não lembro bem ao certo a cidade [...]”
Jovem 36/E/ES/SG	“Bom, o meu bisavô paterno era natural da Itália mesmo, a minha bisavó também era, mas sobre ela eu não tenho certeza. Os meus avós, acredito, são de Encruzilhada do Sul, pois eu não conheci nenhum dos dois. Nem a minha mãe quando casou com meu pai conheceu, já fazia oito anos que a minha avó paterna havia falecido [...]”
Jovem 39/E/ES/M	“Eu sempre tive mais contatos com meus avós maternos, a mãe e o pai da minha mãe. Com meus avós paternos não era muito. A minha avó e meu avô moravam em Cachoeira do Sul, mas moravam para fora, e meus avós paternos também, mas depois, meus avós maternos foram para Cachoeira, cidade. A minha avó materna teve dezesseis filhos, ela criou todos eles sozinha sabe [...]”
Jovem 38/E/ES/M	“Eu e a minha mãe viemos para cá em 1998, em busca de oportunidades. [...] A gente veio para cá porque eu tenho duas tias que moram aqui, eu tenho pouco contato com o meu pai, eu vou muito pouco para Cachoeira, eu não tenho contato com os meus avós, é capaz de eles morrerem e eu não saber [risos] [...]”

Quadro 2: Narrativas juvenis selecionadas acerca dos vínculos familiares distantes em jovens que coabitam em *foyer* biparental

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 4/A/ES/M	“[...] Assim, eu sei algumas coisas dos meus avós, mas não muito que vá lembrar [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“É limitado, assim, dos meus pais quase nada [...]”
Jovem 7/A/ES/M	“Por parte de pai são da fronteira, castelhanos, eu não sei muita coisa sobre eles, até porque o meu pai foi criado na parte do Brasil, e como ele mesmo falou, a família era muito pobre, e meu pai foi um dos filhos que veio morar no Brasil com um tio dele, ele não morou com os pais na verdade lá no Uruguai. Então sobre eles do Uruguai não sei muita coisa. A família morava em Artigas, quando eu morava lá eu visitava, tinha contatos com eles, mas eu era muito pequena. [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] E por parte dos avós assim, eu não tive muito contato, por... meu pai, a mãe dele o abandonou, bem, abandonou não digo, mas deixou ele com o pai. Na verdade ele não sabe até hoje se ela ainda é viva ou não. Ele nunca teve contato com ela e meu avô faleceu há um tempo atrás. Por parte do pai cheguei a conhecer a minha bisa, mas bem velhinha. Da minha mãe... ela perdeu a mãe com 12 anos e o pai com 13, então ela foi criada pela única pessoa que eu dizia que era a minha avó sabe. Mas não era! Mas essa foi a única avó que eu gostei. E meu avô faleceu quando eu fiz um aninho.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu não sei, tenho um avô por parte de mãe que mora em São Leopoldo, mas não tenho muito contato. Lá de São Paulo uma vez eu perguntei para a minha avó, mas ela não sabia nada e agora ela já morreu. É que eu nunca tive curiosidade.”
Jovem 22/C/P/M	“A história assim... Por parte do meu pai, meu avô veio da Alemanha, eles vieram num barco, aí teve uma tempestade, e ele fez a promessa que se todo mundo sobrevivesse quando chegassem aqui, iam botar uma cruz. Daí todo mundo sobreviveu, e ele chegou aqui e botou essa cruz. Meu pai e os familiares ainda lembravam que tinha essa cruz de madeira. Daí agora,

	os parentes dos meus pais, bem distantes, eu não falo assim, eles fizeram uma cruz de mármore e colocaram a história. Na verdade este era o avô do meu avô. A minha mãe tem a origem portuguesa, meu avô era comerciante lá em Laguna, eu sei pouca coisa sobre a história, mas ele mora longe e as poucas vezes que a gente faz contato não falamos sobre isso, ele até conta, mas eu nunca perguntava sobre isso. Eu sei mais sobre a história do meu pai, de Santa Cruz, essa eu sei mais. Mas fora a história da cruz eu não sei mais nada.”
Jovem 18/C/P/SG	“A única coisa que eu sei mais ... é a história de hoje em dia. Não coisas assim pra contar, mas coisas sobre as minhas tias, meus tios, dos meus pais, e avôs. Eu só sei alguma coisa de datas, mas sobre meus bisavôs não sei muitas informações. Sobre isso fiz um trabalho, a minha mãe disse como no passado tinha esse costume de ter muitos herdeiros, a minha família tem uns 15 tios bisavós por parte de pai e por parte de mãe tem uns 12, e, só que aí, esses são os bisavós. Meus avós por parte de pai eram entre uns 10 filhos e por parte de mãe uns 8, por aí. Tios diretos eu tenho 6 por parte do pai e mais 2 por parte da minha mãe. Eu tenho 15 primos nesta última geração. Vejo que foi diminuindo a família, eu quase não tenho contato, meu pai conhece todas as pessoas pelo nome, mas eu não cheguei a conviver com todos, a única tia bisavó que eu conheci fazia aniversário no mesmo dia que eu e faz uns 5 anos que ela morreu, meu tio até gravou umas informações, mas nunca assim de história [...]”
Jovem 21/C/P/M	“[...] Quando os meus pais ainda não tinham se separado, eles sempre faziam uma reunião maior da família, então no natal ou ano novo a gente ficava em casa, somente nós, e na outra data íamos se reunir com a família em São Luiz.”
Jovem 20/C/P/M	“A família do meu pai tem muito costume de se juntar, mas por parte de mãe, como eu não tenho mais avôs, eles não se reúnem [...]”
Jovem 27/D/ES/SG	“Meu pai é de Santa Cruz e a minha mãe é da cidade de Macapá, do Amapá. [...] Não cheguei a conhecer lá, eu falo por telefone. Veio uma tia pra cá, mas com os outros familiares, então meu contato é só por telefone. A minha avó, mãe do meu pai é lá do Uruguai, da fronteira com o Uruguai, o nome eu não lembro, é duma cidade que tem duas palavras, não sei [...]”
Jovem 25/D/ES/SG	“Os meus pais vieram do interior da serra, em Gramado Xavier, bom eles viviam se mudando, então não lembro bem ao certo a cidade [...]”
Jovem 28/D/ES/SG	“Pelo que eu sei, a minha mãe morava com a família dela em Candelária, então eles vieram morar para cá no bairro Boa Esperança, numa casinha bem pobre e sem emprego. Depois a minha mãe casou com o meu pai, a história do meu pai eu não sei. Não sei mesmo como eles vieram parar aqui, pois eles são de Porto Alegre [...]”
Jovem 31/D/ES/M	“No caso do meu pai e da minha mãe, eles deram um tiro na lua, eles arriscaram tudo que eles guardaram na roça e vieram para cá. A minha mãe tinha um tio que morava aqui, que criou ela, porque os pais dela não deram valor para ela. Para dizer a verdade, o pai da minha mãe morreu um pouquinho antes dela nascer, e daí, a mãe dela não deu valor sabe, abandonou ela e esse tio criou, bom, até hoje ela chama ele de pai, então eu digo, que para mim ele foi muito mais avô do que os outros. [...]”
Jovem 34/E/ES/SG	“A minha mãe conta que os meus tataravôs vieram da Alemanha, a mãe conta que a tataravó morreu no barco, e eles jogaram o corpo dela no mar, aí depois, bem, eu não lembro muito bem, sei que eles moravam no interior de Sobradinho, perto de Passa Sete, meu pai também é de Sobradinho, mas a minha mãe nasceu em Candelária. [...]”

Quadro 3: Narrativas juvenis selecionadas acerca da memória familiar

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 4/A/ES/M	“[...] Assim, eu sei algumas coisas dos meus avós, mas não muito que vá lembrar, é legal assim, que nem por meu pai ser militar, meu avô por parte de mãe também foi, ficou no Chuí na fronteira guardando o Brasil na segunda guerra sabe, daí então ele ficou três anos fora e minha avó ficou em casa achando que meu avô tinha morrido porque não tinha como mandar carta, estas coisas. Então ela achou que meu avô tinha morrido, mas depois de três anos ele veio e tal. E meu avô por parte de pai foi mais do município assim, lá de Vale do Sol, ele era sub-prefeito”.
Jovem 8/A/ES/M	“É limitado, assim, dos meus pais quase nada, tem uma história, meu avô lutou na Segunda Guerra, ele está vivo ainda, minha avó eu não sei muito sobre ela, meus pais são da cidade que eu nasci [...] Ah, eu tenho que dizer uma coisa, o meu avô, esse que estava na Segunda Guerra não é meu avô mesmo, ele era alemão, e meu avô mesmo, que era casado com a minha avó, por parte de pai, mora com meu bisavô ainda, ele, meu bisavô e o irmão do meu pai.”
Jovem 1/A/ES/SG	“[...] Por parte de pai eles eram bem ricos, tanto que minha avó e as irmãs dela estudaram em colégio interno, os filhos também. Sei que tinha aquela coisa de homem trabalhar e mulher não [...]”
Jovem 15/B/ES/M	“A minha bisavó veio da Alemanha no período da Segunda Guerra Mundial, por que eles eram... bom, meu bisavô era judeu. Então eles vieram de lá, pequeninos com os pais deles, e meu avô já nasceu aqui [...] A minha mãe conta que meu bisavô ficou louco, ele ficava no porão escondido escutando rádio!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Bom, a minha avó por parte de pai nasceu em ..., acho que é Barros Cassal. Eu me lembro que ela contava que o pai dela era dono de um hotel, daí eles foram pra Vera Cruz [...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“[...] meus bisavôs por parte de pai veio clandestino num navio da Alemanha, e todos são alemães [...]”
Jovem 23/C/P/M	“[...] Eu lembro que eu tinha, muitos dos meus antepassados que eram de Tupanciretã e tinham campos de gado e aquelas coisas, isso por parte de mãe [...]”
Jovem 17/C/P/SG	“Lá em Cerrito tenho uma tia que mora... um tio na verdade, e aí eles dizem que um pouco mais abaixo da casa deles morava meu tataravô, eu acho. Ele tinha escravos assim né. Aí eles dizem que tinha uma revolta por ali e meu tataravô queria esconder o ouro que ele tinha, dizem que escondeu nas terras que tinha, e que quando ele escondia um pouco de ouro, acabava matando um escravo para não contar. Então eles dizem que de noite vêem umas luzes assim, e acham que tem ouro lá. Um dia uns pesquisadores foram lá com detector de metal e disse que tinha ouro mesmo, só que não cavaram. É, disseram que tem metal, mas ninguém tem coragem de cavar [...]”
Jovem 21/C/P/M	“[...] As histórias assim que eu sei é que uma avó da minha avó materna, não sei, ela tinha escravos, e minha avó ia visitar ela. Por parte do bisavô materna, sei que ele lutou na Guerra do Paraguai e ainda deixou herança. Só que a minha família por parte de mãe sempre foi de morar na colônia, minha mãe sempre trabalhou na agricultura e só com 10 anos que ela foi pra cidade, pra Santo Ângelo, eu sei que ainda depois de muito tempo teve uma reportagem nacional assim, chegou a ser notícia nacional, dizendo que o meu bisavô tinha deixado herança em tal lugar e tinham achado ela, com isso estavam procurando parentes. Tinham achado um tesouro que ele deixou e estavam procurando parentes pra poder entregar. Só que a minha mãe ainda era pequena, a família inteira, todos os meus tios, todos da colônia. Minha mãe tem só o ensino médio completo só, e, ainda por ela ser a mais nova, por que os meus tios mais velhos nem isso não tem. Eles deixaram de estudar porque não valia a pena e se perdeu, não tiveram mais notícias. E por parte do meu pai a única coisa que sei é que meu bisavô veio da Itália e não sei mais história nenhuma [...]”
Jovem 22/C/P/M	“A história assim. Por parte do meu pai, o meu avô ele veio da Alemanha, Eles vieram num barco, então teve uma tempestade, e ele fez a promessa que se todo mundo sobrevivesse quando chegassem aqui, iam botar uma cruz, daí todo mundo sobreviveu, chegou aqui e botou essa cruz e meu pai, os familiares dele ainda lembravam que tinha essa cruz, uma cruz de madeira e daí agora, meus parentes dos meus pais, bem distante, eu não falo assim, eles fizeram uma cruz de mármore, colocaram a história, na verdade o avô do meu avô. [...] Fora a história da cruz eu não sei mais nada.”
Jovem 20/C/P/M	“Por parte da minha mãe eram italianos, e meu avô eu acho que ele veio fugido da guerra que tinha lá, eu não sei, era perseguição assim que tinha, parece que quando os italianos se separaram, não sei, eles mudaram de nome para Pereira, então eu não tenho o sobrenome, só Pereira. A família conta que não era Pereira, ele trocou pra poder vir pra cá, e depois trocou de

Jovem 23/C/P/M	<p>novo pra poder ganhar terras do governo e para facilitar assim. Meu avô não contava nada assim, morreu com ele. Minha prima estava tentando conseguir nacionalidade italiana, aí que ela descobriu que Pereira não era o sobrenome certo, mas parece que ela conseguiu, não sei!”</p> <p>“Daí por parte de mãe, eu sei que meu avô nasceu depois da Segunda Guerra Mundial, em 1947. Eu acho, se não me engano, então converso bastante com ele sobre isso, sobre história, eu adoro, eu pergunto pra ele, eu sei que ele foi pro quartel, que era obrigatório, durante a ditadura militar, então ele conviveu com aquelas coisas de repressão, essas coisas que o exército fazia, e ele conta que eles eram o poder, ele quer que eu vá pro quartel, mas eu não quero ir. Meu avô acabou conhecendo a minha avó sem querer, a minha avó era pretendente do meu tio, não é meu tio, é meu tio avô, irmão do meu avô, ela veio pra ficar com o meu tio, e meu avô convidou ela pra ir ao cinema, e acabou ficando com ela, ele roubou ela, daí eles acabaram casando, eles tiveram três filhos, minha mãe e mais dois, e daí minha avó teve câncer e aos 32 anos ela acabou falecendo, daí a minha mãe tinha 12 anos, o meu outro tio 10 e minha outra tia 5, eles eram bem novos, e foram criados pelo meu avô, meu avô teve vários empreendimentos em Santa Cruz, era dono de um monte de coisas e daí até hoje meu tio continua, é dono ali da Casa Fuelber, que era do meu bisavô e acabou passando de geração em geração. [...] Depois, eu sei que meu avô se casou de novo [...] e é isso que eu sei.”</p>
Jovem 25/D/ES/SG	<p>“[...] Da minha história eu sei que o meu tataravô veio da Alemanha, comentaram que vieram por causa da guerra, é isso que eu sei.[...]”</p>
Jovem 35/E/ES/SG	<p>“A minha mãe nasceu em Canoas, a minha avó e meu avô eram de Canoas, sei que o meu bisavô era de Portugal e veio para o Brasil com 21 anos de idade trabalhar, então se casou com a minha bisavó. Eu sei que meu avô era muito bem de vida, eles tinham terras, porém foram gastando tudo, meu avô inclusive tinha amantes e teve uma filha com uma delas, mas a minha avó não se separou dele naquele período, aí minha avó passou muita dificuldade, aí depois de um tempo ela decidiu se separar do meu avô e pegou carona num caminhão de mudança e veio para Santa Cruz do Sul, porque lá estava muito difícil, não tinha emprego e lá era mais violento e minha avó tinha quatro filhos para criar.[...]”</p>
Jovem 34/E/ES/SG	<p>“A minha mãe conta que os meus tataravôs vieram da Alemanha, a mãe conta que a tataravó morreu no barco, e eles jogaram o corpo dela no mar [...].”</p>
Jovem 36/E/ES/SG	<p>“Bom, o meu bisavô paterno ele era natural da Itália mesmo, a minha bisavó também era, mas sobre ela eu não tenho certeza [...] O meu bisavô materno era natural da Alemanha [...].”</p>
Jovem 37/E/ES/SG	<p>“[...]Bom, quando eu vejo a minha avó a gente conversa bastante, ela me conta assim da vida, sobre o passado e os namorados dela, e isso é bem engraçado [risos].”</p>

Quadro 4: Narrativas juvenis selecionadas acerca das trajetórias familiares

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 4/A/ES/M	<p>“Eu vim de Tubarão, mas meu pai é natural de Vale do Sol, Trombudo, minha mãe é natural de Rio Pardo, e eu fui pra lá porque meu pai era militar e como ele está sempre sendo transferido, ficamos um tempo morando lá e depois de um tempo que eu nasci já teve problema assim familiar entre meu pai e minha mãe, aí então minha mãe veio sozinha comigo pra cá, voltou pra Santa Cruz e daí ela começou a vida dela de novo aqui, meu pai um tempo ficou lá (Tubarão), aí depois mais tarde ele veio e aí meio que voltaram de novo, aí não deu mais muito certo aí depois de novo se separaram e eu morei um ano em Vera Cruz, mas minha mãe trabalhava aqui, moramos um ano lá, foi em 1997 e 1998 nos viemos pra cá de novo, mas pra Tubarão eu só vou nas férias, quando a gente vai viajar que a gente passa por Santa Catarina, vê como está por lá, depois vamos pro Paraná, pois eu tenho uns parentes por parte de pai lá, em Toledo, Pato Branco, pois estes parentes foram pra lá por condição de trabalho. [...].”</p>
Jovem 2/A/ES/SG	<p>“Não sei muita coisa, minha mãe é de Herveiras, meu pai é de Cachoeira do Sul, [...] a minha mãe com certeza se considera uma santa-cruzensense, mas é que ela veio pra cá muito nova, assim, a minha avó tinha seis ou sete filhos, e moravam na serra, aí vieram pra cá pra conseguir viver melhor [...].”</p>
Jovem 6/A/ES/M	<p>“Bom, eu nasci em Sinimbu, [...] minha mãe nasceu em Porto Alegre e meu pai em Santa Cruz do Sul, e... que mais?! A minha mãe pegou a minha avó e se mudou pra cá, não sei a idade, assim certo que ela veio morar em Boa Vista [interior de Santa Cruz do Sul] com a minha avó, e meu pai foi morar lá em Rio Pardinho [outra localidade do interior de Santa Cruz], daí, da</p>

	<p>parte da minha mãe eu não tenho muito contato, assim, os irmãos dela estão tudo pra lá, mas do meu pai, ele e a família sempre morou aqui, minha avó eu não sei onde ela nasceu, eu não sei nada, eu nasci em Sinimbu, mas cresci em Rio Pardinho, com catorze anos fui morar pra Sinimbu e fiquei dois anos lá e agora eu vim morar em Santa Cruz. É que assim, depois de Boa Vista quando eles vieram morar pra Rio Pardinho, minha avó já é morta, logo após minha mãe conheceu o cara que foi ex-marido dela que morreu e tudo, e meu pai já era casado, mas aí não deu certo com a ex-mulher dele também. Daí minha mãe estava sozinha e meu pai também, e aí começou a gostar dela de uma hora pra outra né, então se conheceram. Meu pai tinha um bar na época, começou a correr atrás da minha mãe, só que a minha mãe já tinha dois filhos, e meu pai tinha no caso cinco, a minha mãe é a terceira mulher de meu pai. Os filhos do meu pai ficaram com ele, no caso a gente está entre dez irmãos, três irmãos legítimos, do meu pai e da minha mãe sabe, eu sou a mais velha, mais os três do primeiro casamento e os dois do segundo casamento e é isso!”</p>
<p>Jovem 5/A/ES/M</p>	<p>“Eu nasci em Araranguá, Santa Catarina, região litorânea, a minha mãe é de Santa Cruz, então ela foi pra Araranguá com quinze anos pra trabalhar numa casa de família que instalou um hotel. E meu pai é de lá mesmo. Eles se conheceram no hotel que era do meu tio, por acaso, o irmão do meu pai trabalhava lá, e foi assim que se conheceram e começaram a namorar. Aí ele já era casado, tinha se separado da esposa e casei com a minha mãe e, aí, eu nasci. Mas não deu certo, ele acabou voltando para a antiga esposa, assim, eu morei em Araranguá até os dez anos. Foi quando o meu tio vendeu o hotel e se mudaram para Torres, no litoral do Rio Grande do Sul, aí a minha tia que também estava lá resolveu voltar pra Portugal, como ela foi pra lá e toda a família da minha mãe é daqui, nós duas resolvemos voltar. Minha família por parte de mãe são todos daqui e por parte de pai são todos de Araranguá, de vez em quando eu vou pra lá, a gente tem um relacionamento... bom assim, eu e meu pai. Meu pai tem mais dois filhos, uma guria da minha idade, que nasceu logo assim que ele voltou pra antiga mulher dele, e ele já tinha um filho pequeno, que é mais velho e tem uns vinte anos, daí agora eu estou aqui”.</p>
<p>Jovem 7/A/ES/M</p>	<p>“Eu sou de Quaraí, da fronteira, a família do meu é do Uruguai e a família da minha mãe mora bem pertinho de Quaraí, em Santana do Livramento. Meu pai foi morar com um tio dele pertinho de onde a minha mãe morava, que era mais pro interior de Livramento, perto de Quaraí. Eles se conheciam desde pequenos na verdade, estudaram juntos e casaram. Eu morei em Quaraí até meus 13 anos de idade, depois fui morar em Capão da Canoa, onde fiquei até os 14 anos, eu acho, fomos para lá porque na verdade meu pai foi trabalhar com meu tio, que tinha uma loja em Capão. Porém, depois mudamos para Encruzilhada do Sul, onde fiquei até os 15 ou 16 anos de idade. Posteriormente, viemos morar em Santa Cruz. Na realidade, viemos morar aqui porque meu tio trouxe a loja para Santa Cruz. Então, estou morando aqui faz quase 4 anos e eu sou a única filha do casal e, sei lá o que mais!?”</p>
<p>Jovem 1/A/ES/SG</p>	<p>“Eu sou de Santa Cruz, meu pai nasceu em Santa Maria, daí eu não sei se ele foi pra Uruguaiana e aí depois ele veio pra cá. Minha é daqui, mas ela morou um tempo em Rio Pardo, e agora ela mora aqui de novo. Eu sei que a família do meu pai é de Alegrete, Uruguaiana, Porto Alegre, Santa Maria, tem um tio que mora no Rio de Janeiro. A família da minha mãe é de Encruzilhada do Sul e Rio Pardo. Meu pai separou da minha mãe e mora em Progresso, meu avô é de Santa Maria e mora agora aqui em Rio Pardinho, minha avó é de Uruguaiana eu acho. E os meus avós paternos moram aqui”.</p>
<p>Jovem 3/A/ES/M</p>	<p>“Meu pai e minha mãe são de Porto Alegre, eles se conheceram através dos escoteiros, minha família inteira são escoteiros, tanto por parte de pai, quanto por parte de mãe, mas meu pai não é mais. Eu nasci em Porto Alegre, daí depois meu pai recebeu uma promoção, ele trabalhava numa empresa assim, de transporte de cargas internacional e a gente foi pra Joinville, Santa Catarina, e lá então meus pais se separaram, não sei porque e nem quero saber o porque, isso é história deles, eu sempre digo que isso é problema deles. Daí minha mãe voltou pra Porto Alegre, e ela tinha um consultório com uma amiga dela, porém, não estavam conseguindo pacientes e tudo, foi quando uma prima dela, que morava em Canoas, ligou pra ela e disse: olha, vai ter um concurso para prefeitura de bibliotecária e tudo! Minha prima havia ligado para minha mãe num dia de noite para no outro dia de manhã estar lá, aqui no caso, em Santa Cruz. Então ela veio para cá, fez o concurso e passou, e estamos aqui. [...]”</p>
<p>Jovem 12/B/ES/SG</p>	<p>“Pelo que eu conheço, a minha mãe veio de Miraguá, perto de Santo Ângelo. Ela veio migrando, foi para Santa Rosa, depois para o litoral e acabou vindo para Santa Cruz, ela veio com uma amiga dela que tinha casado com um cara, daí quando a amiga dela foi embora perguntou, olha tu não quer vir morar com a gente? E daí ela veio, começou a trabalhar no Fuller aqui, depois, passou um tempo ela conheceu meu pai, acabaram se casando, e meu pai era daqui e daí eu nasci aqui, acho que é isso.”</p>

Jovem 11/B/ES/SG	“A minha mãe nasceu lá para aquelas bandas de Vale do Sol, e meu pai também era de lá, para aqueles lados de lá, e a minha avó era de Sinimbu, e meu avô era de Candelária, e minha mãe só nasceu lá, aí depois eles se mudaram pra cá, daí eu nasci aqui [...] o meu avô fala uma coisa, outro diz outra, a minha avó me conta que teve muitos filhos, que um nasceu não sei a onde, outro não sei aonde, e a minha mãe é a mais nova, eles moraram em tudo quanto é lugar, é difícil saber onde nasceu cada um!”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] eu falei que a minha mãe tinha nascido em Butiá, é, mas ela não nasceu em Butiá, eu fiquei sabendo de tudo depois que eu fui perguntar pro meu pai, ela nasceu em Porto Alegre e daí ela foi pra Butiá. E meu pai eu disse que nasceu em Minas do Leão, mas ele nasceu em São Jerônimo e até eu não sabia! [risos] Depois que eu nasci a gente ficou dois anos em Butiá e aí meu pai foi trabalhar para a União de Seguros, aí ele foi transferido pra cá e ele podia escolher, mas aí ele escolheu aqui, porque podia fazer faculdade, aí a gente veio pra cá quando eu tinha 2 anos. [...]”
Jovem 10/B/ES/SG	“[...] meu pai vinha todo dia pra Santa Cruz fazer o Senai, e trabalhar no Füller, daí ele conheceu minha mãe, e minha mãe morava ali sabe, onde tem os materiais de construção [se referindo a uma loja entre os bairros Universitário e Independência], ela morava ali com os pais dela e daí meu avô era praticamente dono de todas as terras ali e daí ele começou a fazer lotes sabe, daí ele tinha um terreno que ele não tinha vendido, daí meu pai comprou dele, aí ele construiu uma casa ali, que é onde minha mãe mora até hoje, daí meu irmão e eu fomos criados ali também [...] Eu nasci aqui, sempre morei aqui, o que eu sei, é, sei mais porque a minha avó conta, que ela morou em outros lugares também, Passo Fundo acho que foi... [...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu não sei quase nada, eu sei que minha mãe é de Passo do Sobrado, nasceu em Santa Cruz, que Passo do Sobrado antigamente não era Passo do Sobrado, era Rio Pardo, era distrito e ela teve que vir pra cá para nascer e depois voltou pra lá. Quando ela tinha 23 anos veio para Santa Cruz trabalhar numa fumageira, porque ficar na colônia não dá, e está aqui até hoje, meu pai eu sei que era Pinheiral, sei que meus avôs por parte de pai sempre moraram aqui, por parte de mãe, minha avó morava em Pinheiral e meu avô também [...]”
Jovem 13/B/ES/SG	“[...] meus pais se conheceram em um baile, e daí, os dois começaram a namorar e casaram no Vale do Sol e vieram morar em Santa Cruz, minha mãe foi trabalhar na Phillip Morris, daí meu pai também entrou pra trabalhar na Phillip Morris, ele trabalha lá até hoje, e minha mãe numa época foi demitida e ela trabalha na Prefeitura. E eu nasci aqui, em Santa Cruz do Sul, a gente morou aqui na Cohab, agora a gente mora ali perto da Unisc, eu nasci aqui e minhas outras três irmãs também [...]”
Jovem 23/C/P/M	“Deixa eu pensar um pouco, eu sei que eu nasci no dia 19 de outubro de 1989, e a partir dali começou a minha história, em vida, por que eu já estava na barriga da minha mãe e eu fiquei em Candelária e acabei vindo pra Santa Cruz que era a terra da minha mãe e daí eu me mudei bastante e várias vezes de casa, estou sempre me mudando e fui criando a minha história. Eu entrei pro Colégio Mauá em 1994 fui passando de série em série e fui crescendo tendo as minhas dúvidas e as minhas experiências, aprendendo e errando e estou pouco a pouco construindo a minha história, que nem tu falaste no início, tenho muitas indecisões ainda pro futuro, até dois anos atrás eu tinha um irmão só, agora eu tenho mais dois e vou construindo aos poucos, não sei agora, é uma boa pergunta, eu sei algumas coisas sobre o passado da minha família porque a gente fez um trabalho na escola quando a gente tava na 8ª série, eu fiz toda a história da nossa família [...]”
Jovem 22/C/P/M	“Eu nasci em São Leopoldo, eu fiquei lá até os 7 anos, meus pais, nenhum deles é de São Leopoldo, meu pai é de Santa Cruz, a minha mãe é de Laguna, Santa Catarina, meu pai foi pra lá trabalhar, daí eles se conheceram, casaram e vieram morar no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, daí eles estudaram um monte também, daí eles chegaram em São Leopoldo, que onde eu minha irmã nascemos, depois aos 7 anos eu vim pra Santa Cruz. Eu estudei no Gaspar Bartholomay até a 8ª série, daí no primeiro ano eu entrei no Mauá, eu sempre morei na mesma casa.”
Jovem 18/C/P/SG	“Eu..., meus pais, minha mãe é de Vale do Sol, meu pai é de Teutônia, cidades aqui do Rio Grande do Sul, meu pai veio pra cá tanto pelo serviço militar, como pela faculdade que ele fez aqui também, a minha mãe também, ela veio pra estudar aqui, trabalhar e fazer faculdade aqui, e... eu tenho um irmão, a gente sempre estudou aqui nesse colégio, desde o pré, mudamos uma vez de casa pra ficar mais perto do colégio.”
Jovem 21/C/P/M	“Bom, na hora que a gente tava fazendo a ficha... você me disse que eu era um migrante em potencial porque meu pai e minha mãe são de São Luiz Gonzaga na região das missões, todos os meus familiares são de lá, a grande maioria está dividida entre São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões e Santo Ângelo, eu sou natural de São Luiz Gonzaga, com 6 anos, devido

	ao trabalho do meu pai que foi transferido pra Santo Ângelo a gente se mudou em 1996, aí eu estudei lá em Santo Ângelo até a 8ª série, aí eu me mudei pra Cruz Alta, fiz o meu 1º ano do ensino médio lá, e o ano passado vim para Santa Cruz do Sul, me mudei com meu irmão, eu tenho parentes em Porto Alegre, mas assim, está todo mundo no Rio Grande do Sul, não tenho parentes fora.”
Jovem 16/C/P/SG	“Bom, eu nasci em 1990, sempre morei em Santa Cruz, minha mãe é de Passo do Sobrado, meu pai é de Vera Cruz, mas meu pai morou muitos anos em Porto Alegre onde estudou e minha mãe ficou mais pela região pra Venâncio, todos os irmãos da minha mãe moram em Venâncio, com exceção do meu padrinho que mora em Porto Alegre e eu tenho um tio por parte de pai que mora em Florianópolis e uma tia por parte de pai que mora em Santa Cruz. Bom eu sempre morei aqui, estudei aqui no colégio desde pequeno e é isso, vou me formar, minha avó morava em Vera Cruz mas se mudou pra Santa Cruz.”
Jovem 20/C/P/M	“Eu nasci em Cachoeira do Sul, a família trabalha na agricultura, lá no arroz e tal, daí eles foram pra Porto Alegre, não sei, tentar a vida em Porto Alegre, ao mesmo tempo minha mãe morava em Santo Antônio da Patrulha também na agricultura, aí foi pra Porto Alegre, lá ela foi estudar num colégio de uma igreja, não sei ao certo que igreja, lá se encontraram, casaram, e daí se mudaram em 1999 para aqui, eu fiquei até uns 5 anos de idade, assim, mais ou menos, 4 anos, assim, daí eu vim pra cá, daí fiz escolinha em Santa Cruz e depois comecei no Mauá, não tenho parentes em Santa Cruz.”
Jovem 17/C/P/SG	“Bom, eu nasci em Santa Cruz em 1990 e eu sempre morei aqui, aí o meu pai nasceu aqui e sempre morou aqui, e a minha mãe é natural do interior de Venâncio, mais especificando em Linha Cerrito, ela morou lá desde criança, se criou lá. Primeiro ela trabalhou em Venâncio na Receita Federal, depois ela se transferiu para Santa Cruz do Sul e aí ela começou a estudar e conheceu meu pai. Eu estudava no São Luiz até a 5ª série e na 6ª série eu vim estudar no Mauá, sempre morei na mesma casa, tenho um irmão também, que está no 1º ano, e é isso.”
Jovem 19/C/P/SG	“A minha mãe é de Santa Cruz, de linha Monte Alverne, meu pai é de São Paulo, ele veio pra cá por causa do trabalho, e, eu nasci aqui, sempre morei aqui também, tenho um irmão, menor que eu, eu também mudei de colégio uma vez, estudei até a 7ª série no São Luiz, depois vim pra cá. Toda a minha família por parte de pai mora em Jundiá.”
Jovem 31/D/E/M	“Bem como eu já contei, eu sou natural de Segredo, que é uma região colonial, muito dotada de plantações, a vida lá gira em torno do fumo, daí no caso não tem muita opção de emprego, ou trabalha ou fica sem comida, e daí então, um dos motivos pra vim pra cá foi a falta de emprego, aí viemos em busca de melhores condições de vida. O meu pai é de Soledade, e a minha mãe é de Lagoão, olha, do interior, a maioria dos meus parentes estão lá, tem alguns que vieram juntos, que como se diz, um pouquinho antes um pouco depois, mas a maioria ficou por lá, e eles viram mais ou menos em Santa Cruz a chance de trabalho, de saúde, de melhores condições de vida, que lá em cima não tinham, eles não tinham”.
Jovem 27/D/ES/SG	“Meu pai é de Santa Cruz e a minha mãe é da cidade de Macapá, do Amapá. Aí como o meu pai trabalha muito com essas máquinas grandes assim, ele foi pra lá trabalhar um tempo e daí ele conheceu a minha mãe, daí eles se casaram e vieram pra cá e daí ela largou a família lá e ela está aqui já faz 30 anos.[...]”
Jovem 30/D/ES/M	“Minha mãe é natural de Santa Cruz, meu pai é natural de Santo Cristo, eles se conheceram em Cruz Alta [BS: depois da aluna pesquisar, ela descobriu que eles não se conheceram nesta cidade, mas em Novo Hamburgo] e depois de terminar a faculdade eles foram morar em Ijuí, não sei porque mas eles foram para Montenegro e daí lá tiveram duas filhas eu e a minha irmã e aí como eles viram que lá não tinha como crescer, porque não tinha nenhuma faculdade nem nada, tinha pouco emprego e pelo fato de ter terras, ou melhor, herdado terras de meu avô, vieram pra Santa Cruz, interior de Santa Cruz e também porque tem a faculdade.[...]”
Jovem 29/D/ES/M	“O meu pai nasceu no interior de Santa Cruz, não sei muito bem, e a minha mãe é de Vera Cruz. Daí eles foram pra Sapiranga e se conheceram lá e aí casaram, só que lá não tem muito emprego, é mais fábrica de sapatos, o meu pai desenhava sapatos, só que não deu muito certo. A gente se mudou para cá porque meu pai viu uma casa sendo assaltada e aí ele acabou sendo ameaçado e tivemos que sair de lá. A gente escolheu Santa Cruz porque o resto da família está aqui e ele ficou desempregado lá, a minha mãe não trabalhava, mas antes de se casar minha mãe trabalhava numa fábrica de calçados. Eu nasci em Sapiranga, mas nós vamos seguido para lá, pois tenho em Sapiranga 2 tios irmãos da minha mãe. Minha mãe nasceu em Vera Cruz, mas a família dela se mudou pra Sapiranga, mas meus avós voltaram para cá e ela ficou lá.”
Jovem 33/D/ES/M	“Eu nasci no interior do Estado, numa cidade bem pequenina, Tupanciretã, como minha mãe e meu irmão mais novo, meu pai é de Cruz Alta e meu outro irmão também nasceu lá. Meu pai conheceu minha mãe em Tupanciretã. Meu irmão mais velho foi para Porto Alegre, a capital,

	<p>ele trabalhava e acabou se estruturando, isso impulsionou a irmos para lá com meu irmão, mas a gente morava Sapucaia, que é considerada uma cidade dormitório, lá eu estudava, a gente se sustentava graças ao meu avô que morava conosco e que era aposentado ferroviário. Assim, eu me criei em Tupanciretã, mas passamos este tempo em Sapucaia, e depois viemos para Santa Cruz, a minha mãe está aqui desde 2004, eu cheguei a morar uma época aqui e depois voltei para Sapucaia, agora estou aqui novamente. Mas eles vieram para cá por causa do meu avô, as condições não eram muito boas e sustentáveis lá, porque é uma cidade grande, precisa de mais dinheiro. A escolha por Santa Cruz foi pela influência de meus parentes, tinha um tio meu que morava aqui, e esse meu tio nasceu em Tupanciretã também, viemos para cá porque aqui é uma cidade que não é pequena em relação a Tupanciretã, mas também não chega ao nível de uma cidade grande, como da região metropolitana, então é uma cidade média, mas que dá para viver bem, a atividade econômica é boa, não é ótima, mas, em relação lá. Aqui meus pais conseguiram se estabilizar, os dois arrumaram emprego em fumageira, como safrista e hoje está mais estabilizado. Agora eu voltei para cá, encontrei aqui uma boa estrutura de ensino e aprendizagem, vi que aqui tem boa situação pra se estudar, crescer e evoluir, melhor que Tupanciretã e melhor que Sapucaia também. Lá em Sapucaia o preparo tem que ser maior, para trabalhar aqui é melhor. Santa Cruz é uma cidade que cresce também, mas só que depois que eu terminar os estudos, a minha intenção é voltar pra lá, não necessariamente em Sapucaia, mas alguma cidade da região metropolitana, acho isso porque as condições de tu crescer numa cidade maior, tem mais possibilidades, é grande, e lá o leque é bem aberto, várias possibilidades, dentro do que eu quero é isso.”</p>
<p>Jovem 26/D/ES/SG</p>	<p>“Sabe que eu andei procurando na Internet coisas sobre a família e eu encontrei, mas na realidade eu não me liguei assim, só para saber mais coisas, curiosidade. A minha mãe é de Vera Cruz e meu pai é daqui, meus avós maternos moravam na zona rural de Vera Cruz e minha mãe os ajudava, ela tinha cinco irmãos, mas um já é falecido, e meu pai morava em São José da Serra, e lá também ele ajudava meu avô que era leiteiro. Daí eles se conheceram, acho que foi aqui em Santa Cruz num baile, não sei aonde, minha mãe tinha uns dezessete anos e meu pai uns dezoito anos, meu pai até o terceiro ano do ensino médio ele estudava em Vera Cruz no colégio Polivalente e acho que depois vieram morar para Santa Cruz, eles foram trabalhar numa imobiliária, eles se casaram, e quando eles me tiveram a minha mãe parou de trabalhar, eles trabalhavam na Imobel, na realidade, eles estudaram juntos no Polivalente de Vera Cruz, depois o meu pai foi trabalhar noutro lugar, coisas de trator assim, aí quando eu fiz dez anos, a minha mãe foi trabalhar numa loja de motos no Arroio Grande com meu tio e meu primo por parte do meu pai. Na realidade, a minha família está nestas duas cidades.”</p>
<p>Jovem 25/D/ES/SG</p>	<p>“Os meus pais vieram do interior da serra, em Gramado Xavier, bom eles viviam se mudando, então não lembro bem ao certo a cidade, eles eram agricultores e não tinham terras, sempre trabalhavam para alguém, aí chegou um ponto que não conseguiram mais e a solução foi vir para Santa Cruz do Sul em busca de emprego, bom eles vieram para cá porque era a cidade maior que havia mais perto. Da parte do meu pai, ele tem mais quatro irmãos que vieram para cá, os outros nasceram lá e ficaram lá, da família da minha mãe estão todos os irmãos aqui. [...] Eu sei que a mãe do meu pai era meio contra o casamento, não por essa questão de preconceito, mas ela não tinha aceitado, ela era contra porque o meu pai era o filho mais velho e cuidava da família e dos irmãos, a minha avó ficou com ciúmes, a minha mãe não fala nada, mas ela é bem falsa, ela já faleceu, faz pouco tempo, sabe, ela tentava colocar o meu irmão contra a minha mãe, ela falava pelas costas. Eu não entendia essa raiva da minha avó pela minha mãe, o meu pai não comentava, mas eu percebia que havia ..., ela falava com uns de um jeito e com a minha mãe de outra, mas não consegui colocar a gente contra.”</p>
<p>Jovem 28/D/ES/SG</p>	<p>“[...] então os meus pais na realidade foram aos poucos se estruturando, a minha mãe trabalhava de empregada doméstica, e assim conseguimos um troquinho para comprar uma casa própria no bairro Menino Deus, ali perto de onde eles já morava, mas demorou em quitar a casa, mas agora ela está quase pronta, ela é de dois pisos, então agora até o final do ano a gente pretende concluir a parte de cima, mas falta um monte de coisas, e nossa situação econômica está estável agora, a minha mãe também é safrista em fumageira, então ela fez um curso na UNISC como auxiliar de odontologia que o meu pai ajudou ela a pagar, pois o meu pai é motorista de caminhão, então depois de formada ela fez concurso público e passou, e agora como auxiliar temos uma renda maior, mas agora o meu pai está desempregado, o meu pai agora ajuda o Campis sabe, trabalha para ele as vezes, também trabalha na <i>Oktoberfest</i>, enfim, se vira mesmo desempregado, agora o meu pai voltou a estudar de novo, ele quer acabar o ensino médio, acho que isso porque ele viu a minha mãe crescer na frente dele sabe, mas ele também pode, então eu falei para ele não desistir e ir atrás, e o meu pai é super cabeça,</p>

Jovem 34/E/ES/SG	ele tem umas idéias assim sabe, ele é genial, só que precisa de apoio e de oportunidades. [...]” “[...] Os meus pais se conheceram em Candelária, se casaram e vieram para Santa Cruz do Sul por causa do meu tio e minha tia que já estavam morando aqui. Os meus pais vieram para cá porque lá não tem muita coisa, só interior, então eles vieram tentar conseguir trabalho, alguma coisa melhor, eles moravam numa casinha simples e depois eles se mudaram para o bairro onde estamos morando agora, Margarida Aurora.[...]”
Jovem 38/E/ES/M	“[...] Eu morava em Cachoeira com a minha mãe, aí fomos morar um tempo em Sobradinho, depois eu retornei com ela para Cachoeira, e, por fim, viemos para Santa Cruz do Sul. Olha eu não sei praticamente nada da história da família, eu mal sei da história da minha mãe, mas eu tive na minha infância contato com o meu avô e a minha avó sabe, só que muito pouco, sabe que eu nem me lembro do meu avô paterno. Eu sei que por parte da mãe a minha avó era dona de casa e o meu avô era fazendeiro, agora por parte do meu pai, o meu avô se aposentou como engenheiro do exército, mas eu não sei muita coisa.”
Jovem 40/E/ES/M	“Eu sou de São Pedro do Sul, mas eu vim de Cachoeira do Sul, nós viemos para cá por que surgiu uma oportunidade no trabalho dele e também porque aqui estava mais próximo de estudos, pois tem uma universidade na cidade, e também porque aqui iria melhor a nossa vida, então foi por isso que ele resolveu vir para cá. Tudo bem, ele estava trabalhando lá em Cachoeira, mas como a base do quartel que ele trabalhava ia vir para cá, então ele se inscreveu como voluntário para vir para cá. Claro, no começo a gente ficou meio em dúvida sabe, então o meu pai disse que se fosse para melhorar, vamos. E foi assim que viemos para cá. Eu não tenho parentes em Santa Cruz. Bom, sobre o meu passado, eu sei que nasci numa família de classe média, numa cidade pequena, mas também morei um tempo em Santa Maria, depois voltamos para Cachoeira, eu fiz todo o meu ensino fundamental lá e o meu ensino médio aqui, eu fiz o primeiro ano Luiz Dourado e o segundo e terceiro ano no Colégio Santa Cruz. [...]”

Quadro 5: Narrativas juvenis selecionadas acerca da história e do passado local

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 5/A/ES/M	“Eu não sei praticamente nada sobre a história de Santa Cruz! Eu nunca pensei em me informar sobre a história, sei lá, eu não me dei conta sobre isso.”
Jovem 7/A/ES/M	“Há, eu também não sei nada!”
Jovem 3/A/ES/M	“Sei que aqui teve imigração alemã, antes disso eu não sei!”
Jovem 7/A/ES/M	“É, a única coisa que a gente sabe é isso!”
Jovem 5/A/ES/M	“A gente sabe que as famílias aqui de Santa Cruz são de origem alemã!”
Jovem 7/A/ES/M	“Tem alguma coisa a ver com o fumo!”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu sei que era de colonização alemã, que ela é do fumo e foi crescendo assim, não, eu nunca pesquisei. Eu sei essas informações simples.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu não sei nada, é uma verdade!”
Jovem 8/A/ES/M	“Eu sei sobre Santa Cruz o que é de domínio público, quando eu vim para cá, há, Santa Cruz só tem fumo, tudo fede a fumo, aí a gente chegou aqui e é diferente né!”
Jovem 12/B/ES/SG	“Aqui é uma cidade germânica e os primeiros habitantes foram os alemães e agora eu não sei! Isso é o que eu sei, eu não lembro!”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu sei que foi colonizada por povos de origem alemã, que vieram de São Leopoldo...”
Jovem 10/B/ES/SG	“Há, tem as fumageiras que vieram pra cá!”
Jovem 9/B/ES/SG	“E tem a algum tempo fumageira em Santa Cruz!”
Jovem 14/B/ES/M	“Hã... foi uma cidade colonizada por alemães, bá... assim, quanto tu fala em Santa Cruz tudo mundo pensa logo no fumo! E na <i>Oktober!</i> A cidade dos alemães! [...]”
Jovem	“Eu não sei nada, só sei isso que eles falaram, que é uma cidade de imigração alemã, essas

9/B/ES/SG	coisas da fumageira.”
Jovem	“Eu sei isso que eles falaram, sobre Santa Cruz e os alemães, só isso!”
13/B/ES/SG	
Jovem	“Eu sei que é uma cidade de colonização alemã.”
20/C/P/M	
Jovem	“Eu sei o que todo mundo sabe, [risos], que ela foi colonizada por imigrantes alemães, que a economia é baseada no fumo.”
21/C/P/M	
Jovem	“Eu sei a mesma coisa que eles e coisas mais atuais, tipo economia.”
19/C/P/SG	
Jovem	“Tem algo com 1849, que os imigrantes vieram para cá, acho que isso eu estudei na terceira série.”
26/D/ES/SG	
Jovem	“Acho que antigamente era mais mato assim na cidade, era mais interiorzão. Há... plantava-se, plantava fumo, não sei! [risos].”
24/D/ES/SG	
Jovem	“No início da cidade tinha mais alemães, que colonizaram, plantavam, aí começaram a se estruturar, eu não tenho muito conhecimento. O início aqui tem a ver com a imigração.”
33/D/ES/M	
Jovem	“Eu não sei muita coisa! É, ela foi colonizada por alemães, que sempre o fumo foi assim, o que comandou.”
27/D/ES/SG	
Jovem	“Aí, sei lá, assim no momento não me lembro de nada, pode ser que eu me lembre depois, agora não me ocorre nada. Eu sei que em 28 de setembro de alguma coisa é o dia do município.”
34/E/ES/SG	
Jovem	“Eu também não sei nada, até tenho lá em casa uma revista que fala da história de Santa Cruz, mas de cabeça eu não sei nada.”
36/E/ES/SG	
Jovem	“Ela foi colonizada por imigrantes alemães.”
34/E/ES/SG	
Jovem	“A única coisa que eu sei é que foi colonizada por imigrantes alemães.”
35/E/ES/SG	
Jovem	“Eu também não lembro nada.”
37/E/ES/SG	

Quadro 6: Narrativas juvenis selecionadas que evidenciam que a história e a memória que os jovens sabem acerca do local provém da influência da escola

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem	“Eu sei como ela falou, daí o ano passado em história foi um homem falar sobre isso e tal, e ele disse que pesquisou, pesquisou e não tinha livro, isso eu lembro que ele falou que teve assim alemão né, só que ele disse que não foi só, quando ele pesquisou que foi só o alemão e coisa assim, que teve bastantes negros assim, sabe que ajudou na formação só que como tem muito alemão e descendentes aí ficou mais mesmo, e também eu não sei muito..., até porque ...”.
11/B/ES/SG	
Jovem	“É que tipo, no colégio, a gente não estuda a história de Santa Cruz, a única coisa que tu aprende é quantos habitantes têm, qual a área da cidade... que nem Rio Pardo a gente sabe tudo, a gente estuda, porque todo ano a gente vai a Rio Pardo, ver a rua da Ladeira!”
10/B/ES/SG	
Jovem	“Tem um estudo assim, que nem a gente fez, passamos pelo Vale quase todo, mas sobre a história, assim, sabe, é que Rio Pardo é uma cidade mais histórica, uma coisa assim, na escola ninguém nunca chegou e pra nós e falou o que aconteceu aqui e tudo, como falam de Rio Pardo por exemplo”.
14/B/ES/M	
Jovem	“É que Rio Pardo a gente foi pra lá, a gente teve um... a gente viu os canhões, e fomos no museu, fomos na casa de não sei quem e..., há... lá do Dom Pedro, é, o sofá onde sentou, as igrejas das noivas, e daí sobre Santa Cruz a gente não estuda isso!”
10/B/ES/SG	
Jovem	“Eu me lembro que teve um trabalho na escola, na 8ª série, que tinha que pegar uma cidade e escrever, mas ninguém quis falar sobre Santa Cruz, todo mundo pegou outra cidade assim,...”
10/B/ES/SG	
Jovem	“Eu posso falar um pouco porque o ano passado a gente fez um trabalho na escola sobre Santa Cruz do Sul, então a gente procurou sobre a história, claro, coisas mais recentes da parte histórica, como foi fundada... que tinha uma rua... Bom, sobre a catedral, antes de ser construída, onde hoje tem um jardim, ali tinha uma outra igreja, sei também que historicamente tem o fumo [...]”
16/C/P/SG	
Jovem	“A história de Santa Cruz assim..., na verdade eu não sei nada perto do colega, porque eu estudei a história, aprendi ela quando eu estava na quarta série, agora lembrar eu não lembro muita coisa. Bom, eu sei que é uma cidade colonizada..., que tem a cultura alemã, colonizada por alemães, eu acho que uma característica principal é o fumo. Eu acho que não sei mais nada,
22/C/P/M	

	sobre a bandeira, eu lembro que tinha o arado e o colono, acho que eu sei falar de coisas mais recentes, de agora, então, de informação histórica da cidade eu não sei nada.”
Jovem 18/C/P/SG	“Até aqui na cidade tem um monumento ao imigrante alemão, inclusive a gente foi na quinta série visitar, é que na quinta série a gente estudou o município aqui.”
Jovem 23/C/P/M	“Uma coisa que eu me lembro sobre a história de Santa Cruz é a história do Colégio Mauá, pois a gente estudou isso, antes, não tinha escola para o pessoal que era luterano, uma coisa assim, então criaram uma onde é a drogaria Santa Cruz hoje, davam aulas ali, acho que isso a gente sabe mais.”
Jovem 16/C/P/SG	“Aqui era o internato. A gente sabe que tinha uma ligação com a Alemanha, isso era muito forte, a história do colégio é muito antiga, aí tinha o Colégio São Luiz que também era forte, então tinha desfile de bandas, tinha uma rivalidade entre São Luiz e Mauá.”
Jovem 20/C/P/M	“Mas o Colégio Mauá é o mais antigo de Santa Cruz, acho que tem 150 anos.”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] Eu até estudei no colégio a história de Santa Cruz do Sul mas isso faz muito tempo e eu hoje não sei.”

Quadro 7: Narrativas juvenis selecionadas que apontam para um conhecimento acerca da história do tempo presente local e não sobre o passado

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Isso me impressiona em relação a Porto Alegre, porque em Porto Alegre não tem lavoura, quando falam em Santa Cruz, primeira coisa que a gente ouve é que é uma cidade de origem alemã, por ser uma cidade de origem alemã, a gente não pensa em horta e essas coisas assim, a gente pensa nas pessoas falando alemão, nas pessoas tendo orgulho de ser alemã, com chapeuzinho de alemão e a <i>Oktoberfest</i> , bandinha, nas pessoas dançando, aquele calor do povo alemão. [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“Hã... foi uma cidade colonizada por alemães, bá... assim, quanto tu fala em Santa Cruz tudo mundo pensa logo no fumo! E na <i>Oktober</i> ! A cidade dos alemães! Quando teve a final da copa, a cidade ficou dividida por, entre alemão e...mesmo assim na Internet quando tu falas, e perguntam como é, todo mundo fala que Santa Cruz é a terra do chope ou do fumo ou...!”
Jovem 16/C/P/SG	“[...] hoje a respeito da questão econômica, vêm-se tentando diversificar a economia, isso se refere às ações que os governos vêm fazendo há mais tempo. Bom, também não sei se tu queres saber se a gente sabe sobre a questão mais recente ou... de fundação. Bem, eu sei que essa zona aqui, mais a leste e a norte não são tão antigas, são mais recentes, antigo mesmo é o centro e parte do Arroio Grande. Ao lado de Santa Cruz tinha Vera Cruz que era mais longe, então esse lado ali veio a ser povoado depois, aquela parte do Lago Dourado.”
Jovem 20/C/P/M	“Eu sei mais coisas atuais, como o fumo, a Afubra [Associação dos Fumicultores do Brasil].”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu sei a mesma coisa que eles e coisas mais atuais, tipo economia.”
Jovem 18/C/P/SG	“Eu sei também que como existe um eixo de conurbação entre Porto Alegre e Caxias do Sul, então acho que esse eixo agora está se direcionando a Santa Cruz.”
Jovem 23/C/P/M	“Eu não sei praticamente nada, somente o que se falou, sobre a imigração alemã e tem o fumo, mas eu nunca parei para pensar, eu tenho aquele livrinho da Gazeta do Sul, que metade está escrito em português e a outra em alemão, mas eu nunca cheguei a ler ele todo, mas eu sei também que Santa Cruz é uma cidade voltada para a cultura, bom, isso pelo o que o meu pai fala, pois ele veio da fronteira e lá não tem nada, aqui não, em Santa Cruz tem a <i>Oktoberfest</i> , a festa das cucas, festa do doce, festa de não sei o quê, mas a que mais marca Santa Cruz é a Oktober, quando se fala em Santa Cruz todo mundo lembra disso, mas a Oktober era a antiga festa do fumo.”
Jovem 18/C/P/SG	“É, tem a de Blumenau, que a maior do Brasil, a de Santa Cruz é a segunda.”
Jovem 16/C/P/SG	“A festa de Blumenau é a maior mesmo, mas tipo, a de Santa Cruz tinha primeiro a festa do fumo, Fenaf [Festa Nacional do Fumo], mais aí trocaram o nome da festa, veio até presidente aqui.”
Jovem 33/D/ES/M	“A primeira informação que tive, que falaram, é que Santa Cruz é a terra do fumo, quando falavam, diziam que era a terra do fumo. A economia é baseada nisso, gira entorno da plantação

	e comercialização do fumo, foi essa a impressão quando eu olhei, quando ouvi falar de Santa Cruz, nunca escutei outras informações.”
Jovem 30/D/ES/M	“Sim, concordo, mas ninguém falava nada, pois eu vinha sempre, eu vinha várias vezes por ano, mas eu nunca parei para pensar na história, mas eu sei que é alemã, que a cultura do fumo que prevalece, mas tudo isso eu fui descobrindo agora, quando eu vim para cá.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Eu não sei nada da história [risos], a única coisa que eu sei que a maioria dos moradores é de origem dos imigrantes alemães, eu escutei falar, os padrões da minha mãe comentam que eram todos alemães aqui em Santa Cruz [...].”
Jovem 26/D/ES/SG	“Santa Cruz é uma cidade desenvolvida, acho que por causa do fumo e dos imigrantes que vieram para cá e trabalhavam muito.”
Jovem 32/D/ES/M	“Santa Cruz é uma cidade pequena se comparada a outras cidades como Porto Alegre e Santa Maria, claro, a cidade tem condições de crescer e para muitos é considerada grande, aqui tem muitas indústrias do fumo.”
Jovem 29/D/ES/M	“Que nem naquele programa do Fantástico, aquele cara falava que tinha que tirar o cigarro.”
Jovem 25/D/ES/SG	“É, naquele programa do Dráusio Varela.”
Jovem 29/D/ES/M	“Então se isso ocorresse Santa Cruz ia a falência.”
Jovem 25/D/ES/SG	“É, mas não pelo cigarro, mas isso gera muito emprego, ela depende muito do fumo.”
Jovem 32/D/ES/M	“Sim, ela depende muito, tem muita gente de fora, como os migrantes que vêm para cá por causa do fumo. A cultura daqui é a alemã, pelo menos a dos mais velhos.”
Jovem 25/D/ES/SG	“É, tem a <i>Oktoberfest</i> que é alemã, têm a festa das cucas, as danças.”
Jovem 26/D/ES/SG	“É, aqui tem grupos folclóricos, tem muita gente que fala alemão, meus pais falam alemão, mas eu não.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu também não sei nada, até tenho lá em casa uma revista que fala da história de Santa Cruz, mas de cabeça eu não sei nada.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu saberia os pontos turísticos da cidade, a economia do fumo, essas coisas mais atuais.”
Jovem 40/E/ES/M	“Isso, sobre a economia.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Mais o hoje e não o antes.[...]”

Quadro 8: Narrativas juvenis selecionadas acerca da história local a partir das memórias dos jovens

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 6/A/ES/M	“É um pouco assim, como eu nasci em Sinimbu, e ele era um distrito de Santa Cruz, agora se tornou município, então, mas eu não sei muita coisa!”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu sei que foi uma cidade projetada. Tinham famílias que eram requisitadas lá na Alemanha para virem para o Rio Grande do Sul, aí tinha que ter um homem, tinha que ser casado, tinha que ter filhos, tinha que saber trabalhar, tinha que pegar na enxada e não sei o quê.”
Jovem 17/C/P/SG	“É, o meu avô chegou a presidir a Fenaf, sim, ele e o meu pai tem fotos com o Geisel, mas sabe que eu nunca cheguei a perguntar nada sobre isso para eles, tem uma coisa que o meu pai disse, que quando foi apresentado para os presidentes eles falaram sobre o fumo, mas só isso eu sei, nunca cheguei a perguntar mais nada.”
Jovem 20/C/P/M	“Tem também uma estação férrea.”
Jovem 18/C/P/SG	“É, isso foi na época que só tinha dois carros na cidade, os dois se bateram [risos].”
Jovem 17/C/P/SG	“Um deles era o meu bisavô! [risos] Mas eu não cheguei a conhecê-lo.”
Jovem 16/C/P/SG	“Não, não é, como o Colégio pode ter surgido antes de Santa Cruz. Eu sei que na Segunda Guerra Mundial era proibido falar alemão.”
Jovem	“Por tudo eles estavam proibindo, não era só aqui.”

18/C/P/SG Jovem	“Acho até que as famílias foram perseguidas por falar alemão.”
16/C/P/SG Jovem	“Isso, proibição do alemão. Na época do Getúlio [Vargas].”
23/C/P/M Jovem	“Está, mas não foi só por causa disso.”
18/C/P/SG Jovem	“Sim, por causa do nazismo e fascismo. Eu sei falar em alemão <i>Ich sprecht ... Deutsche</i> [risos]”
23/C/P/M Jovem	“Santa Cruz não mudou de nome? Ela mudou de nome várias vezes. É, ela não era Vera Cruz, uma coisa assim?!”
24/D/ES/SG Jovem	“Concordo, olha, eu era muito criança quando vim, dois anos. Mas o que me chamou mais a atenção em relação ao meu lugar de origem, é que lá em cima [Segredo] uma casa é muito isolada da outra, ou seja, é longe né, assim, para ir ao vizinho mais próximo tem que andar a cavalo muito tempo, talvez até horas, aqui tem a proximidade da população. Outra coisa sobre fato histórico de Santa Cruz é que como dizem, eu conheço mais ou menos, é que a origem é alemã, e como eu também sou descendente dessa parte de alemães, pois a minha bisavó durante a Segunda Guerra Mundial ela veio fugida para o Brasil, dos confrontos lá dos Estados Unidos e Alemanha, e tal, isso foi antes do Brasil declarar guerra, ela era alemã, ela fugiu do confronto porque ela era de uma família numerosa, a cidade, se não me engano era Hamburgo, na Alemanha, eles embarcaram num navio clandestino, ela e meu avô, mas o meu bisavô, por coincidência era brasileiro e estava lá, ele foi soldado voluntário das forças americanas, mas isso foi antes do Brasil declarar guerra, os Estados Unidos recrutavam pessoas aqui e meu avô foi para lá, aliás, meu bisavô, então ele acabou conhecendo a minha bisavó lá, se apaixonaram e resolveram fugir juntos, então fugiram, vieram para cá e se estabilizaram lá [Segredo]. Eles conseguiram..., bem... como posso dizer... conseguiram a condição, não ideal para vida, mas conseguir sobreviver, meu sobrenome é Batista, mas na verdade eu não sou Batista, meu sobrenome mesmo é Kraemer de Meneses, mas houve um incidente com meu avô, ele acabou cometendo um crime, e isso motivou, pois naquele tempo era permitindo a mudança de sobrenome então ele mudou o sobrenome da família. Bem sobre Santa Cruz, eu sei que começou mais ou menos como uma vila, isso aqui era tudo uma grande floresta, foi sendo desmatada, desmatado, de cada clareira se construiu uma casinha, daquelas do tipo, cabana de teto de sapé, e aí foi sendo construído e construído, pelos imigrantes e as pessoas que acompanhavam a imigração, foram construindo e quando viram tinha condição de assumir o papel de vila, e de vila passou a cidade e hoje é a Santa Cruz que a gente conhece.”
Jovem 24/D/ES/SG	“E ouvindo você falar, eu me lembro que a minha mãe contou para mim que quando ela foi morar lá no bairro Carlota era bem interior, na época não era nada, tinha só umas casinhas, cheias de buracos, as pessoas eram muito pobres sabe, e daí o meu pai ele tinha caminhão, tinha mais condição, então eles começaram ajudar os vizinhos. Tinha gente que passava fome e a mãe fazia aquelas paneladas de comida e servia nos pratos para as pessoas. Ajudava também a criar os bebês, as crianças pequenas que tinham menos condição. O pai buscava papelão e ajudava a forrar as casas para quando tinha vento e chuva forte não pegar as crianças e nisso foi passando os anos, as casas foram melhorando de condição, foi tendo mais trabalho nos bairros e aí o bairro começou a crescer, e foi se transformando numa cidade, as pessoas ajudando uns aos outros.”
Jovem 29/D/ES/M	“Eu só não sabia que Santa Cruz mudou de nome!”

Quadro 9: Narrativas juvenis selecionadas que justificam porquanto os jovens não sabem de suas histórias

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 1/A/ES/SG	“Bem, estou pensando, eu acho que influenciar não influencia, mas acho que poderia saber, acho que é legal, é bom saber, ajudaria, mas não faz diferença para mim, mas eu gostaria de saber mais, acho que sim!”
Jovem 4/A/ES/M	“Ah, eu acho que positivo não é né, tipo, de onde vieram, de onde surgiram, então seria legal saber!”
Jovem 15/B/ES/M	“O que eu sabia, era o que o meu pai e a minha avó me contavam de história, acho que eu não sei nem muito e nem pouco, eu sei o suficiente para dizer quem eu sou, para mim isso é importante, claro, eu não seria diferente, mas é legal a gente saber. [...]”
Jovem 15/B/ES/M	“O que eu sabia, era o que o meu pai e a minha avó me contavam de história, acho que eu não sei nem muito e nem pouco, eu sei o suficiente para dizer quem eu sou, para mim isso é importante, claro, eu não seria diferente, mas é legal a gente saber [...]”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que não faz diferença! Só que é interessante tu saber assim como foi a história da tua família, o que aconteceu, mas acho que sabendo ou não, eu não me tornaria uma pessoa diferente.[...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu acho que não tem problema de não saber, não muda nada.[...]”
Jovem 14/B/ES/M	“Pra mim acho também que não muda nada! Mas eu assim, eu me interesso, eu gosto. [...]”
Jovem 18/C/P/SG	“Isso não é tão importante, talvez porque as prioridades que a gente têm são outras, saber sobre a nossa história e nosso passado não é prioridade. Agora, se eu tivesse tempo para isso, sabe que eu tenho curiosidade, é uma coisa relevante, mas eu não tenho tempo para isso, por isso que não vou atrás, mas eu gostaria de saber. Eu tenho curiosidade em saber sobre a família e a história [...]”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho interessante saber essa história, só que eu nunca tive tempo... Curiosidade eu tenho, tanto que eu já perguntei pro meu avô algumas coisas! Só que eu nunca tive tempo pra parar, analisar, escrever, guardar...[...].”
Jovem 16/C/P/SG	“[...] Bom, eu acho que é interessante saber, mas eu não estou tão preocupado porque eu sei quem foram os meus avós, minha origem, como eles vieram para o Brasil, então o básico eu sei, eu não estou preocupado, até o meu pai faz essas pesquisas genealógicas, e também tem um outro senhor da família, então eles já cruzaram informações [...]”
Jovem 32/D/ES/M	“[...] eu nunca quis investigar, mas é bom saber.”
Jovem 29/D/ES/M	“Até agora eu não tinha sentido falta de saber a minha história, mas agora eu tenho curiosidade em saber mais, eu nunca tinha pensado sobre isso [...]”
Jovem 25/D/ES/SG	“Eu acho tri importante saber, eu acho que em relação ao meu passado, eu nunca me interessei, o meu pai conta às histórias das artes, mas ele nunca contou a história da família dele, é que eu nunca quis perguntar.”
Jovem 40/E/ES/M	“[...] Se eu soubesse mais sobre a minha história seria melhor, mas o pouco que eu sei já me basta, para que a futura geração saiba da onde eu vim, os meus pais e avós, como vieram e como chegaram ali. Agora, coisa mais detalhada não precisa tanto.”
Jovem 36/E/ES/SG	“É que nem a minha mãe, ela não fala das experiências dela com a avó dela, ela somente fala das experiências com a mãe dela, e provavelmente, quando eu tiver os meus filhos a minha mãe fala assim: tu me criticas agora, mas quando tu tiveres os teus filhos, o que eu estou falando para ti tu vai dizer para eles. [...] Acho que a ligação que fica é mãe, filho e neto”
Jovem 38/E/ES/M	“Essas convivências e perdas também vão acontecer com os nossos filhos, é inevitável. É que nem a mulher quando se casa e usa o sobrenome do marido, ela perde a sua história.”

Quadro 10: Narrativas juvenis selecionada que evidenciam que os jovens não tinham pensado sobre a história familiar antes das entrevistas orais

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 2/A/ES/SG	“Então, eu não tinha parado para pensar até, acho que foi no encontro e tal que pensei, eu nunca tinha me interrogado, mas agora eu vejo que é uma coisa minha que estou deixando para trás [...]”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu, até como a colega falou, eu nunca tinha parado pra pensar nisso, nunca tinha, tipo, qual seria a história de antes, eu sei o básico do básico, nunca parei pra pensar como é que era bem antes, e aí agora com esse grupo que a gente fez até, eu tava pensando esses dias em casa, eu acho importante a gente ficar sabendo, assim, tipo, eu vou ter minha família depois e o que eu vou falar pros meus filhos? Assim, eu acho importante. Até como aconteceu comigo, pode acontecer com eles também, e eu não vou saber dizer nada! Então eu acho importante, mas eu nunca parei pra pensar sobre isso, pra mim isso não interferia em nada na minha vida, até que aconteceu o grupo e eu comecei a me ligar nessas coisas”.
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu nunca tinha parado pra pensar. Nunca, nunca! Perguntei a descendência assim, eu nunca tinha vontade de saber, nunca tinha parado para saber, mas agora que tu colocaste essas questões pra gente, se perguntar, para conhecer, eu comecei a gostar. Olha só, agora, o que eu aprendi, se eu fosse mãe, eu ia gostar de saber o passado, de passar para minha filha. Não sei se ia fazer falta saber sobre o passado, até agora não fez falta!”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu não sabia de nada também porque os meus pais não me contavam nada, a família nunca teve interesse em comentar. Eu estava conversando com a irmã do meu pai, a minha tia, ela me disse que na família do marido dela, que é de Porto Alegre, e eles são muito bem de vida, tipo, são ricos, eles escreveram um livro da família deles”
Jovem 19/C/P/SG	“Tu sabes que antes de tu perguntares isso eu nunca tinha parado para pensar, só que agora eu vejo eles falarem da sua vida e eu não sei nada da minha, eu gostaria de saber, eu fiquei curiosa.”
Jovem 20/C/P/M	“Ah, sabe que quando perguntam sobre a minha família, eu fico um pouco constrangido, bom, é a minha família, como que o cara não sabe, mas o que dá para eu saber eu sei, claro, no geral. Por exemplo, quando tu perguntaste qual era a cidade onde os meus pais nasceram, eu não sabia, então fiquei constrangido. Mas sabe que saber é bom até por uma curiosidade, sempre é uma coisa a mais que tu sabes, mas acho que a gente tem a obrigação de saber.”

Quadro 11: Narrativas juvenis selecionadas do grupo focal E acerca das relações étnico-culturais no Brasil

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 36/E/ES/SG	“É, mas a mistura influência na perca de informações familiares, há tempos atrás não se casava um italiano com alemão, era italiano com italiano, então ficava muito mais fácil de saber e conciliar as informações, imagina eu no caso, o meu pai é italiano, acho que italiano puro, a minha mãe já não é, pois o pai dela era alemão puro mas a minha avó era bugre, então ali já deu uma mistura, aí imagina eu, com origem bugre, alemã e italiana. [risos].”
Jovem 37/E/ES/SG	“São muitas histórias diferentes.”
Jovem 40/E/ES/M	“É que esses povos que migraram trouxeram a sua história, os alemães as trouxeram consigo porque imagina-os chegarem aqui e não saber suas origens, então ele vai querer falar a história dele e da sua cultura, porque ele é diferente. E nós, a nossa geração vai encontrar quando pesquisa um leque muito grande de informações culturais para trás, é, por exemplo, eu tenho parentes em Rio Pardo que o pai descobriu e eles são negros, de pele bem escura, então temos muitas coisas na nossa história e origem que se perde, já o meu pai tem o olho claro e a sobrancelha bem amarela, isso demonstra que existe na nossa família muita mistura. Então se nós formos pesquisar vai ser muita coisa entendeu.”
Jovem 38/E/ES/M	“Mas a cultura brasileira é isso cara, não temos esses negócios de berço, nós temos uma cultura de migrar, eu falo isso me baseando na história brasileira, vemos por exemplo o caso dos nordestinos, quando estes foram para São Paulo migrar foi porque não estavam bem lá.”
Jovem 40/E/ES/M	“É, o Brasil é isso, teve os portugueses e outros, se não houvessem vindo para o Brasil, nós seríamos de origem indígena, e nossos antepassados teriam uma cultura em comum, então agora nós temos no Brasil muitas origens, como português, alemão, italiano... Aqui no Rio Grande do Sul tem gente de toda a parte do mundo.”

Jovem 36/E/ES/SG	“O Brasil é muito privilegiado sobre a questão de mistura de raça, o Brasil é o melhor país que tem, se tu queres frio, tu vens para o sul, tu queres calor tu vais para o nordeste, tu queres um meio termo tu se mantém ali no Rio de Janeiro, tu queres natureza tu vais para a Amazônia, então tem de tudo aqui. O Brasil é privilegiado em questão de culturas e raças, principalmente por causa da mistura.[...]”
---------------------	---

Quadro 12: Narrativas juvenis selecionadas acerca do que é identidade

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que identidade é a formação que a gente tem, tipo, não essa questão avô que eu falei, tipo, pai e mãe e irmão mais próximo [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“É, assim, tipo, a gente forma a nossa identidade com as pessoas com quem a gente se relaciona, como família.[...]”
Jovem 4/A/ES/M	“[...] os meus amigos. [...]. Que nem criança, assim, tudo depende dos pais, da tua mãe, até então quando tu nasce, tudo a tua mãe faz por ti, te dá banho, eu acho que até certo ponto, depois tu vai criando a tua identidade, aí tu vai fazendo a tua história, para depois tu contar.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Ah eu não sei, mas acho que é mais ou menos como ela disse, até certo ponto a tua identidade tem a influência da tua família, tu sempre vai ter alguma coisa da tua infância, que os pais te ensinaram, mas depois de um tempo tu vai criando a tua própria identidade vai vindo por ti o que é melhor.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Ah, eu acho também isso, que a família da gente influencia bastante assim, desde dos hábitos mais simples, tipo, um costume que tu tem antes de dormir, porque a tua mãe te ensinou um negócio, é uma coisa que tu vai fazer para o resto da tua vida e por influência da tua mãe, mas tem coisas que tu faz, que os teus pais não te ensinaram isso, então tu cria uma personalidade própria.”
Jovem 4/A/ES/M	“Que nem assim, tu vê o estilo da pessoa sabe, com certeza o estilo dela é diferente do meu. Necessariamente ela não gosta do que eu gosto e faço. Mas ela tem a cultura dela assim. [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“Acho que não foi só a minha família e amigos que formaram a minha identidade, a partir do momento que eu comecei a ler, os próprios livros, acho que mudou bastante a minha identidade. [...] Eu acho que também tem outras coisas assim, os meios de comunicação como a TV, o rádio, não é só pelas pessoas, tudo bem, eu sei que são pessoas que fazem isso.”
Jovem 7/A/ES/M	“[...] eu acho que a tua personalidade não é só da família e amigos, como a colega falou, tem mil e umas coisas que tu pode tirar proveito de uma coisa para ti.”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] a identidade é uma coisa que no final por mais que tu tenhas influência é tu quem acaba escolhendo, [...] Então não é só por influência, tu pode automaticamente ter autonomia.”
Jovem 8/A/ES/M	“É, mesmo assim tem os grupos né, tipo, claro que tem uma pessoa que gosta das mesmas coisas que eu, tipo, eu vi na TV lá um negócio e várias pessoas estavam usando tal roupa, isso influencia.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Existe um certo padrão, e as pessoas tem certo medo de quebrar isso, por causa do preconceito, não só isso, mas tem medo de ser desvalorizadas por não estar naquele meio.”
Jovem 6/A/ES/M	“Significa da onde tu vem, lugar onde tu nasceu, a minha origem, está ligada a história.”
Jovem 5/A/ES/M	“Eu acho que a nossa identidade envolve um pouco a nossa origem, a nossa família, mostra o caráter, se a gente é falso ou não com uma pessoa, como a gente age com as outras pessoas, é todo um modo de ser, tua convivência com os outros é a tua identidade. [...]”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu também acho que tem mais dos pais na minha identidade. Cada um assim, vamos dizer, se a família é bem agitada assim, se falam muito palavrão, as pessoas saem assim também, pela convivência, não sei explicar direito, sei lá. [...]”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que a gente tem vários gostos, só que a gente não conhece todos, aqui no Brasil, a gente vai conviver com tais e tais pessoas, algumas que a gente vai achar que tem afinidade e outras não, [...] eu acho que a nossa identidade está sempre se formando.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que identidade é uma forma de tu te identificar com outras pessoas, tipo, é através da tua identidade que as pessoas vão te conhecendo. Eu acho. Através da identidade o governo sabe quem tu é, e se tu não tem identidade, tu não pode votar, tu não pode fazer um monte de coisas, é uma forma de tu ser reconhecido. Bem, não é só no papel também, tem a ver contigo.”
Jovem	“Identidade é aquilo que tu se identifica!”

15/B/ES/M	Jovem	“Vamos dizer por exemplo, como o caso de um roqueiro de cabelão, é uma identidade dele, é o tipo dele, e cada um tem a sua.”
10/B/ES/SG	Jovem	“É, eu acho que é uma coisa que identifica a tua personalidade, que nem o colega, tem tal coisa que é a cara dele, que identifica a pessoa, faz tu lembrar logo a pessoa. Bom, a gente cria a nossa identidade, mas eu penso a identidade sobre diversos pontos, é uma coisa que é tua.”
14/B/ES/M	Jovem	“É uma coisa que querendo ou não, tu é, pode ser aquilo que vem de família contigo, tu não criou, mas tu tem e querendo ou não tu passa essa imagem para as outras pessoas.”
13/B/ES/SG	Jovem	“É, a identidade também é hereditária. Tua cria também, mas a família predomina mais.”
9/B/ES/SG	Jovem	“Eu acho que tem dois pontos, se a tua família diz que todo mundo tem que ser assim, tu pode ser igual a todos da tua família e seguir aquela linha, mas tu podes se identificar com outros estilos de vida!”
10/B/ES/SG	Jovem	“Mas a identidade é uma coisa que tu vai mudando, por exemplo, há um tempo atrás eu gostava de um tipo de música, eu me identificava, mas hoje, já mudou, é outro tipo. Então isso muda, mas o que vem de família não, porque é da minha personalidade, eu não vou mudar, não vou deixar de ser teimosa porque eu quero, agora, a questão de estilo, essa muda!”
14/B/ES/M	Jovem	“A personalidade tu sempre vais ter, o que vai mudar é o teu estilo, tu podes mudar a forma como tu te relaciona com os outros, as pessoas influenciam.”
10/B/ES/SG	Jovem	“Quem não é influenciado pelos outros?”
15/B/ES/M	Jovem	“Mas a gente sempre é um reflexo dos outros, é impossível não ser influenciado [...].”
14/B/ES/M	Jovem	“Até o jeito de a gente conversar, o uso das gírias.”
15/B/ES/M	Jovem	“As pessoas acabam criando os seus estilos conforme os estilos das outras pessoas, eu acho.”
14/B/ES/M	Jovem	“A gente é influenciado pelos amigos, novelas, sociedade.”
9/B/ES/SG	Jovem	“É uma coisa exclusiva.”
20/C/P/M	Jovem	“Identidade, está ligada, é uma personalidade ou uma cultura.”
18/C/P/SG	Jovem	“Acho que é uma coisa exclusiva, tem a ver com as tuas características.”
20/C/P/M	Jovem	“Sim, todo mundo é diferente, pode ser no físico, no emocional, acho que tudo isso é identidade.”
17/C/P/SG	Jovem	“É um perfil, com características ligadas as... culturas também.”
18/C/P/SG	Jovem	“Isso pode caracterizá-la.”
23/C/P/M	Jovem	“A identidade da pessoa tem a ver com o meio em que ela vive, tem a ver com a religião.”
20/C/P/M	Jovem	“É um mapa das tuas características, no conjunto, são as influências externas da sociedade, mais a da família e a tua própria vontade, o que tu gosta de fazer para ti, a identidade da pessoa sofre influência, então tu podes aceitar as influências do meio em que tu estás ou não.”
18/C/P/SG	Jovem	“Aí, não me vem nada na cabeça agora. Acho que o que vem é os documentos [risos]. Bom, eu não tenho uma opinião formada sobre isso.”
22/C/P/M	Jovem	“Acho que é uma coisa fundamental, é realmente exclusivo, sei lá.”
17/C/P/SG	Jovem	“Acho que é uma maneira de pensar da pessoa, com características emocionais, que ela acha o que é ético ou não, tudo, tudo que vem em relação ao pensamento da pessoa, em relação a sua cultura, o que ela acha que é certo ou errado, tem a ver com a família.”
21/C/P/M	Jovem	“Acho que não pode ser mudada.”
17/C/P/SG	Jovem	“Eu discordo [...] acho que as pessoas vão crescendo, vão evoluindo intelectualmente e aos poucos elas vão criando a sua identidade, acho que é muito mais fácil tu perguntar para uma pessoa mais velha qual a tua identidade, do que tu perguntar para uma pessoa da nossa idade qual é a tua identidade?![...]”
23/C/P/M	Jovem	“A identidade de uma pessoa não é exclusiva, pode ser de um povo, depende do âmbito que tu vais pensar, é independente da idade, hoje, a gente tem informação nos bombardeando a toda

	hora, então, sempre tem fatos novos, a identidade é uma coisa volátil, não tem muita base nos dias de hoje.”
Jovem 29/D/ES/M	“A identidade é sobrenome, é endereço, tem a família.”
Jovem 30/D/ES/M	“Há, também é uma atitude, tem a ver com a raça, tem a ver com o nosso passado, são gostos e hobbies que a gente tem.”
Jovem 26/D/ES/SG	“É o teu saber, revela você, o jeito de ser, estilo de se vestir, o que se faz, teus desejos e sonhos.”
Jovem 27/D/ES/SG	“A sua identidade tem a ver com as idéias, são as idéias fortes que tu tens, podemos ter companheirismo, sei lá. Ao meu ver o mundo é complicado. A gente pode ser diferente.”
Jovem 24/D/ES/SG	“Se tu andares com pessoas assim, que não são boas influências, mas as pessoas podem achar que tu és assim [...]”
Jovem 26/D/ES/SG	“[...] a gente não finge a nossa identidade.”
Jovem 24/D/ES/SG	“O ser humano tem muitos pecados. A gente tem preconceito.”
Jovem 24/D/ES/SG	“As pessoas julgam as aparências.”
Jovem 30/D/ES/M	“[...] Tu nasce uma coisa tu não muda, sim, nas opiniões sim.”
Jovem 28/D/ES/SG	“A gente muda as nossas atitudes.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Identidade tem a ver com o que a gente faz, aquilo que nos identifica.[...]”
Jovem 24/D/ES/SG	“A nossa identidade é influenciada pelo lugar onde a gente mora, o nosso bairro mesmo.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Para mim identidade é o meu caráter, minha personalidade, existe inclusive a expressão ‘crise de identidade’, então para mim significa que é uma coisa pessoal, a gente tem um jeito, é o nosso comportamento, nossa forma de pensar, pelo menos para mi identidade é isso.”
Jovem 35/E/ES/SG	“Identidade é como o cara é.”
Jovem 40/E/ES/M	“Identidade é como tu pensas, tua maneira de agir, ela diz quem tu é, a tua atitude diz quem tu és. A forma como tu pensar mostra tua identidade, é uma forma de se expressar, seria isso.”
Jovem 35/E/ES/SG	“A identidade a gente vai adquirindo.”
Jovem 36/E/ES/SG	“São as experiências e os erros que tu comete, então tu tiras dali e vai montando, eu acho que muita gente vem com caráter, sim, a gente é livre para escolher o que queremos, só que tem pessoas que tem a índole ruim, como as pessoas que fazem maldade, matam, eu acho que a pessoa já nasceu daquele jeito, é o instinto ruim dentro dela. [...] Levando em consideração a biologia, um pouco do caráter a gente herda, isso é um pouco hereditário e de família. [...] Nós temos um jeito e opiniões, então as vezes não mudamos e tem vezes que mudamos.”
Jovem 40/E/ES/M	“Eu acho que a sociedade nos molda, tudo depende de onde tu vive, as condições em que tu cresceu, [...] eu não acho como a colega disse que a gente nasce com isso. Eu acredito que a sociedade vai nos moldando, conforme tu vais crescendo, se a pessoa cresce no meio da violência, ou ela se adapta a ela, ou vai ter que sair dali. Se uma pessoa nasce na favela ou num bairro nobre, ela vai seguir aquele cotidiano, aquele caminho.”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] Quando uma pessoa diz que por viver no meio do crime não tinha outro caminho ela esta tentando justificar mas não é bem assim.”
Jovem 40/E/ES/M	“Só que aí entra a questão da família, pois colocar em colégio particular, dá dinheiro, isso não quer dizer educação, vamos imaginar que o pai dá tudo que o filho quer, então esse filho não vai saber o que é ‘não’, já uma pessoa que nasceu no meio do crime e não se deixa levar, é porque teve uma boa estrutura na família, quando os pais estão sempre ali, batalhando e dão esse ensinamento para o filho, é provável que o filho siga isso também. A família é a base da pessoa.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Sim, ela é fundamental. Mas tem casos que os pais fazem de tudo pelo filho e tentam educar da melhor maneira e não conseguem.”
Jovem 35/E/ES/SG	“Tudo a ver o que eles disseram, mas não tem nada a ver se o filho nasce na favela e no meio da criminalidade que ele necessariamente vá se tornar isso também, eu acho que a influência dos amigos é importante, depende também da idade que tu estás, pois eu tenho isso por mim, tinha uma época que eu era muito influenciado [...]”
Jovem	“[...] Acho que a família nos influencia na identidade, podemos muitas vezes fazer o que

40/E/ES/M	queremos e quebrar a cara, e noutras ouvir o que os pais têm a dizer e não quebrar a cara. Isso é uma influência, não tem como não ter. Na verdade, tudo nos influencia, o dia-a-dia, o cotidiano, a economia.”
Jovem 40/E/ES/M	“Sim, mesmo as vezes tu não querendo, mas a tua família te influencia.[...]”
Jovem 35/E/ES/SG	“Mas nem sempre é o pai e a mãe que moldam a nossa identidade [...]”

Quadro 13: Narrativas juvenis selecionadas acerca da identidade, da tradição e dos costumes da família

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 7/A/ES/M	“A minha avó quando eu coloquei o meu <i>piercing</i> [risos]..., o que essa guria está fazendo? Então é uma coisa que eles pensam, eles seguem uma linha, para eles, se eu estivesse naquela época lá, meu Deus.”
Jovem 8/A/ES/M	“Também, eu acho que é por isso que as pessoas mais idosas acham que a gente está perdido. Por que a gente pode fazer a nossa identidade e eles não, eles tinham que seguir os pais deles e agora a gente está se libertando mais. Que nem a minha avó, tem coisas que eu falo para ela e ela acha, meu Deus, sei lá, que daqui alguns dias eu vou.... Que nem eu disse para a minha avó que queria colocar uma tatuagem aí ela me perguntou, mas por quê? Aí ela disse: mas tu cometeste algum crime ou alguma coisa? Aí eu disse: por quê? É que só presidiário usa! [risos].”
Jovem 2/A/ES/SG	“Que nem a colega falou, tem o lado positivo e o lado negativo de te apegar as tuas origens e coisa e tal, que nem eu vou falar com a minha avó sobre um assunto, digamos sexo, ela não ia querer falar assim, ela ia ficar constrangida, agora se fosse falar com a minha mãe seria diferente, e vai ser muito diferente quando o meu filho quiser falar comigo, isso é o lado positivo, não se apegar aos costumes da tua família assim.”
Jovem 3/A/ES/M	“Antigamente, toda mulher usava vestido, daí como apareceu mulher usando calça, famosas e tal, então eu acho que antigamente eles eram muito de seguir a maioria, se a maioria era cristão, então tinha que ser cristão, se a maioria usava vestido, tinha que se usar vestido, se a maioria andava de cavalo, tinha que aprender a andar de cavalo, querendo ou não, se alguém tocava piano e era considerado rico e essas coisas, tinha que aprender a tocar piano, isso era provar que tu eras normal, hoje não existe mais isso, cada pessoa é totalmente diferente da outra.”
Jovem 15/B/ES/M	“[...] quando eu furei a orelha, o meu pai ficou todo revoltado e a minha família também, porque por parte de pai eu sou o único guri que tem a orelha furada, então ficaram todos meio revoltados comigo.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que tem dois pontos, se a tua família diz que todo mundo tem que ser assim, tu pode ser igual a todos da tua família e seguir aquela linha, mas tu podes se identificar com outros estilos de vida!”

Quadro 14: Narrativas juvenis selecionadas acerca da identidade dos “estabelecidos”

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 4/A/ES/M	“Assim, a gente estava comentando nos outros encontros sobre o interior, todo mundo anda de enxada no braço para lá e para cá, acho que a primeira impressão é essa, a primeira identidade que ficou do passado até hoje e que é a economia de Santa Cruz é o fumo, acho que uma das coisas é essa.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho também que é a cultura alemã. É que no começo, eu não sei muito sobre a história de Santa Cruz mas desde o começo tinha bastante forte isso, bem, eu não sei se ela tinha essa cultura alemã muito forte ou se foi se fortificando com o passar do tempo, hoje tem uma identidade alemã não muito forte, mas não muito fraca. As pessoas não cultuam a origem alemã, mas tem a <i>Oktoberfest</i> [Festa popular que ocorre em outubro na cidade], tem a festa das cucas, tem a <i>Christkindfest</i> [comemorações de natal], então quem vem de Porto Alegre para cá ia perguntar: o que é <i>Christkindfest</i> ? Então, tem umas coisas que as pessoas conservam, como básico da cultura alemã, acho que foi influenciada muito pelos imigrantes de Santa Cruz do Sul e pela visão das pessoas de outras cidades sobre ela.”
Jovem 7/A/ES/M	“Vou começar a falar mal de Santa Cruz! [risos] Capaz. Como eles falaram, por eu não ser daqui, eu não conheço quase nada em Santa Cruz, quando eu cheguei aqui eu não tinha noção de nada, não sabia nada sobre a cidade, com o tempo eu fui vendo que é uma cidade alemã, que tem fumo bastante, é uma cidade que mexe bastante com essa parte da economia, tem plantação e essas coisas. Com relação ao pessoal, sobre a identidade, eu me identifiquei numa parte, mas sei lá, se tu fores pegar todas as pessoas que eu conheci de Santa Cruz bem no início quando eu vim morar aqui, sinceramente, eu não gostaria de morar aqui!”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu também!”
Jovem 7/A/ES/M	“Porque o pessoal daqui é muito fechado!”
Jovem 3/A/ES/M	“Eles são fechados para o que vem de fora!”
Jovem 7/A/ES/M	“É verdade.”
Jovem 3/A/ES/M	“Tipo, eles preferem, eu vou ficar com o que eu já conheço! Deixa as outras pessoas ir me conquistando.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eles são muito fechados nessa forma.”
Jovem 3/A/ES/M	“E em todo lugar, na escola, como escoteiro quando eu vim para cá, em qualquer lugar as pessoas são assim, me prova quem tu é que daí eu abro a minha casa para ti. Então, enquanto não souber como tu é, como tu faz, como tu age, eu não te dou um voto total de confiança!”
Jovem 4/A/ES/M	“É, até por um lado é certo, tu vai abrir a tua casa para uma pessoa que tu não conhece!”
Jovem 7/A/ES/M	“Mas porque que tem ser a casa!”
Jovem 4/A/ES/M	“Não, é em relação ao que ele falou sobre a tua casa”
Jovem 7/A/ES/M	“Mas, não é só em relação a tua casa que ele quis dizer, sabe, é assim, tipo, na escola, eu cheguei o primeiro dia de aula e não veio uma pessoa falar comigo, ninguém, sabe, a gente fica isolado um bom tempo, é isso que ele está tentando falar!”
Jovem 4/A/ES/M	“Sim, eu entendo.”
Jovem 7/A/ES/M	“Aqui é muito fechado nesse sentido. E geralmente, na minha cidade isso nunca aconteceu, não acontece, chegava um aluno novo e a primeira coisa que a gente fazia era apresentar a escola, apresentar os amigos, para ele não se sentir sozinho e aqui é totalmente diferente. E do meu ponto de vista, foi uma coisa que eu estranhei muito, muito e muito no início, tanto é que eu fui me enturmar em Santa Cruz não faz dois anos e já fazem quatro anos que eu moro aqui, então, nesse ponto eu acho que são egoístas, não sei se é a palavra certa, são bem fechados, foi a única coisa que eu não me identifiquei realmente com a cidade. Mas falando da identidade mesmo eu acho que o que eles falaram da economia, dos alemães e da cultura deles, é uma identidade da cidade.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que o meio rural agora tudo está se modernizando, mas o meio rural é uma característica bastante forte de Santa Cruz, a agricultura. As pessoas parecem, até do campo e

	<p>tudo, parecem ser bem modernas e bem atuais, mas a qualidade de cidade do interior, de campo mesmo, é uma das características, das pessoas cultivarem os alimentos. Até porque é uma coisa que não tem em Porto Alegre e que eu achei muito estranho, por exemplo a minha madrastra, ela é daqui, a casa dela fica ali na rua da Estação Férrea, e é um sítio, e é no meio da cidade, tem a casa, tem um porão onde fazem vinho, aí tem o galinheiro, aí tem uma horta, na cidade e quase no centro e eu achei isso muito estranho. Então é uma qualidade rural, ela é bem moderna, mas ela ainda cultiva suas tradições.”</p>
Jovem 1/A/ES/SG	<p>“Eu acho que essa coisa do fumo, da cultura alemã, o povo realmente é muito tradicional, é uma característica de todo mundo de Santa Cruz e tanto para pessoas novas, quanto para idéias novas, como para tudo [...]”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“E eu também acho que eu fiquei um pouco fechado assim, até porque não é uma coisa ruim nem boa, é uma qualidade, ruim para quem vem de fora, mas boa para quem está em Santa Cruz, porque, que nem ela falou, nas outras cidades, eu penso em Porto Alegre porque é o que eu conheço melhor, mas se chega um aluno novo na escola tu vai aos pouquinhos descobrindo a pessoa. Aqui não, a pessoa tem que te provar, te mostrar quem ela é, e não tu procurar a pessoa, isso é uma qualidade, bom para ti que não sabe se está falando com um bandido ou um santo né, então tu não podes chegar direto porque é perigoso, mas tu também não podes ficar totalmente fechado. [...]”</p>
Jovem 6/A/ES/M	<p>“Bom, como tem essas coisas, hum, alemães, eles ainda cultivam esse meio que a gente convive agora, mas eu acho legal da parte da cultura, que eles ainda tem as danças e as comidas típicas, e concordo assim que o povo seja bem fechado, só que depende de alguns, que não é o caso de ser fechado e não ser, é uma questão de tu conhecer a pessoa, só porque tu viu a pessoa ali e tu já vai dar confiança no primeiro dia que tu conversar com ela, acho que é uma questão de conhecer melhor cada um. Acho que cada um se identifica um pouco com Santa Cruz, acho que toda pessoa de fora que vem para cá, acaba vendo que as coisas são diferentes. Em Sinimbu não é como aqui, o povo aqui é bem mais hostil, eles tem um jeito de receber as pessoas diferente do que aqui em Santa Cruz, o pessoal de lá é bem mais simpático, é que Santa Cruz é fechado mesmo e isso é porque não conhecem. Mas não é por ser Santa Cruz, noutros lugares também é assim, se chega pessoas diferentes claro que todo mundo vai ficar assim, quem será a pessoas. Que nem o caso dela, a gente tem vontade de chegar e perguntar o nome do aluno novo na escola, mas tem medo da pessoa dizer: eu não quero falar contigo, eu não sou de conversar! Esse é o medo, não é o caso de antipatia, por ser antipático, mas tem medo de ganhar um não na cara. É, que nem quando eu estudava lá em Rio Pardiniho, eu sempre fui mais aberta, não que eu mudei alguma coisa, mas que quando chegava alguém, eu perguntava o nome e mostrava o colégio e tudo. Só que aqui o pessoal já é diferente, aqui no colégio muita gente de fora, que está aqui há poucos anos e não tem como apresentar toda a escola.[...]”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“A colega falou um negócio, a gente teve um colega o ano passado né, dos Estados Unidos, aí ele chegou, aí disse ‘oi tudo bom!’, e a professora mandou a gente dizer ‘oi’ e ‘tudo bem’, daí na hora do recreio ele ficou parado assim conversando com um guri que ele estava de hóspede e só, aí eu estava lá fora aí eu disse para o pessoal, vamos lá falar com ele, aí o pessoal disse: não, para quê, então vamos chamar ele aqui, e o pessoal disse: não, não., eu não sei falar, não vamos saber o que falar. Então as pessoas estavam assim com medo de o quê ele vai dizer, o que ele vai dizer.”</p>
Jovem 4/A/ES/M	<p>“É que tinha uma diferença a mais, ele não falava português.”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“Isso, ele não falava português, então a gente tinha que cuidar para falar, sabe, as pessoas são curiosas e tem vontade de conhecer o novo mas tem medo do que vai descobrir.”</p>
Jovem 6/A/ES/M	<p>“E nesse caso, as pessoas são tímidas, mas não é o caso da timidez, mas o medo de chegar e perguntar qual é o teu nome? Tu estas gostando da escola? É esse o caso e não timidez, tu fica com medo de levar um não, da pessoa dizer, mas porque tu vieste falar comigo se tu nem me conhece?”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“Lá na capital as pessoas tem mais curiosidade, bah, chegou um colega novo, vamos lá, e vão lá e falam, tentando descobrir e tirar daquela pessoa informações que gostaria de ter. Aqui em Santa Cruz é o contrário, tem um grupo de pessoas fechadas.”</p>
Jovem 4/A/ES/M	<p>“Demora mais para as pessoas se enturmarem, depois de um tempo sim.”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“Mas também, depois que os santa-cruzenses conhecem bem, eles abrem a casa, começam a conversar, daí é uma festa, que é uma característica aqui de Santa Cruz, eles são muito alegres, tanto que tem pessoas muito alegres, já em Porto Alegre tem bastante assalto e</p>

	violência. Aqui é um povo bem alegre, tanto que tem a festa da alegria [<i>Oktoberfest</i>]. Depois que passa a barreira do medo, as pessoas daqui te tratam como se fosse da família, mas até lá, tem dois três, quatro e anos de aprovação para aí depois ser esta festa.”
Jovem 8/A/ES/M	“Sabe, a disciplina aqui. O povo daqui é muito disciplinado! E eu não sou assim, mas meu pai por exemplo adora a cidade porque tem essa disciplina extrema, então ele adora. [...] Sei lá. Sabe, ultimamente eu ando esquecendo muito das coisas, aí as pessoas perguntam: mas como? E as pessoas aqui são assim, tem que fazer isso!”
Jovem 1/A/ES/SG	“É, eu acho que têm mesmo um jeito diferente de falar, palavras diferentes.”
Jovem 3/A/ES/M	“Por exemplo, acho que no primeiro dia de escola, por brincadeira assim na aula, me disseram, olha que eu vou te passar o schlabber [essa palavra vem do dialeto local e significaria chinelo]! [risos] Eu nunca tinha ouvido essa palavra, aí eu pensei, como as pessoas usam o alemão misturado com a língua portuguesa e não percebem, aí tu pergunta, tu gosta de falar o alemão, tu sabe falar, aí dizem: eu não sei falar alemão. Eu não gosto. ”
Jovem 4/A/ES/M	“Na realidade a pessoa está falando por mensagem!”
Jovem 4/A/ES/M	“Bom, tu caminha no centro, tu vê as pessoas, em dias de semana, de salto alto e aquelas coisas exageradas.”
Jovem 8/A/ES/M	“Que nem aquelas coisas do passado.”
Jovem 4/A/ES/M	“E até os professores são assim, aí tu vai conhecer a pessoa, ela não tem nada em casa, mas anda toda arrumadinha. Não por não ter, mas Santa Cruz valoriza muito isso, aqui é ‘eu sou’ e ‘eu tenho’, é uma cidade de aparências.”
Jovem 8/A/ES/M	“Eu também acho!”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu tenho um amigo, e esses dias eu estava lá na casa dele e a mãe dele, bom, eles vieram a pouco tempo de Florianópolis, então, a mãe dele foi pro centro de tarde e voltou e disse assim: ‘meu Deus do céu!’, aí eu disse ainda bem, porque eu pensei que era eu que pensava assim. Então ela disse que ela olhava as pessoas e achava que ela estava usando trapos assim, que nem uma mendiga andando na rua. E eu que pensava que era só eu que achava isso.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu gosto de Santa Cruz em certos pontos, que nem, falaram que Santa Cruz é uma cidade projetada, dizem até bem mal projetada, mas eu acho bonita a cidade, que tem pontos, tem várias casas antigas e o pessoal não dá muito valor, e eu gosto muito da arquitetura moderna e antiga, mas eu acho que o pessoal não está se ligando, então vai chegar num ponto que não vai mais ter. Santa Cruz muda muito rápido, tu olha e vê o número de carros que tem santa Cruz, eu acho isso um absurdo, tu pára ali no centro, na rua e olha, é muito carro.”
Jovem 8/A/ES/M	“Adoro Santa Maria!”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu acho que tenho mais a ver com cidades de fora, ou maiores. Porto Alegre e Santa Maria são duas cidades que eu quero tentar vestibular.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Aí eu estava olhando a Universidade de Santa Maria lá com o meu tio, nossa toda suja, não tem árvore, é tudo mal cuidado, tudo é muito, sei lá, o pessoal é mais sujo, sei lá, cidade tem uma rua que sobe e outra que desce, é tudo assim, tudo misturado, aqui não, a gente sabe tudo, está certo que eu vivo aqui desde quando eu nasci há 16 anos atrás, quase 17 anos, e eu me acostumei com isso. Quando eu cheguei, pensei, que saudade!”
Jovem 8/A/ES/M	“É, é estranho, é um pouco desorganizado!”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu falei para as gurias, eu fui numa praça lá, acho que é Itaimbé, aí, é tudo atirado, e aí eu disse: cara isso não tem na minha cidade! E elas começaram a rir, porque elas ficaram falando que eu morava no interior do interior, aí eu disse: bah, que saudade de lá eu falei! [risos] Aqui cheguei aqui, e é totalmente diferente, né? As praças lá são atiradas [Santa Maria]”
Jovem 8/A/ES/M	“Acho que isso tem a ver com eles serem bem liberais, tudo está crescendo, tu pode te vestir do jeito que tu quiser, tu pode falar o que tu quiseres, tu podes ser tu mesma [...]”
Jovem 10/B/ES/SG	“[...] é sempre a mesma coisa que já tem noutros lugares, não tem lugar diferente para tu frequentar, é uma coisa que eu não gosto em Santa Cruz. Se tu queres ir numa festa, todas as festas são os mesmos ritmos.”
Jovem 9/B/ES/SG	“É o tunti-tunti [se referindo ao estilo de música dance ou bandinha].”
Jovem 14/B/ES/M	“Ah não, eu gosto das festas de Santa Cruz, porque tem bastantes festas, qualquer pessoa que eu falo que são de outras cidades dizem, como tem festa aí.”

Jovem 10/B/ES/SG	“Sim, tem festas, mas sempre toca coisas iguais. Não só festa, mas umas coisas que tu pudesse ir de tardezinha.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Aqui tem festas e tu vai para lá e para cá, e tu não te sentes ameaçado, em São Paulo e Rio de Janeiro as pessoas tem medo de sair na rua, tu vai ser assaltado, tu vai ser... outra coisa [...]”
Jovem 15/B/ES/M	“É, até porque isso vai se perdendo com o tempo, como é o caso da língua, tipo, então todo mundo falava alemão, agora tem meia dúzia de gatos pingados.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Não, não é só meia dúzia!”
Jovem 15/B/ES/M	“Não, o que eu estou dizendo é que antes de nós tinha bastante gente que falava alemão!”
Jovem 13/B/ES/SG	“É, mas é diferente!”
Jovem 9/B/ES/SG	“O alemão da Alemanha é bem diferente!”
Jovem 15/B/ES/M	“Aqui era dialeto!”
Jovem 9/B/ES/SG	“É que nem o inglês dos Estados Unidos e não da Inglaterra!”
Jovem 12/B/ES/SG	“O patrão da minha tia também veio da Alemanha, o alemão daqui eu compreende, mas de lá, nem pensar!”
Jovem 11/B/ES/SG	“[...] gosto muito da cidade, bem arrumadinha, bem limpinha, mas, só isso! As pessoas me perguntam de onde sou, aí eu digo, de Santa Cruz do Sul, tu não conhece? É a cidade da <i>Oktoberfest</i> ! Aí elas dizem: há, sim!
Jovem 15/B/ES/M	“É, todo mundo que conversa contigo pergunta, onde fica Santa Cruz? Sempre digo: é a terra da <i>Oktober</i> ! Eles respondem: há, sim!
Jovem 12/B/ES/SG	“Na praia me perguntaram de onde eu era, aí eu disse: de Santa Cruz! Aí me dissera: há, daquela cidade que tem a segunda maior <i>Oktoberfest</i> ?! Sim. Então eles disseram que estava querendo vir para cá, e me perguntaram: que mais tem? Eu disse: só isso (risos), é <i>Oktober</i> , <i>Oktober</i> e <i>Oktober</i> ... Mas eu sou gaúcha e brasileira, as duas coisas, mas também me identifico com a minha origem, italiana, indígena e africana. Mas sou gaúcha por cultivar os costumes daqui, da cultura, da culinária, eu já dancei em CTG [Centro de Tradições Gaúchas], meu irmão também. Bom, eu nasci aqui, em Santa Cruz, mas com os santa-cruzenses eu não me identifico muito! Isso porque aqui tem um modo de ser, gosto de ir para Santa Rosa e Campo Bom porque me identifico mais com estas cidades. Aqui eu tenho a família do meu pai, mas eu me identifico mais com a família da minha mãe.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que pelo fato de ser uma cidade grande as pessoas são mais, fechadas, por exemplo, quando tu sai numa cidade menor, numa festa tu acabas conhecendo uma centena de pessoas. Eu acho que lá, em Porto Alegre isso não acontece.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Já ali em Venâncio Aires as pessoas são de cuidar mais da vida do outro, claro, aqui tem, mas não é tanto quanto lá.”
Jovem 15/B/ES/M	“Aqui tem,tem umas velhas que ficam cuidando!”
Jovem 14/B/ES/M	“As pessoas daqui são bem receptivas sabe, bem simpáticas também, na imigrante ou nas festas, todo mundo que tu vê te cumprimenta. Aqui não tem aquela coisa de ser estranho e não cumprimentar, as pessoas cumprimentam todo mundo. Por exemplo, que nem as minhas primas lá em Porto alegre nunca que elas vão sair de noite sozinhas, porque só tem pessoas desconhecidas, elas sempre saem em galera para poder se divertir, e aqui tu não precisa, claro, tu não vai sozinho, mas tipo, sempre tu encontra os teus amigos, às vezes parece que a cidade é desse tamanho [gesto com mão indicando pequeno] [...]”
Jovem 21/C/P/M	“Eu estava pensando agora, eu sempre falo com o meu irmão, quando a gente passa pelas pessoas mais velhas na rua, geralmente estão falando alemão, eu acho que isso é típico santa-cruzense, da colonização alemã, mas, sei lá, me dá meio que uma raiva [risos], sei lá, eu penso que se tu queres falar alemão então vai para a Alemanha.”
Jovem 18/C/P/SG	“Eu acho que isso é uma característica de uma população de interior, e Santa Cruz é interior, e agora está evoluindo, vai chegar uma época que tu não vai encontrar gente falando em alemão em Santa Cruz.”
Jovem 22/C/P/M	“É verdade.”
Jovem 23/C/P/M	“Não sei se dá para colocar uma identidade em Santa Cruz, eu acho que muitas pessoas vieram de outros lugares para cá e influenciam, uma coisa que eu consigo comparar é com

	Uruguaiana, freqüentemente eu vou para lá, e lá é totalmente diferente, aqui as pessoas tem um jeito mais 'grossa' de ser, entre aspas, porque eu fui num restaurante com o meu pai, e uma mulher estava se servindo e pediu para ele segurar o prato dela para ela então conseguir cortar um pedaço de torta, eu achei nisso, um fato que em Santa Cruz nunca ia acontecer, imagina, chegar e pedir para alguém: oi, tu pode segurar o meu prato?! Eu fiquei o resto do dia pensando naquilo, pois em Santa Cruz as pessoas são muito mais, vamos dizer, mais ricas, e lá as pessoas ficam conversando e te dão oi na rua. Nas lojas também, os atendentes são diferentes, por favor compra, lá eles quase te colocam no colo, eu te dou isso e aquilo, eles fazem tudo por ti, e aqui não, os atendentes estão ali por uma obrigação, não se isso é uma característica de ser."
Jovem 20/C/P/M	"As pessoas aqui são mais fechadas. Eu acho que isso é por causa da cultura alemã."
Jovem 22/C/P/M	"É."
Jovem 23/C/P/M	"São mais fechados."
Jovem 20/C/P/M	"Sim, as pessoas de origem alemã são mais fechadas, não falam e ficam te olhando em vez de te dar oi. [risos]"
Jovem 17/C/P/SG	"O meu avô foi para a Alemanha, aí ele veio de um lugar que tinha a cultura alemã aqui, então ele perguntou para um cara: onde fica tal lugar? Então o cara respondeu: tu não sabes ler?! Tipo, eles não são nenhum pouco hospitaleiros. Bom, eu não sei se isso é coisa de cidade pequena, mas tem muita fofoca, todo mundo sabe da vida de todo mundo e acho que as pessoas falam em alemão porque estão falando de alguém, falam da vizinha e não sei mais quem..."
Jovem 18/C/P/SG	"Quando eu vou para a minha avó. As pessoas do interior são assim, ficam falando alemão e comentando as características, pois as pessoas se conhecem."
Jovem 21/C/P/M	"É, mas isso é bem coisa de cidade pequena do interior, afinal, Santa Cruz tem quase cem mil habitantes. Então aqui, isso é pior ainda."
Jovem 18/C/P/SG	"Mas sempre tem as pessoas mais velhas, as gerações passadas ainda continuam, não vão mudar assim, simplesmente porque está progredindo e crescendo a cidade."
Jovem 21/C/P/M	"Está, mas eu me referi ao fato de todo mundo conhecer todo mundo, o bairro, as famílias, então eu acho que é o que ele falou, aqui as pessoas são mais fechadas."
Jovem 23/C/P/M	"Eu acho que são fechadas por causa da cultura. Não que seja uma coisa ruim, mas é uma coisa que eu percebi."
Jovem 22/C/P/M	"É."
Jovem 17/C/P/SG	"Talvez tenha traços de economia, eu acho que as pessoas estão sempre fechadas talvez porque a cidade não ofereça muita coisa, ou melhor, muitas oportunidades."
Jovem 23/C/P/M	"Santa Cruz se comparada às outras cidades, tem tudo mais amplo, comércio, indústria. Porque lá nas cidades da fronteira, tu vais andar duas ou três ruas e não vai ver nada. Mas também, por Santa Cruz aparentar ser uma cidade de classe média assim, como também tem pessoas de classe alta, as pessoas são mais fechadas, bom, eu tenho oportunidade de conversar com todo mundo, desde o guardinha até a faxineira, são todos meus amigos, então tranquilo, mas tu vais falar com alguém na rua é outra coisa, quando alguém conversa contigo, aí tu vais ver, ele não é daqui. Então se tu falas com alguém de fora ele já te puxa conversa. Mas eu acho que Santa Cruz está mudando bastante, não só esta cidade, mas qualquer outra. Por exemplo, a nossa mentalidade com relação à língua alemã, aos poucos a língua vai decaindo, porque as pessoas de agora não vão ter as mesmas características de antes. Antes tinha em quase toda família pessoas que falavam o alemão, já na minha família, os meus avós falavam alemão, mas já a minha mãe, o meu pai eu e os meus irmãos ninguém fala, então essa característica vai se perdendo, não que vai se mudar completamente, mas aos poucos vai havendo a globalização. Tudo influencia na mudança."
Jovem 17/C/P/SG	"Eles falaram na <i>Oktobefest</i> , eu acho que aos poucos vai se perdendo, tudo vai ficando meio banalizado."
Jovem 21/C/P/M	"Eu falava para as pessoas, eu moro em Santa Cruz agora, então todos me respondiam: há, a cidade da <i>Oktobefest</i> ."
Jovem 24/D/ES/SG	"As pessoas de outras cidades tem um sotaque diferente. Quando eu conheci um pessoal de Santa Maria, com aquele sotaque de 'leite quente nos dentes' eu pensei: será que a gente aqui também tem sotaque?!"
Jovem	"Quando eu vim para cá, um dia um amigo me ligou e disse: bah, tu já está falando como o

30/D/ES/M Jovem	“O pessoal lá de cima de aonde eu venho eles dizem ‘buenas’ quando cumprimentam e aqui dizem ‘oi’”.
31/D/ES/M Jovem	“Os alemães aqui falam sempre ‘ja’!”
26/D/ES/SG Jovem	“Os alemães daqui trocam todos os ‘r’. Por exemplo carroça, eles dizem ‘caroça’.”
31/D/ES/M Jovem	“A minha mãe falava assim [risos].”
26/D/ES/SG Jovem	“Eu acho que a identidade do santa-cruzense é mais gaúcha, que nem quando a gente vai à praça, sempre tem alguém tomando chimarrão, que sai com a cuia na mão, ou mesmo vestido até, se bem que tem uns que não são.”
35/E/ES/SG Jovem	“Tem os alemães também.”
37/E/ES/SG Jovem	“É, mas não sei, quando a gente vai a Porto Alegre vemos pessoas com o mesmo estilo de roupa, sim, tem umas pessoas com cara de interior, tu vê e falas: aquele ali é do interior, isso por causa do jeito de se vestir, a forma de se comportar, fora isso não. Mas a gente tem a mania de dizer, tem que ser alemão, tem que ser preto, tem que ser brasileiro.”
36/E/ES/SG Jovem	“[...] quando eu cheguei aqui eu vi que era diferente, pois quem vem de fora vê, o exemplo é que um bom grupo de pessoas falarem alemão ou tem descendência, tu vê isto quando chegas aqui, a gente vê que as pessoas são diferentes, as vezes a gente vê uma pessoa de pele mais escura falando alemão, isso aí é uma identidade de Santa Cruz. No caso lá, da onde eu vim, a linguagem é diferente, então qualquer pessoa que chega aqui, logo o pessoal percebe que não é daqui. Aqui tem uma cultura diferente, pois lá de onde eu vim tem mais italianos e essas coisas assim, é mais perto da fronteira, tem a influência dos espanhóis, é diferente a forma de falar, o jeito de agir né, se pensa de uma maneira diferente.”
40/E/ES/M Jovem	“[...] Se a gente fala com uma pessoa mais velha que nós, percebemos um sotaque de alemão, meio enrolado, a gente logo decifra quem fala alemão, até na linguagem do jovem, pois tem certa influência do alemão, mesmo que nem todos falem, mas lá em São Pedro o jovem fala de outro jeito. Quando eu cheguei aqui eu vi que os jovens falam diferente de lá, o pessoal aqui sempre me dizia, porque eu pronuncio bem o ‘e’, então sempre diziam que eu vinha das grotas, mas não é por isso, mesmo que eu venha de uma cidade pequena, é que lá da onde eu vim falavam assim.”
40/E/ES/M Jovem	“O jovem é muito de gíria, e tem gíria santa-cruzense com certeza, um exemplo é que muita gente fala quando a festa estava cheia e legal que ela ‘bumbou’, se eu falar isso lá em Porto Alegre a minha prima vai rir da minha cara! Eu até falei uma vez isso, e a minha prima riu da minha cara, pois eles falam ‘bombô’, e não colocam o ‘u’. Lá na cidade da minha avó eles também têm umas gírias, por exemplo, quando alguém é muito feio eles dizem: toca as éguas Salvador! [risos].”
36/E/ES/SG Jovem	“Por exemplo, aqui o pessoal fala aipim, mas lá em São Pedro é somente mandioca, é muita diferença. Mas certamente a minha identidade é mais gaúcha.”
40/E/ES/M Jovem	“Ah, mas as pessoas aqui gostam bastante da bandinha, isso tem também lá, mas é diferente daqui, não é assim bailão todo o final de semana, pois lá em São Pedro baile é somente uma vez por mês. Lá predomina o gauchismo, o churrasco final de semana, e quando a gente chega aqui, percebe que é um povo mais fechado, a gente sente isso. Quando eu e a minha família chegamos, era difícil as vizinhas virem puxar conversa com a mãe, acho que é porque a mãe gosta de conversar e dar, então quando chegamos os vizinhos não davam oi. O povo daqui é mais fechado sim, mas não deixa de ser um povo amigo, um exemplo é quando vamos viajar para São Pedro, então os vizinhos cuidam a nossa casa, mas até conseguir entrar em Santa Cruz, leva um tempo sim.”
40/E/ES/M Jovem	“O povo aqui é fechado e desconfiado. Santa Cruz não é uma cidade de acolher.”
36/E/ES/SG Jovem	“A gente acha que não tem diferenças, mas que nem que moro aqui no interior do Estado gaúcho, como se diz, influenciada pelas grotas, e os meus parentes e a minha prima moram em Canoas, então quando eu vou para lá e converso inclusive com os meus amigos, eles ficam me tirando, mas eu acho que o meu sotaque é que nem o da minha prima porque a gente é gaúcha, mas tem diferença sim.”
36/E/ES/SG Jovem	“Sim, a diferença é o tom cara, eu cheguei na praia e já mora em Santa Cruz e falando em vez de ‘de’ ‘di’, então na praia eu fui falar com uns caras e eles me perguntaram onde eu morava, aí eu disse que era em Santa Cruz, e eles me perguntaram: onde ficava isso?!...”

Jovem 38/E/ES/M	“Ah não, não acredito que não sabiam.”
Jovem 40/E/ES/M	“Aí dali a pouco eles me perguntaram: mas tu nasceste lá?! Então eu disse que não, que nasci em Santa Maria, eles me perguntaram de novo onde ficava, então os caras aqui em Porto Alegre, e olha o tamanho que é Santa Maria e não sabiam cara.”
Jovem 38/E/ES/M	“Sim, quando eu vim de Cachoeira para cá, eu notei que aqui os caras falavam ‘ô massa’, ‘tri massa’, usam o ‘ô’ para muita coisa.”
Jovem 40/E/ES/M	“Quando eu cheguei aqui fui morar no bairro Arroio Grande, e lá tem um campinho de futebol, então eu fui lá para jogar com os caras, mas no início eu não entendia o que eles falavam, era muita diferença assim, aí eu falava alguma coisa e eles me diziam ‘hã?’, aí quando eles falavam alguma coisa era a minha vez de dizer ‘hã?’ [risos]. Então se tu fores lá na fronteira e falar com um cara, tu não vais entender nada.”
Jovem 36/E/ES/SG	“É, o pessoal que vem de Alegrete, os jovens falam conforme suas famílias, mas acrescentam seus sotaques, então eles falam uns termos assim, tipo, de gaúcho sabe.”
Jovem 40/E/ES/M	“É que eu por exemplo morava numa cidade pequena e o pessoal de lá tem uma cultura local muito própria, quando eu ia para Santa Maria eu sentia diferença na fala, se tu fores mais para fronteira, para as bandas de Santiago ali eles falam muito difícil sabe, então a cultura é muito local, aqui em Santa Cruz tem mais, tem os alemães, tem gente de Rio Pardo, e de outros lugares também, então mistura a fala.”
Jovem 38/E/ES/M	“Sim, eu tenho uns amigos aqui que são de origem alemã, então tu podes pegar um gurizinho cara que tu já vê diferença na fala, então ele vai falar nos moldes da família alemã.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Sim tipo assim ‘patata’ [risos]”
Jovem 36/E/ES/SG	“Isso.”
Jovem 36/E/ES/SG	“É, falam ‘caroça’, ‘caro’ [risos].”
Jovem 40/E/ES/M	“Esses tempos eu fui com o meu pai numa cidadezinha perto daqui, não me lembro o nome, mas a gente ia falar com o pessoal e eles falavam direto alemão e meio assim sabe, tipo, ‘tuto’ para dizer ‘tudo’ [risos].”

Quadro 15: Narrativas juvenis selecionada acerca do pertencimento do “eu”

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Acho que toda a sociedade tem pessoas que vivem nela, daí acho que pertencem.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu pertença significa que eu me identifico, mas quem me olha de fora vê que eu não pertença a aqui.”
Jovem 4/A/ES/M	“É, tu pertence como um número, sabe, mas tu pertencerias a Santa Cruz mesmo se fosse, se tu não cultivasse toda a cultura alemã.”
Jovem 3/A/ES/M	“Acho que se tu tivesse a característica da maioria das pessoas, mas Santa Cruz tem muitas diferenças, por exemplo, uma diferença que é bem visível e notável no jeito de ser da pessoa, é o meio urbano e o meio rural, no meio rural eles falam alemão, no meio urbano algumas pessoas tem até nojo do alemão, de ver falar alemão.”
Jovem 4/A/ES/M	“Trauma!”
Jovem 3/A/ES/M	“Acho que no meio rural as pessoas são mais parecidas que no meio urbano, neste último há mais diferenças.”
Jovem 4/A/ES/M	“No meio urbano tu encontra as pessoas mais velhas falando alemão, os mais jovens já é muito difícil.”
Jovem 3/A/ES/M	“Jovens, só se vieram do meio rural.”
Jovem 4/A/ES/M	“É.”
Jovem 3/A/ES/M	“Daí, o meio urbano é mais dividido, tem mais grupos, tem o grupo mais velho, que age diferente do grupo mais novo, aí tem as pessoas que estudam, as pessoas que gostam muito de festa, as que não gostam, no meio rural não tem muito disso, as pessoas são muito mais

	parecidas, as pessoas se vestem mais parecidos, gostam de coisas parecidas, as casas são parecidas, o jeito de organizar né, cultivar as coisas que todo mundo cultivava a mesma coisa, as mães gostam de flores, de plantar, de cozinhar, eles tem características assim. Eu acho que eu pertencço à sociedade urbana, mas se for comparar com Santa Cruz no geral, daí eu acho que não pertencço, porque daí envolve muita gente, muitas pessoas diferentes, acho que no final eu não pertencço.”
Jovem 4/A/ES/M	“Que nem ele, eu acho que em número assim no urbano, mas no total eu não pertencço, acho que eu me sinto meio que de fora daqui.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu disse pra minha mãe esses dias que eu tava em Santa Cruz de passagem, disse brincando com ela. Ela disse, tu estás aqui de passagem há seis anos já? Mas isso tem um pouco de verdade, porque a identidade de Santa Cruz não combina muito com a minha identidade. Entendeu? Pra mim, a minha identidade combina com a identidade de Porto Alegre, com as pessoas que eu convivi em Porto Alegre. Então, quando eu vou pra lá, eu me sinto em casa. Aqui eu me sinto, apesar de viver aqui e de não estar lá, me sinto menos em casa aqui do que lá, porque as pessoas lá são mais parecidas comigo. Eu vim pra cá depois que eu já tinha formado a minha identidade lá, e as pessoas que nasceram aqui, talvez, sintam-se mais daqui porque a identidade delas começou a ser formar aqui.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu acho que eu não pertencço aqui, eu vivo aqui, eu estudo aqui, eu consumo aqui, mas a me identificar com a sociedade aqui, acho que não. Bem, tem vários grupos assim, mas no geral, as pessoas de Santa Cruz eu acho que não tenho muito a ver não. Bem pertencço, mas eu não me identifico.”
Jovem 6/A/ES/M	“Olha, eu não me considero uma santa-cruzensense, que nem eu coloquei antes, entre aspas, um povo fechado, mas já me considero uma sinimbuense, não santa-cruzensense, por mais que eu tenha passado mais tempo em Rio Pardiniho, que pertence a Santa Cruz, só que não me identifico como uma santa-cruzensense. Como, por exemplo, as festividades, o povo daqui, as crenças, os costumes é bem diferente do que eu convivi, pouco me relaciono, não encaixa sabe, pode até para os outros se encaixar, mas na minha cabeça, o que eu penso é bem diferente.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu não pertencço aqui. Eu não me identifico com as pessoas, bem pouco, as características, a forma de eu ser, o dia-a-dia, é totalmente diferente, eu sou espontânea, se tem uma pessoa precisando de ajuda eu vou lá e tento ajudar e muitas pessoas aqui não são assim, como a gente havia comentado, o pessoal aqui é muito fechado, e eu não sou assim, então eu não me considero uma santa-cruzensense, mas tem um pessoal, como ele falou, dos grupos, então tem um grupo que eu me identifico muito, então ali eu posso ser uma santa-cruzensense, quando eu estou em volta deles, quando eu estou sem eles eu não me considero.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu já fui identificado como não sendo de Santa Cruz logo que eu cheguei, porque até o sotaque de Porto Alegre é diferente do sotaque de Santa Cruz do Sul, em Porto Alegre a gente pergunta: O quê? Aqui pergunta: O quê qui?” [risos]
Jovem 1/A/ES/SG	“É verdade!”
Jovem 3/A/ES/M	“Lá se diz, ela teve um ataque, aqui é ganhou um ataque! E até o jeito de falar, é diferente, então logo no início diziam: mas tu não és de Santa Cruz né! Eu dizia, não, não, eu sou de Porto Alegre, aí as pessoas diziam: hã, está. Bem, isso nunca aconteceu, mas se alguém chegar e falar mal de Santa Cruz, eu vou dizer, problema dos santa-cruzensenses, mas se falar mal de Porto Alegre aí eu posso me ofender, é uma coisa que eu não sei porquê, mas eu acho é porque as minhas características são de um porto-alegrense. Que nem essa, eu falar, e falaram em alemão comigo, aí eu disse, como é que é? Não é em alemão! Aí eu disse: hã, está. Quando eu vou para Porto Alegre, sem perceber, por causa de uma característica daqui, bem que seis anos não é pouco tempo, eu começo a falar alemão com o meu irmão e a xingar ele, nas poucas palavras que eu sei, aí ele diz, mais isso é jeito de santa-cruzensense, então são notáveis estas características para o pessoal de lá, elas já vem que eu tenho alguma influência de Santa Cruz, então Santa Cruz não passa despercebida pela minha vida, tem bastante coisas daqui que formaram a minha identidade, mas a minha identidade ainda continua sendo em sua maior parte de Porto Alegre.”
Jovem 4/A/ES/M	“Sei lá assim, por eu ter nascido lá, então as pessoas dizem que eu não sou daqui, mas sei lá, as pessoas até ficam brincando.”
Jovem 6/A/ES/M	“Quando eu vim embora para cá, acho que, não me identificaram como uma pessoa que veio de outro lugar .”
Jovem 3/A/ES/M	“Talvez porque Sinimbu é mais perto!”

Jovem 6/A/ES/M	“É porque, tanto Sinimbu quanto Rio Pardinho tem a ver com aqui, tanto que lá também é comemorada a imigração alemã. Então os sotaques são parecidos, tem as gírias mas vieram de Santa Cruz.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Santa Cruz também tem essa coisa, uma pessoa vem de fora com o sotaque diferente, tem muita gente de fora.”
Jovem 3/A/ES/M	“É, tu é diferente, às vezes parece que as pessoas não aceitam muito as idéias de diferença de adotar sotaques de outros lugares, são pessoas conservadoras da sua identidade. Então, há, sempre falam, coisa de menino da capital, coisa de guri de Porto Alegre. As pessoas falam e acham que vão ser aceitas, e acabam...”
Jovem 4/A/ES/M	“Sei lá assim, por eu ter nascido lá, então as pessoas dizem que eu não sou daqui, mas sei lá, as pessoas até ficam brincando.”
Jovem 7/A/ES/M	“É, acabam rindo! Eles acham que o linguajar deles é o certo.”
Jovem 3/A/ES/M	“Isso, acabam rindo.”
Jovem 4/A/ES/M	“Tem um colega nosso que é paulista e ele fala as coisas e até nós mesmos acabávamos rindo sabe, e enchendo o saco dele, mas é porque, bem depois a gente acaba pegando o costume dele.”
Jovem 7/A/ES/M	“É verdade, quando eu cheguei aqui implicavam muito, bem, eu dizia para alguns colegas: cala a boca garoto! A gente falava assim, e um dia um colega virou para mim e a turma toda ficou rindo, aí eu perguntei do que eles estão rindo? Aí esse meu colega disse que aqui não se usava garoto ou garota, e sim, guri ou guria. Então, eu acho que como ele falou, que a cidade tem um linguajar daqui, e as pessoas não acabam aceitando às vezes o que as pessoas de fora como eu falam.”
Jovem 3/A/ES/M	“Temos uma colega que é de Caçapava do Sul, então, quando ela chegou falava: Pára tchê! Mas que coisa tchê! E de ouvir isso a gente ficava rindo [risos], porque, apesar de nós estarmos no Rio Grande do Sul, todas as pessoas não falam tchê! Então, em vez das pessoas aceitarem ou não darem bola, elas dão importância e tentam, mesmo sem querer ou sem saber, impor as suas características na pessoa que vem de fora. Acho que tentam transformar a pessoa de fora num santa-cruzense, mas isso sem querer!”
Jovem 7/A/ES/M	“É, acabam rindo! Eles acham que o linguajar deles é o certo.”
Jovem 7/A/ES/M	“Acho que em relação ao pertencimento, eu posso dizer que eu sou gaúcha!”
Jovem 4/A/ES/M	“Até, a gente brinca, pelo orkut que antes de brasileira, eu sou gaúcha, sabe. E eu me considero com certeza mais gaúcha do que santa-cruzense, e mais ainda do que brasileira!”
Jovem 7/A/ES/M	“Deve ser porque tu frequêntas o CTG!”
Jovem 4/A/ES/M	“Não sei sabe, talvez seja por isso também, mas eu tenho toda a influência que vem desde pequena, meu pai adorava aqui, minha mãe também e faziam parte, e eu acabei gostando do Rio Grande do Sul como parte da minha personalidade, como costume meu, eu não me considero uma Catarinense, eu me considero uma gaúcha!”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu sou gaúcha, mas eu também tenho o meu pesinho lá em Quarai, essa minha origem é importante!”
Jovem 6/A/ES/M	“Eu não me considero bem uma santa-cruzense e nem uma sinimbuense, o pessoal lá de Sinimbu, lá da região de Rio Pardinho, a gente se considera gaúchos, a gente se identifica com a questão do campo, então ser gaúcha é muito importante para mim, mas mais que brasileira eu acho que não. Eu me identifico com os costumes gaúchos, churrasco e chimarrão, brasileira já não tanto, mas eu sou brasileira!”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu sou gaúcha e depois brasileira. Santa-cruzense nem tanto! [risos] Eu gosto do fato de ser brasileira, mas eu prefiro dizer que sou gaúcha. Bem, eu não gosto muito dessa coisa de CTG, não sou uma das pessoas que amam churrasco e chimarrão e essas coisas assim, não gosto das músicas de tradição gaúcha! [risos] Mas eu acho que o Rio Grande do Sul tem uma cara mais, mais...”
Jovem 3/A/ES/M	“É como se fosse outro país!”
Jovem 1/A/ES/SG	“É. As pessoas parecem mais, mais...”
Jovem 6/A/ES/M	“É que quando alguém pergunta: tu és gaúcho? A, tu é gaúcho, que legal, parece que todo mundo gosta do gaúcho!”

Jovem 1/A/ES/SG	“É.”
Jovem 6/A/ES/M	“Em relação de novo a Santa Cruz, eu não me acho santa-cruzense quando vem falar alemão comigo, aí dá para ver que eu não sou santa-cruzense!”
Jovem 8/A/ES/M	“É verdade. Até nas festas de aniversário as minhas amigas adoram me xingar em alemão, e eu não sei porque [risos]. Eu acho que o povo natural daqui é mais controlado de um modo geral. Eu me aproximo de Santa Cruz quando eu vejo o Wenzel [prefeito] assim, eu gosto do que ele faz, acho bem interessante a administração, acho que é aí que eu meu sinto mais santa-cruzense. Claro, em vários outros momentos eu não me sinto uma santa-cruzense, que nem na minha cidade, todo mundo, bem, o que tu precisar tu pode chegar na casa de um estranho e pedir que vão te ajudar. E aqui é estranho porque, na minha sala de aula, a maioria das pessoas são daqui, então eu faço um exercício lá e todo mundo copia de mim, por exemplo, quando é uma coisa que eu tenho facilidade, daí numa coisa que eu tenho dificuldade e as outras pessoas não tem, os meus colegas não me ajudam. Mas isso acontece em relação às outras coisas também, tipo, eu acho o cúmulo essa ajuda a Copame, acho que quase ninguém ajuda, acho que falta um pouco de caridade. Também em relação à cidade, aqui a cidade é muito limpa, acho que é bem conscientizado e nas outras cidades, as pessoas são mais ignorantes.”
Jovem 6/A/ES/M	“Eu me sinto totalmente fora quando as pessoas vêm falar alemão comigo, eu não me sinto uma santa-cruzense.”
Jovem 8/A/ES/M	“Muitas vezes eu não me sinto também!”
Jovem 6/A/ES/M	“É, eu sou diferente, as pessoas são muito diferentes e eu não tenho nada a ver com Santa Cruz.”
Jovem 2/A/ES/SG	“[...] Eu não sei, mas, eu acho que eu me sinto uma santa-cruzense, eu fui para lá e me senti uma santa-cruzense, mas às vezes eu não queria ser assim, eu não tenho vontade de dizer que eu sou daqui, não sei, eu não tenho vontade. [risos] Eu gosto da cidade, mas não das pessoas. Eu já entrei em conflito com as pessoas daqui, porque me criticam, me julgam, essas coisas assim, pessoas jovens e velhas também. Não sei, tem gente velha, como o meu pai que, ele ficou muito bravo comigo quando ele viu que eu cortei meu cabelo e coloquei um <i>piercing</i> , e isso é ridículo, é uma coisa minha, eu não quero que interfiram, essa é a minha identidade, é isso que eu sou, eu quero ser assim e não vou mudar por causa dele, sabe, que ele vá se ferrar! Eu acho errado as pessoas daqui serem modelinhos. Mas os lugares noturnos que eu freqüento eu me sinto tri bem, eu vou ao Sarrafo [Festa metal], eu vou na Arena [Festa noturna para o público jovem], na Inside [Festa noturna para público jovem], no Namastê [Festa noturna para o público jovem], no Ulrich [Festa noturna em forma de bailão] eu ia mas não gosto, tem muita gente lá e tem mais bailão, eu não curto mais.”
Jovem 6/A/ES/M	“Eu me sinto totalmente fora quando as pessoas vêm falar alemão comigo, eu não me sinto uma santa-cruzense.”
Jovem 8/A/ES/M	“Muitas vezes eu não me sinto também! [...] Com relação à Santa Cruz, eu não me encaixei, as aparências são importantes. Lá em São Pedro eu nunca ouvi meus colegas me perguntarem se eu me trato, se eu vou à nutricionista, se eu faço regime. Agora aqui, direto, querem se intrometer na minha vida, e no meu corpo, principalmente, querem que eu seja igual a todos, e até meu pai, que está ficando um quase alemão, um pseudo-alemão, acha isso com certeza. Eu acho que primeiro as pessoas devem perguntar para mim se eu sou feliz assim, se eu disser que sou, está bom, se eu disser que não então podem dizer: porque tu não fazes isso, acho que assim é mais educado. Em relação às pessoas da minha idade assim, com certeza tem uma exclusão, até as minhas amigas da minha idade dizem: tu esta louca de pensar isso, isso não existe! Mas é claro que existe, por favor, quem não passa por isso não sabe, esses dias eu estava falando, tem três guris lá no clube onde eu jogo tênis e o pessoal é tudo sarado, e é claro que os guris da minha idade, com 15 e 16 anos, que se acham todos perfeitos nunca olham para mim, com certeza.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Aí colega, que horror!”
Jovem 8/A/ES/M	“Tu acha que não, mas é verdade.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Sim, mas tu falas dum jeito como se cara nenhum gostasse de ti!”
Jovem 8/A/ES/M	“Não, eu sei que não, isso é de um modo geral. Mas minhas amigas dizem que isso não existe mais, não é bem assim, mas eu acho que a maioria das pessoas que eu conheço, acho que

	apenas umas trinta pessoas que nunca chegaram para mim e disseram: tu não queres emagrecer?! [...] Acho que essa imposição me incomoda um pouco sabe, dizem assim: mas como tu não entra na academia e usa umas blusinhas mais justas? Mas é que eu não gosto, para mim, eu prefiro ser como sou, mas muitas pessoas não aceitam, e essa falta de aceitação é bastante grande aqui. A estética aqui é mais importante que lá em São Pedro.”
Jovem 2/A/ES/SG	“A minha colega é, meio alemoazinha, aí nós estávamos discutindo sobre racismo. Daí ela só falava sobre negro, porque negro se ofende muito quando se fala isso! E quando chamam um cara loiro de alemão?! E aí, não é uma forma de racismo?! Ela falou isso e eu fiquei pensando.”
Jovem 4/A/ES/M	“Comigo acontece um monte, dizem assim: Oh alemoa! Tipo, eu não me importo, eu sou loira, mas me chama pelo meu nome, é estranho, não é racismo sabe, aí tem um amigo meu que é mais loiro que eu e diz: Oh alemoa vem cá! Aí eu olho para ele e digo: o que é negão? [risos] Não é bem racismo, mas me incomoda assim, sei lá, é estranho, não que eu não goste, mas é estranho.”
Jovem 8/A/ES/M	“Não é por ser negro, assim, eu acho que como o pessoal que vai conversar e aí te chama disso, são atitudes rudes. Tipo, minhas amigas dizem: eu conheci o fulano, e ele era negro. E daí, o que tem haver, então nessas horas elas mostram o seu lado mais, acho que todo mundo é assim um pouco, com certeza.”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu enfrentei muito preconceito assim, até por parte do meu pai, porque eu namorei dois anos um rapaz negro, puro assim sabe. Aí, como é que aquela alemoa vai namorar com aquele negão, as pessoas diziam isso, não me excluía, mas diziam: como? E até o meu pai, até que ele deixou eu levar ele na casa do meu pai. Aí as pessoas riam de mim, diziam: como consegue, depois que tiver filhos como vai nascer? E eu dizia: meu Deus, mas que viagem!”
Jovem 8/A/ES/M	“Acho que isso tem a ver com a colonização [alemã] sabe.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Mas todo lugar vai ter isso. Por mais que a gente queira que não. Acho que é uma coisa que não vai se conseguir acabar. Acho que o preconceito não vai acabar, pois é uma coisa que tu pode dizer que não tem, mas se tu ver alguma pessoa que tem preconceito, eu vou ter preconceito com aquela pessoa.”
Jovem 4/A/ES/M	“Acho que tem mais preconceito com negro em vez de com o branco porque é uma questão de cor. Mas tem o branco, colono alemão sabe, as pessoas falam aquele colonão, só que não é tanta, porque a aparência de um colono branco é igual e a do negro é a cor que o diferencia.”
Jovem 8/A/ES/M	“É, se ela fosse negra namorando um negro não teria problema.”
Jovem 4/A/ES/M	“Com a minha mãe e a família dela não teve problemas, mas com o meu pai e uma tia minha, meu Deus, esculacharam ele, e ele era muito gente fina e não levou para discussão.”
Jovem 8/A/ES/M	“Que coisa ridícula, mas as pessoas quando falam negro, parece que já dói no ouvido delas. Eu tenho uma amiga minha que é negra, a Nicole, e eu estava falando com uma outra amiga minha que não é negra, e estávamos falando da Nicole, daí essa amiga disse: aquela moreninha? Aí eu disse: não, não, não é moreninha, é negra! Ela responde: porque falar isso dela! Eu disse: o quê? Mas ela é negra mesmo. E Eu tenho, praticamente me considero também. Porque eu não penso desse jeito, como se ser negro fosse ser horrível, ou como se fosse um defeito. Claro, não vou ficar dizendo, isso já é outra coisa, mas quando tu vai falar tu não pode dizer essas palavras tentando negar o que é, nada a ver! Mesmo coisa que alemoa, assim, essas coisas [risos], seria a mesma coisa. Acho que tem diversidade em Santa Cruz, mas aceitação, isso é complicado.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu não acho que não tenha aceitação! Bom, depende também.”
Jovem 8/A/ES/M	“Acho que para o <i>gay</i> aqui é mais aberto, já afro, acho que não. Na minha cidade, se tu falar, o fulano é <i>gay</i> , vão dizer: mentira, isso não pode ser! Aqui é mais aberto, é claro, no geral.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Sabe, quando me perguntam, eu não tenho vergonha de dizer que sou descendente de alemães, mas eu prefiro dizer que sou de italianos.”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu não tenho vergonha do meu passado, de jeito nenhum, eu sou de origem alemã.”
Jovem 8/A/ES/M	“Os meus pais não se importam com essa questão de ser branco, negro ou <i>gay</i> .”
Jovem 2/A/ES/SG	“Que nem o meu pai, tem um preconceito enorme por negro, mas a minha mãe não.”
Jovem 7/A/ES/M	“Quando eu comecei a namorar um menino me disseram: que tu queres com um negrinho? Aí eu disse: ué, é meu gosto! Para mim, eu não gosto de guri muito branco, tem que ser

Jovem 1/A/ES/SG	bronzeadinho. [risos] É uma coisa minha.” “[...] eu me considero fechada, eu sou daqui.”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] Eu ainda não me considero um santa-cruzense, mas eu acho que a cada dia que passa eu estou ficando cada vez mais introspectivo, vamos ficando mais fechados.”
Jovem 6/A/ES/M	“[...] Ah, eu me identifico com aqui em tudo, cada um tem que conhecer as coisas do jeito que dá.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Mas em relação a minha identidade, eu me considero um santa-cruzense, santa-cruzense e santa-cruzense, mas também sou gaúcho, sou mais gaúcho do que brasileiro, eu tenho muito orgulho de ser de origem germânica [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“Sabe, em primeiro lugar eu me considero brasileira, depois gaúcha, e por último, santa-cruzense, (risos), eu só me considero uma santa-cruzense porque eu moro aqui faz muito tempo, mas eu não me identifico com a cultura e nem com nada assim, só que eu gosto da cidade, eu gosto daqui, mas eu não tenho aquele orgulho de falar ‘eu sou santa-cruzense’, eu só me considero porque eu moro há bastante tempo. Mas seu fosse para outra cidade, eu diria.... Sei lá, eu também não sei dizer direito a minha origem étnica, sei lá, eu não tenho aquela coisa que muita gente aqui fala: há, eu sou alemão! Eu não tenho uma coisa assim, eu não posso dizer: eu sou portuguesa! [...] eu também não sei se eu iria dizer que sou de Butiá, mas eu nasci lá, eu fico na dúvida, eu não sei o que dizer, nesse caso acho que diria santa-cruzense mesmo que eu não me identifique com nada aqui, mas eu estou a mais tempo aqui do que em Butiá.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, a gente não nasceu aqui, mas se identifica com algumas coisas.”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] mas santa-cruzense não faz diferença, mas eu gosto daqui. Acho que se eu pudesse escolher uma cidade, não sei se eu escolheria aqui para morar.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu sou gaúcha, depois brasileira e depois santa-cruzense, bom, como vou explicar, eu moro no Rio Grande do Sul, é o meu lugar, tem as pessoas que têm os mesmos costumes de tomar chimarrão, de escutar certa música, tem a dança, eu acho lindo a dança gaúcha, tem o vestido, bá, muito bonito! Bom, eu acho que é o jeito da gente falar, é diferente, a gente fala meio cantado, a gente não fala aquele ‘ich’!”
Jovem 14/B/ES/M	“É verdade!”
Jovem 15/B/ES/M	“É, o pessoal tem aquele chiado!”
Jovem 10/B/ES/SG	“É uma coisa diferente, quem vai para o Rio de Janeiro e São Paulo, a gente vai ser logo identificado pelas nossas gírias, pelo jeito de falar de um com o outro, como o pai chama o filho de guri ou guria.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, chama de piá!”
Jovem 10/B/ES/SG	“[...] Santa-cruzense eu sou porque nasci aqui, é a cidade que me dá o que comer. Acho que falta muita coisa para a gente se identificar com Santa Cruz [...] Mas se for para eu escolher entre dizer sou alemã ou gaúcha, eu digo mil vezes gaúcha! Porque eu fui criada como gaúcha e não alemã sabe.”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu acho que em primeiro lugar sou gaúcho, que nem ela falou, depois brasileiro, depois viria santa-cruzense. Acho que o gaúcho sempre lutou pelo o que quis, sempre lutou pela terra, em toda a história do Rio Grande do Sul sempre, como a gente fala, foi a ferro e fogo. Isso eu acho legal, que nem o gaúcho na Revolução Farroupilha lutou durante dez anos.”
Jovem 14/B/ES/M	“Parece mais marcante do que os outros.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, na história do Brasil. Não sou santa-cruzense, até porque não sou daqui, eu nasci em Bom Retiro do Sul, mas eu não me considero de lá, entre os dois, se eu tivesse que escolher, eu sou santa-cruzense. Que nem aqui em Santa Cruz, tem mais coisas para jovens, lá em Bom Retiro é mais coisa para velho, eu acho muito chato lá. Bom, eu sei que eu sou de origem alemã com português, só isso, mas eu não penso nisso quando falo em identidade.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que eu nasci no Rio Grande do Sul, então sou gaúcha e não tem! Eu não vou falar que eu sou alemã, eu não conheço a cultura deles, não vou para lá, eu não sei como é, a gente não tem o costume de alemão, porque se tu nasceu no Rio Grande do Sul tu é gaúcho, não tem essa.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu sou gaúcha, depois brasileira e santa-cruzense, não sei qual é mais forte entre estas duas, mesmo sabendo que aqui, bom, eu sempre falo que não gosto muito de Santa Cruz, eu me

	sinto um peixe fora d'água, eu não sei porque, eu nasci aqui, eu me criei aqui, mas sei lá, aqui é onde eu nasci, mas, no mais assim...bem, eu me sinto mais no caso, de Vale do Sol, todo mundo me pergunta o que tem de interessante lá em Vale do Sol e eu não sei. Bom, eu gosto do Rio Grande do Sul. Mas eu não sei dizer bem é que ninguém tinha me feito essa pergunta antes![...].”
Jovem 11/B/ES/SG	“E sou gaúcha brasileira e depois santa-cruzensense. [...] Por último santa-cruzensense, eu nasci aqui, gosto muito da cidade, bem arrumadinha, bem limpinha, mas, só isso! As pessoas me perguntam de onde sou, aí eu digo, de Santa Cruz do Sul, tu não conhece? É a cidade da <i>Oktoberfest!</i> Aí elas dizem: há, sim!
Jovem 15/B/ES/M	É, todo mundo que conversa contigo pergunta, onde fica Santa Cruz? Sempre digo: é a terra da <i>Oktober!</i> Eles respondem: há, sim!
Jovem 12/B/ES/SG	“Na praia me perguntaram de onde eu era, aí eu disse: de Santa Cruz! Aí me disseram: há, daquela cidade que tem a segunda maior <i>Oktoberfest!</i> ?! Sim. Então eles disseram que estava querendo vir para cá, e me perguntaram: que mais tem? Eu disse: só isso (risos), é <i>Oktober, Oktober e Oktober...</i> Mas eu sou gaúcha e brasileira, as duas coisas, mas também me identifico com a minha origem, italiana, indígena e africana. Mas sou gaúcha por cultivar os costumes daqui, da cultura, da culinária, eu já dancei em CTG, meu irmão também. Bom, eu nasci aqui, em Santa Cruz, mas com os santa-cruzensenses eu não me identifico muito! Isso porque aqui tem um modo de ser, gosto de ir para Santa Rosa e Campo Bom porque me identifico mais com estas cidades. Aqui eu tenho a família do meu pai, mas eu me identifico mais com a família da minha mãe.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Acho que o pertencer ou não tem a ver com a cidade, sou uma santa-cruzensense porque eu vou ter que votar aqui, mas não me sinto porque não posso, ou melhor, a gente não tem voz perante os políticos, nem o prefeito, ninguém perguntam o que nós achamos que falta aqui! Onde deve ser investido o dinheiro, se deve ou não asfaltar ruas, se precisam de um postinho de saúde novo, acho que isso é decidido entre eles, sem perguntar para o povo, o que o povo acha. Porque às vezes eles investem dinheiro numa coisa que é para os próprios políticos. Então eu acho que por essa parte eu não me sinto uma santa-cruzensense. Nunca tive o sentimento de não ser daqui também.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu me sinto mais santa-cruzensense quando eu saio daqui! Principalmente quando eu vou para Venâncio Aires, Porto Alegre. Sei lá, tudo é muito diferente daqui, as pessoas são diferentes, lá em Porto Alegre eles tem um jeito muito diferente de tratar as pessoas! Bom, o jeito de falar é diferente. [...] Mas nunca aconteceu comigo de eu não me sentir um santa-cruzensense!”
Jovem 14/B/ES/M	“Bom, eu me sinto santa-cruzensense quando eu saio para as festas, eu acho legal Santa Cruz por ser uma cidade que não é tão grande. Então, quando tem uma festa, todo mundo vai, mas quando eu vou a Porto Alegre, numa festa, as minhas primas moram lá, então tem muita gente desconhecida nas festas. Aqui eu vou às festas e para o centro e só tem gente conhecida, quando tu vais a Imigrantes [rua com inúmeros bares] é difícil tu ver alguém que tu não conheça, então parece uma cidade tão pequena, todo mundo se conhece! Estes tempos eu fui numa festa onde haviam pessoas conhecidas, então eu vi um cara que não conhecia, depois acabamos conversando, aí ele acabou indo embora porque ele não era daqui.”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu me sinto santa-cruzensense, quando por exemplo tem esse lance de <i>Oktober</i> , mas também quando eu vou lá para Bom Retiro do Sul, lá eles olham para gente, tipo, quem tu é, ficam te olhando e falando assim, aí eu me sinto um santa-cruzensense, é porque eu, não sei como consegui nascer naquele lugar [risos]. Bom, eu nunca me senti excluído aqui porque faz um tempão que eu mora aqui, tipo, eu sempre estudei aqui.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu nunca me senti uma não santa-cruzensense.”
Jovem 11/B/ES/SG	“Eu também me identifico com aqui quando eu saio. E nas festas também, assim, é muito difícil não conhecer alguém.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu só não me sinto santa-cruzensense porque eu não conheço nada da cidade.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, mas mesmo a gente que nasceu e veio para cá desde pequeno, e, também, pela questão germânica, aí eu vejo que não sou daqui.”
Jovem 11/B/ES/SG	“Sabe, quando eu vou passar o natal na casa da minha cunhada ou cunhado, eu vejo que eles são bem diferentes, porque lá em Porto Alegre, bom, eu odeio Porto Alegre, primeiro porque é muito lixo aquilo, é muito sujo, ta louco. Aí até me falaram assim, vamos caminhar, aí eu disse: aonde? Ah, lá na rua! Naquele monte de lixo! Aí eu digo, sou de Santa Cruz, até esse ano, o meu cunhado queria que eu fosse para lá trabalhar, aí eu disse: eu não vou! E eu ia ficar sozinha lá.”

Jovem 13/B/ES/SG	“Eu sempre disse que nunca moraria em Porto Alegre! Mas derrepente.”
Jovem 15/B/ES/M	“A única coisa legal de Porto Alegre é o shopping!”
Jovem 12/B/ES/SG	“Eu acho que eu me sinto uma santa-cruzensense mesmo é nessa parte de festividade! Na questão da receptividade. É tem muito aquela questão que o pessoal daqui trata bem tanto o pessoal daqui quanto de fora. Como foi no caso da FEIAP [Feira Internacional de Artes Populares], o pessoal gostou muito, o pessoal aqui é muito festeiro, então, nisso, eu sou santa-cruzensense. Agora, para não me sentir, comigo nunca aconteceu. Então, meu primo, que eu não conhecia esteve aqui na páscoa passada, ele me disse assim: tu não és daqui né?! Tu pareces de Porto Alegre. Aí eu disse: sou sim, com muito orgulho! Então ele me disse que eu não parecia, que eu era diferente do pessoal daqui, que eu tinha jeito de pessoa que era de cidade grande, então eu disse: não mesmo, sou de cidade do interior mesmo!”
Jovem 21/C/P/M	“Eu acho que não me identifico com Santa Cruz do Sul!”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho que não, mesmo eu tendo sido criado e crescido aqui, eu não sei... que nem aquela coisa que eu tava falando, as características de ser um pouco mais fechado, falar menos, essas coisas assim, eu acho que caracteriza um pouco Santa Cruz, as pessoas aqui, mas eu não me identifico muito, eu sou ... sei lá, diferente, de Santa Cruz”.
Jovem 18/C/P/SG	“Não sei, pouco, mas muito pouco eu me identifico. Pois eu penso em fazer faculdade em outro lugar, então em relação a isso, a gente deve considerar outros aspectos. Mas pensar em ficar aqui nesta cidade, eu não penso mesmo, então isso já meio que justifica porque eu acho que não me identifico com aqui. Bom eu não me identifico, mas noutros lugares eu vou dizer que sou daqui, mesmo não me identificando, na realidade eu me identifico com o sul, Rio Grande do Sul.”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho que todo o povo gaúcho é meio assim, tem patriotismo, então eu gosto muito daqui.”
Jovem 21/C/P/M	“Eu acho que Santa Cruz é uma cidade muito boa para a formação, ao mesmo tempo, é uma cidade muito rica, tem escolas boas, tem a UNISC é uma universidade boa e bem vista no interior do Estado. Mas com relação ao mais geral eu não me identifico, eu tenho um sonho de estudar numa universidade pública, eu penso em me formar e, fisioterapia, mas ao mesmo tempo eu tenho vontade de voltar para a minha terra.”
Jovem 16/C/P/SG	“Eu me identifico com aqui, eu adoro Santa Cruz, eu gosto daqui, no Rio Grande do Sul é a cidade que eu quero continuar morando, mas depende muito da área que eu vou trabalhar, então talvez eu tenha que sair daqui, bom, eu sempre morei aqui, eu nasci aqui, eu ficaria aqui porque eu gosto mesmo, então eu não sei comparar com outras cidades porque eu sempre morei aqui.”
Jovem 23/C/P/M	“Mas eu prefiro Santa Cruz a uma cidade grande, comparando com Porto Alegre, eu prefiro mil vezes Santa Cruz, eu gosto de cidades menores, bom, se prefiro Uruguaiana em relação aqui eu não sei, talvez pelo lado das pessoas eu prefiro lá, mas pelo lado de cultura como eu falei e desenvolvimento, Santa Cruz é uma cidade mais rica e mais ampla para...”
Jovem 21/C/P/M	“Tem mais oportunidades aqui.”
Jovem 23/C/P/M	“É, porque a região da fronteira é mais pobre, aparenta pelo menos a cidade, então por esse lado, somente não me identifico aqui com as pessoas, mas se fosse para escolher hoje uma cidade, eu escolheria cidades como Santa Maria do que por exemplo Porto Alegre, mas acho que escolher em morar, eu prefiro escolher Santa Cruz mesmo. Bom, eu gosto de história, então eu gosto de lugares que tenham cultura, pois aqui tem várias coisas para poder crescer, sim, eu neste caso estou comparando com Uruguaiana, ou com outra cidade da fronteira, Bagé, sabe que lá não tem praticamente nada, é o ano inteiro a mesma coisa, aqui é uma cidade que te abre mais, tanto que tem faculdades, estão sempre buscando alguma coisa.”
Jovem 22/C/P/M	“Eu não sou de Santa Cruz, meu pai saiu pequeno daqui, nem na parte da minha mãe eu não tenho contato, somente pelos meus avós, acho que eu tive uma criação que não foi como a de Santa Cruz, acho que o colega falou tudo, o pessoal daqui é fechado, eu não me identifico também, eu não me identifico com o perfil das pessoas daqui, são fechados demais, acho que é por isso! Acho que a qualidade de vida que eu vejo em Santa Cruz..., acho que é admirável! Eu pretendo fazer faculdade aqui e pretendo futuramente ficar aqui, acho que pela qualidade de vida que tem aqui, bem melhor que São Leopoldo..., está pior que Porto Alegre em índice de violência sabe. Aqui é uma cidade... poucas existem assim no Rio Grande do Sul que tem essa arborização, que tem... essa, é uma cidade, parece que é limpa... podemos dizer assim! Eu

	acho que a qualidade de vida que se tem em Santa Cruz é difícil de deixar de notar. Eu vou ser sempre de São Leopoldo, porque eu acho que mesmo lá não tendo qualidade de vida, eu acho que me identifico bastante com lá, sempre que eu vou pra lá eu falo: Esta é a minha terra! É o que vem na minha cabeça, mas eu gosto bastante de Santa Cruz, eu acho que é aqui que eu vou ficar no meu futuro.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu me identifico com o pessoal daqui, eu me identifico com Santa Cruz do Sul, eu acho a cidade mais bonita do Rio Grande do Sul, acho que tem uma ótima qualidade de vida. O problema é que eu gosto de cidade grande, eu gosto de mais entendeu, eu conheço todo mundo aqui, eu estou cansada de ver as mesmas pessoas, eu penso em dia ir morar numa cidade maior, quem sabe um dia voltar para Santa Cruz para matar as saudades...”
Jovem 16/C/P/SG	“[...] Eu me identifico com Santa Cruz do Sul, sabe, eu acho que não ia conseguir sair daqui, eu ia me sentir muito fora d’água [...]”.
Jovem 18/C/P/SG	“A pouca identificação não é que eu não goste da cidade, pois eu gosto da cidade, mas pelo fato de ver outras coisas, ir para outros lugares.”
Jovem 19/C/P/SG	“É, eu já estou a dezessete anos aqui, chega uma hora que isso cansa.”
Jovem 18/C/P/SG	“É, sair da rotina, procurar uma coisa nova, porque o novo é interessante para as pessoas.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu quero estudar fora e depois voltar, mas o que eu quero agora é sair daqui.”
Jovem 21/C/P/M	“Quando a gente sai da nossa cidade natal é que percebemos o quanto gostamos de lá.”
Jovem 18/C/P/SG	“É, a gente está precisando deste tempo, estamos precisando mudar de hábitos, mas sabe que sempre quando estamos noutro lugar, é sempre bom voltar para o teu lugar que tu conhece bem, e se sente bem.”
Jovem 21/C/P/M	“Como a colega falou, quando eu volto para a minha terra é essa sensação que eu tenho: essa é a minha terra. Acho que só o fato de estar lá, eu sei que ali é o meu lugar, onde eu me criei. Aqui parece que eu estou fora da minha casa.”
Jovem 23/C/P/M	Sim, isso está relacionado com a tua casa, quando vamos viajar, por mais que seja um lugar tu pensas: se eu estivesse em casa...eu ia saber onde tem tudo, tu podes estar numa cidade maravilhosa, mas até tu se entrosar lá, tu vais sentir muita falta da tua casa e da tua cidade. Quando eu volto de Uruguaiana eu penso: Santa Cruz, coisa boa e não sei mais o quê, mas mesmo assim não é aquilo. Se eu me perder aqui eu sei onde estou, se preciso de algo, eu tenho a minha casa, acho que é uma sensação relacionada a isso, não a uma cidade específica, o cotidiano te dá um ar de felicidade.”
Jovem 21/C/P/M	“O fato de estudar fora é válido, porque na cidade pequena que eu morava eu pensava, sempre as mesmas coisas, agora, depois que eu sai de lá que vi o quanto eu gosto de lá.”
Jovem 28/D/E/SG	“Eu me identifico com aqui, especificamente com o meu bairro, eu sou voluntário. Eu me identifico bastante com o pessoal daqui! Quando eu vou viajar eu sempre falo que sou daqui, eu me identifico bastante com aqui. Sei lá, eu não valorizo muito a cultura germânica, eu acho que não é, não faz parte da minha vida a cultura germânica, assim, sabe, é algo que eu não me identifico. Eu vou à <i>Oktoberfest</i> [festa típica da cidade], eu participo, mas não é aquela coisa, da cultura, é mais pela festa mesmo, não pela cultura e tradições. Certo, os alemães são um povo importante, não deixa de ser, mas aqui não é mais tão importante como foi antigamente.”
Jovem 24/D/E/SG	“Eu me identifico, eu sempre gostei de lugares mais calmos, onde tem natureza! Hah, eu acho que... eu não sei, eu gosto de morar em Santa Cruz, eu me identifico sim, porque até Santa Cruz tem assim, o meio rural misturado assim, tem muito fumo, plantações, mas eu acho que tem a ver comigo sim...”
Jovem 25/D/E/SG	“Há, eu me identifico com a cidade, eu adoro aqui, eu gosto daqui, eu me sinto uma santa-cruzense! Sei lá, quando eu visitava o interior, eu passo assim, pra todo mundo, que eu sou uma santa-cruzense, mas quando eu viajei para São Paulo, eu passei a idéia de não ser santa-cruzense, eu peguei o sotaque de lá, perdi o meu, mas quando eu voltei as pessoas viram que eu peguei o sotaque, mas foi sem querer. Acho que me identifico”.
Jovem 29/D/E/M	“Eu sempre me achei mais santa-cruzense do que sapiranguense, cresci aqui, desde os três anos, eu prefiro aqui, já os meus primos que moram lá, acho que eles preferem ficar lá mesmo, pois a família de lá, acho que eles acham lá um paraíso, e eu prefiro aqui, eu acho totalmente diferente o jeito deles falar, as manias, as gírias, eu percebo quando vou conversar com eles, eles falam que eu sou diferente, mas eu prefiro aqui”.

Jovem 31/D/E/M	“Faz catorze anos que eu estou aqui, então, eu me identifico bem mais com Santa Cruz do que lá na minha terra natal [Segredo] ou qualquer outro lugar! Porque, em primeiro lugar, na minha terra natal a gente nota nas pessoas de lá... tá louco..., talvez eu esteja fazendo um julgamento errado, ninguém vem aqui pra julgar, mas, a gente nota na cara que as pessoas lá são muito falsas, as pessoas te olham por baixo, e lá eles não te julgam pelo que tu és e te julgam sim pelo que tu tens, se não tiver nada não tem valor nenhum... . Olha, como diz o outro, todo lugar tem, mas eu acho que aqui tem bem mais pessoas verdadeiras do que lá, porque lá assim a pessoa, é proprietário de terra, é gente que presta, se tem só uma casinha lá ou um terreninho, sabe-se lá, ou não tem nada na vida, mas é trabalhador, é pessoa que não presta para nada, pessoa que está só sujando o nome do município, aí então me identifico mais com Santa Cruz no sentido, assim, de sinceridade e tal, amizade! Hah, companheirismo, para resumir tudo isso que eu falei numa palavra só, companheirismo. Eu sou de Santa Cruz.”
Jovem 26/D/E/SG	“Eu acho que eu gosto de Santa Cruz, mas todo mundo que vem de fora diz que o pessoal daqui é mais quieto e fechado, e eu concordo com isso, porque eu e a minha família vamos visitar nossos parentes em Porto Alegre ou mesmo no interior do Estado, e lá as pessoas são mais festivas que aqui. Eu gosto daqui, aqui é muita bonita, em comparação, eu tenho orgulho de ser santa-cruzeiro.porque não é uma cidade grande nem uma cidade pequena.”
Jovem 30/D/E/M	“Bom, eu estou a três aqui e já me sinto mais santa-cruzeiro do que montenegrina, que é da onde eu vim, eu acho que Santa Cruz tem muito mais a ver comigo, assim, tanto pela aparência, uma cidade mais arborizada, mais prédios antigos. Aí, comparado com a minha outra cidade, aqui é muito bom é muito legal. Como o colega falou, as pessoas, lá onde eu morava também, se tu tinha alguma coisa... daí se tu chegava numa loja, e daí, hah... é fulano! Atende bem! Há, é sicrano! Não, atende normal. Aqui não, acho que nas lojas pelo pessoal estar mais acostumado com o pessoal do interior... não são tão superficiais, sabe, eles falam normal se for tu ou for outro. Acho que a única coisa diferente em relação aos santa-cruzeiros e eu é que não consigo gostar da <i>Oktoberfest</i> . As pessoas são aficionadas, e para mim é tão... talvez porque eu não peguei o ritmo, aquele monte de coisa, de gente, 30 ou 40 mil pessoas, acho que se tu gosta tu se emotiva, mas eu não. Tenho colegas que dois meses antes já estão pensando como vão terminar com o namorado, então eu penso, se eu estou namorando é porque eu gosto, porque não dá para curtir a Oktober com ele. Mas eu adoro interior, sempre gostei, a minha irmã veio e ficou 3 meses e pirou, ela mora em Santa Maria, e eu sempre digo, eu não volto a morar na cidade, não quero mais.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Eu acho que gosto de Santa Cruz porque não é uma cidade grande, e nem muito pequena. Cidade grande acho que eu nunca ia querer morar em Porto Alegre, São Paulo, acho que não ia conseguir me adaptar ao ritmo da cidade, em Santa Cruz sei lá, mas tu sempre conhece todo mundo, eu acho legal isso, sempre tem coisas para fazer, tem outras que não tem nada para fazer. Eu me acho uma santa-cruzeiro, acho muito legal.”
Jovem 40/E/ES/M	“Eu acho que a cultura e a sociedade que vai te moldando, tu vens de dentro do teu próprio Estado e tem gente que fala diferente. Então, ou tu se adapta, como é o meu caso, ou tu volta para lá. Agora eu estou conseguindo levar as coisas aqui, mas ainda sai de vez em quando ‘leite quente’ [expressão que ao ser falada se apresenta diferente sonoramente nas regiões gaúchas].”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu me sinto uma santa-cruzeiro, principalmente quando saio daqui.”
Jovem 34/E/ES/SG	“Eu também me sinto.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Eu também.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu sinceramente acho que não tenho sotaque, mas o pessoal lá, uma vez que estávamos conversando eu falei uma palavra, então isso foi o motivo para pegarem no meu pé. Aí eles ficaram se arriando.”
Jovem 40/E/ES/M	“Eu me acho um pouquinho santa-cruzeiro, mas eu ainda sou ... sou mais são-pedrense que santa-cruzeiro, pois eu gosto muito de ir para lá, lá tem muita natureza, e se convive muito com isso lá, pois lá tem o clima do interior. No CTG eu fui influenciado bastante, freqüentava o tiro de laço. Acampava muito, aqui nunca tem isso quase, então às vezes penso em voltar mais tarde para lá, mas eu não sei o que o futuro tem me guardado, mas eu gosto muito do meu Estado, eu gosto muito da região onde eu morava, mas eu gosto do Estado por causa da cultura, pois já passei bastante, mas Santa Cruz eu não conhecia.[...]”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] Sabe, mas eu não sei dizer bem quando algo é bem coisa de santa-cruzeiro, até porque eu vivo aqui, então eu não vejo isso.”

Jovem 37/E/ES/SG	“É, é difícil de falar, a gente vive aqui.”
---------------------	---

Quadro 16: Narrativas juvenis selecionadas acerca do pertencimento ao Rio Grande do Sul

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Quando eu fui para Santa Catarina foi assim também. Por exemplo, quando eu estava na Argentina, chegavam as pessoas e perguntavam: de onde tu vens? Eu dizia: eu venho do Rio Grande do Sul, há, desculpa, eu sou brasileiro. Eu nunca cheguei e disse, eu sou brasileiro, não, sempre disse, eu sou gaúcho. Até o pessoal da Argentina, do Uruguai e do Paraguai sabem onde fica. Na realidade eu me considero mais porto-alegrense por saudade, porque eu não moro lá, eu gostaria muito, mas eu não moro lá, então, me considero mais porto-alegrense porque tenho muita saudade de lá, mas quando estou lá, eu sou gaúcho! Eu sou do pampa republicano, eu sou até muito a favor que o Rio Grande do Sul virasse um país!”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu também! Mas eu acho que ia ser um país muito pobre.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que o Rio Grande do Sul não seria um país muito pobre, porque a única coisa que não tem é o petróleo. Mas, o Rio Grande do Sul tem uma qualidade de vida, sede por ser melhor do que os outros Estados! [risos] Eu não consigo comparar o Rio Grande do Sul com o Nordeste do país, vivendo num mesmo território! A cultura é diferente, o povo é diferente, a qualidade de vida das pessoas é muito diferente. O pessoal lá do nordeste é mais influenciável, no Rio Grande do Sul não, a gente diz: não quero assim, corre atrás, luta e guerra e vamos para conquistar nossos direitos. Tanto que nós tivemos a Guerra dos Farrapos que só porque o Brasil aceitou o tratado que o Rio Grande não se tornou um país porque era uma guerra de independência”.
Jovem 7/A/ES/M	“Eu sou a favor que se separe!”
Jovem 6/A/ES/M	“Não, eu não sou a favor. Eu acho que o Rio Grande do Sul tem características que se encaixam dentro do país, tem muita coisa a ver com o Brasil, se separar vai ficar chato!”
Jovem 9/B/ES/SG	“[...] Se alguém de fora me perguntasse, eu diria primeiro que sou gaúcho, depois santa-cruzense e por último brasileiro. Eu acho que o gaúcho é muito discriminado, principalmente em São Paulo, lá por aqueles lados.”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu acho que é mais no nordeste, pois o meu tio trabalha lá, ele chefe de um setor de mecânica, daí ele fala que quando ele foi para lá eles falavam dele, tipo, que nem os gaúchos falam que o nordestino é cabeça chata, os nordestinos dizem que o gaúcho é viado.”
Jovem 14/B/ES/M	”[...] eu digo que sou brasileira, porque brasileiro é uma mistura de tudo, então, eu me considero uma brasileira mesmo e depois gaúcha [...]. Eu só não me considero em primeiro lugar gaúcha porque, bom, eu tenho os costumes daqui, como tomar chimarrão, mas não é aquela coisa assim, de ser gaúcha sabe! Mas eu tenho orgulho de ser brasileira, claro gaúcha também,”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu sou gaúcha, depois brasileira e depois santa-cruzense, bom, como vou explicar, eu moro no Rio Grande do Sul, é o meu lugar, tem as pessoas que têm os mesmos costumes de tomar chimarrão, de escutar certa música, tem a dança, eu acho lindo a dança gaúcha, tem o vestido, bá, muito bonito! Bom, eu acho que é o jeito da gente falar, é diferente, a gente fala meio cantado, a gente não fala aquele ‘ich’!”
Jovem 14/B/ES/M	“É verdade!”
Jovem 15/B/ES/M	“É, o pessoal tem aquele chiado!”
Jovem 10/B/ES/SG	“É uma coisa diferente, quem vai para o Rio de Janeiro e São Paulo, a gente vai ser logo identificado pelas nossas gírias, pelo jeito de falar de um com o outro, como o pai chama o filho de guri ou guria.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, chama de piá!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho bem legal assim, ser brasileira, sei lá, talvez o jeito de ser meio verão e sol. Eu vejo o Brasil como verão, sol, praias [...]”
Jovem	“[...] Acho que o gaúcho sempre lutou pelo o que quis, sempre lutou pela terra, em toda a

15/B/ES/M	história do Rio Grande do Sul sempre, como a gente fala, foi a ferro e fogo. Isso eu acho legal, que nem o gaúcho na Revolução Farroupilha lutou durante dez anos.”
Jovem	“Parece mais marcante do que os outros.”
14/B/ES/M	
Jovem	“[...] Mas eu gosto das tradições, dos costumes, isso é bem legal, o CTG é bem legal, rodeio também.”
13/B/ES/SG	
Jovem	“[...] Eu me identifico com os costumes, gosto de música gaúcha, de tomar chimarrão, gosto de tudo isso, também do CTG, gosto da dança, o ritmo, amo. Bom, depois eu sou brasileira porque, mesmo que digam que brasileiro é muito... atrasado, mas eu não sou atrasada! Que brasileiro marca uma hora e chega sempre depois, mas comigo não, se for aquela hora, é aquela hora, eu sou mais assim, como o colega falou, a ferro e fogo.
11/B/ES/SG	
Jovem	“Acho que a cultura gaúcha está mais no nosso dia-a-dia que a alemã. [...] Bom eu sou gaúcha, antes de ser brasileira não, primeiro vem o meu país, mas o que a gente tem mais orgulho de dizer é que somos gaúchos. Eu sou brasileira, mas, para mim, sinto mais orgulho de dizer que sou gaúcha do que brasileira.”
22/C/P/M	
Jovem	“Eu também.”
18/C/P/SG	
Jovem	“Eu também, eu sou gaúcho! Para nós a Revolução Farroupilha foi o máximo, nós achamos que os caras eram os melhores do mundo, esses tempos eu li um livro no qual o cara ridicularizou como se fossemos o mais idiotas, então eu fiquei indignado com o cara, acho que todos nós ficaríamos, tem muita piada de gaúcho, o gaúcho adora a Revolução Farroupilha, como também tem o grenal [rivalidade futebolística entre gremistas e colorados] é vida ou morte, eu me identifico, eu sou brasileiro, claro, se as pessoas me perguntam de onde eu sou..., eu sou brasileiro, mas com que eu me identifico, me identifico com o Rio Grande do Sul, porque no Brasil tem tantas variedades, desigualdades que parece que o Rio Grande do Sul é um mundo diferente.”
23/C/P/M	
Jovem	“Sim, parece que o 20 de setembro é mais importante que o 7 de setembro.”
18/C/P/SG	
Jovem	“A gente está vivendo um momento no Brasil que não dá orgulho de ser brasileiro, com relação à história do Rio Grande do Sul, a gente tem orgulho de dizer, que nem a gente estava falando em Santa Cruz, eu acho que o pessoal prefere deixar a cultura alemã de lado e não deixar a gaúcha desaparecer.”
19/C/P/SG	
Jovem	“Eu acho que vou ser bem o contrário aqui, eu não me identifico com nenhum, nem gaúcha e nem brasileira, porque, tipo, ser brasileiro, como a colega falou, não tem como ter orgulho de ser brasileira neste momento, só desprezo mesmo, e gaúcho eu acho legal a história sabe, a gente tem diferenças, mas eu não tenho muito contato com a cultura gaúcha, quando eu era pequena eu tinha mais, tipo, eu me vestia de prenda, eu nunca mais vestia de prenda na vida, eu nunca mais subi num cavalo, então eu não tenho muito esse contato então não posso mentir. [...] Bom, sei lá, acho que ser gaúcho é legal a gente um orgulho, mas muita gente não tem contato com essa cultura, principalmente aqui em Santa Cruz no interior.”
16/C/P/SG	
Jovem	“Na verdade sou mais gaúcho do que brasileiro, eu gosto do sul, gosto de paixão, gosto da característica do povo.”
16/C/P/SG	
Jovem	“Tem uma ... não sei se é para ser brincadeira ou não, que diz que São Paulo para baixo o povo é muito trabalhador, e para cima são as pessoas que só querem saber de descansar, e não querem trabalhar.”
18/C/P/SG	
Jovem	“Uma coisa que eu acho é que o Rio Grande do Sul parece mais com a Argentina e o Uruguai que com o resto do Brasil, não sei, eu vejo no futebol que é uma coisa que está presente não sei se dá para perceber, mas eu percebo, pois no futebol gaúcho e argentino eu vejo muita semelhança, o Grêmio é claro, porque o Inter [risos], mas...é bem parecido do que com um time do Nordeste brasileiro.”
23/C/P/M	
Jovem	“Sim, quando tem jogo de algum time daqui com do centro do país, tu sempre percebe na fala dos caras que eles estão torcendo pelos times de lá, eles deixam de valorizar o futebol daqui, que é com raça, com garra, isso está muito mais presente nos times daqui.”
18/C/P/SG	
Jovem	“Eu já ouvi falar que o Estado do Rio Grande do Sul é um dos Estados do Brasil que já foi mais rico, e é chato para a gente agora que estamos vivendo uma situação econômica difícil aqui no Estado, meio quebrado, eu acho que o Rio Grande do Sul deveria ser diferente do resto dos Estados brasileiros, para melhor, porque tem vontade de...”
16/C/P/SG	
Jovem	“Mas tu sabes que isso é uma questão de direcionamento, nós gaúchos pagamos impostos, e vai tudo para outras regiões do Brasil.”
18/C/P/SG	
Jovem	“Mas se o Rio Grande do Sul está na merda, os outros Estados também estão [risos].”

17/C/P/SG	
Jovem	
18/C/P/SG	“A região sul, mais Santa Catarina, é mais desenvolvida, tem um clima diferente, tem o frio, que une com essa região com Uruguai e Argentina, isso diferencia dos outros Estados também.”
Jovem	
23/C/P/M	“Bom, em relação à separação do Rio Grande do Sul, não seria uma coisa boa, porque com essa conjuntura do mundo não temos aqui tudo o que o Rio Grande do Sul precisa para conseguir tornar-se um país, a gente depende muito da economia dos outros lugares, temos um território pequeno, não íamos conseguir tudo para poder sustentar o povo que está acostumado com tudo.”
Jovem	
18/C/P/SG	“Íamos acabar pagando taxas a mais para poder importar coisas do resto do Brasil.”
Jovem	
23/C/P/M	“Acho que é uma questão econômica.”
Jovem	
18/C/P/SG	“Tem insuficiência energética, ia ter que pegar de Santa Catarina.”
Jovem	
16/C/P/SG	“Nós estamos falando em separação, mas eu acho que os outros países também importam.”
Jovem	
21/C/P/M	“E, tem o exemplo de Portugal e Espanha.”
Jovem	
16/C/P/SG	“É, mas Portugal...”
Jovem	
21/C/P/M	“Pois é, e olha o tamanho do país. Mas eu acho que o Rio Grande do Sul teria sim... só que a respeito do separatismo, eu acho que no Brasil deve sentir ciúmes do Rio Grande do Sul, do povo gaúcho por ter esse orgulho e... por brigar e conhecer a sua cultura e coisa, os gaúchos quando atingem o sucesso assim, seja qual for o caminho ou posição sempre os outros Estados como São Paulo mostram um pouco de ciúmes, sempre dizem, há, o gaúcho é viado e não sei o quê, então, isso é uma forma de unir o Rio Grande do Sul até pela importância que o Estado tem, acho que se o Rio Grande do Sul se tornasse um país, não ia dar certo por causa de isso daí, ia ter taxas muito altas, ele não ia conseguir se manter. Mas eu sou a favor do separatismo da região sul.”
Jovem	
16/C/P/SG	“É, é esse o separatismo.”
Jovem	
17/C/P/SG	“Eu não sou a favor.”
Jovem	
18/C/P/SG	“Está, mas a maioria dos impostos recolhidos não vem de volta para cá.”
Jovem	
17/C/P/SG	“O Rio Grande do Sul não ia conseguir, porque o petróleo está no Nordeste. Está, mas o que o Rio Grande do Sul ia exportar?!”
Jovem	
18/C/P/SG	“Há, soja, milho.”
Jovem	
23/C/P/M	“Eu acho que a questão agrícola.”
Jovem	
19/C/P/SG	“Em relação a isso de separatismo, acho que a região sul sim, mas só o Rio Grande do Sul não. Tem que analisar a economia, ver se tem condições mesmo.”
Jovem	
23/C/P/M	“É, tem que ver bem esse projeto, porque certamente vai ter um país por trás querendo se beneficiar, sei lá, porque se um país europeu apoiar isso vai querer fazer um tratado de comércio, então eu acho que nós vamos nos tornar praticamente um país de primeiro mundo, talvez não totalmente, mas vamos chegar perto disso.”
Jovem	
21/C/P/M	“Sim, nós temos qualidade de vida.”
Jovem	
23/C/P/M	“O problema do Brasil está lá para o norte.”
Jovem	
18/C/P/SG	“O Brasil é muito grande, muita área depende...”
Jovem	
23/C/P/M	“É, pensando em China, as áreas mais desenvolvidas são as que têm mais população concentrada, que nem no Brasil, aqui, as áreas mais concentradas são mais para o sul, são áreas mais desenvolvidas, como no caso da China.”
Jovem	
17/C/P/SG	“Eu conversei com um coreano, e disse que o Brasil não estava muito bem, então ele disse que se os coreanos governassem o Brasil, com certeza tudo ia mudar do dia para a noite, eles iam querer explorar muito, e isso seria um erro.”

Jovem 23/C/P/M	“Isso é o capitalismo.”
Jovem 30/D/ES/M	“Mas em relação ao pertencimento, eu me identifico muito com a identidade gaúcha.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Acho até que o Rio Grande do Sul podia ser um país.”
Jovem 30/D/ES/M	“Aí, eu adoro, tanto a cultura quanto o lugar, o tipo das pessoas.”
Jovem 29/D/ES/M	“O clima.”
Jovem 30/D/ES/M	“Eu sou muito... adoro andar a cavalo, andar de bombacha, morar no interior, correr, andar nos campos assim bem longe sabe, isso é uma coisa bem de gaúcha. [risos].”
Jovem 25/D/ES/SG	“Eu sou gaúcha também, eu também gosto dessas coisas da cultura gaúcha, não só por ser gaúcha, mas Santa Cruz faz parte disso também, o povo santa-cruzensense é calmo e tal, como vou dizer, e o povo gaúcho também é assim.”
Jovem 30/D/ES/M	“Aqui se cultiva bastante a cultura gaúcha, tem o parque de eventos e tem rodeios.”
Jovem 30/D/ES/M	“Tem bastantes CTGs. O pessoal aqui valoriza muito a cultura gaúcha.”
Jovem 29/D/ES/M	“Eu sou mais gaúcha, adoro aqui, eu tenho o maior orgulho, tem a comida, o churrasco.”
Jovem 25/D/ES/SG	“O chimarrão.”
Jovem 29/D/ES/M	“A cultura gaúcha, o clima, tem as quatro estações definidas, isso é bem legal.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Aqui tem o céu azul, quando eu fui a São Paulo, lá o céu é nublado, tudo é cinza, não tem aquela cor, não dá vontade de olhar para o céu, afinal, lá tem muitas empresas, e sai aquela fumaça.”
Jovem 31/D/ES/M	“É, aqui também tem o famoso Grêmio. [risos]”
Jovem 25/D/ES/SG	“[risos] Vamos deixar isso de lado.”
Jovem 31/D/ES/M	“Mas gremista se tu fores reparar tem no Brasil inteiro, os gremistas são filhos de gaúchos que saíram daqui, foram expandir as fronteiras do nosso Rio Grande lá para cima.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Acho que o que faz a gente se identificar é que aqui tem a cultura mais forte do Brasil, em relação aos outros Estados.”
Jovem 30/D/ES/M	“Acho que não tem outro Estado que tem uma cultura tão forte e fixa como aqui.”
Jovem 31/D/ES/M	“Tem lá os nordestinos...”
Jovem 30/D/ES/M	“Não.”
Jovem 31/D/ES/M	“Mas aquilo lá é um monte de... eles têm aquele lance de sertanejo, mas...”
Jovem 26/D/ES/SG	“É, a gente tem o chimarrão, e tudo é nosso.”
Jovem 31/D/ES/M	“Sim, sem falar da macheza do gaudério! [risos]”
Jovem 25/D/ES/SG	“Se tu chega num lugar e fala ‘tu’...”
Jovem 30/D/ES/M	“É, dizem, é gaúcho. [risos]”
Jovem 27/D/ES/SG	“É um Estado que se preocupa muito com a gente, quer crescer, os outros Estados tem até ciúmes e preconceito contra a gente, mas...”
Jovem 30/D/ES/M	“A gente tem orgulho de nós.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Como gostam de ridicularizar o gaúcho, vivem falando de Pelotas, que gaúcho é tudo gay.”
Jovem 27/D/ES/SG	“Gaúcho é o povo mais bonito que tem no Brasil.”

Jovem 31/D/ES/M	“Os paulistas tem inveja da gente!”
Jovem 24/D/ES/SG	“Eu acho sinceramente que o povo gaúcho é um povo guerreiro, porque os homens, mas não somente os homens, as mulheres também, são batalhadores. Até teve aquela minissérie As Sete Mulheres que mostra um pouco do Rio Grande do Sul, os homens foram para a guerra e as mulheres ficaram sozinhas, e tiveram que defender a sua vida, as suas casas, por isso que eu acho o povo gaúcho um povo guerreiro, é um povo que se vira, que não tem medo nada, se tiver que ser ele vai lá e busca. Para mim é essa definição, o povo gaúcho é guerreiro.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Meu irmão morou uns 3 anos em São Paulo, e ele dizia que qualquer gaúcho que chegasse lá conseguia emprego, só por ser gaúcho, eles dizem que rende mais o trabalho.”
Jovem 30/D/ES/M	“O gaúcho não tem medo de trabalhar.”
Jovem 27/D/ES/SG	“Bom, mas pobreza existe em todo lugar.”
Jovem 30/D/ES/M	“Acho que tem muito pobres porque falta controle de população.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Acho que força de vontade o povo tem, mas faltam empregos, tu não podes é ficar em casa reclamando, o meu irmão foi para lá [São Paulo] e ele sempre arrumava emprego, é incrível, ele saía de um e arrumava outro, e ele não tem estudo, estudou só até a 8ª série e até nem tinha curso, mas foi para lá e conseguiu emprego. Ele diz que o pessoal quer trabalhar pouco e ganhar muito, eles escolhem o emprego, mas são preguiçosos os paulistas.”
Jovem 40/E/ES/M	“Por exemplo, aqui o pessoal fala aipim, mas lá em São Pedro é somente mandioca, é muita diferença. Mas certamente a minha identidade é mais gaúcha.”
Jovem 34/E/ES/SG	“Ah sim, gaúcha sem dúvidas.”
Jovem 36/E/ES/SG	“E também sou mais gaúcha. Eu sou completamente gaúcha, eu sou apaixonada pela língua, pelo gaúcho, acho também que é o povo mais bonito que tem, aí não sei.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Eu tenho amor pelo Estado.”
Jovem 40/E/ES/M	“Não somente amor pelo Estado, não só pela cultura, mas pela história do Rio Grande do Sul, não porque se revoltou contra o Brasil, mas pela forma que foi feito, pelo sangue derramado, isso é uma coisa bonita, o gaúcho sempre lutou pelo ideal dele, até não adiantou muito, porque continuou junto com o Brasil, mas é uma luta, não pela guerra em si, mas pela luta. Somos um povo guerreiro.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Isso é uma coisa forte.”
Jovem 40/E/ES/M	“Mas por ter rolado o sangue do índio e do negro, que são mais guerreiros ainda, pela história do negro, este é um povo muito guerreiro.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu gosto do gaúcho porque ele tem personalidade forte.”
Jovem 40/E/ES/M	“Tem mais os imigrantes que trouxeram bastante cultura aqui, é um Estado bom de tu viver, tem o clima, que é ideal, tem frio, calor, tem a meia estação, tem todas as estações bem definidas. Existe uma natureza assim, maravilhosa, claro, no Rio de Janeiro existe uma natureza legal, mas aqui tem uma coisa que a gente leva junto. Sem falar que é um Estado lindo, pois tem uma natureza linda, [...] Isso então é uma coisa que não tem como explicar, somente o Rio Grande do Sul pode nos dar isso.”
Jovem 40/E/ES/M	“[...] O meu sonho, se eu for fazer algo lá para cima, meu desejo vai ser voltar, pois o meu orgulho é ser gaúcho”
Jovem 36/E/ES/SG	“Eu também tenho orgulho de ser gaúcha. Sou apaixonada pelo Rio Grande do Sul. Eu acho o pessoal aqui do Rio Grande do Sul bonito, em relação principalmente ao Nordeste e Ceará assim. A minha prima foi para Brasília agora num negócio da faculdade dela, pois trabalho para um deputado, e nesse apartamento que ela ficou tinham muitas pessoas do Pará, de vários lugares, então ela me mostrou as fotos, mas não me achando linda, mas que povo feio, [risos], sei lá eles soa diferentes sabe.”
Jovem 40/E/ES/M	“Sim, mas isso é porque são diferentes, um exemplo claro é se nós olharmos para as pessoas de um outro país, a gente acha o povo feio sabe. Mas eu acho que o brasileiro em si, é um povo bonito, se pegarmos o exemplo da China, a gente acha eles tudo igual. Mas eles se reconhecem e se acham bonitos, acho que eles percebem que o brasileiro é um povo bonito, mas nós não vemos isso neles.”
Jovem	“Olha só, as mulheres mais bonitas são todas gaúchas, tem a Fernanda Lima, a Gisele

36/E/ES/SG	Bünchen, a Ana Hickmann. As mulheres mais bonitas são as gaúchas, pode cuidar.”
Jovem	“Necessariamente não é só aqui, mas...”
40/E/ES/M	
Jovem	“Mas modéstia à parte, vamos e convenhamos, o gaúcho não tem para matar, não é porque eu sou gaúcha, mas aqui tem o sotaque e povo mais lindo.”
36/E/ES/SG	
Jovem	“Sim, mas isso é o que tu achas, assim como as outras pessoas dos outros Estados devem achar isso também deles [risos].”
38/E/ES/M	

Quadro 17: Narrativas juvenis selecionadas acerca do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” tendo o estudo como tema central

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Bom, pensando sobre isso, eu já estou no terceiro ano do ensino médio, eu estava pesquisando várias faculdades para fazer e eu tenho mais interesse por relações internacionais, na linha de ser diplomata, é o que eu queria ser, só que preciso ter uma faculdade de relações internacionais e depois fazer um teste no Instituto Rio Branco para então poder ser diplomata, só que essa faculdade só tem na UFRGS, na PUC ou onde o meu pai mora, que é em Joinville, na UNIVILE e UNIVALE. [...]”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu quero prestar vestibular para Arquitetura, na UFRGS, em Porto, porque eu quero morar lá, mas eu agora quero arquitetura, mas eu não sei bem, porque não é bem arquitetura, eu quero fazer áreas de interior, aí eu descobri que tem em Santa Catarina um curso específico para isso que leva só dois anos [...]”
Jovem 1/A/ES/SG	“Bom, eu vou fazer vestibular para a UFRGS no final do ano, a princípio vou passar, eu quero fazer antropologia, para isso eu tenho que fazer sociologia, é que só tem três faculdades de Antropologia no Brasil, no resto tem que fazer ciências sociais [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“Eu não posso declarar muita coisa, eu não fiz o teste vocacional ainda, mas, eu acho que faria qualquer coisa, menos educação física, é, eu não quero ser professora, quer dizer, professora de universidade deve ser legal, mas eu não posso afirmar uma coisa, por exemplo, hoje eu já pensei em 3 faculdades diferentes. É, o que eu quero é fazer desenho industrial, que tem em Santa Maria, só que uma barreira bem ruim para mim seria o vestibular, é uma coisa meio inviável para mim, então eu vou tentar lá, mas se não der eu vou ter que fazer algum curso aqui na Unisc, e eu não quero isso, há eu também pensei em filosofia, eu quero fazer qualquer coisa lá em Santa Maria. Eu não penso como muita gente que quer juntar dinheiro para comprar um carro bom, eu quero assim, se eu pudesse passar a vida fazendo faculdade acho que seria legal, tu te especializar em um máximo de assuntos possíveis.
Jovem 14/B/ES/M	“Aí, eu penso às vezes sobre o meu futuro, mas não como vai ser, penso no que eu quero fazer, claro, se vier outras coisas que me interessarem eu mudo sabe, não é uma coisa que eu tenho certeza do que eu quero fazer. Ano que vem eu pretendo fazer publicidade e propaganda, continuar estudando, os meus pais me apóiam sempre.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu quero continuar estudando [...] meu pai me apóia para fazer uma faculdade depois, eu vou fazer ou engenharia ambiental ou de produção aqui.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Ano que vem eu quero fazer um curso pré-vestibular, continuar estudando, trabalhando eu não sei, a minha mãe não, tipo, eu falei assim para ela que eu queria trabalhar, mas ela disse que por enquanto não precisaria trabalhar. Eu não sei o que eu quero fazer, por isso vou fazer um curso primeiro, mas eu quero tentar a universidade federal, por isso que eu vou fazer curso pré-vestibular, mas eu ainda não tenho idéia do que eu quero fazer, eu penso em algumas coisas, mas não tenho certeza, eu penso em química industrial, ou, engenharia ambiental, comecei a pensar em fazer engenharia não faz muito tempo, mas eu não quero fazer aqui.”
Jovem 15/B/ES/M	“[...] eu penso em fazer faculdade ano que vem, engenharia mecânica, mas devo terminar o curso que estou fazendo no Senai primeiro, aqui na UNISC tem engenharia mecânica.”
Jovem 12/B/ES/SG	“Projeto eu não tenho nenhum, só estou fazendo curso, então eu vou terminar ano que vem, depois tentar um vestibular, não sei para quê ainda, Os meus pais querem que eu continue estudando, eles estão me dando o maior apoio, estão guardando dinheiro para pagar, para na realidade ajudar a pagar. Os meus pais não querem que eu pare como o meu irmão parou de estudar, pois eles não gostaram muito, então pelo menos eles querem que eu continue.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu já falei para a minha mãe, que eu não sei se vou fazer vestibular agora, pois eu não vou fazer uma faculdade se eu não sei bem o que eu quero, então ela falou que tudo bem!”
Jovem	“Eu disse que vou ficar parada uma ano, mas também não vou ficar parada, vou fazer um curso.

12/B/ES/SG	Os meus pais não falam muito disso para mim.”
Jovem	“Ah, o meu pai deixa que eu escolha, ele me disse que se eu quiser esperar um ano, dois ou três anos, está bom, ele só não quer que eu faça uma coisa e me arrependa depois. Se eu dissesse que não iria estudar, ele com certeza me responderia assim: tudo bem, contanto que tu não vivas as minhas custas para o resto da vida! Ele vai querer que eu estude, vai ficar enchendo o saco, mas ele vai respeitar a minha opinião.”
10/B/ES/SG	“[...]Eu quero estudar, me formar [...].”
Jovem	“Mas eu vejo assim, eu gostaria de fazer uma federal, porque eu quero ter um emprego que eu goste e que eu me satisfaça. Não que eu trabalhe por obrigação por causa de dinheiro. Eu quero ter prazer no que estou fazendo. Se não eu vou me jogar da ponte! Sim, é legal ficar um final de semana em casa sozinha, mas uns cinco ou seis anos fora, longe da tua casa, longe do teu lugar, do lugar que tu nasceu.”
13/B/ES/SG	“Eu penso que eu fiz o meu projeto de vida, e cada vez mais eu me assusto por que ele fica maior, antes eu havia decidido ser professor, e agora quero fazer História, como pesquisador eu não sei, mas quero fazer História, pelo lado do meu pai eu tive bastante apoio assim. Ele me disse: não era isso que eu imaginava, mas faz o que tu quiser! Mas pelo lado da minha mãe os mus tios sempre brincam comigo, que o negócio é fazer direito, medicina, que isso dá dinheiro. Mas eu escolhi o meu projeto de vida, pretendo me formar agora no colégio, tentar uma faculdade, me formar na faculdade, vencer isso e não pretendo parar de estudar, tudo que eu puder me formar eu pretendo, eu quero fazer gastronomia ainda, jornalismo, fazer mais faculdades, na real eu não pretendo parar de estudar logo [...].”
Jovem	“Ah, eu tenho os meus planos, eu tenho dúvidas de faculdade que eu vou fazer, uma que eu ia gostar muito de fazer e talvez eu passe mais um tempo estudando assim, para ver, bom, dependendo a faculdade que eu for fazer, uma vai mudar a minha qualidade de vida e a outra não, eu fico bem em dúvida, claro, depois ter uma vida normal, casar, eu quero estudar fora numa federal [...].”
19/C/P/SG	“O meu projeto de vida agora, no momento, é ter um estudo de qualidade, saindo aqui do colégio e indo entrar numa faculdade conceituada, num bom curso, numa boa graduação, no segundo plano vem o esporte, seguir carreira, tenho os pés no chão que é muito difícil, mas aí que entra o estudo de qualidade para eu conseguir ter um outro caminho, uma profissão futura [...].”
Jovem	“Eu pretendo estudar agora para fazer uma faculdade, arranjar um emprego, eu vou tentar uma federal, só não sei qual a cidade, meus me ajudariam no início, então, quero estudar e me formar, eu não decidi ainda, mas já tenho idéia, agora mesmo é estudar bastante para passar na federal, arranjar um lugar para morar, arrumar um emprego, para ter como me sustentar um pouco [...].”
16/C/P/SG	“Eu pretendo me formar no final do ano e sei que estou num período bem bravo da minha vida, até pouco tempo eu não sabia o que queria, mas agora aos poucos eu comecei a me decidir, quero trabalhar com crianças, eu não quero dar aulas, eu pensei em fazer um curso novo, mas só tem em universidade particular, mas agora eu estou decidida a fazer Fono [Fonoaudiologia], mas sei que tem poucas vagas, mas vou tentar pelo PEIES [Programa de Ingresso ao Ensino Superior], pois só tem cinco vagas, pois agora tem as cotas, então, vou fazer o vestibular da UFRGS [...].”
Jovem	“[...] Para mim não vale a pena eu estudar tantos anos e pagar e depois olhar para trás e ver que nada disso me adiantou, então no meu caso não vale esse investimento.”
30/D/ES/M	“Em relação à faculdade eu estou em dúvida, estou pensando ainda, mas eu quero fazer faculdade aqui em Santa Cruz do Sul, a minha mãe sabe que eu estou em dúvida, mas ela sempre me diz que quem escolhe sou eu [...].”
Jovem	“Bom, meus pais sabem que eu quero estudar, que eu quero crescer assim, porque quando o meu pai tinha a minha idade, ele só brincava e fazia festa. Em relação à faculdade, eu estava pesquisando quanto estava o preço de uma faculdade na UNISC, e no curso que quero cada matéria está 922 reais, mas é muito caro, é muito dinheiro, então eu pretendo... eu fiz o ENEM e não fui tão bem, mas eu posso tentar entrar pelas cotas, pois eu sou deficiente auditivo [...].”
28/D/ES/SG	“Com relação as minhas perspectivas de futuro o meu pai pega muito no meu pé sabe, então sempre tem um ponto que a gente chega cansada da escola, então eu chego estressada que não agüento mais o colégio, aí ele começa com sermão, pois eu só faço isso, então ele me diz que eu devo estudar e ele me diz que não tem o estudo que eu tenho e dá-lhe sermão sabe, ele quer que eu estude, faça faculdade, arrume um bom emprego, vive me botando pressão sobre isso a
Jovem	
25/D/ES/SG	

	<p>toda hora, já a minha mãe não fala isso, é o meu pai que me pressiona. Bom, não sei se eu vou fazer faculdade, mas mais por opção assim, eu prefiro em vez de fazer faculdade estudar em cursos. Eu sei que o meu pai coloca pressão, mas quem vai ter que pagar a minha faculdade vai ser eu, eles querem que eu faça, mas não vão pagar, eles também colocam pressão para eu fazer cursos direto assim, aí aparece as oportunidades e eles não querem pagar.”</p>
Jovem 26/D/ES/SG	<p>“Meus pais querem que eu faça faculdade, mas eu também sempre quis isso, o que eu vou fazer eu não sei ainda, até o ano passado eu tinha certeza que queria fazer turismo, mas agora não, agora eu estou mais entre Arquitetura, fisioterapia ou odontologia, ou ainda outra coisa que eu talvez vá querer [risos] [...].”</p>
Jovem 31/D/ES/M	<p>Com respeito à faculdade, olha, antes de eu começar aqui na escola já tinha em mente que queria fazer faculdade, um curso mais avançado, e quem sabe mestrado e doutorado talvez. Eu tinha vontade até um tempo atrás de terminar o 2º grau e iniciar a faculdade de administração, só que como é uma área muito disputada né, e bastante cara, eu meio que desisti do plano, porque eu não gosto muito também das áreas das ciências exatas, então até pouco tempo eu estava comentado com um colega meu, que na realidade é um amigo, pois a maioria dos nossos amigos na realidade não passa de colegas, mas este cara é amigo mesmo, pois a gente convive um ano todo com um colega e depois não tem a certeza se vai vê-lo novamente ou não, e esse meu amigo me abriu um outro olhar sabe, pois eu gosto da área esportiva, então ele me disse que o certo seria fazer educação física, e daí me entrou essa dúvida na cabeça. Bom, e agora, o que eu faço?! [...].”</p>
Jovem 36/E/ES/SG	<p>“Eu quero muito fazer vestibular para Direito, quero me formar [...].”</p>
Jovem 34/E/ES/SG	<p>“Eu gostaria de fazer vestibular para enfermagem, vou tentar a universidade federal de Porto Alegre [...].”</p>
Jovem 35/E/ES/SG	<p>“Penso também em fazer vestibular para Medicina na ULBRA e ir morar em [...].”</p>
Jovem 37/E/ES/SG	<p>“Bom, eu vou prestar vestibular na UNISC para História, quero ser professora de História [...].”</p>

Quadro 18: Narrativas juvenis selecionadas acerca do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” tendo a questão do trabalho como tema central

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 6/A/ES/M	<p>“Bom, meu sonho era servir o exército, mas como não deu para encaixar as coisas, meu sonho é fazer um curso e ser brigadiana, eu gosto de aventura e ação, lugar fechado já não e não sei. Eu tenho o apoio da família e mais tarde ter um lugar para mim. Olha, apara alcançar os meus objetivos não vai ser fácil e nem difícil, vai depender tudo de mim, não tenho só o apoio da minha família, mas desde pequena eu tenho amizade com todos os brigadianos que fizeram parte de Rio Pardinho, todos me dão apoio, eu tenho uma colega, que trabalhou em Rio Pardinho e agora mora em Sinimbu, quando ela tinha um filho de dois aninhos ela resolveu fazer o curso, e passou, o curso é fácil, o problema é depois. [...].”</p>
Jovem 7/A/ES/M	<p>“[...]Mas eu acho que eu sou diferente de todos, porque como eu sei que não vou ter como pagar uma faculdade para mim, eu estou fazendo um curso para fazer o concurso do Banco do Brasil, eu pretendo passar em algum concurso público ou alguma coisa, trabalhar e depois fazer a minha faculdade. Eu primeiro penso em trabalhar para depois fazer uma faculdade [...].”</p>
Jovem 8/A/ES/M	<p>“[...] Eu não penso em mercado de trabalho, nem um pouco [...].”</p>
Jovem 1/A/ES/SG	<p>“É, eu nem penso em trabalhar.”</p>
Jovem 7/A/ES/M	<p>“Tu não pensa em trabalhar, mas quem vai te sustentar? O teu pai?”</p>
Jovem 1/A/ES/SG	<p>“Acho que vai ser conseqüência assim, se eu quero buscar alguma coisa.”</p>
Jovem 3/A/ES/M	<p>“Eu vou estudar, e se eu precisar pagar os meus estudos ou a minha casa aí eu trabalho, mas se eu puder, sei lá, acho que o trabalho pode interferir nos teus estudos, eu não quero trabalhar. Só estudar.”</p>
Jovem	<p>“Mas quem não tem condições vai ter que ser obrigado a fazer as duas coisas, vai ter que</p>

7/A/ES/M	trabalhar, eu por exemplo, no meu caso se quiser fazer uma faculdade vou ter que trabalhar, vou ter que dar um jeito de encaixar os dois, se não nunca vou ter.”
Jovem 3/A/ES/M	“Se for preciso eu trabalho.”
Jovem 10/B/ES/SG	“[...] quero trabalhar, eu penso em trabalhar para aprender a lidar com o meu dinheiro sabe, mas é para ter uma noção do que é trabalho [...].”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu penso em fazer, em trabalhar, já estou tentando, mas por enquanto não consegui nada, bom, depois que eu arranjar uma empresa que pague bem, aí vou fazer uma faculdade, não sei se faço direito, ou contábeis, eu não sei, não é certo, mas é uma coisa assim, a minha mãe acha bom fazer qualquer um dos dois, eu quero morar sozinho, ter o meu cantinho para me esconder de vez em quando [risos].”
Jovem 15/B/ES/M	“Bom, trabalhar todo mundo pensa assim, eu já trabalhei, tipo, dois meses eu trabalhei, [risos], é legal ver quanto o salário dura, dá para fazer contas, o meu salário durou uma semana.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Ah?!”
Jovem 12/B/ES/SG	“O meu durou três dias.!”
Jovem 15/B/ES/M	“Sim, durou uma semana. Aí depois eu passei o resto do mês vivendo de vale. [risos]”
Jovem 12/B/ES/SG	“[...] e trocar de serviço também, porque de babá não dá mais para trabalhar, pois eu não tenho nada [...].”
Jovem 13/B/ES/SG	“[...] eu quero trabalho, mas às vezes eu não quero [...].”
Jovem 23/C/P/M	“[...] E se possível trabalhar, depois de estar formado em umas dez faculdades, com uns 45 anos de idade e ir morar numa ilha, onde não faz frio nunca, ficar dando aula lá um bom tempo, em meio à natureza, sem Tv, sem rádio, sem Internet, sei lá ficar lá lendo e estudando, é isso. Mas até lá tem muita coisa para acontecer, e eu não sei o que vai realmente acontecer até lá.”
Jovem 30/D/ES/M	“[...] Claro, eu tenho que trabalhar, eles sabem que eu estudo, nunca rodei na escola nem um ano, eu sei que não vale muito a pena eu fazer faculdade, não porque eu quero ficar no interior, então eu não sei o que vou fazer de estudos, afinal, eu quero seguir o trabalho do meu pai, sim, desejo fazer alguma coisa para não ficar totalmente parada, mas faculdade não [...].”
Jovem 24/D/ES/SG	“[...] Sabe, em relação a trabalho agora eu estou procurando, estou largando o currículo, eu quero trabalhar e ajudar a minha mãe em primeiro lugar, então um pouco do dinheiro do meu trabalho quero ajudar a minha mãe e o outro pouco guardar para fazer uma faculdade. [...].”
Jovem 28/D/ES/SG	“[...] e na idade que estou, trabalho estudo e ralo para crescer [...].”
Jovem 31/D/ES/M	“[...] Pois eu acho que a gente se vale muito do sentido financeiro, sempre pensando no que é melhor financeiramente, mas nem sempre o trabalho vai agradar, então, em relação ao futuro, hoje temos uma idéia e amanhã ela pode mudar, porque todo mundo muda.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Não sei, sabe o que eu tenho para mim, que trabalho a gente tem que ganhar dinheiro.”
Jovem 25/D/ES/SG	“O pior é que eu também concordo.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Eu quero dinheiro, me sustentar, ter o melhor.”
Jovem 25/D/ES/SG	“Ninguém vai trabalhar para não ganhar nada. Ninguém faz faculdade para não ganhar dinheiro.”
Jovem 31/D/ES/M	“Eu acho o mais importante não é ficar rico, mas estar satisfeito.”
Jovem 24/D/ES/SG	“Sim, estar satisfeito com o seu trabalho. Está, tu podes ganhar dinheiro, mas o trabalho tem que ser algo que tu goste.”
Jovem 34/E/ES/SG	“[...] quero muito trabalhar [...].”
Jovem 34/E/ES/SG	“Esses dias eu e a colega fomos procurar emprego, deixamos um monte de currículo, fomos no CIEE e no SINE e não encontramos nada, tudo se pede experiência, mas como vamos ter experiência se nunca trabalhamos?!”

Quadro 19: Narrativas juvenis selecionadas acerca do “projeto de vida” e do “campo de possibilidades” tendo a questão de constituir uma família como tema central

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 1/A/ES/SG	“[...] E em relação a casar e ter filhos, eu pretendo não ter filhos, e nem pretendo casar [risos]. E para eu ter algum dia um filho, só se eu tiver condições e dar tudo que ele precisa e vai ser adotado, não vai ser meu.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Ter filhos assim, só se eu tiver uma estrutura.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho isso também, nem que esteja lá pelos 40 anos. Eu tenho que ter condições de sustentar uma casa, uma família. Depende, isso pode demorar.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Isso pode demorar.”
Jovem 3/A/ES/M	“Por exemplo assim, eu vou passar na faculdade, até eu me formar são 4 anos, até eu conseguir passar no Instituto Rio Branco e me formar são mais, não sei, mas depois que eu passar eu já vou estar ganhando bem. Para pensar em família, eu posso até ter antes, mas eu preciso ter um emprego bom, que eu consiga conciliar, eu preciso estar financeiramente estruturado.”
Jovem 6/A/ES/M	“Não, eu acho que relacionamento não atrapalha em nada.”
Jovem 8/A/ES/M	“Não dá para tu dizer assim, eu só vou amar depois de tal ano.”
Jovem 3/A/ES/M	“Sim, a gente pode namorar uma pessoa durante 10 anos e depois casar. Não, eu posso até casar, mas antes eu preciso ter condições boas”
Jovem 8/A/ES/M	“Eu acho que casamento é àquela hora de tomada de decisão, a partir dali a gente vai viver uma rotina, e para mim, vai ser infeliz.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu tenho o exemplo dos meus pais, eles se separaram, eu sempre digo, que se eles tivessem se separado antes de casar e ter filhos, tudo seria mais fácil. Para mim, eu só vou me casar quando eu tiver a certeza de que é a pessoa que eu quero continuar o resto da minha vida, é com aquela pessoa que eu quero ter meus filhos, e daí sim, mas para mim, isso pode demorar muito tempo ou pouco tempo.”
Jovem 8/A/ES/M	“[...] Bom ter filhos e família, é uma coisa que eu não sei, é bem relativo.”
Jovem 3/A/ES/M	“Não é bem uma coisa que a gente escolhe!”
Jovem 6/A/ES/M	“[...] bom, eu não disse isso antes, mas eu tenho o projeto de vida de constituir uma família, eu tenho tudo planejado, eu tenho o terreno em Rio Pardinho.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Sei lá, eu penso em estar bem daqui uns... uns... oito anos, sei lá, bem financeiramente, empregado, tudo, eu quero ter tudo que é bom para viver, um carro, uma casa, [risos], um carro bom, uma casa boa, estar casado, sei lá, ter um emprego bom, um emprego que pague bem e que eu goste de fazer o que farei.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Ah, não sei. Eu quero uma casa, eu quero carro e eu quero uma família, constituir uma família.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Hum, também.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu quero família [...]”
Jovem 23/C/P/M	“[...] Quero ter uma família, e no momento que for para isso eu pretendo que seja uma família que vá dar certo, prefiro não me separar, criar os meus filhos até não poder mais, acho que foi uma coisa dos meus pais que abalou a minha vida, então no momento que eu for ter um filho eu vou ficar com ele, de manhã até de noite, quero estar sempre presente [...]”
Jovem 18/C/P/SG	“O meu projeto de vida é, primeiro lugar, ser feliz, aproveitar a vida e passar por certas fases e situações, eu tenho vontade de ter um filho, tenho vontade de casar, tenho vontade de ter a minha família [...]”
Jovem 17/C/P/SG	“[...] eu sempre tive o sonho, desde pequena quando brincava de bonecas e de Barbie em me casar, quero ter filhos, quero ter uma família bem unida assim sabe [...]”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] me casar, penso em casar na igreja de noiva com vestido todo branco, quero festa, lua-de-mel, quer ter filhos, acho que o meu sonho mesmo é me casar, quero viver bem sabe, ter uma vida boa, com dinheiro e tudo. [...]”
Jovem 34/E/ES/SG	“[...] mas é claro, quero também ter filhos, me casar de noiva na igreja [...]”

Jovem 35/E/ES/SG	“[...] eu e meu namorado queremos comprar uma casa, quero muito casar na igreja, mas ter filhos, somente depois do 30 anos de idade, acho que antes preciso ter um bom emprego, arrumar um trabalho bom para me sustentar e ajudar na família, não posso ter filhos antes disso [...].”
Jovem 37/E/ES/SG	“[...] pretendo ter uma casa, mas não quero me casar na igreja, somente me casar está bom.”

Quadro 20: Narrativas juvenis selecionadas acerca do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” tendo a questão de sair do local como tema central

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“[...] Acho que eu quero ver como eu ajo fora de casa, sem ninguém para mandar em mim, para, tipo, colocar em prática tudo o que eu aprendi, lavar a louça, arrumar o quarto, ser responsável essas coisas assim, ver se eu consigo colocar em práticas isso e sair de Santa Cruz. Eu não gostaria de continuar aqui. [...].Então, eu só estou esperando eu concluir o terceiro ano, fazer o vestibular e daí vai ser fácil me encaminhar.”
Jovem 2/A/ES/SG	“[...] mas eu vou ir para Porto Alegre igual, se eu não passar esse ano no vestibular, eu quero ficar em Porto Alegre estudando para tentar ano que vem de novo, eu não quero mais ficar aqui sabe. [risos]”
Jovem 7/A/ES/M	“[risos] Mais uma que não quer ficar!”
Jovem 1/A/ES/SG	“Não, são três.[risos]”
Jovem 8/A/ES/M	“Então quatro![risos]”
Jovem 2/A/ES/SG	“Então, se eu não passar eu quero estudar, tipo, trabalhar e ter dinheiro para me manter, fazer um curso, eu vou ficar anos tentando se for preciso. Bom, eu acho que é possível sim, porque eu não quero ficar dependendo da minha mãe e do meu pai, por mais que seja difícil, e vai ser, eu sei disso, eu já falei para minha mãe, ela não queria que eu fosse para lá, porque eu vou passar isso e aquilo, eu sei, eu estou indo para lá por vontade própria, eu vou fazer o que eu quero, e eu acho que vai ser bom para mim. [...].”
Jovem 1/A/ES/SG	“[...] Aí, a princípio vou fazer meu curso, morar em Porto Alegre, e, cara, se eu não passar, eu vou para Porto alegre igual aí, eu não sei o que vou fazer [...] A primeira coisa assim que eu quero, assim, quando der, é morar sozinha.”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] Mas ficar em Santa Cruz, isso não existe! [risos]”
Jovem 2/A/ES/SG	“Não mesmo. [risos]”
Jovem 1/A/ES/SG	“Não. [risos]”
Jovem 8/A/ES/M	“Não. [risos] eu só não fico porque, não vou ter trabalho. Eu nunca me vi em Santa Cruz no meu futuro. Bom, o meu pai tem certeza que eu não vou passar em Santa Maria. [risos] Para ele eu posso até passar mais não vou ficar lá. Ele quer que eu fique aqui, diz que eu vou adorar a UNISC. Eu acho que até agora eu vivi uma vida que não foi minha, completamente minha, entendeu, tipo, eu estudo de manhã, e de tarde eu tenho que fazer coisas que eu não gosto, mas eu tenho que estudar também, então é uma coisa assim, bem complicada. Aí, se eu continuasse aqui seria a mesma coisa, por vários anos.”
Jovem 3/A/ES/M	“Ficar em Santa Cruz, de jeito nenhum! Isso porque eu acho que Santa Cruz não me recebeu bem.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu acho isso também!”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu também acho. [risos]”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu fiquei muito isolado, eu nunca combinei muito com o pessoal daqui.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Ninguém combina!”
Jovem	“É, eu me sinto um peixe fora d’água, aliás, um peixeão. [risos] Sério. Acho que quando tu vai

8/A/ES/M	para uma cidade as pessoas, os assuntos são totalmente diferentes, e qualquer coisa, dizem: essa guria é louca.”
Jovem 7/A/ES/M	“[...] Até tem uma discussão muito grande com o meu pai, ele quer vender a casa lá de Quaraí e comprar uma aqui e eu não quero, eu não quero morar aqui para o resto da vida, eu acho que Santa Cruz é mais um ano ou dois e não tem mais nada aqui para mim.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Não existe possibilidade de eu ficar em Santa Cruz.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu não vejo futuro para mim em Santa Cruz [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] Pois eu penso, eu não quero ficar o resto da minha vida aqui, em Santa Cruz, eu quero..., sei lá, morar em outro lugar, porque se tu fores ver, aqui tem um monte de coisas mas aqui é um fim de mundo! É, imagina eu passar a minha vida inteira aqui!”
Jovem 12/B/ES/SG	“Aí, eu pretendo sair daqui, que nem ela falou, sobre esse negócio de ficar aqui, só que eu nasci aqui, mas tenho planos de sair daqui, não de ficar. Eu tinha planos de sair logo depois da formatura do colégio, só que aí os meus planos desandaram semana passada, porque onde eu ia trabalhar a fábrica de calçados fechou. Então... [risos], aí a minha mãe perguntou, tu estás com planos de sair, bom, planos eu tenho, só que agora não sei. Eu não vejo o meu futuro aqui, de jeito nenhum, penso que por eu ter nascido aqui, não consigo ver meu futuro que eu pensei aqui sabe.”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] eu acho que crescer aqui não tem como!”
Jovem 12/B/ES/SG	“Eu também acho isso, por isso que quero sair! Eu não vejo o meu futuro aqui. Bom, não sei o que lá fora vai me dar, mas acho que uma condição boa de vida e uma boa formação. Pode ser que eu indo, não sei também, eu posso conseguir, acho que é mais fácil do que aqui. Aqui em Santa Cruz eu já me acho meio de fora do padrão do que mais pedem assim. Pode ser que consiga um emprego aqui, mas não ser aquela coisa que eu espero sabe. A minha expectativa é que lá fora eu consiga, aqui vai ser meio difícil pelas condições que eu tenho.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu também vejo o meu futuro fora da cidade.”
Jovem 14/B/ES/M	“Eu disse na entrevista que não queria migras, mas antes eu pensava assim, porque seu fizesse vestibular e passasse, eu iria ficar aqui sabe. Pois até terminar a faculdade, eu acabarei tendo a minha família aqui. Mas de uns tempos para cá eu comecei a pensar que não é isso que eu quero sabe. Tem coisas muito melhores do que ficar aqui.”
Jovem 15/B/ES/M	“Santa Cruz é legal, mas tem lugares mais legais!”
Jovem 14/B/ES/M	“Acho que comecei a pensar isso de um mês para cá. Antes eu pensava, não tenho coragem de sair, de largar a minha família e meus amigos, mas eu penso que em outro lugar eu vou ter isso, vou ter outra família e amigos. [...] Porque se eu ficar aqui, parece que eu vou ficar que nem o resto da cidade, numa rotina, trabalhar, ter família e tudo normalzinho, sei que aqui não dá para ter uma coisa diferente.”
Jovem 13/B/ES/SG	“[...] Mas eu tenho vontade de sair, que nem ela falou sobre mudar o pensamento, eu também mudei o meu. Eu falava que eu nunca iria para Porto Alegre morar naquela cidade, mas agora eu quero ir sabe.”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu nunca pensei em ficar aqui em Santa Cruz, eu via todo mundo que fazia o curso e saia para outras cidades, e quem ficava aqui em Santa Cruz ficava na mesmice de ficar trabalhando numa fumageira, no máximo ser chefe de setor [risos]. Aí eu comecei a pensar se é isso que eu quero, ser no máximo chefe de setor numa fumageira? [risos] Aí eu vi que tinha uns gurus que iam trabalhar na fábrica da GM em Gravataí, ganhando super bem como salário inicial. [...]. Quanto a ter dito na entrevista que não migraria, bom, eu já mudei de opinião [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“[...] Estamos acostumados com aqui, então quando vai para Porto Alegre é diferente, é outro pique, mas quem está lá, já está acostumado. Mas olha só, não me refiro à classe média, mas olha quantas pessoas de classe alta tem em Santa Cruz! Aqui tu consegues uma vida boa, com sorte é claro. Então eu acho que em outros lugares é mais fácil de tu conseguires uma vida boa. A gente deve sair se vê que tem futuro fora, mas arriscar e largar uma vida boa, também não.”
Jovem 19/C/P/SG	“[...] talvez voltar para cá algum dia, mas a princípio sair daqui. Bom, os meus pais sabem que eu quero sair muito daqui, num primeiro momento eles disseram que não, tu não vai, mas aos poucos eles estão vendo que eu quero isso.”
Jovem	“[...] porque fui para Santo Ângelo, e penso até em voltar para lá, sei que têm poucas clínicas

21/C/P/M	de fisioterapia, e agora já tem umas 5 ou 6 a mais, porque é uma cidade pequena, mas isso não muda minha idéia, de ser um melhor profissional.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Mas eu gostaria de sair de Santa Cruz do Sul.”
Jovem 34/E/ES/SG	“[...] Eu não sei se meu futuro é aqui, quem sabe.”
Jovem 35/E/ES/SG	“[...] Mas o meu projeto de vida não é Santa Cruz do Sul.”
Jovem 35/E/ES/SG	“[...] Sabe, eu já fiz tantas entrevistas para trabalho aqui, e não consigo nada, sei que se eu fosse um riquinho, como muitos que tem aqui, eu conseguiria muito mais fácil emprego, a minha mãe sempre viveu da safra aqui, mas eu não quero isso para mim, acho que tem muita gente e poucos empregos, então eu quero sair daqui, aqui eu não vejo o meu futuro, as coisas aqui são muito difíceis.”
Jovem 35/E/ES/SG	“Não acho, aqui não tem emprego, todos os meus familiares encontraram emprego em Canoas. Mas está certo que eu também não quero ficar aqui por causa do meu namorado.”

Quadro 21: Narrativas juvenis selecionadas acerca do “projeto de vida” e dos “campos de possibilidades” tendo a questão de permanecer no local como tema central

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 6/A/ES/M	“Eu quero ficar aqui. [...] Bom, como eu disse antes, eu pretendo investir na carreira de brigadiana, mas provavelmente se fosse para optar, depois que eu passasse, eu ia querer ficar em Santa Cruz, uma, porque não a questão de ficar debaixo da saia da mãe, não, bem ao contrário, aliás, agora no começo de julho eu vou começar a construir a minha casa [...].Então, já que eu vou ficar do lado dela até ela precisar, assim, eu não quero sair.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu só ficou em Santa Cruz do Sul se eu estiver trabalhando, se tiver trabalho eu fico, porque aí eu fico até eu arrumar alguma coisa em outro lugar. Bom, mas eu vou para uma entrevista e todo mundo pede experiência, e ninguém dá emprego para a gente, então, como eu vou ter experiência, eu já tentei, e está difícil, eu tenho ficha em mil lugares, mas ninguém me chama e eu tenho 3 cursos, eu tive experiência pelo CIEE [Centro de Integração Empresa e Escola] mas a desculpa é porque está no 3º ano, ou não sei o quê, ou tu não tem experiência, mas como eu vou ter se não me dão uma oportunidade. O CIEE não dá, eu nunca vi uma pessoa trabalhando um ano trabalhando, e não consegue nada.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Sabe, a minha mãe não quer que eu more sozinho, ela quer que eu more lá com ela, nesse ponto o meu projeto de vida é diferente do que quer a minha mãe. Na entrevista eu disse que eu não quero migrar, Santa Cruz está muito bom do jeito que está!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Aí, eu também quero ter um bom trabalho que me sustente, não vou dizer que eu quero um salário que me dê luxos e mais luxos, mas eu quero que ele me proporcione prazeres, que eu possa viajar e fazer coisas diferentes. Não sei se eu mudaria de cidade, talvez, mas eu estou acostumada com Santa Cruz, que nem quando a gente foi para Porto Alegre em excursão da escola, eu achei horrível, uma cidade feia, suja, muita gente...”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que em Santa Cruz é possível conseguir o que eu quero, claro, não um salário muito alto, mas... É um futuro mais calmo. Imagina, tu pensar que amanhã vais ter que levantar e para ir ao trabalho pegar um trânsito infernal?! Aí, escutar aquelas buzinas a manhã toda, os transtornos e ainda corre o risco de ser assaltado. Pára! Tipo, chegar as sete ou oito horas da noite por causa de engarrafamento. Isso não é futuro.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Dá para se manter aqui e até aumentar de vida.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Eu não sei se sairia daqui...”
Jovem 30/D/ES/M	“Eu não sairia de Santa Cruz do Sul.”
Jovem 31/D/ES/M	“Eu também não.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Em relação a sair daqui, eu não sei, só se fosse para fazer uma faculdade. Mas não dá para sair assim, pois tens que sair pronto, já sabendo onde vai trabalhar, onde vai morar, não dá para sair assim sem nada, sem emprego, sem casa para morar, sem estudo, só com a própria sorte não dá. Então às vezes é melhor ficar do que passar fome numa cidade maior. Se eu

Jovem 24/D/ES/SG	fosse para Porto Alegre eu ia ver se tenho parentes lá, se eu tenho onde morar, aí eu iria fazer uma faculdade lá. Senão, não tem futuro.”
Jovem 29/D/ES/M	“[...] Eu quero morar aqui, até poderia viver em outro lugar, mas eu gosto daqui.”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] Eu pretendo fazer faculdade em Santa Cruz do Sul, pois não quero sair daqui.”
Jovem 36/E/ES/SG	“[...] Mas pretendo quem sabe ficar aqui.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Não, mas aqui tem emprego, se tu procurares tu encontra, mas aqui em Santa Cruz é melhor para se viver, tudo aqui é mais barato. Lá tu vais ter mais despesas com transporte.”
Jovem 36/E/ES/SG	“É, eu sei que é difícil, mas tem que pensar que aqui a gente tem casa e a família, então não estamos na rua, agora, sair de algo garantido e se aventurar não dá sabe, afinal, tu vais viver de quê?”
Jovem 37/E/ES/SG	“Isso é verdade, por isso que não desejo sair daqui e vou fazer faculdade aqui, tenho tudo.”
Jovem 34/E/ES/SG	“É, viver aqui agora é mais fácil por causa da família, mas eu gostaria de estudar fora, de fazer faculdade numa federal, não sei se vou conseguir passar, então posso acabar ficando por aqui mesmo.”

Quadro 22: Narrativas juvenis selecionadas do grupo focal A acerca da questão da inserção, do ressentimento com a comunidade local e da vontade de sair da cidade

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 3/A/ES/M	“Ficar em Santa Cruz, de jeito nenhum! Isso porque eu acho que Santa Cruz não me recebeu bem.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu acho isso também!
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu também acho. [risos]”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu fiquei muito isolado, eu nunca combinei muito com o pessoal daqui.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Ninguém combina!”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] A minha mãe adorou a cidade, eu não gostei, porque quando a minha mãe veio para cá, eu vim pensando, não eu vou ficar em Santa Cruz só de passagem, eu não vou morar aqui, e eu sempre pensei isso, eu nunca tive a idéia de morar aqui, de estudar aqui, na UNISC, e arrumar emprego, até porque o que eu quero da minha vida, eu quero ser diplomata, eu quero ser grande [...] e Santa Cruz não ia me abrir espaços para eu ser o melhor, pra mim, eu acho que não tem espaço. Em Santa Cruz a pérola, é tu ser bastante, como eu posso dizer, bastante popular, então as pessoas tem que conhecer teu nome e tua família, conhecer tuas origens, saber de onde tu veio, saber quem tu é, saber como tu faz as coisas, para que abra as oportunidades. Tu tens que ter bastante influência, qualquer pessoa que é grande, que é chefe de alguma coisa, o dono do Quiosque [restaurante], o dono da Imobel [imobiliária], são pessoas influentes e todo mundo conhece, todo mundo sabe da onde vem. O prefeito de Santa Cruz, a gente conhece a filha, conhece a esposa, conhece o histórico dele, e para mim isso não ia funcionar, então, não sei, eu tenho saudades de Porto Alegre, se eu for seguir o que eu quero mesmo eu não vou poder ficar em Porto Alegre também, mas eu não gostaria de ficar em Santa Cruz do Sul isso nunca passou pela minha cabeça, de jeito nenhum!”
Jovem 8/A/ES/M	“É, eu me sinto um peixe fora d’água, aliás, um peixão. [risos] Sério. Acho que quando tu vai para uma cidade as pessoas, os assuntos são totalmente diferentes, e qualquer coisa, dizem: essa guria é louca.”
Jovem 3/A/ES/M	“As pessoas te olham assim e viram de costas. Aqui é que nem eu disse, tem que ser influente, quando a gente dizer algo, a gente não é daqui, a gente não nasceu aqui, as nossas famílias não são tradicionais, então muitas vezes tu esta excluído.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu acho que eu sou excluída aqui, é, aqui é muito de nome e sobrenome, mas quem tem nome, é o máximo, agora, quem não tem nada e vem aqui morar, parece que as pessoas não prestam. Até tem uma discussão muito grande com o meu pai, ele quer vender a casa lá de

Jovem 3/A/ES/M	Quará e comprar uma aqui e eu não quero, eu não quero morar aqui para o resto da vida, eu acho que Santa Cruz é mais um ano ou dois e não tem mais nada aqui para mim.” “Faz 6 anos que eu moro em Santa Cruz e ainda sou meio excluído, as pessoas perguntam: quem tu é? Aí eu digo: eu sou o fulano, não, não, eu quero saber o teu sobrenome, é tal, aí eles dizem, não conheço ninguém com esse sobrenome, aí eu digo, eu sou de Porto Alegre, há está, então.”
Jovem 8/A/ES/M	“Eu acho que Santa Cruz é muito material assim.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que Santa Cruz é regida pelas pessoas mais velhas, os jovens não mandam nada, quem mandam são os mais velhos.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu não vejo futuro para mim em Santa Cruz. Eu acho que como eles falaram, Santa Cruz parou assim, não tem, eu não gosto daqui, eu sei que sou uma santa-cruzensense, mas eu não gosto daqui. Eu acho que não tem a ver comigo assim, eu não me sinto excluída, mas eu não me sinto bem, não é uma questão de exclusão [...]”

Quadro 23: Narrativas juvenis selecionadas acerca do que é ser jovem e da diferença entre as categorias geracionais jovem e adulto

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 2/A/ES/SG	“Ser jovem é tu ter uma mente aberta, tu ter opinião, sei lá, acho que é isso [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“[...] acho que é essa atualização de idéias, se adaptar... é justamente tu querer andar para frente, não ficar presa assim.”
Jovem 7/A/ES/M	“É, não ficar presa às origens!”
Jovem 2/A/ES/SG	“Bom, em relação a ser jovem, acho que podemos ser chamados de jovem para sempre. Não fisicamente. Mas psicologicamente.”
Jovem 7/A/ES/M	“É, pode sim.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que eu tenho cabeça de adulto, mas eu sou jovem. Acho que jovem é mais ativo, sei lá. Pode brincar, se aventurar, se divertir, ir para a festa.”
Jovem 6/A/ES/M	“É, o adulto tem mais cabeça, é mais responsável que o jovem.”
Jovem 4/A/ES/M	“É, o adulto tem muito mais responsabilidade que um jovem, ele é responsável pela família assim, é difícil a gente ver o jovem como um adulto, mas o adulto é responsável por si, um jovem de 18 anos não é responsável como um adulto, é difícil. Nada a ver ser adulto somente depois dos 18 anos, acho que depende da responsabilidade da pessoa, não sei se depois dos 18 anos somos considerados adultos.”
Jovem 3/A/ES/M	“Acho que o jovem é considerado adulto depois dos 18 anos legalmente falando, tem a parte legal, a parte física e a parte mental.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu acho que o jovem não tem tantas responsabilidades para cumprir quanto o adulto, aí está uma das diferenças.”
Jovem 3/A/ES/M	“Tipo, a questão legal, tu já pode ser preso. O jovem psicológico é o jovem nas atitudes e nos pensamentos.”
Jovem 7/A/ES/M	“Sim, já tem mais cabeça, pensa como alguém mais velho.”
Jovem 4/A/ES/M	“É, acho que mental, quando um jovem assim, tem as idéias de um adulto. O adulto é um jovem quando está sempre inovando, quando tem as idéias de um jovem [...]”
Jovem 4/A/ES/M	“Quando eu falo em adulto me vem na cabeça a minha mãe, meu pai, pessoas que são mais velhas, não uma pessoa como tu. Eu penso na minha mãe porque é mais velha assim.”
Jovem 7/A/ES/M	“É, o adulto tenta proteger, assim.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que tem adolescência, tem os pré-adultos também. Por exemplo, para mim adulto lá depois dos 30 anos, depois de formado, porque até lá, dos 18 ou 20 aos 30 anos tu és um pré-adulto, é adulto, está se formando como adulto, mas com a mente jovem.”
Jovem 6/A/ES/M	“Olha, o jovem já pensa mais em diversão, em baile, quer curtir a vida, arrumar namorado, curtidão, não está nem aí para o resto, pegar uma guria hoje e amanhã pega outra, já o adulto

	é mais responsável, pegar uma guria e namorar ela, algo mais sério, ou seja, o adulto não leva as coisas mais na brincadeira, leva as coisas mais a sério. Pensa mais no futuro.”
Jovem 7/A/ES/M	“É, o adulto não pensa só no agora.”
Jovem 6/A/ES/M	“O jovem já não pensa no futuro, tendo o presente, o resto é...”
Jovem 4/A/ES/M	“Quando eu penso em adulto a primeira coisa que vem na minha cabeça, é, acorda, vai para o trabalho, e volta para casa e cuida da casa. Quando falam em adulto, é essa imagem que vem.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu também, é a primeira coisa que vem.”
Jovem 4/A/ES/M	“É, mais por esse lado assim. [risos]”
Jovem 3/A/ES/M	“É, também acho isso, o adulto é totalmente responsável, porque o adulto jovem é responsável, mas assim...”
Jovem 4/A/ES/M	“Não deixa de fazer as coisas.”
Jovem 3/A/ES/M	“É, tem a parte do lazer assim, mais variada. É, o jovem pensa mais na diversão que no trabalho, e o adulto o contrário, primeiro a responsabilidade e depois a diversão. Eu acho que nenhum dos dois está errado assim, porque o jovem não tem muita responsabilidade de sustentar uma casa como o adulto, então ele pode pensar mais em diversão. A diversão para o adulto fica meio prejudicada.”
Jovem 6/A/ES/M	“Mas tem dois lados, o adulto tem família para sustentar, mas no caso não tem mais filhos pequenos, já são grandes, então, não precisa estar cuidando ali, mais atenção porque ele vai quebrar aquilo, mas aí tem o lado bom, pode sair ir para a festa, o bailão [...]”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que adulto e jovem não tem bem uma idade, tu pode ser adulto, depois ser jovem, e depois voltar a ser adulto. Por exemplo, nessa época de vestibular, eu vou ser adulto, procurar faculdade, eu vou ter que procurar uma cidade, eu vou ter que pensar no futuro, num emprego, ou no que eu vou querer trabalhar. Depois que eu passar disso, talvez eu volte a ser jovem de novo, porque daí, eu já vou ter a minha vida encaminhada, eu posso voltar. Eu acho que a minha mãe é uma mistura de jovem com adulto.”
Jovem 2/A/ES/SG	“Disseram que a gente pode ser jovem e adulto ao mesmo tempo [...]”
Jovem 10/B/ES/SG	“Ser jovem é...”
Jovem 9/B/ES/SG	“Quem é novo!”
Jovem 10/B/ES/SG	“É, fazer festa, é a época que tu mais conhece pessoas e faz amizades, aproveita a tua vida, depois quando tu se casar tu vais ter a responsabilidade de trabalhar, ter uma família, cuidar da casa, de filhos, sei lá, eu acho que a palavra jovem se resume a isso, ter mais liberdade. Bom, depois tu também podes, mas tu vais ser um jovem com responsabilidades.”
Jovem 15/B/ES/M	“Ser jovem para mim é curtir a vida, fazer festas, ter algumas responsabilidades, por exemplo, eu faço Senai, eu considero isso uma responsabilidade.”
Jovem 11/B/ES/SG	“Sei lá o que é, acho que sair, se divertir, acho que é isso.”
Jovem 12/B/ES/SG	“É curtir a vida mas com um pouco de responsabilidade.”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, brincar, bom, brincar não, como posso dizer, sim, com certas brincadeiras é possível.”
Jovem 15/B/ES/M	“Sim, o jovem pode brincar, não aquelas brincadeiras de carrinho, [risos].”
Jovem 9/B/ES/SG	“Bom, o jovem pode trabalhar, mas não com responsabilidade como um adulto de ter que sustentar uma casa, isso não deve, se não, o jovem não aproveita a vida.”
Jovem 14/B/ES/M	“Bom, eu acho tudo que eles já falaram, de festas, se divertir e curtir, mas eu acho que é uma das maiores responsabilidades lutar quando se é jovem, pois quando tu é jovem que tu estuda e te prepara para trabalhar, pois tu passas desde os seis anos de idade até os dezessete anos estudando, então, depois ainda vou ter que estudar mais um monte para quando ser adulto ter alguma coisa sabe.”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu acho que responsabilidade mesmo é quando tu sustentas uma casa, que nem estudar, estudar...isso.”

Jovem 14/B/ES/M	“É, mas depois como tu vais se sustentar.”
Jovem 15/B/ES/M	“Sim, é uma responsabilidade, mas não é aquela responsabilidade!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Sim, se tu fores sair, e tu não tiveres responsabilidade, tu corres o risco de matar uma pessoa.[risos].”
Jovem 9/B/ES/SG	“Sim, tu tens que cuidar para não matar ninguém. [risos].”
Jovem 10/B/ES/SG	“É, mas se tu saís numa festa, tu deves ser responsável.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu não sei. É que eu acho que ser jovem não depende da tua idade, eu estava pensando sobre isso. Tu podes ser um jovem mais velho.”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, jovem no pensamento.”
Jovem 11/B/ES/SG	“É, é o que eles falaram.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que, vamos supor, se eu tivesse perdido o meu pai e a minha mãe, e eu morasse com a minha avó, provavelmente tem gente que amadurece mais rápido por causa de responsabilidades que outras pessoas não tem.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Ah, sustentar a família.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Mas eu acho que maioria dos adultos sustenta a família!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Bom, jovem é considerado até os dezoito anos, aqui ninguém tem a responsabilidade de... Não pode viajar sem ter um mais velho junto. Sim, o adulto pode ir e vir e ele é responsabilizado pelos seus atos, o jovem não, a maioria não, quem é responsável ainda é o pai. Os pais entram na educação.”
Jovem 9/B/ES/SG	“È, as regras. Quem as dão são os pais!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eles têm compromissos como a gente!”
Jovem 9/B/ES/SG	“Mas eles têm compromissos bem mais pesados!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Nada impede eles de ser jovem, eu acho que tem coisas que levam eles a serem mais jovens! Os jovens não são iguais”
Jovem 9/B/ES/SG	“Tem jovens mais velhos.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Mais maduros.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Dizem que a mulher amadurece mais rápido.”
Jovem 15/B/ES/M	“É.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Se tu pegar uma guria e um guri da mesma idade, com certeza a guria tem mais cabeça que o guri. O guri vai fazer aquelas criancices e a guria não.”
Jovem 14/B/ES/M	“Tem jovens mais maduros, tem outros que não.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Os pensamentos não são iguais.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Se tu saíres de noite caminhando na rua tu vais ver os jovens chinelão bebendo nas esquinas, tem outros fazendo arte e quebrando coisas, tem diferenças, tens uns que vão estar assaltando, outros fumando por aí.”
Jovem 13/B/ES/SG	“A diferença entre os jovens vem...”
Jovem 15/B/ES/M	“De casa.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Vem dos pais.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu acho que os pais têm que estar sabendo onde o filho esteja e o que está fazendo, na rua e com os amigos.”

Jovem 15/B/ES/M	“É.”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, eu acho que é bem assim. Mas muitas vezes eu já fui influenciado pelos amigos.”
Jovem 15/B/ES/M	“É que tem muita coisa de curiosidade, de saber mesmo se vai acontecer, por mais que o teu pai fale, não faz isso, porque se não! Aí tu pensas, não comigo não acontece isso.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Na verdade, a gente sabe os limites, do que deve fazer e o que não deve fazer.”
Jovem 14/B/ES/M	“Sim, a gente sabe, tipo, se um amigo chegar e dizer, vamos assaltar isso, eu não vou lá fazer, a gente sabe o que é errado ou não.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Tipo, encher a cara.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Isso pode levar a algo grave.”
Jovem 16/C/P/SG	“Ser jovem é uma ação, tu faz, tu cria, qualquer pessoa, mais velha ou mais jovem pode criar, acho que o jovem é o precursor, é quem faz as mudanças, nas mudanças que ele faz vão afetar o jovem mas tudo assim... no futuro, não sei se é o mais ativo, porque tem muita gente que trabalha, mas é o momento de mudança, acho que o jovem tem mais gás para as coisas, não para fazer, mas para executar seus objetivos próprios, no caso de mudar, para crescer, dá o ponto de partida, é o início assim.”
Jovem 18/C/P/SG	“É o momento que tu tens mais opções, na sociedade, para tu organizar a tua vida, para ti fazer a base da tua vida, escolher o que tu vai ser, se tu queres estudar, fazer muitos ou poucos amigos, tu crescer, são essas escolhas que tu tem. Uma pessoa um pouco mais velha, com uma família já pronta ela tem que..., como vou dizer, ela está presa, bom, presa não, mas ligada a isso e tem certas opções que não estão abertas, que não podem ser cogitadas, então, o jovem tem um campo de escolhas maiores assim.”
Jovem 17/C/P/SG	“Eu acho que é o momento que tu pára e vai decidir o que tu vai fazer sabe, tu comesças a integrar a sociedade de um jeito mais ativo, isso é um aspecto importante, tu tens um papel, tu comesças a decidir tudo, começa a fazer planos e daí para frente vai começar a construir as coisas, o jovem pode errar.”
Jovem 16/C/P/SG	“Todo mundo pode errar. Acho que o colega colocou muito bem que o jovem tem muitas opções, talvez alguns jovens não tantas quanto nós, dependendo... mas o jovem tem um leque maior de ação, quando as pessoas são mais velhas, elas têm uma base e não podem abrir mão disso, tem uma certa estabilidade, e o jovem não está amarrado sabe, foda-se se eu cagar agora eu posso arrumar depois, [risos] tem uns que vão pelo caminho certo e não tem muitas coisas para arrumar assim, o jovem tem uma liberdade extremamente maior, não tem nem a metade das amarrações que os mais velhos têm.”
Jovem 22/C/P/M	“Acho que ser jovem, é o momento em que a gente tem que se desenvolver o que a gente vai ser no futuro, a gente pensa, a gente tem a nossa própria opinião, a gente sabe o que a gente quer.”
Jovem 18/C/P/SG	“Nós achamos o que queremos!”
Jovem 22/C/P/M	“A gente tem uma noção, pelo menos isso a gente sabe, o que nós fizemos agora, vai ter resultados daqui para frente, acho que é um momento basicamente de desenvolvimento da gente.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu vejo os jovens como ainda imaturos, em busca do que quer para a vida, em busca do futuro, acho que o jovem erra bastante e acaba aprendendo.”
Jovem 18/C/P/SG	“Talvez como o jovem não seja tão ligado assim, como um adulto, estamos ligados, mas é bem fraco que um adulto, então o jovem pode através do erro aprender, por que agora, vamos dizer, não está valendo ainda, o adulto deve fazer certo logo, se errar uma vez, não pode errar duas vezes, claro, também tem direito de errar, mas...”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho que ser jovem é uma fase que tu vais escolher tudo, praticamente toda a tua vida, tu vais escolher até quanto tempo tu queres ser jovem, isso é uma característica de uma pessoa levar uma vida diferente, sem tanta preocupação, mais <i>light</i> , não tem tantos compromissos, não se importa tanto com as coisas, é uma fase que tu vais aprendendo, vais errando bastante, vais crescendo e evoluindo, e a partir dessa fase que tu vais construir a tua base. Os adultos hoje tentam não errar tanto porque eles já fizeram isso uma vez, já erraram, e já evoluíram e construíram a sua base. Ser jovem não é uma idade, é um jeito da pessoa ser, é uma característica, tu podes ser jovem com 50 ou 60 anos, é uma atitude, é um jeito de ser.”
Jovem	“Acho que sim, não é a tua idade que vai limitar tudo que tu pode ser e fazer.”

22/C/P/M Jovem	“É um perfil.”
16/C/P/SG Jovem	“Jovem é uma palavra que pode ser ligada à liberdade, tipo, um adulto, cheio de responsabilidades resolve fazer algo assim do nada, não organizou não planejou nada, tem vontade de fazer sem pensar na consequência daquilo.”
18/C/P/SG Jovem	“Tem aquela questão, tu pode ser jovem pela mente, tem muito jovem que tem um mente jovem, tem jovem que tem a mente velha, ser jovem é uma mente mais aberta, tipo, no nosso caso, a gente é mais jovem, para mim no caso, ser jovem é ter 30 anos, nós somos muito inseguros, por causa da primeira vez, jovem é inseguro para fazer as coisas, já as pessoas mais velhas tem medo porque já viveu aquilo, é diferente.”
16/C/P/SG Jovem	“Os jovens podem ser liberais ou conservadores nas atitudes, na maioria das vezes, por ter essa característica jovem, de não estás tão preocupado, de não ter tantas ocupações, o jovem está descobrindo o mundo ainda.”
18/C/P/SG Jovem	“Eu acho que não é bem assim, uma pessoa mais velha pode ter características jovens, eu tenho uma tia avó tem 70 e poucos anos e se formou em direito no ano passado, ela fez isso depois de velha, mas é uma coisa de buscar sempre mais, não está.... deu, me formei, estou trabalhando e ponto, depois vou me aposentar, ficar em casa e morrer, acho que isso não é um pensamento jovem, acho que o jovem esta sempre buscando alguma coisa diferente, se está errado, vamos tentar mudar, este é o poder de mudar e escolher, acho que é a principal coisa da vida, quanto mais tu errar mais completo tu vais se tornar, mais tu aprende..”
23/C/P/M Jovem	“Acho que isso tem a ver com o perfil, o jeito de cada pessoa, no modo de pensar, talvez ela seja mais segura, já tenha tudo organizado, e vai se sentir bem em saber como vai ser as coisas. Tem gente que é mais de ter uma idéia do que vai ser, vai e tenta, tipo, vamos ver no que vai dar, outras não se jogam e esperam para ver o que vai acontecer. Então, depende muito de cada pessoa, de como vai seguir a vida, vai tendo segurança, do que vai querer ser e tudo.”
18/C/P/SG Jovem	“O jovem é a pessoa que vai atrás do novo sabe, não fica parado.”
17/C/P/SG Jovem	“É uma fase de descobrir, como um filme, se tu olhar para trás noutros tempos, digo, nossos pais, eles tinham uma juventude diferente da nossa, mas mesmo assim, era a fase das descobertas deles, hoje em dia as pessoas se beijando na rua, naquela época dar a mãe era o máximo, então vai se descobrindo as coisas aos poucos.”
23/C/P/M Jovem	“Através da experiência tu consegues criar muitas coisa, mas a criatividade que vem de ser jovem, por exemplo, as revoluções, tipo, na música, o rock assim, são pessoas mais novas que, digo, mentes jovens que...”
18/C/P/SG Jovem	“Eu acho que a fronteira de ser jovem e adulto é a vontade, de querer fazer alguma coisa, porque, eu ia até falar da política, hoje em dia o país está conturbado de problemas, mas os adultos só fazem: há, mas foi sempre assim, então vamos a diante. Já os jovens, tu pode perceber as vezes, eu percebo, de ter um pouco de vontade de querer mudar, só que por ser jovem a gente não sabe como, vamos supor que vai chegar uma pessoa menor de idade e querer fazer isso e aquilo, tem os pais, não é tu quem vai assumir, tem aquela coisa de querer mudar, de ver o que não está certo e tentar evoluir. O adulto muitas vezes fecha a mente, ele aprendeu aquilo na fase dele e é aquilo, só que a infância dele é diferente da minha, a gente já foi criado dentro de um computador praticamente.”
23/C/P/M Jovem	“Eu acho que jovem é aquela coisa, tem evolução, se renovam às idéias, idéias fortes que podem ser mudadas. Já o adulto tem uma definição de tudo mais fixa, bem mais centrada sabe, o jovem sempre muda para melhor, mais moderno, ele está lutando, o adulto não, tem idéias fixas.”
16/C/P/SG Jovem	“Eu acho que o adulto se adapta mais rápido, vamos supor, condições, porque a sociedade pede isso para ele, ele tem responsabilidades, a sociedade cobra essa postura de não ser tão radical, estar sempre a disposição.”
17/C/P/SG Jovem	“Acho que adulto seria... eu acho que muitos de nós aqui do terceiro ano já podemos nos considerar adultos, nós somos jovens e adultos ao mesmo tempo. Adulto para mim é uma pessoa centrada, com metas estabelecidas, objetivos que seguem uma vida formada, uma vida econômica e social bem estabilizada. Ser jovem também é aproveitar a vida, se tem vontade de fazer festa e festa, ou alguma coisa assim, mais de liberdade.”
21/C/P/M Jovem	“Acho que adulto traz a responsabilidade junto, adulto para mim é responsabilidade, tem que controlar alguma coisa, mas acho que o espírito jovem, o adulto pode ter espírito jovem, com vontade de correr atrás das coisas mas com uma carga de responsabilidade bem maior que

	quando ele tinha enquanto jovem.”
Jovem 30/D/ES/M	“Ser jovem é ter vontade de viver, sonhar alto.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Planejar [...]”
Jovem 24/D/ES/SG	“Ser jovem é tudo isso e mais.”
Jovem 31/D/ES/M	“Bah, se nós dissermos tudo o que pensamos vamos ficar até a manhã aqui. [risos]. Mas ser jovem é bom, é super positivo.”
Jovem 24/D/ES/SG	“Claro, a gente não pode pensar negativo. Tem que ser positivo e pensar que vai dar certo.”
Jovem 28/D/ES/SG	“A gente sabe que tem que fazer isso e fazer aquilo, tem que trabalhar, estudar, tem que fazer um monte de coisas [...]”
Jovem 29/D/ES/M	“A diferença entre ser jovem e adulto é a responsabilidade.”
Jovem 30/D/ES/M	“Mas o pessoal acha que o jovem não tem responsabilidade.”
Jovem 31/D/ES/M	“É mais light.”
Jovem 25/D/ES/SG	“O adulto tem que buscar as coisas. E depois as pessoas te cobram.”
Jovem 28/D/ES/SG	“É, tipo, se tu não cumprir, estudar quando ser jovem, então depois de adulto tu vai ter que agüentar. E cumprir todas as cobranças.”
Jovem 26/D/ES/SG	“O jovem não tem tanta responsabilidade e tal.”
Jovem 31/D/ES/M	“O jovem não tem tanta responsabilidade quanto o adulto e não tem tanta infantilidade quanto uma criança. O jovem ainda não está preparado para vida adulta, mas também não é criança.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Mas a gente já sabe o que é certo ou errado, a gente já tem a capacidade de ver isso.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Ser jovem é diferente de adulto, pois se o jovem trabalha, sabe que pode não fazer certo algo, mas quando se é adulto, o adulto já tem família, pois os adultos têm que pagar conta e essas coisas.”
Jovem 30/D/ES/M	“É, o jovem se tem dinheiro pode guardar para compra uma coisa, não precisa pagar uma conta.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Mas o mais jovem não precisa trabalhar, não tem o compromisso. Então vai estudar e fazer festa. É chato ser adulto.”
Jovem 30/D/ES/M	“Ai eu acho que não.”
Jovem 28/D/ES/SG	“É, o jovem trabalha de dia, estuda de noite e depois vai para a festa, não deixa a sua juventude por causa do trabalho.”
Jovem 31/D/ES/M	“Mas juventude não tem idade. A gente pode estar com 90 anos, enfim, se a gente quiser podemos ser jovens sempre, jovem não tem idade.”
Jovem 24/D/ES/SG	“Então é um estado de espírito.”
Jovem 31/D/ES/M	“É ter um espírito muito...”
Jovem 31/D/ES/M	“É, muito alegre, é não ser rabugento, porque isso a gente sabe que a velhice de hoje em dia é muito rabugenta.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Ah, mas a gente escolhe, tem muito jovem que é chato.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Sim, mas somos diferentes, tem a ver com a identidade, uns já são mais espontâneos, outros mais quietos.”
Jovem 34/E/ES/SG	“Acho que ser jovem é aproveitar a vida, namorar, se divertir, aprontar ficar, um monte de coisas assim”
Jovem 35/E/ES/SG	“Para mim qualquer um pode ser jovem, pois ser jovem é estar de bem com a vida, estar sorrindo, estudar, procurar arrumar emprego, ser jovem é ter saúde, ir atrás das coisas, batalhar pelo futuro.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Acho que ser jovem não tem nem início e nem fim.”

Jovem 36/E/ES/SG	“Jovem não tem idade [...] Acho que a diferença é pequena entre um adulto e um jovem, pois todo o adulto tem um pouco de jovem.”
Jovem 34/E/ES/SG	“É, mas para se ter filhos é preciso ser adulto.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Sim, é muita responsabilidade. Acho que os jovens não têm tanta responsabilidade como os adultos.”
Jovem 35/E/ES/SG	“Mas a vida nos força a sermos adultos, pois a gente ao fazer a nossa vida, em termos filhos, vamos ter que ter uma postura de adulto.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Sim, é verdade isso. Eu concordo.”
Jovem 34/E/ES/SG	“Ser jovem é isso tudo, mais livre, menos responsabilidades, já adulto deve ser mais responsáveis, temos uma família para cuidar, filhos para educar, casa para sustentar, enfim, temos contas a pagar, e não dá para ser irresponsável com isso.”

Quadro 24: Narrativas juvenis selecionadas acerca das relações intergeracionais

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 2/A/ES/SG	“Eu agiria diferente se eu pudesse.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu também. Bom, em relação a minha família, [...] eu não vejo o meu pai já faz dez meses, tipo, nesses tempos ele me ligou uma vez e a gente falou normal, mas depois eu ligo e ligo e ele não atende, meu pai não mora aqui, então, mas ele vem para cá, mas não para me ver.”
Jovem 2/A/ES/SG	“É que eu quero fazer as coisas e a minha mãe diz que não. Aí eu digo, eu quero. A última palavra não é dela e nem do meu pai, a não ser quando tem a ver com dinheiro, [...] não é uma questão de dizer que eu mando na minha mãe, a gente dialoga.”
Jovem 1/A/ES/SG	“Eu acho que nem a colega, dinheiro eu não tenho, e se ela não der eu não vou ter como sair [risos]. [...] Mas em relação as minhas atitudes eu não mudo nada, mas, eu acho que se eu morasse sozinha, tem coisas que eu faria diferente se não estivesse em casa, então eu não faço porque a casa é dela.”
Jovem 4/A/ES/M	“Eu assim, pelo lado da minha mãe, a gente entra num acordo. [...] Mas se fosse pelo meu pai, eu acho que eu ia ficar louca [...] Mas por lado de dinheiro, ele sempre me deu, para comprar coisas tipo, até porque eu vivo da pensão dele né [...]”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] com a minha mãe a gente sempre entra num acordo sempre [...] Mas com o meu pai não, ele não tem esse lado de me ouvir, ele já tem um modelo de filho, ele quer que eu siga aquele modelo [...] Meu pai coordena mais as coisas, tu vais fazer isso e a minha mãe é mais liberal [...]”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] Mas o meu pai apesar de me entender quer que eu seja como ele quer. Não me dá direito de escolha.”
Jovem 6/A/ES/M	“A minha mãe é mais liberal, eu sempre converso com ela, e tenho sempre jogo aberto, mas com o meu pai não teria como me encaixar, caso os dois se separassem e eu fosse morar com ele. Acho que jamais eu ficaria, não sei, é que o meu pai tem o jeito mais durão, quer levar tudo ali do jeito dele, e eu já não tolero isso, eu acho que a gente tem que entrar num acordo, a minha mãe me dá conselhos, mas pelo lado financeiro, meu pai sempre diz assim: tu estás trabalhando, te virá! Se tiver que pagar alguma coisa, eu não estou nem aí para ti! Só que quando chega em aspecto de baile ele diz: eu acho que tu não deverias ir [...] Ele está sempre querendo me levar pelo lado: tu não vai porque eu ainda te mando. Já a minha mãe não.”
Jovem 7/A/ES/M	“Meu pai sempre diz que enquanto eu for menor de idade que manda em ti sou eu! Meu pai vive falando isso!”
Jovem 3/A/ES/M	“Isso a minha mãe sempre diz: que eu estou debaixo do teto da casa dela e que eu tenho que seguir as ordens dela.”
Jovem 6/A/ES/M	“Meu pai também diz isso. A gente acaba sempre discutindo e como eu nunca tive o carinho dele, quando eu era mais nova, sempre quando chegava o sábado ou domingo de noite ele ia viajar de novo, sempre aquela coisa. Sempre distante de mim e do meu irmão. E agora! Às vezes ele fala: vocês não me obedecem, porque eu falo uma coisa, que não é para ir num lugar e vocês vão. Aí, a gente sempre acaba discutindo, porque eu falo, mas tu nem senta com nós, tu não soube educar quando a gente era novo e agora tu vais querer dar educação depois com os filhos grandes. Aí ele diz: não, mas não é assim!”

Jovem 4/A/ES/M	“É assim que eu penso, porque quem me criou mesmo foi a minha mãe e as minhas tias porque o meu pai não, isso desde que eu estou com a minha mãe. Às vezes ele vem dar opinião, e eu digo: espera aí, agora tu queres dar opinião na minha vida! Quem é tu, que deixou a minha mãe sozinha, a pé, desde pequena foi ela quem corria comigo de um lado para o outro e tu não estavas nem aí! Claro, ele ajudava no lado financeiro, mas é o fato de tu estares ali, a dedicação, e quem foi que fez isso foi a minha mãe e as minhas tias. E eu fico brava com isso [...] E eu brigo com ele. A mãe às vezes quando eu quero fazer algo ela diz: pergunta para o teu pai primeiro, aí eu digo: olha mãe quem vai decidir é a senhora porque eu não vou perguntar nada para ele. Porque ele é meu pai e está ali, mas pitaco na minha vida eu não deixo dar.”
Jovem 3/A/ES/M	“Com meu pai já é diferente, ele não fala muito, porque desde que eu nasci, desde que os meus pais se separaram até hoje ele também sempre foi um pai ausente, ele viajava muito, depois ele trabalhava em casa, só que eu não podia falar com ele, ele estava no escritório trabalhando [...] E depois que os meus pais se separaram ele ficou mais ausente ainda [...] então ele não me conhece, é como se eu fosse um estranho na casa dele, quando eu vou visitar ele eu me sinto como um visita, não como filho dele, então. Então eu não culpo por isso, porque ele tenta correr atrás, ele conversa comigo para descobrir o que eu gosto ou não, porque ele não sabe nada de mim. Quem sabe mais é a minha mãe, ela está mais por dentro da minha vida do que o meu pai. Então por isso, acho que ele tenta seguir o protocolo como se diz, sei lá, é muito estranho.”
Jovem 6/A/ES/M	“A minha mãe já é mais assim, me perguntou: o que tu pensa agora que tu estás terminando o terceiro ano? [...] Mas o meu pai já não, ele sempre pensa, tu tens que fazer tal coisa, isso é melhor para ti. Aí eu sempre digo: eu que sei o que é melhor para mim! [...] A minha mãe já conversa, dá conselhos, ela sempre diz assim, que não quer que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com ela, porque com 17 anos ela estava grávida, com 17 anos a minha irmã também estava grávida [...]”
Jovem 3/A/ES/M	“Os pais sempre dizem: eu não quero que ocorra contigo o mesmo que aconteceu comigo [...]. E, ele diz que não quer que isso aconteça para mim. Mas aí ele está me privando, ele não está deixando eu escolher o lugar para mim, ele não está me dando liberdade. Aí esse tipo de caso, é ruim, a gente pode dar exemplo e conselhos, mas não obrigar a pessoa a fazer.”
Jovem 7/A/ES/M	“Mas por mais que a gente pense, como o meu pai, mas no fundo eles só querem o bem. Tudo que eles passaram eles tem medo que a gente passe a mesma coisa. Eles podem falar, mas não podem te obrigar.”
Jovem 3/A/ES/M	“[...] Eu só posso fazer o que ele deseja e não posso fazer o que ele não fez. Eu já tenho a minha vida escrita, eu só posso seguir o que ele falou, não pode ser nada fora daquilo.”
Jovem 4/A/ES/M	“É, para a minha mãe também. Só que o meu pai nunca me perguntou, como é que vai, como anda, chega final do ano ele pergunta: tu passaste? [...]”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu me sinto presa, por não poder sair, por causa da parte financeira, como as gurias falaram, eu sou dependente deles [pais], se eles não me derem dinheiro eu não posso sair, mas eu e meu pai somos conflito o dia inteiro, porque por ele eu não, por ele, o meu lugar é ficar em casa o dia inteiro, chega no final de semana eu tenho que estar em casa [...] Mas se eu vejo que ele está errado.”
Jovem 4/A/ES/M	“Com certeza se eu morasse com o meu pai seria a mesma coisa, mas a minha mãe já tem uma cabeça mais aberta.”
Jovem 7/A/ES/M	“Eu te digo que eu penso para um lado e o meu pai para o outro.”
Jovem 3/A/ES/M	“O meu pai e a minha mãe são chefes-de-casa, mas qualquer assunto, eles pensam diferente, qualquer assunto, eles pensam totalmente diferente. Então, eu fico ali no meio, eu falei para a colega que um pega num braço e o outro no outro braço e eu fico lá, hum! [...]”
Jovem 7/A/ES/M	“[...] Se eu morasse com a minha mãe eu ia poder sair à hora que eu quisesse. Eu tenho diálogo com ela, quando o meu pai diz que não, ela olha para mim e diz: deixa para mim! Então ela vai lá e no outro dia ele deixa. Pela minha mãe, mas a última palavra é do meu pai [...] Bom, a única coisa que ele fala, que até os 18 anos eu sou menor, ele manda em mim [...] Então, às vezes eu acabo chorando e brigando com ele, então eu digo: eu não vou aproveitar a minha vida? Quando eu vou aproveitar a minha vida, quando eu for velha?”
Jovem 3/A/ES/M	“Os pais sempre querem para a gente uma coisa boa que eles não conseguiram fazer ou não querem para a gente uma coisa ruim que aconteceu com eles [...] Ele quer se construir na minha imagem. Tipo ele quer ver em mim o reflexo dele na minha idade!”
Jovem 15/B/ES/M	“Eu dialogo com os meus pais.”

Jovem 9/B/ES/SG	“Bom, depende. Dependo o que a minha mãe me diz eu ouço, outras vezes não. [risos] Tem umas coisas que eu não levo em consideração. Parece que às vezes ela tem umas idéias pré-históricas. Certas coisas que ela fala e a gente conversa, pra mim, eu acho lá do tempo do epa [expressão que se refere ao passado]!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Ah, não, mãe se fala, está louco, parece praga, se fala acontece. É, eu acho que é porque elas já passaram por isso, eles já foram jovens também um dia.”
Jovem 12/B/ES/SG	“É, ela fala, tu não faz isso, porque se tu fizeres tu vais te arrepender. Bom, tem algumas coisas que eu levo em consideração, mas têm outras que ela pega lá do fundo do baú, bem do fundão!”
Jovem 10/B/ES/SG	“Os pais da gente sempre querem o melhor!”
Jovem 15/B/ES/M	“Eles querem evitar que a gente quebre a cara assim como eles quebraram!”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, evitar que a gente siga um mau caminho.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que os pais sempre querem o melhor para o filho. [...] Eu acho que o único amor verdadeiro é o de pai para filho.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Sim, se os pais dão conselho é porque querem o bem [...] Em relação aos meus avós, muitas vezes eu não tenho paciência para falar e nem eles para escutar.”
Jovem 15/B/ES/M	“É, mas os avós criticam mais a gente.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Os meus avós perguntam coisas para mim, sabe, eles perguntam muito mais para mim as coisas que os meus pais. Eu tenho mais diálogos com eles, por mais que eu só os vejo nos finais de semana.”
Jovem 15/B/ES/M	“Tipo, às vezes tu falas umas coisas para os teus avós e eles vão e dizem, mas no meu tempo não era assim! [risos] Por exemplo, eu falo para o meu avô que eu cheguei às sete horas da manhã, ele diz: está, mas que horas tu foi? Esse é o exemplo da <i>Oktoberfest</i> . Aí eu digo: há, eu fui lá pelas sete da noite! Então ele me diz: como tu ficou doze horas numa festa?! Que nem, quando eu fico com uma garota, eu conto para meu avô, então ele diz: mas como, tu nem conhece a família dela! [risos]. É, uma vez eu falei de uma menina que a gente ficava, então ele disse: namorada?! Ai eu respondi: não, a gente só fica então ele me perguntou: mas como só fica?! A gente avô, costuma ficar com e depois outra. Ele me falou: como, duas?! [risos] Eu tentei explicar, mas ele não entendeu!”
Jovem 11/B/ES/SG	“Não, com a minha avó é do tempo do epa. A minha mãe já não. [risos] São totalmente diferentes.”
Jovem 12/B/ES/SG	“Às vezes eu vou conversar com a minha avó, então eu tenho que cuidar o que eu falo com ela [...] [risos].”
Jovem 12/B/ES/SG	“É, mas o meu pai tem uma cabeça mais assim, mas, enfim, ele entende. [...] É, meu pai é bem mais atrasado que a minha mãe, ela é bem mais moderna.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu não tenho essa liberdade de falar isso com os meus avós. Bom, com a minha mãe eu converso certas coisas. Mas eu não tenho coragem de falar sobre isso com eles, não tenho coragem, não me sinto bem. Sei lá se é respeito ou o quê.”
Jovem 10/B/ES/SG	“A gente fala muitas gírias também, então a minha avó diz: hã? O quê? Tem umas gírias muito loucas, então ela fica boiando. Em relação aos conselhos dos meus pais, eu acho que eles podem dar conselhos, mas decidir não, podem dizer o que acham melhor, mas quem tem que decidir mesmo as coisas é a gente. Está certo que eu sempre pergunto para o meu pai o que é melhor, então eu vejo se ele tem razão e aí...”
Jovem 15/B/ES/M	“Na verdade, a gente ouve o que é interessante para a gente.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Principalmente quando se fala em dinheiro.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu sempre pergunto para a minha mãe qual é a opinião dela, eu sou muito perdida sem ela, tudo o que eu vou fazer eu tenho que perguntar para ela, porque eu já passei por várias coisas assim, eu fui lá e fiz, depois quebrei a cara, porque eu não tinha dado ouvidos para o que ela tinha me falado.”
Jovem 14/B/ES/M	“Eu acho que é legal falar, mas a gente decide as coisas. A minha mãe pede para eu contar tudo para ela [...] mas eu gosto de ter a minha [...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, tem algumas coisas que eu pergunto, mas tem muitas coisas que eu não pergunto, eu faço e deu! [...] mas certas coisas eu não faço, aliás, eu faço bem o contrário! Só para ver a cara dela. [risos].”

Jovem 15/B/ES/M	“Bom, sei lá, às vezes a minha mãe vê um negócio e diz: tu não está a fim de fazer?! Então, não custa nada fazer né [...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“Eu dependo financeiramente dela.”
Jovem 12/B/ES/SG	“Bom, financeiramente eu não dependo muito dela, que nem o ano passado ela me disse: faz isso. Mas eu havia pensado, não, não vou fazer. Mas como ela argumentou, que era só uma experiência, então eu fiz [...]”
Jovem 11/B/ES/SG	“Eu tenho um bom diálogo com a minha mãe, eu converso com ela, então eu digo o que eu acho, ela sempre diz, se tu acha bom, faz, mas tu tens que saber o que estás fazendo [...]”
Jovem 9/B/ES/SG	“Bom, com os meus filhos, eu vou tentar ensinar tudo o que eu aprendi.”
Jovem 15/B/ES/M	“A gente pensa que vai ser diferente, então a gente chega numa certa idade e começa a entender que algumas coisas que a gente aprendeu.... vale sabe.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Quando eu era mais novo, tinha uns doze anos, eu pensava, eu não quero ser como a minha mãe! É, não deixa sair, mas eu penso que ela está certa às vezes, eu vou tentar fazer a mesma coisa. Mesmo que os meus filhos fiquem beijudos como eu ficava, é melhor para eles.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que até certo ponto eu vou ser igual. [...] Eu acho que por causa disso eu vou ensinar tudo, não é só depois de uma certa idade que tu vais ter responsabilidade, tem criança que não pode brincar e não pode fazer nada.”
Jovem 9/B/ES/SG	“A minha mãe sempre diz assim: não roda na escola! É só isso que eu quero.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Tem pai que olha caderno de filho todo o dia para ver se tem trabalho ou prova, já o meu pai não, ele sempre falou que eu não faço nada em casa, não trabalho, assim, a única responsabilidade que eu tenho é de estudar, para passar e ter um futuro pelo menos inteligente.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Minha mãe diz: para não passar trabalho como eu passei.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu acho que vou ser igual a minha mãe! Só não vou ter quatro filhos. Eu queria dar a mesma infância que tive, de interior, para os meus filhos. Das duas partes da família foi assim, essa liberdade de interior. Isso foi muito legal, então eu queria que eles tivessem isso também [...]”
Jovem 14/B/ES/M	“Ah, eu também nunca fui proibida assim de ..., sempre tive liberdade, claro, chegou assim, numa idade, que eu queria sair para as festas, só que a minha mãe dizia, só depois dos quinze anos, e eu não entendia o porquê sabe. Mas hoje eu entendo [...]”
Jovem 11/B/ES/SG	“Eu também vou ser igual.”
Jovem 15/B/ES/M	“Bem, o meu pai como parâmetro. Hum, acho que não, ele é muitas vezes carrancudo [...]”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu e o meu pai não temos diálogos.”
Jovem 14/B/ES/M	“Eu e meu pai, a gente não tem diálogo, eu conto tudo para a minha mãe, mas para o meu pai, nada. E eu não tenho vontade de chegar e conversar com ele, tipo, logo que eu comecei a namorar, e minha mãe sabia, então, ele foi reclamar com a minha mãe achando que ela não sabia, [risos]. Aí o meu pai começou a reclamar para a minha mãe que o meu pai não contava nada, que eu não conversava com ele, que eu não dava abraço nele.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Mas o certo é o pai tem que ter uma postura de pai, se não o filho toma conta, mas eu digo, pai, estou indo!”
Jovem 9/B/ES/SG	“Claro, eu iria continuar sendo eu mesmo, mesmo longe da minha mãe, eu agiria igual.”
Jovem 14/B/ES/M	“Sim, também, mas talvez eu poderia fazer mais coisas erradas. Sempre quando eu quero alguma coisa e a minha mãe diz não, eu digo, quando eu tiver dezoito anos eu vou fazer, mas mesmo assim, ela me diz, não tu vais ver que não é assim.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu agiria igual.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que eu sentiria falta de um puxão de orelha [...] querendo ou não, eles dão conselhos bons, então eu sentiria falta se eu fosse morar sozinha [...]”
Jovem 15/B/ES/M	“Mudar de atitudes eu não mudaria.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Eu ia me sentir perdida. Eu dependo muito da minha mãe para tudo. Eu já disse para a minha mãe, o dia que eu casar ela vai morar junto comigo.”

Jovem 18/C/P/SG	“[...] Sabe, a família os pais até cobram este tipo de coisa, mas é uma ordem natural das coisas, nada muda assim, jovem e adulto, isso é um processo.”
Jovem 16/C/P/SG	“[...] no meu pai e na minha mãe eu vejo mais características mais conservadoras, tipo, o meu pai é mais conservador e a minha mãe é mais aberta, mas eles têm características de jovens sabe. A minha mãe é bem mais jovem, ela é bem mais aberta, meu pai já é o contrário [...].”
Jovem 17/C/P/SG	“Eu acho que nós dependemos completamente deles [...].”
Jovem 22/C/P/M	“Os pais cobram bastante da gente. Eles sabem que a gente está num período assim maluco, pois estamos se formando, mas sempre tem cobrança em relação ao estudo, não só em relação ao colégio, mas responsabilidades em relação à vida também, mas é uma cobrança que não é tão pesada [...] mas eu sinto bastante pressão. Todos os pais têm expectativas, eu sei que se eu não passar no vestibular eles vão ficar decepcionados, mesmo eles tentando não demonstrar que, é uma pressão enrustida.”
Jovem 18/C/P/SG	“Mas é legal poder apresentar para os teus pais algo que tu conseguiu, mas sei que se eu não conseguir passar no vestibular vai ser pior para mim do que para eles [...].”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho o meu pai [...] tem a cabeça mais aberta, não tem aquela coisa mais conservadora, e a minha mãe também, para a maioria das coisas eles são assim, eu fui criado por eles sempre com responsabilidade, então, desde pequenininho fui ensinado a ser uma responsabilidade e a me cuidar dos meus atos [...] Então existe um diálogo mais aberto, eles me tratam como um adulto, eu acho que não tem pressão, não sinto isso, os meus pais nunca me cobraram, sempre me ensinaram: tem que estudar! [...].”
Jovem 21/C/P/M	“[...] a cobrança dentro de casa existe, não é uma pressão, eles apenas me perguntam como estou indo na escola, nos treinamentos, nas atividades que eu tenho, então não é uma pressão, eu apenas estou seguindo os meus objetivos, e agora os meus pais estão se separando. Mas eles já me deixaram sair de casa confiando muito em mim, eu sai com 15 anos de idade, nessa época eu já tinha metas estabelecidas.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu acho os meus pais bem jovens, não é bem uma pressão, é uma cobrança e a principal diferente entre nós e eles é que eles já passaram por isso que eu estou passando hoje sabe, e eles só querem a coisa certa [...].”
Jovem 17/C/P/SG	“Bom, os meus pais cobram algumas coisas de mim, porque sabem que eu quero fazer faculdade fora, então eles me dizem, lava a louça, coisas assim para eu saber me virar depois. Mas eu sei que isso é para me ajudar.”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acredito que a maior herança que nossos pais nos deixaram é como eles nos criaram, a nossa educação que eles deram dentro de casa, costumes, obrigações que a gente tem, deveres, os valores, assim como o que é certo e errado [...] Bom, eles podem ensinar coisas que hoje são ultrapassadas, mas foi o que eles aprenderam [...] Daqui a alguns anos a gente vai perceber se o que eles nos ensinaram foi certo ou errado, então daí vamos [...] depois deixar para os nossos filhos, o exemplo sempre vem dos pais, com o teu filho tu vais tentar fazer a mesma coisa que o teu pai fez contigo [...].”
Jovem 18/C/P/SG	“Até pelas indicações que eles nos dão, eles querem o nosso bem, eles repassam essas coisas para a gente sempre, se nós quisermos aproveitar, podemos a fazer isso através dos conselhos deles, eles nos dão essas valiosas dicas, é uma espécie de dever que os pais tem em passar para a gente, talvez para que a gente não passe pelo mesmo que eles passaram, ou que façamos de uma maneira mais fácil ou melhor.”
Jovem 17/C/P/SG	“Acho que uma herança que eles nos deram foi o estudo, porque eles querem ver nos formar sabe, minha mãe nunca foi de cobrar se eu ia bem no colégio ou não porque eu sempre gostei de estudar, mas eu vejo com o meu irmão que eles cobram [...] todo o pai quer que o filho tenha oportunidade, eu acho legal isso, mesmo que pareça chato, eles tem que cobrar sabe, isso é para o futuro e eles também passaram por isso, eles sabem que depois isso vai ser importante.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu acho que a herança é isso, os estudos, a educação, o que é ético, a moral, a gente leva, e depois, vamos passar para os nossos filhos, acho que principalmente a educação.”
Jovem 16/C/P/SG	“Acho que os pais deixam para ti é tudo, a questão educacional, os valores, das coisas boas que temos, 90% vem dos nossos pais, se tu fores colocar na balança, a herança não é apenas uma coisa que eles deixaram para ti, mas se constitui de muito da tua personalidade e do conhecimento assim, o que nos guia é o caráter, princípios, isso vem dos pais, diretamente ou indiretamente, ou eles vão te ensinar ou tu vais observar eles, seja bom ou seja ruim [...].”
Jovem 21/C/P/M	“A maior herança que nossos pais nos deixam são os princípios né, o que é certo ou errado, [...] quando nós estivermos na função de pais e vamos poder passar isso que todo mundo já disse [...].”

Jovem 18/C/P/SG	“A sociedade influencia na gente, mas o caráter vem desde pequeno, de acordo com fomos criados, se desde o início da vida receber os princípios sobre boa conduta, ética. [...] Então são os valores que são uma herança para nós [...]”
Jovem 30/D/ES/M	“A minha relação com os meus pais é muito boa, a gente conversa, o pai quando vai fazer uma coisa ou comprar algo ele sempre conversa, procura ver a minha opinião, converso mais com o meu pai, com minha mãe nem tanto, mas eu acho que sou uma pessoa privilegiada pela relação que eu tenho com os meus pais, é muito bom, eu gosto. Sei lá, tudo que eu preciso, sempre que eu falo [...] Posso dizer que tenho uma relação amigável, super legal e aberta.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Bom, o relacionamento com a minha mãe é muito bom, mas a gente não conversa bastante porque eu só vejo a ao meio dia, pois ela trabalha muito, ela sempre me apóia e sempre procura saber como estou. Já meu pai, eu vejo ele mais como amigo, não bem um amigo, mas conhecido dele [...] Eu e meu pai temos conflitos, opiniões diferentes [...]”
Jovem 25/D/ES/SG	“Quando eu tinha 2 anos de idade a minha mãe trabalhava de empregada doméstica numa casa, daí ela trabalhava o dia inteiro, de manha até de noite quando chegava em casa, então a gente praticamente não se via, mas tu sabe que a minha mãe criou as 3 filhas da patroa dela, pois elas regulam em idade comigo, mas comigo é diferente, elas têm a minha mãe como uma segunda mãe para elas, e a minha mãe trata as filhas da patroa como se fosse filhas dela, então elas têm um bom diálogo, mas eu e a minha mãe não, então não existe entre nós aquela coisa de ela dar conselhos para mim, pois eu vou para o colégio de manhã, volto e faço o almoço, organizo a casa de tarde, e apenas de noite a minha mãe chega, então ela chega cansada, e eu vou para o meu quarto, então, praticamente a gente não conversa. No final de semana a minha mãe vai ver a mãe dela e a gente não conversa, e com o meu pai é a mesma coisa, ele trabalha o dia todo, a única diferença é que a minha mãe não vem ao meio dia em casa almoçar, e meu pai vem, aí como o serviço dele é muito pesado, ele trabalha em obras, ele chega todo dia em casa estressado. Então eu e o meu pai brigamos bastante, e ele adora dar sermão, então se eu falar para ele 3 palavras ele me dá um sermão de 15 minutos e o que irrita é a gente bater boca, então lá em casa é assim, eu chego estressada, os meus pais também e a gente não conversa sabe, mas ainda eu me identifico mais com ele sabe, mas final de semana a gente sempre sai juntos, ele me leva com ele para festas, tipo, o meu pai não fica pegando no meu pé com relação aos namoros, por isso eu me identifico mais com ele do que com a minha mãe.”
Jovem 26/D/ES/SG	“O meu relacionamento com os meus pais é muito bom, principalmente com a minha mãe, eu me dou melhor com ela, sei lá, eu e o meu pai temos umas idéias diferentes, eu falo com o meu pai todos os dias, de manhã, de tarde e de noite, a gente tem um bom diálogo, o meu pai aceita um pouco as minhas opiniões, mas ele é meio cabeça dura [...]”
Jovem 31/D/ES/M	“Agora eu estava ouvindo as histórias e fiquei pensando quanta coisa a gente tem em comum, aqui, como a maioria, eu sou mais apegado a minha mãe, pois a gente convive mais, já o meu pai trabalha no período da noite, então, durante o dia ele está dormindo [...] então eu e o meu pai pouco nos falamos [...]”
Jovem 24/D/ES/SG	“Eu gostava muito do meu pai, apesar dele estar sempre doente, ele tinha câncer, eu sempre obedeci mais a minha mãe. E ela sempre me dizia estuda e estuda, porque tem muita gente que tem estudo e não consegue, então imagina quem não tem!”
Jovem 36/E/ES/SG	“O meu pai e a minha mãe foram casados um tempo, 19 anos [...] claro ele nunca deixou faltar nada, mas ele era mais fechado quando morava com a gente, [...] mas comigo depois da separação o meu pai mudou bastante, ele ficou mais atencioso, ele mudou mesmo, não sei, ele ficou mais próximo, mais carinhos, de conversar e sair junto para passear, meus pais brigavam muito, ele era muito ciumento, ofendia a minha mãe [...] Mas eu e a minha mãe temos uma relação não somente de mãe e filha, mas principalmente de amigas, ela sempre me conta as coisas quando está com problemas, bom, minha mãe nunca foi de me cobrar, ela sempre me educou ali, ela sempre diz que eu tenho várias escolhas, e que tudo vai da minha cabeça, então ela sempre me diz, que se eu fizer algo que vá... desrespeitar, a minha vidinha de princesa acaba. A minha mãe me dá tudo, ela lava as minhas roupas, eu não faço praticamente nada, então ela sempre me diz, cuida para a tua vidinha de princesa não acabar, mas ela sempre diz também que não quer que eu deixe de fazer as coisas por causa de medo, não é isso, só que ela espera que eu tenha a cabeça no lugar e não faça coisas erradas. [...] então eu cresci neste mundo de turbulências. Mas nós temos um bom diálogo [...] A gente tem uma relação muito boa em família, me dou muito bem com os meus irmãos. Eu amo a minha família e a minha vida.”
Jovem	“Bom, lá em casa é normal assim, tenho diálogo, claro, não é tudo aberto assim, mas eu me

37/E/ES/SG	dou muito bem com o meu irmão que é casado. Eu tenho diálogo mais com mãe, com o pai eu não falo muito, ele tem uma cabeça mais fechada, mas meu pai está mudando [...].”
Jovem 36/E/ES/SG	“A mãe diz que a mãe dela não tinha muita abertura para conversar com ela, então ela sempre pensou em ser diferente comigo [...].”
Jovem 34/E/ES/SG	“A minha mãe contava que a minha avó, que a única coisa que ela dizia era se cuida, mas nunca dizia ‘se cuida em quê?!’ [risos] Aí depois que ela foi saber que era sobre sexo que a avó se referia.”
Jovem 35/E/ES/SG	“A minha mãe é tradicional, bom, mas ela é bem aberta, a minha mãe sempre me diz que ela casou muito nova e grávida de mim, ela não sabia nem que podia engravidar [...] Hoje o meu pai está casado com outra mulher, eu tenho um outro irmão, a minha mãe namora, e eu não me importo [...] Com o meu pai eu não falo, somente quando ele atrasa a pensão, pois ele tem mania disso, então, sei lá, eu acho que é a mulher do meu pai que não gosta muito de mim, sei lá, ela tem ciúmes de mim e da minha mãe, então hoje em dia a gente não se fala, mesmo que moramos pertinho, pois ele não vai à minha casa, e eu não vou à casa dele, e eu também não ligo, e é assim. Eu acabei me acostumando com isso, mas eu sempre achei falta de um pai, faz parte ter um pai, mas eu cresci sem pai, [...] hoje eu me considero como sem pai. Como a colega disse, eu ficava em casa sozinha cuidando do meu irmão para a mãe poder trabalhar, então eu cresci e amadureci muito cedo, tinha que me virar [...].”
Jovem 34/E/ES/SG	“O diálogo lá em casa é muito bom, agora que eu e o meu pai temos mais afinidade [...] Mas o relacionamento com a minha mãe é muito bom. Eu sempre peço as coisas para a minha mãe, porque ela sempre acaba convencendo o pai [...].”

Quadro 25: Narrativas juvenis selecionadas do grupo focal C acerca dos aspectos positivos da cidade de Santa Cruz do Sul

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 18/C/P/SG	“Santa Cruz tem padrões ricos.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu vejo Santa Cruz como uma cidade de oportunidades, não é toda cidade que tem uma faculdade e tudo, então se tu queres comprar algo, ser funcionário, acho que Santa Cruz te dá oportunidade para isso, é uma cidade boa, tem qualidade de vida [...].”
Jovem 16/C/P/SG	“A cidade é boa, ao nível de emprego, eu não sei muito, eu ainda tenho que me formar [...] mas eu acho Santa Cruz uma cidade ótima, eu ficaria aqui tranquilamente, gosto muito, sei lá [...] mas Santa Cruz eu gosto muito, se der para eu ficar, eu vou ficar aqui.”
Jovem 17/C/P/SG	“Eu acho assim, eu gosto da cidade pelo tamanho, pelo porte dela [...] Eu fui criada aqui e eu gostei, tu podes sair com os teus amigos sem problemas, por exemplo, se eu for ter um filho em Porto Alegre eu já vou ficar com medo sabe, de andar na rua.”
Jovem 23/C/P/M	“[...] mas em matéria de cultura eu acho Santa Cruz ótima, tem muitos eventos, acho que uma vez por mês, de dois em dois meses sempre tem uma coisa diferente para ir, o cinema, que é como se fosse em cidade grande, sempre tem estréia de filmes que estão saindo, tem shopping, acho que é uma cidade que aos poucos está se tornando completa, e tem aquele lado de ser uma cidade bonita [...] está ficando uma cidade boa para crescer, para ter os filhos, é muito bom, tudo é perto [...].”
Jovem 21/C/P/M	“A visão que eu tinha de Santa Cruz quando eu cheguei, uma das coisas que eu notei assim é que se dá muito apoio à cultura, tem muitos programas de incentivo a cultura, o esporte também é bastante divulgado em Santa Cruz do Sul [...] tem muitos programas que tu podes ir no teu lazer, acho também que é uma cidade rica, com possibilidades de emprego [...] Santa Cruz é bom, tem programas, tem <i>Oktoberfest</i> , tem esporte, as festas é mais diversificadas que em outras cidades do interior do Estado, aqui sempre tem alguma coisa para fazer [...].”

Quadro 26: Narrativas juvenis selecionadas dos grupos A e D acerca da questão centro/periferia e discriminação

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 7/A/ES/M	“As coisas são muito divididas em Santa Cruz, o pessoal do centro já olha e diz, é de vila. Olham com uma cara de medo.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu nunca vi isso em outro lugar.”
Jovem 8/A/ES/M	“Nem eu, tipo, a comunidade do orkut ‘Eu odeio vileiro’.”
Jovem 3/A/ES/M	“É verdade, essa palavra eu só ouvi aqui.”
Jovem 8/A/ES/M	“Tem várias pessoas de Santa Cruz, inclusive amigas minhas. Olha, eu já morei em vila também, mas claro que não era uma vila bombardeio e essas coisas. Acho que não tem nada a ver esse negócio de onde a pessoa mora, tu não pode. Existe exclusão social mas ela é disfarçada.”
Jovem 3/A/ES/M	“Fazem muito juízo das pessoas, tem preconceito com pobre, com negro, com obeso [...]”
Jovem 8/A/ES/M	“E disfarçam, é uma falsidade.”
Jovem 3/A/ES/M	“As pessoas são preconceituosas com qualquer coisa.”
Jovem 8/A/ES/M	“É muito estranho, querem impor uma coisa. Aí porque fulano tem uma coisa eu tenho que ter uma bem melhor para se sentir bem, e por isso acho que é uma cidade rica, mas tem muito pobre, com certeza, as pessoas sempre querem estar além dos outros.”
Jovem 3/A/ES/M	“É o que eu falei da popularidade, se tu sai, tu tens que te vestir bem porque as pessoas podem olhar e falar alguma coisa, tu tem que ser popular, tu tens que ter todas as coisas de consumo, como aparelhinhos, qualquer coisinha, tem que ter influência, é a tua chance de mostrar a tua origem maior em Santa Cruz. Isso não é assim em Porto Alegre.”
Jovem 8/A/ES/M	“Nem em São Pedro.”
Jovem 7/A/ES/M	“Não é assim em Quarai.”
Jovem 3/A/ES/M	“Acho que a maioria das pessoas aqui é mascarada, por causa da influência. Então esse negócio de levantar cedo e ir varrer a calçada é porque as pessoas vão lá olhar para a tua casa.”
Jovem 7/A/ES/M	“Sim, exatamente. Ficam olhando por tudo. É Santa Cruz é grande de tamanho, mas pequena, porque tudo que acontece aqui é bem coisa de cidade pequena.”
Jovem 26/D/ES/SG	“O que eu não gosto quando saio é que quando eu falo que estudo no Poli as pessoas olham com uma cara.”
Jovem 1/D/ES/M	“E bastante, principalmente os caras que estudam em escola melhor.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Tem gente que pensa que o Polivalente é uma escola ruim porque aqui tem grades, câmeras de segurança, sem dúvida, quando eu falo que estudo no Poli olham pra a gente com outro olhar.”
Jovem 30/D/ES/M	“Acho que olham para gente assim por causa dos bairros em volta.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Por causa da zona sul da cidade.”
Jovem 31/D/ES/M	“Sim, para mim é pior, porque eu moro na Boa Esperança [Bairro Imigrante], as pessoas me perguntam: onde tu moras? Aí eu respondo: na Boa Esperança. Então já te olham por baixo, te olham com uma cara de medo.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Medo né.”
Jovem 24/D/ES/SG	“É, porque ouviu falar assim, que na Boa Esperança, o pessoal é perigoso.”
Jovem 28/D/ES/SG	“O pessoal acha que todo mundo que mora aqui é bandido, é mau caráter. Olha, eu faço inglês no Schütz e Kanomata, eu sou bolsista lá, então o pessoal que faz o curso é tudo gente bem de vida, muito rica, e eles sempre me perguntam onde eu moro, então eu sempre digo

Jovem 31/D/ES/M	que moro no bairro Menino Deus e estudo no Polivalente, é estranho, porque alguns me olham com os olhos assim, e outros não, eles sempre me perguntam, como é o bairro, se tem muita gente pobre, então digo que tem gente muito miserável aqui, então eles demonstram que não conhecem, aliás, ninguém conhece a zona sul direito.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Agora quem mora e conhece...”
Jovem 31/D/ES/M	“É, sabe que não é assim.”
Jovem 30/D/ES/M	“Não é tanto quanto dizem.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Sabe, este ano nós estávamos no centro, e aí fomos numa loja olhar vestidos, para a formatura, só porque a gente tinha tempo, então entramos numa loja e estávamos olhando, então a mulher que nos atendeu perguntou: é para formatura? A gente disse que sim e que era no final do ano, então ela perguntou: qual era a escola? E nós dissemos: o Polivalente! Aí ela mudou a expressão, e disse: hã, está, deixou a gente por conta e nem deu mais bola. Ai nos perguntamos quanto que seria para mandar fazer então ela olhou meio assim para a gente e disse que era acima de 300 reais, mas eu não se vai dar sabe, ela respondeu. Então nós viramos as costas e saímos.”
Jovem 29/D/ES/M	“É verdade, no comércio em geral...”
Jovem 28/D/ES/SG	“Tem muito preconceito.”
Jovem 31/D/ES/M	“As pessoas nem te conhecem mas já te olham assim.”
	“Isso acontece muito nas lojas grandes como a Certel, esses tempos eu e a minha mãe fomos lá porque ela queria comprar uma panela de pressão, e estavam em promoção, então quando entramos, havia seis ou sete atendentes ali parados, e todos eles deram uma olhada de auto a baixo na gente e continuaram conversando, como eu já conhecia a loja, eu fui lá e mostrei para a mãe, e aí, quando a minha mãe já havia escolhido a que ela queria, então veio uma moça atender a gente, então fizemos a ficha, mesmo que era pagamento a vista, aí perguntaram, que bairro vocês moram, no Imigrante, mas onde fica isso disseram, a antiga Boa Esperança, aí olharam e disseram: hã! Na hora mudou o olhar, então já pensam, da Boa Esperança só pode ser bandido, quem não é bandido é marginal, ou vagabundo, isso acontece seguido, se a gente diz o bairro e a escola, nossa.”

Quadro 27: Narrativas juvenis selecionadas acerca da questão da violência no local

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 8/A/ES/M	“Só existe essa violência e um pouco de medo porque existe essa divisão na cidade. [...] acho que quando a pessoa sofre violência ela sempre tem medo, não só por ela. Mas isso acontece em todos os lugares.”
Jovem 3/A/ES/M	“Eu acho que a violência que está aumentando está relacionada com a exclusão da sociedade. [...] Aqui, as pessoas generalizam as pessoas que moram nos bairros ou vilas, por exemplo, aqui se tu disseses que vai ir a tal lugar, as pessoas dizem: não passa por tal lugar, tu vai ser assaltado lá.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Eu acho que tem certos pontos de Santa Cruz que são mais violentos, por exemplo, nós aqui que moramos nesta parte universitária da cidade, é muito calma. Eu acho que não é só emprego que faz uma cidade boa, um tempo atrás Santa Cruz tinha muitas opções de trabalho, tinha muito mais trabalho, agora tu olhas o jornal todos os dias e é só violência e roubo. Então, isso é uma coisa que em Santa Cruz está ficando ruim sabe. Antes se dormia com a porta aberta da casa e não acontecia nada. É, Santuário, Harmonia. Mas tem muita gente boa morando para lá, só que são pessoas que não tiveram oportunidades de estudar, e não tem um trabalho melhor, aí moram lá. Eles levam o nome por causa disso sabe. Aí quando dizem: eu moro no Santuário. A gente pensa, nossa. É, lá tem pessoas mal vestidas.”
Jovem 9/B/ES/SG	“É, no Camboim [se referindo ao bairro Bom Jesus] para lá.”

Jovem 14/B/ES/M	“É, Santuário. É, nem todos desejam morar ali, porque é, conseqüência das dificuldades de cada um né, das condições.”
Jovem 10/B/ES/SG	“Mas eu acho que o que gera isso é o desemprego.”
Jovem 9/B/ES/SG	“Aqui em Santa Cruz tem muita desigualdade. Poucos ricos e muitos pobres. É, mas o que contribui com isso em Santa Cruz é o desemprego.”
Jovem 15/B/ES/M	“Ontem eu estava falando com a minha mãe, então ela dizia que tem muito bêbado em Santa Cruz, e, isso, gera violência e tal. Nós, de tarde, estávamos indo para o centro a pé, então nós passamos numa pracinha, e tinha dois caras bêbados conversando, e outro deitado na grama. Aí eu comentei, nossa mãe, Santa Cruz está virada numa cidade de bêbados, então ela comentou que isso era também por causa das fumageiras, pois o pessoal trabalha metade do ano e depois não tem o que fazer, então eles vão beber. É que os empregadores estão exigindo muito dos seus empregados, pois se tu não tens uma formação superior, tu não consegues a vaga. Então se tu não tens uma faculdade de tal curso na área, tu já é excluído. E isso se refere a mais da metade da população em Santa Cruz que não tem dinheiro para pagar uma faculdade. Sim, se as pessoas tem dinheiro, elas utilizam ele para resolver coisas da hora, mais urgentes. Sabe, eu acho que o pessoal agora está acordando, que se continuar assim em Santa Cruz, vai piorar.”
Jovem 18/C/P/SG	“Em relação às desigualdades, não tem só isso aqui, muitas coisas são selecionadas, o que é disponibilizado pelo município e o Estado está ao alcance de todos, mas a parte particular, os investimentos particulares, a parte de lazer particular, daí não é de acesso a todos, também, a cidade está crescendo, mas o centro já não cresce tanto, então, Santa Cruz é muito maior para o sul, está enorme naquela direção, e como o centro está longe das pessoas, isso dificulta o acesso.”
Jovem 21/C/P/M	“Em relação às escolas de Santa Cruz, tem escolas, como no bairro Belvedere, acho que foi lá que a gente foi com o pessoal do colégio no projeto de relações humanas no ano passado, é uma escola muito pobre assim, mas é uma coisa típica, é uma coisa no Brasil que é impossível de excluir no Brasil essas coisas que é muito extremo como entre o Colégio Mauá e aquela escola, mas mesmo assim, é menos que em outras cidades. Santa Cruz é uma cidade que tem desigualdades grandes, tem pessoas muito ricas, e outras muito pobres, mas a maioria aqui está na classe média, só que em outras cidades menores, o poder está nas mãos de menos pessoas ainda. Em Santa Cruz do Sul eu não vejo tantos meninos de rua, eu tenho como base Santo Ângelo, uma cidade com quase 80 mil habitantes tem muito mais moradores de rua do que aqui, então isso é um fato que mostra que aqui está melhor ainda, mesmo tendo mais pessoas está melhor distribuída a renda, mas isso não quer dizer que não tenha desemprego, pessoas necessitadas.”
Jovem 17/C/P/SG	“Eu acho que não tem muita desigualdade social em Santa Cruz, a gente vê assim, pessoas de baixa renda, mas não existe preconceito das pessoas, isso aqui não é tão gritante como em outras cidades, que nem o colega falou, se tu fores para uma cidade maior, como Curitiba, por exemplo, são 8 horas da noite e tu não podes ir para a rua. Aqui eu não vejo tanto isso.”
Jovem 19/C/P/SG	“Eu acho que desigualdades existem em todas as cidades, mas eu vejo que existe muita marginalidade em Santa Cruz, se tu fores ao centro, está cheio de vagabundos, bom, eu fico sempre mais no centro, tem muita gente desocupada sabe, tem uns guris ali que não fazem nada, esse pessoal tinha que ter emprego e procurar algo melhor assim, mas eu não sei se tem algum bairro pobre assim, pelo que eu vejo é isso.”
Jovem 16/C/P/SG	“Eu acho que existe muita desigualdade em Santa Cruz do Sul, e nós é que não vemos muito. Por exemplo, o máximo que eu vou é no bairro Arroio Grande, vou ao centro, na zona norte assim, então tu não vê sabe, mas existem muitas zonas pobres sim, em 2006 a gente visitou vários bairros carentes, e existe sim muita desigualdade, isso é a minha opinião. [...] Aumentou muito a violência em cinco anos para cá.”
Jovem 23/C/P/M	“[...] acho que aqui não tem tanta desigualdade como em outras cidades [...] as desigualdades existe em qualquer lugar do mundo. É, aumentou muito, tem muitas prostitutas na rua, aqui no centro, tu vê traveco de calcinha e sem nada em cima, ficam nas esquinas parados, andam só de calcinha quando não andam pelados de madrugada. Então isso aumentou bastante, tem uma guriuzinha que sempre pede esmola perto da igreja e de noite ela é prostituta nas esquinas, isso deixa muito a desejar em Santa Cruz do Sul, e assaltos e roubos é muito. Tu atravessas o asfalto para lá e tu não vai muito longe, tu vê assaltos, por exemplo, no Bom Jesus [bairro também chamado de Camboim] não entra ninguém de noite, o namorado da minha mãe é

Jovem 17/C/P/SG	segurança, trabalha na empresa Pedroso, ele disse que eles chegam um pouquinho antes do bairro Bom Jesus, porque ali tem tiros, carro bonito só chega ali perto se disser que vai comprar drogas.” “As fumageiras mandam na cidade, acho que essa coisa de prostituição, é porque as mulheres têm uma oportunidade sabe, vem muito representante estrangeiro de tudo quanto é lugar, e são ricos, então elas pensam, vamos aproveitar de uma maneira. Mas tem também bastantes universitárias fazendo isso sabe, acho que elas vêm da região, de outros lugares, porque elas não são daqui, então vem como uma forma de ganhar dinheiro, apareceu na Gazeta [jornal local] exemplos de universitárias que estão também ali nas esquinas. Então eu acho que é isso, por influência de pessoas que não são daqui sabe, uma coisa que o pessoal trouxe assim, são pessoas de fora.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Em Santa Cruz existem bairros muito violentos, como o Bom Jesus, o Glória e o Boa Esperança, mas em questão de roubos não tem, eles roubam em tudo quanto é lugar, no centro, nos bairros.”

Quadro 28: Narrativas juvenis selecionadas acerca da questão da memória do desenvolvimento local

<i>Jovem</i>	<i>Discussão</i>
Jovem 10/B/ES/SG	“Os únicos empregos que tem são em fumageiras, a fábrica de bolachas ali, que nem quando dizem que vão fechar as fumageiras, eu me preocupo, porque, o meu pai está à vida toda dele dentro de uma fumageira. Agora o meu irmão também está trabalhando em fumageira, para Santa Cruz é muito bom a existência delas, pois milhares de pessoas têm o emprego nisso. Mas para outras é só meio ano, então, o que estas pessoas vão fazer na outra metade do ano?! Assaltando?! Santa Cruz se especializou somente nisso, numa coisa, então esse setor foi crescendo. Então para resolver tem que investir em saúde, educação e segurança.”
Jovem 13/B/ES/SG	“Mas tem que ter emprego. É, mas emprego tu consegues com educação. Sim, mas não adianta ter educação e não ter emprego.”
Jovem 21/C/P/M	“[...] é uma cidade rica, com possibilidades de emprego, só que eu posso estar errado nessa minha visão, mas eu acho que aqui as coisas estão somente sobre um pilar econômico, que se refere as fumageiras, acho que tem bastante empregos mas mais direcionados a isso, bom, nisso eu posso estar errado, mas foi a visão que eu tive primeiramente. [...] Em relação ao desenvolvimento de Santa Cruz, pelo fato de a maioria das pessoas serem de origem alemã, mantém a cultura, todo mundo respeita, o pessoal aqui aceita o tipo de planejamento da Prefeitura, acho que a visão de desenvolvimento vai de acordo com a visão da maioria da população, então a maioria das pessoas contribui para o desenvolvimento da cidade [...]”
Jovem 18/C/P/SG	“Acho que a cultura alemã está ligada ao comércio, e à indústria do fumo, e os futuros profissionais que podem investir são formados na universidade, nisso se sustenta a parte do desenvolvimento e economia.”
Jovem 17/C/P/SG	“[...] As fumageiras mandam na cidade [...]. Eu acho que as fumageiras promoveram o desenvolvimento inicial, é que eu acho que as pessoas ficam mais aqui sabe, tem gente que vem para a UNISC, estuda e depois vai embora, mas a população mais velha ficou aqui e suas famílias também, são essas pessoas que tem a cultura daqui e vão criando raízes e aí isso influencia na cultura.”
Jovem 19/C/P/SG	“Acho que eu concordo, a única coisa que eu posso dizer é da parte da economia, isso é o que mais eu vejo do desenvolvimento.”
Jovem 23/C/P/M	“Eu acho que a universidade influencia no desenvolvimento, ela está crescendo, aumentando bastante, tem muita gente que não teria condições de ir estudar fora, mesmo que tenha que pagar, as pessoas acabam parcelando, mesmo que em muitas vezes, isso ajuda a cidade a se desenvolver, que nem tem esse negócio das fumageiras, mas tem também a agricultura, a Afubra que está presente, eles têm esse negócio de ajudar os proprietários de terras, com adubo, plantar, então isso ajuda também a cidade. Não adianta só ter o comércio e empregos e não ter a base, que é agricultura, em Santa Cruz isso é bem forte, então está bem estruturado, bem forte, claro que não é perfeito, mas aqui é mais que só agricultura ou comércio, tem um pouco de tudo e isso ajuda a cidade a se estabilizar, tem muitas festas diferentes, tem festa do agricultor para fazer a agricultura crescer e manter o princípio de

	tudo.”
Jovem 16/C/P/SG	“Acho que Santa Cruz de um tempo para cá cresceu mesmo, aqui, por ter as fumageiras, nunca foi muito uma cidade de passagem, as pessoas ficavam aqui, por ser uma com cidade com cultura de laços fortes, as segundas gerações permaneciam também, é uma cidade que cuida bem das pessoas, e isso faz com que a cidade cresça economicamente, o pessoal que vem estudar na UNISC e acabam migrando para cá sabe, claro, tem a questão do dinheiro e economia dos agricultores, a agricultura traz muito dinheiro para a cidade. E tanto essa questão da agricultura, como da questão urbana, não é uma cidade de passagem, é uma cidade com maior população agora, e por ter muita circulação de pessoas isso ajuda a trazer dinheiro, então faz da cidade um lugar rico.”
Jovem 18/C/P/SG	“Em relação ao futuro de Santa Cruz, acho que se continuar nesse ritmo, se nada for feito, vai ter mais... dificuldades aqui.”
Jovem 21/C/P/M	“Eu não sei o que tem que ser feito, mas a tendência é aumentar a prostituição, mas tem um pólo industrial que está se formando.”
Jovem 18/C/P/SG	“A economia do cigarro não tende a aumentar.”
Jovem 21/C/P/M	“Sim, mas estão querendo mudar ou diversificar.”
Jovem 18/C/P/SG	“Mas até diversificar vai ter uma baixa. Mas o fumo é quem contribui para ... acho que pela Convenção Quadro esta questão do fumo é para ir mudando aos poucos, se chegar realmente um momento em que o fumo vai ter que deixar de existir, até que haja uma mudança da cultura, a cidade pode ter um declínio econômico grande, porque o fumo ocupa uma parcela bem grande da economia da cidade.”
Jovem 21/C/P/M	“Mas o fumo não vai cair de uma hora para a outra, porque se amanhã todo mundo parar de fumar, aí Santa Cruz vai ter problemas, mas isso a gente sabe que não vai acontecer, porque mesmo caindo o fumo sempre tem consumo, mas as coisas estão mudando em termos de economia aqui.”
Jovem 23/C/P/M	“É, acho que sim, mas isso tende a aumentar a pobreza, o mercado está exigindo muitas coisas, como mexer em computador, falar inglês, e isso pode acabar excluindo muita gente, mas isso vai acontecer num futuro distante, está começando a mudar também, talvez isso possa reverter. Mas pode crescer.”
Jovem 19/C/P/SG	“A cidade está crescendo, e aos poucos tudo está mudando, não vai cair no buraco, mas...”
Jovem 18/C/P/SG	“Precisa ter uma diversificação para que no futuro não dependendo só do fumo. Veja a UNISC, já foi um investimento, tem uma diversificação da economia.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Eu acho que Santa Cruz é grande por causa das fumageiras, isso atrai gente de todo o Rio Grande do Sul, elas vem em busca de emprego.”
Jovem 24/D/ES/SG	“Se não fosse as empresas não iria vir tanta gente de fora trabalhar aqui. E é porque veio tanta gente de fora que cresceu a cidade de Santa Cruz do Sul.”
Jovem 28/D/ES/SG	“As pessoas vieram para Santa Cruz e se instalaram no meio do mato e quando viu já virou rua, cidade e tudo. O nosso bairro era assim, uma chácara e não tinha nada e agora...”
Jovem 31/D/ES/M	“No bairro em que eu moro, quando fomos morar lá, só tinha uma rua, só a nossa, e depois de alguns anos apareceram ruas para baixo e para cima.”
Jovem 30/D/ES/M	“Quando eu fui morar em São José da Reserva quando passava carro eu chamava a minha mãe e dizia, nossa, passou um carro, agora não, toda hora passa carros e até as propriedades lá já foram assaltadas. Então eu descobri que o meu vizinho era amigo do seco [assaltante que coordenava uma quadrilha em roubos a carros fortes no Rio Grande do Sul]. [risos]. Aqui tem muita coisa boa, como a cultura.”
Jovem 26/D/ES/SG	“Mas sabe que quanto ao futuro de Santa Cruz acho que as fumageiras vão acabar.”
Jovem 28/D/ES/SG	“É, mas aí vai vir outro tipo de agricultura, o fumo não vai ser para a vida toda.”
Jovem 24/D/ES/SG	“A Meridional fechou, ela se juntou com a Dimon e surgiu a Aliance On, então muita gente foi para a rua, inclusive a minha mãe, eles colocaram o primeiro e o segundo turno porque eles não queriam, mas colocaram outras pessoas lá dentro. E outro preconceito que existe na empresa é que eles não querem gente de idade, tipo tem 50 anos então esses eles não querem, vai, querem gente mais novinha sabe.”

Jovem 31/D/ES/M	“É, de 40 anos para cima não querem.”
Jovem 28/D/ES/SG	“É que os jovens são mais ativos.”
Jovem 31/D/ES/M	“Sim, mas quanto mais velha mais experiência.”
Jovem 28/D/ES/SG	“Sim, tudo bem, mas não tem aquela agilidade.”
Jovem 31/D/ES/M	“Mas a experiência às vezes vale mais que a agilidade, a velocidade ou rapidez.”
Jovem 24/D/ES/SG	“É, mas para que fazer isso com as pessoas?! Sabem que as pessoas precisam disso para viver. Eu acho isso um descaramento, porque a minha mãe chegou a chorar quando perdeu o emprego.”
Jovem 31/D/ES/M	“Sim, a minha mãe também trabalhava nessa empresa, na Meridional, então no primeiro ano que elas se juntaram a minha mãe ainda trabalhou lá, mas no segundo ano mandaram ela para a rua. Daí ela pegou na Souza Cruz e está lá até hoje, mas ela é safrista, e agora ela quem bem melhor do que ela ganhava na Meridional, e exerce a mesma função.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Santa Cruz é uma cidade pequena, aqui tudo gira em torno do fumo, da safra, acho até que poderia crescer mais, pois a economia vem somente do fumo, claro, te a universidade também, mas acho que é necessário se investir em outras coisas, se não a cidade vai...”
Jovem 35/E/ES/SG	“Minha mãe sempre diz que não sabe como vai acabar aqui, mas um dia o fumo, as plantações e as safras vão acabar, e aí. Eu não quero isso. Então acho que o prefeito é muito parado, ele não se mobiliza para buscar outras coisas para a cidade, eles acham que isso do fumo nunca vai acabar.”
Jovem 37/E/ES/SG	Com certeza se decair o fumo aqui, vai decair a produção de fumo no interior, então o pessoal do meio rural vai acabar vindo para a cidade. Então, isso vai virar o caos, porque não vai ter trabalho para ninguém.
Jovem 36/E/ES/SG	“Que nem no caso dos colonos que plantam fumo, quando eles vêm para a cidade eles compram, eles gastam o dinheiro comprando coisas, isso movimentava a cidade, então está sempre girando, então se decair o fumo, isso é uma cadeia, e no caso a cidade também vai sofrer, pois não existe emprego para todo mundo. O exemplo é caso uma fábrica de fumo feche e os funcionários vão para a rua, então estes funcionários não vão comprar como compravam antes, isso faz cair o movimento no comércio, acho que é que nem Santa Maria, se lá saísse a universidade, tudo cairia. Mas claro, a universidade aqui ajuda.”
Jovem 37/E/ES/SG	“Mas eu acho que se o fumo decair, vão ter que dar um jeito aqui de achar outra saída.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Acho que o desenvolvimento de Santa Cruz hoje depende muito do fumo, mas o governo tinha que mudar isso, pois se o fumo acabar como vai ficar tudo?! Vão viver apenas da agricultura?! Isso não dá, é preciso de mais empresas, mais fábricas e indústrias que não sejam somente ligadas ao fumo.”
Jovem 34/E/ES/SG	“Por parte da família da mãe, eles plantam tudo fumo, eles não gostam nem de falar sobre o fato de não ter mais fumo, eles não gostam nem de pensar nisso.”
Jovem 36/E/ES/SG	“Imagina agora que deu essa crise do leite e as coisas decaíram tudo, imagina isso aqui sem fumo?! Mas claro, a crise não é somente Santa Cruz que enfrenta, mas todas as cidades próximas. Eu me lembro de um tempo atrás quando o ministro da saúde cogitou de fechar as indústrias de fumo, deu uma pane na cidade, imagina o desemprego, sabe, os empresários nem estão aí, pois eles têm dinheiro para 50 gerações depois deles, mas e os outros! Mas todos os lugares são difíceis, não é somente aqui, tem muita gente [...]”

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.